



12º Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

25 a 28 de agosto de 2014 | PELOTAS / RS



ANAI S

12° ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR
12° SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO

A N A I S

25 a 28 de agosto de 2014

PROMOÇÃO

Faculdade de Educação - FaE/UFPeI
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/FaE/UFPeI
Centro de Educação e Comunicação - UCPeI
24º Núcleo do CPERS/Sindicato
Conselho Municipal de Educação - CME
Secretaria Municipal de Educação - SME
5ª Coordenadoria Regional de Educação - CRE
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense - IFSul

APOIO

Livraria Vanguarda e Cortez Editora

12º ENCONTRO SOBRE O PODER ESCOLAR
12º SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE EDUCAÇÃO

*Na escola nem tudo pode ser feito, mas, o que pode ser feito, faremos.
Temos um PODER que precisa ser exercido*

Mário Sérgio Cortella (10º Encontro sobre o Poder Escolar)

25 a 28 de agosto de 2014 - Pelotas/RS

Theatro Guarany - Rua Lobo da Costa / UCPel-Campus 1 e 2 – Rua Gonçalves Chaves

PROMOÇÃO: Faculdade de Educação/UFPeL, Programa de Pós-Graduação em Educação-FaE/UFPeL, Centro de Educação e Comunicação /UCPeL, 24º Núcleo do CPERS/Sindicato, Conselho Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Educação, 5ª Coordenadoria Regional de Educação, IFSul - Instituto Federal Sul-Rio-grandense

APOIO: Livraria Vanguarda e Cortez Editora

ORGANIZADORAS: Lígia Cardoso Carlos e Maria Antonieta Dall'Igna

COMISSÃO ORGANIZADORA

FaE/UFPeL

Lígia Cardoso Carlos - Coord.
Lucia Maria Vaz Peres
Nitiane Bitencourt da Silva (Bolsista de Extensão)
Tatiane Duarte Cavalheiro (Bolsista de Extensão)

CME

Régia Maria T. Nogueira

5ª CRE

Nara Lúcia Mendonça Nogueira

UCPeL - Centro de Educação e Comunicação

Luiza Helena Silveira

IFSul - Instituto Federal Sul-Rio-grandense

Mário Renato Chagas Júnior

SMED – Pelotas

Alice Maria Souza Szezepanski
Luciene de Oliveira Fernandes

COLABORADORAS

Carmen Sílvia Lenzi
Maria Antonieta Dall'Igna

COMITÊ CIENTÍFICO

Alice Maria Souza Szezepanski
Ana Virgínia Bordin
Carmen Sílvia Lenzi
Jacira Reis da Silva
Lígia Cardoso Carlos
Lúcia Maria Vaz Peres
Luciene de Oliveira Fernandes
Luíza Helena Silveira
Maria Antonieta Dall'Igna
Mário Renato Chagas Júnior
Nara Lúcia Mendonça Nogueira
Régia Maria Tavares Nogueira

Arte e material gráfico do evento: Nativu Design

Diagramação dos Anais: Chris de Azevedo Ramil

ISSN: 2177-9414

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB 10/920

E56a Encontro Sobre o Poder Escolar (12.: 2014: Pelotas)

Anais [do] 12º Encontro Sobre o Poder Escolar : "Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos ; temos um Poder que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella : 25 a 28 de agosto de 2014 Pelotas/RS [recurso eletrônico] ; 12º Seminário Interinstitucional de Educação / Organizadoras Lígia Cardoso Carlos, Maria Antonieta Dall' Igna - Pelotas : Ed. da UFPeL, 2015.
230 p.

Modo de acesso: Internet <<http://www2.ufpel.edu.br/fae/poderescolar>>

1. Educação. 2. Educação permanente. 3. Saberes docentes. 4. Poder escolar. I. Seminário Interinstitucional de Educação (12.: 2014: Pelotas) II. Carlos, Lígia Cardoso (org.) III. Dall' Igna, Maria Antonieta (org.) IV. Título.

CDD 370.71
370.72

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
PROGRAMAÇÃO GERAL	17
ARTIGOS DE CONFERENCISTAS	21
<i>QUANDO UM EDUCADOR OLHA A IMAGINAÇÃO: UM CONTRIBUTO A PARTIR DE KIERAN EGAN E DE RUBEM ALVES</i>	22
Alberto Filipe Araújo	
VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ANOTAÇÕES SOBRE BULLYING E INVISIBILIDADE	38
Marcos Rolim	
RESUMOS DAS EXPERIÊNCIAS	51
<i>“A CARTA” DE PERO VAZ DE CAMINHA E “CONTOS GAUCHESCOS” DE SIMÕES LOPES – UMA ABORDAGEM PRÁTICA EM CENA</i>	52
Betina Muller Bohm Ulguim, Faustia Cristiani Fanka Corrêa e Sandra Schwartz Penning	
<i>“ECO CIDADÃO MIRIM”: UM PROJETO SOBRE CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO CRÍTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</i>	53
Bárbara Pires Wegner, Mirian Gomes Romero e Maria de Lurdes Lemos Gonçalves	
A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA CONDICIONADA PELA MÚSICA	54
Cristina Ribeiro e Tamires Pereira Duarte Goulart	
A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA COMO NORTEADORA DO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS	55
Julia Graciela da Silva Luna	
A AVALIAÇÃO DIÁRIA COMO MÉTODO DE ENSINO	56
Samara Melo Gai	
A BANCA COMO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	57
Maria Cecília Oliveira Boanova e Marina Mendonça Loder	
A CONTRIBUIÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS NO IDEB DOS ANOS INICIAIS	58
Mariluce dos Santos Kurz Vieira	
A ENERGIA COMO TEMA NORTEADOR NA ARTICULAÇÃO DAS CIÊNCIAS NA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL	59
Flávia de Nobre Campelo	

A ESCOLA DOS SONHOS: É POSSÍVEL?	60
Marion Rodrigues Dariz	
A EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM CANGUÇU	61
Hellen Bergmann Belling, Juliani Buchveitz Pires e Sabrina Pôrto Rego	
A EXPERIÊNCIA DE LER O PRIMEIRO LIVRO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	62
Rosimeire Simões de Lima	
A FAMÍLIA BUSCAPÉ DA EDUCAÇÃO	64
Valéria Feldens Gùths, Rutilde Küger Feldens e Vitória Küger Feldens	
A FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA	65
Josiane Brahm Vahal	
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA QUALIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS: DESAFIOS QUE SINALIZAM POSSIBILIDADES	66
Daniela Pedra Mattos	
A GEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO CIDADÃO	67
Luiz Fernando Guimarães Röhnelt e Priscila Barcelos Cardoso Röhnelt	
A HISTÓRIA INFLUENCIANDO O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	68
Dilson Ferreira Ribeiro	
A INFLUÊNCIA DE UM CLUBE DE CIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO E NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	69
Robson Simplicio de Sousa e Katia Gonçalves Grequi	
A INOVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO PELA PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	70
Claudia Escalante Medeiros e Rosi Hernandes Trindade	
A MÁGICA DE LER E ESCREVER!	71
Letícia Schneider Ferrari	
A PERSPECTIVA INCLUSIVA NO ALFABETIZAR LETRANDO	72
Cléia Beatriz Aires Gomes e Ivani Schellin Radtke	
A PESQUISA GERANDO INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE	73
Claudenir Bunilha Caetano	
A PORTUGUESA (LÍNGUA) EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA	74
Mara Rubia Dias Soares, Laura Sacco dos Anjos Torres e Maithe Michelsen Camargo	
A SALA DE AULA DESCORTINANDO SABERES – JOVENS ESCRITORES DO ENSINO MÉDIO QUALIFICANDO APRENDIZAGENS ATRAVÉS DA POESIA	75
Daniela Pedra Mattos	
A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A APLICABILIDADE DA LEI N.º 11.645-2008	76
Jaqueline de Mattos Mendes, Pamalomid Zwetsch e Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues	
A TUTORIA PRESENCIAL EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	77
Priscila Barcelos Cardoso Röhnelt	

A UTILIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS COM MATERIAIS ALTERNATIVOS, MOTIVANDO ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO DE QUÍMICA	78
Maicon Renato Ferreira Sampaio e Denise Borges Sias	
A UTILIZAÇÃO DE SUPORTES TECNOLÓGICOS PARA INCENTIVAR PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE CRÔNICAS NO ENSINO MÉDIO	79
Jossemar de Matos Theisen e Lucinara Gaia Veleda Boeira	
A VIDA EM VALORES: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS	80
Josimara Wikboldt Schwartz, Isabel San Martin Schwartz e Roselen Goulart Xavier	
ACESSIBILIDADE NO TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU	81
Ricardo Bierhals Silveira	
AÇÕES DO PROGRAMA ARTE E MATEMÁTICA NO ANO DE 2013	82
Tiago Dziekaniak Figueiredo, José Alexandre Ferreira da Costa e Marília Nunes Dall’Asta	
AÇÕES DOCENTES FUNDAMENTAIS PARA QUE A APRENDIZAGEM ACONTEÇA	83
Rogéria Novo da Silva e Márcia Souza da Rosa	
AEE – UMA PROPOSTA DE CORPOREIDADE E INTEGRAÇÃO	84
Marlene Steinle	
AIST POMERFEST - JDN: A EXPRESSÃO DA CULTURA POMERANA	85
Tanise Stumpf Böhm	
ALFABETIZAÇÃO LÚDICA: UM AGENTE POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGEM	86
Francine Fernandes Ribeiro	
ALFABETIZANDO COM A SEQUÊNCIA DIDÁTICA “A ARCA DE NOÉ” DE VINÍCIUS DE MORAES	87
Elida Regina Nobre Rodrigues	
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL	89
Janice Pinto Duarte	
AMA – AVALIAÇÃO MUNICIPAL DA ALFABETIZAÇÃO	90
Lucas G. Soares, Ana Cristina D. Oliveira e Paula N. Perchin	
AMENIZANDO AS DIFICULDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN E DÉFICIT INTELLECTUAL	91
Thaiany D’Avila Rosa e Gilsenira de Alcino Rangel	
APOIO ESCOLAR: CONSTRUÇÕES E POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS	92
Vanessa Lima Nunes	
APRENDÊNCIA DAS LINGUAGENS	93
Neemias de Oliveira Steinle e Haidi Wehrmann Reinar Steinl	
APRENDENDO A FILOSOFAR NO PROJETO JOVEM SENADOR	94
Daniel de Souza Lemos e Louise Lanes Lemões	
APRENDIZADO DE GALPÃO	95
Claudiomar Pinto de Oliveira	
ATELIÊ CONATUS: POR UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MEIO À VIDA	96
Shaiany Gonçalves da Silva Nunes e Carla Gonçalves Rodrigues	

AUDIÊNCIAS PÚBLICAS: A CÂMARA DE VEREADORES NA ESCOLA E A ESCOLA NA CÂMARA DE VEREADORES	97
Eliézer dos Santos Oliveira, Maria Daisi Fonseca e Esther Boeira Martin	
AULAS PRÁTICAS DE CIÊNCIAS CONTRIBUINDO PARA A PRODUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	98
Lidiane Bilhalva Rodrigues	
BLOG: RELATO, MEMÓRIAS E ESCRITA	99
Rosimeire Simões de Lima e Marlise Buchweitz Klug	
BRINCAR NA ESCOLA: DIREITO DAS CRIANÇAS?	100
Daiane Santim Franco, Marta Campelo Machado, Maria Angelita Mattoso Pereira	
CASA DE PASSAGEM: EM BUSCA DE MAIS AMOR	101
Daniela Schellin Lüdtke, Marina Jardim Rocha e Tainara da Cunha Verzeletti	
CÉLESTIN FREINET E O JORNAL ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁXIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	102
Dirlei de Azambuja Pereira	
CIÊNCIAS EXATAS E SUAS INTERFACES	103
Cátia Mirela de Oliveira Barcellos	
CINEMA NA ESCOLA, UMA EXPERIÊNCIA FÍLMICA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFA. SYLVIA MELLO ABORDANDO QUESTÕES SOBRE MEIO AMBIENTE	104
Aurélia Valesca Soares de Azevedo, Maranlaini Patrícia Azevedo Schemmfelnnig e Ronaldo Luís Goulart Campello	
COMO DESPERTAR O INTERESSE PELA LEITURA DE QUEM JÁ PERDEU O HÁBITO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA	105
Graciela Cardoso Domingues, Marisa Alcântara Goulart e Ana Maria Motta Lopes	
CONSCIENTIZANDO A COMUNIDADE DA IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	106
Guilherme de Lima Reichow e Fernanda Strelow Iwen	
CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ATRAVÉS DA AGROECOLOGIA	107
Claudenir Bunilha Caetano e Iracema Veleda Goulart	
CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO NO ESPAÇO ESCOLAR PERMEADO POR MÍDIAS TECNOLÓGICAS	108
Graciela Baschi Adamoli e Liana Barcelos Porto	
CONSTRUINDO APRENDIZAGENS NO <i>BLOG</i> DE MATEMÁTICA	109
Amanda de Oliveira Behling, Emily Alves Ferreira e Gabriel Schwartz Schellin	
CONSTRUINDO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE	110
Elisa Schwartz Leite e Sarah Maggitti Silva	
CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA, CONTINENTAL E AÇORIANA, NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL – TRABALHO DE RESGATE CULTURAL	111
João Nei Pereira das Neves e Eliane Soares Fialho	
CRIAÇÃO DO DICIONÁRIO DE PALAVRAS USADAS NO COTIDIANO EM UMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO	112
Larissa de Souza Schwanz, Rosana Corrêa Verneti e Clarice Schwantes Vieira	

CULTIVANDO SABERES, CONHECIMENTOS E SEMENTES	113
Patricia Rutz Bierhals, Simone Nunes Schulz e Gitânia de Oliveira Vargas	
DE QUEM É O LIXO?	114
Marilaine Bergmann, Sandra Cristina Aniszewski e Rita Cássia Dutra Morales Wickboldt	
DESPERTANDO O GOSTO PELA CIÊNCIA ATRAVÉS DA LITERATURA	115
Mariluce dos Santos Kurz Vieira e Lúcia Edi dos Santos Kurz	
DIAGNÓSTICO SOBRE O PODER AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DOS CURSOS INTEGRADOS	116
Patrícia Mendes Calixto	
DIFUSÃO DA LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS) NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR	117
Cristina Dias Ribeiro	
DISCUTINDO AS POTENCIALIDADES DO BLOG NO ENSINO DA MATEMÁTICA	118
Carla Denize Ott Felcher	
DOE EM VIDA	119
Lucila Rosa da Silva	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMUNITARISTA NA ESCOLA – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DOS DITADOS POPULARES	120
Núbia R. B. da S. Martinelli	
EDUCAÇÃO PELO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DO CURSO TÉCNICO EM AGRICULTURA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO	121
Antonio Alfredo Maia e Edimilson Martins da Rosa	
ELEIÇÕES PARA LÍDERES DE TURMA	122
Elíezer dos Santos Oliveira, Maria Daisi da Fonseca Prietsch e Viviam Maraninchi Alam	
EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO NO COLÉGIO ESTADUAL DOM JOÃO BRAGA	123
Eunice Souza Couto, Robson Simplicio de Sousa e Magda Rosane Nunes Corrêa	
ENSINO DE MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS: QUATRO OFICINAS PARA PROFESSORES	124
Maria da Graça Peraça e Rafael Montoito	
ESCOLA E COMUNIDADE UNIDAS NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR	125
Elizane Pegoraro Bertineti	
ESCOLA E COMUNIDADE: UMA PARCERIA INDISPENSÁVEL	126
Cristiane Fuhrmann Beling e Cláudia Raquel Duarte Pureza	
FILME ANINHA	127
Zoraya Baschi, Tatiane Maciel e Rodrigo Xavier	
FÍSICA E MATEMÁTICA EM UMA SÓ PROPOSTA	128
Dilson Ferreira Ribeiro e Ana Luiza Ferreira Cunha	
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA OPORTUNIDADE DE CONSTRUIR MATERIAIS E COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS	129
Eva Sílvia F. Barreto, Gláucia Pellegrinotti Blank e Ana Paula C. Ferreira	

FORMAÇÃO DE JOVENS LIDERANÇAS	130
Gitânia de Oliveira Vargas, Patrícia Rutz Bierhals e Patrícia Silveira Zaneti	
FORMAÇÃO PERMANENTE: ENTRE A APRENDIZAGEM DO ALUNO E A APRENDIZAGEM DO PROFESSOR	131
Rogéria Novo da Silva e Márcia Souza da Rosa	
<i>FROM THE MELTING POT TO THE SALAD BOWL - O QUE É A CULTURA AMERICANA?</i>	132
Graciela Cardoso Domingues	
GAMES ELETRÔNICOS: UMA METODOLOGIA PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA	133
Carmen Carvalho	
GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE: O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NO COTIDIANO ESCOLAR	134
Rosana da Silva Vieira	
GEOMETRIZANDO IDEIAS E EMOÇÕES: UMA INCLUSÃO SOCIAL	135
Marina Mendonça Loder e Catiúcia Klug Schneider	
HORTA MANDALA: UMA OPÇÃO PARA PRODUÇÃO ORGÂNICA	136
Vera Maria Krumreich Schlee, Izabel Cristina Menegoni Nunes e Sandra Mara Nunes Porto	
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFA. SYLVIA MELLO	137
Ester Vellar Krause	
INCLUINDO O ALUNO NO MUNDO DOS LIVROS ATRAVÉS DO PROJETO: “MAIS LEITURA: ADOTE UM LEITOR”	138
Michele Lemões e Lilian Pieper	
INCLUSÃO ATRAVÉS DO CORPO - PROPOSTA REALIZADA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE DE PELOTAS	139
Jaqueline de Lima Madeira, Maria Solange de Oliveira Ribeiro e Viviane Petry de Vasconcellos	
ÍNDICES DE REPROVAÇÃO, APROVAÇÃO E ABANDONO NO CURSO TÉCNICO EM AGRICULTURA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO	140
Fernando Cardoso Hax, Antonio Alfredo Maia e Edimilson Martins da Rosa	
INOVAÇÃO: COM AUXÍLIO DA TECNOLOGIA OS PROBIÓTICOS ATUAM NO CÂNCER	141
Daniela Schellin Lüdtke, Eliza Pinheiro Rodrigues e Marina Jardim Rocha	
INSERÇÃO DO ALUNO IMPLANTADO COCLEAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU	142
Carla Muriel Burgert Ferreira	
INSERÇÃO TECNOLÓGICA DIGITAL NA EDUCAÇÃO: PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PELOTAS-RS	143
Kátia Denise Costa Berni	
INTERAGINDO, BRINCANDO E EXPERIENCIANDO COM OS HÁBITOS DE HIGIENE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	144
Tatiane da Silva Pollnow e Shaiany Gonçalves da Silva Nunes	
JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS EM MATEMÁTICA PARA O 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL	145
Daniele Bracher e Leda Kunde Brodt	
JUVENTUDE - UMA NOVA ESPERANÇA: RELATO DE UM PROJETO DESENVOLVIDO NO I. E. E. PONCHE VERDE (PIRATINI/RS)	146
Cleiton Cruz de Oliveira e Patrícia Tarouco Manetti Becker	

JUVENTUDE! QUE JUVENTUDE?	147
Cristiane Leitzke Buss, Laerte Pedroso de Paula Júnior e Letícia de Aquino Neumann	
JUVENTUDE: VIVENCIA A FRATERNIDADE!	148
Valesca de Matos Duarte	
LEITURA DE RÓTULOS DE ALIMENTOS COMO TEMA MOTIVADOR NAS AULAS DE QUÍMICA	149
Maicon Renato Ferreira Sampaio , Carla Vargas Bozzato e Siara Marroni Nietiedt	
LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIAL NA ESCOLA	150
Paula Nunes Perchin, Ana Cristina Dias de Oliveira e Vera Maria Griep	
MALETA MÁGICA... ONDE A IMAGINAÇÃO VIRA REALIDADE!	151
Cleni Medeiros Rodrigues	
MALETA SURPRESA	152
Gisele Rijos Pereira	
MAPEAMENTO DE RISCOS AMBIENTAIS	153
André Laurence Freitas dos Santos	
MÍDIAS NAS SÉRIES INICIAIS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO	154
Eva Regina Lemos	
MINHA ESCOLA, MEU LUGAR: APROXIMANDO O ALUNO DO SEU LUGAR DE VIDA	155
Andressa Ramos Teixeira e Ana Lúcia Ferreira	
MUSEU: UMA AVENTURA NO TEMPO	156
Giales Raí Blodorn Rutz, Camila Ehlert Lindemann e Patrícia Griep Kern	
MÚSICA, LETRA E VÍDEO EM DEBATE NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA	157
Adelita Costa Wachholz e Éderlan Martins Moreira	
MUSICALIZAÇÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO – UMA POSSIBILIDADE PARA REFLETIR FRONTEIRAS E CONTRIBUIR NA FORMAÇÃO DOCENTE	158
Maria Raquel Vieira e Felipe da Silva Martins	
NO DESABROCHAR DA ALFABETIZAÇÃO: CUIDAR DO MEIO AMBIENTE É, TAMBÉM, NOSSA MISSÃO!	159
Tatiane Furtado da Fontoura	
NÓS PRODUZIMOS EM FAMÍLIA	160
Janaina Peters Valente e Mariléia Henke Thiel	
O APOIO ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM	161
Adriana da Luz e Sílvia Barreto Soares	
O ENSINO DE ARTE EM TRÊS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CERRITO	162
Cintia Regina de Lima dos Santos	
O IMPACTO DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE CANGUÇU	163
Denise Zanolet Porto e Eliana Köhler Kröning	
O IMPACTO DO DIÁLOGO SOCRÁTICO NAS AULAS DE FILOSOFIA DO IFSUL CAMPUS PELOTAS À CONSCIÊNCIA DOS ESTUDANTES DO SEU PAPEL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	164
Gabriela Medina Alvares	

O JOVEM E O FUNCIONAMENTO HARMONIOSO DO SEU CORPO – UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR ABORDANDO O TEMA DA SAÚDE	165
Maranlaini Patricia Azevedo Schemmfelnnig, Aurélia Valesca Soares de Azevedo e Raquel Terezinha Fagonde Moraes	
O LIXO NÃO FALA... MAS O MEIO AMBIENTE RESPONDE!	166
Letícia Schneider Ferrari	
O PARAÍSO MATEMÁTICO	167
Edina Azevedo Soares dos Santos	
O PROBLEMA DO DESCARTE INAPROPRIADO DO LIXO NO BAIRRO NAVEGANTES EM PELOTAS/RS REGISTRADO POR ALUNOS ATRAVÉS DAS CÂMERAS DE SEUS CELULARES: UM EXERCÍCIO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL	168
Ires de Oliveira Furtado	
O SEGREDO DAS COISAS – COMO SÃO PRODUZIDOS OS PRINCIPAIS ALIMENTOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO DA CULTURA PELOTENSE	169
Josiel Nörnberg Glenzel, Lenon Garcez Rocha, Melissa Tavares Sodré e Eunice Souza Couto	
O TRABALHO DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO DE SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE: POR UMA INCLUSÃO DE QUALIDADE DOS ALUNOS SURDOS	170
Daiana San Martins Goulart, Nádia dos Santos Gonçalves Porto e Rubia Denise Islabão Aires	
O USO DE SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS NA APRENDIZAGEM DA LEI DE FARADAY-LENZ	171
Fernando Colomby Pieper	
O USO DO ESPAÇO PELOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PELOTAS	172
Carmen Isabel Pieper	
O VÍDEO EDUCATIVO-INTERATIVO: UMA FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM	173
Marion Rodrigues Dariz	
OBJETO VIRTUAL DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE QUÍMICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BALANCEAMENTO DE EQUAÇÕES QUÍMICAS E PRINCÍPIO DE CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA	174
Liliane Dailei Almeida Gruber	
OFICINA FILODANÇA: MOVIMENTOS DE ESCRILEITURAS NA ESCOLA	175
Josimara Wikboldt Schwantz	
OFICINAS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA	176
Janaína Buchweitz e Silva	
OS DIFERENTES SABERES SOBRE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE PRODUZIDOS NO ENSINO MÉDIO	177
Eliana Köhler Kröning	
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NAS CIDADES PEQUENAS	178
Andressa de Lima Fal e Everton Filipe Pires Rommel	
PATRULHA AMBIENTAL - CAMINHO VERDE	179
Morgana Bubolz Holz, Patrícia Holz Krug e Márcia Beatriz Kohler Kern	
PEDRO OSÓRIO NOS TRILHOS DA HISTÓRIA	180
Adriani Mello Felix	

PESQUISA POMERANA: UMA VIAGEM AO TEMPO PARA CONHECER ALGUMAS TRADIÇÕES DA CULTURA POMERANA EM LOCALIDADES DO INTERIOR	181
Tanise Stumpf Böhm	
PIBID/E. A.: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR NA EMEF VIRIATO CORRÊA	182
Lilian Brasil Pereira e Iara Beatriz Voughan Pereira	
POR ENTRE CORES, LETRAS, SABORES E NÚMEROS: CONSTRUINDO UMA PRÁXIS EDUCATIVA EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL	184
Patrícia Tarouco Manetti Becker	
POSSIBILIDADES DE LER E ESCREVER: TRANSCRIÇÃO NO ATELÊ RABISCOS DE SENSAÇÕES NA PRODUÇÃO DE UM CORPO CRIANCEIRO	185
Taís Chaves Prestes	
PRÁTICA DE PESQUISA NO ENSINO DE HISTÓRIA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL II	186
Jordana Alves Pieper, Valéria C. Rodrigues e Cássia Cilene D. Xavier	
PRÁTICA SOCIOCULTURAL: MÉTODO ALTERNATIVO PARA TRABALHAR A CULTURA NEGRA NA SALA DE AULA	187
Martha Adamy e Eugênia Basso	
PRATICANDO SAÚDE NA ESCOLA: PROJETO REALIZADO EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE CANGUÇU/RS	188
Igor Retzlaff Doring e Adriel Ramson Ramm	
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE INCLUSÃO E FILOSOFIA	189
Mara Sirlei Lemos Peres e Agemir Bavaresco	
PROJETO ALFABETO DIVERTIDO	190
Lubiana Starck Hirdes e Maristel Carrilho da Rocha	
PROJETO CONTOS DO SUL	191
Aline Vohlbrecht Souza	
PROJETO CULTURARTE	192
Eva Sílvia F. Barreto/Secretaria, Ana Paula C. Ferreira e Gláucia Pellegriotti Blank	
PROJETO INTERDISCIPLINAR DO CAMPO	193
Cristina Macke dos Santos	
PROJETO LER FAZ BEM, CRIAR TAMBÉM	194
Mauro Ramis Ramos, Nathalia Mascarenhas Gotuzzo e Roberta Arbes Pereira	
PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E GESTÃO DEMOCRÁTICA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DO CAMPO	195
Magda Gisela Cruz dos Santos, Juliana Sousa Almeida, Angélica Cristina Douglas Laner	
PROJETO SEMANA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS: ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	196
Carla Vargas Bozzato e Maicon Renato Ferreira Sampaio	
PROJETO SOMOS IGUAIS MESMO SENDO DIFERENTES	197
Karen Garcia	
PROJETO: MAIS EDUCAÇÃO EXPLORANDO MÍDIAS E RECURSOS NO CAMINHO CERTO	198
Tabata Vieira Dias	

PROJETO: QUANTO MAIS ALEGRIA MELHOR COM CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	199
Tabata Vieira Dias e Rita Hax	
QUADRO POSICIONAL E OPERACIONAL INTERATIVO	200
Lucas Gonçalves Soares, Simone Nunes Schulz e Santa Irena L. Pereira	
RECICLA! VAMOS APRENDER	201
Crislaine de Freitas Aires	
RECICLANDO COM ARTE	202
Carmen Carvalho	
RECONHECENDO OS MAIORES AUTORES DA LITERATURA INFANTIL	202
Rita de Cássia Dutra Morales Wickboldt	
REGISTRANDO O TRABALHO RURAL ATRAVÉS DA ARTE	203
Sílvia Vargas Vasconcelos de Escobar Leitzke	
REINVENTANDO OS JOGOS ESCOLARES - JOGOS DE REBATER	205
Daniela da Silva Motta Bubolz e Janice Lubke	
RELEITURA DA OBRA <i>QUARTO EM</i> : PROCESSOS INVESTIGATIVOS NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	206
Ângela Balzano Neves	
RELIGIÃO – ATO SEXUAL E HOMOSSEXUALIDADE	207
Marlily Dos Santos Duarte, Patrícia Bohmer Radatz e Thaine Brede Mota	
RESGATANDO OS VALORES DO RINCÃO DOS MAIA	208
Paola Pety Barreto e Robert Ferreira Braga	
RESSIGNIFICANDO A GEOMETRIA COM O USO DO GEOGEBRA	208
Luciano Bender e Rosiane Thurow Bender	
RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	209
Irena L. Pereira, Vera Griep e Lucas G. Soares	
SALA DE RECURSOS - ATENDIMENTO AOS ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS	210
Elizeuma Kerstner Otero Avila	
SAÚDE: CONSCIENTIZAÇÃO + ATITUDE = QUALIDADE DE VIDA DO HOMEM DO CAMPO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA	211
Cléia Beatriz Aires Gomes e Roberta Fick Gonçalves da Silva	
SIGNIFICANDO AS AULAS DE HISTÓRIA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA	212
Lúcia Helena Mendes da Rosa	
SIGNIFICANDO AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E ARTES NUMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR: QUANDO O ALUNO VIRA AUTOR	213
Ana Cláudia Xavier Weinerth, Gisele Ramos Lima e Silvana Carret Zanetti	
<i>SITE</i> A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESPAÇO DE BUSCA DE INFORMAÇÕES	214
Lisiane Jaques Rodrigues Scherwenske e Maria de Fátima Duarte Martins	
SR. MATEMÁTICO: PROFESSORES SENDO DESAFIADOS A ENFRENTAR PROBLEMAS	215
Aline Vieira da Cunha e Carla Adriane dos Santos Alves	

SUPERVISÃO DO PIBID: UM PROCESSO COLABORATIVO E DE FORMAÇÃO DOCENTE NO IEEAB	216
Elenice Botelho Antunes	
TEATRO-IMAGEM E TEATRO-FÓRUM NA ESCOLA PÚBLICA: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁXIS EM PIRATINI/RS	217
Dirlei de Azambuja Pereira, Darlene Rosa da Silva e Fabiane Tejada da Silveira	
TEU OLHAR, NOSSO OLHAR APONTANDO CAMINHOS PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS	218
Mari Regina Rocha Janke	
<i>THE WORLD IN OUR HANDS – O MUNDO EM NOSSAS MÃOS</i>	219
Gabriel Barcellos Nunes	
TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DOS PROJETOS DIDÁTICOS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU	220
Fernando Hax e Jail Darlan Ramos Nei	
<i>TRASH IN MY SCHOOL – O LIXO NA MINHA ESCOLA</i>	221
Gabriel Barcellos Nunes	
UM NOVO OLHAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CANGUÇU	222
Patrícia Silveira Zaneti, Ledeci Lessa Coutinho e Rosângela Gonçalves Tessmann	
UMA ABORDAGEM MATEMÁTICA À RESPEITO DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS DE PELOTAS/RS	223
Bruna de Farias Xavier e Márcia Fonseca	
UMA PRÁXIS COM TEATRO-JORNAL E TEATRO-FÓRUM EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PIRATINI/RS	224
Daiana Corrêa Vieira, Fabiane Tejada da Silveira e Darlene Rosa da Silva	
UMA REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: RELACIONANDO TEORIA E PRÁTICA NAS AULAS DE ORGANIZAÇÃO DE COMPUTADORES E SISTEMAS MICROPROCESSADOS	225
Roberta de Carvalho Nobre Palau, Marco Antônio Simões de Souza e Ulisses Andrade Cava	
VERDE PERTO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO	226
Stefany Hepp Wieth e Carla Gonçalves Rodrigues	
VIDEASTAS ESCOLARES	227
Márcia Knabah Neumann e Caroline Garcez Ávila	

12º Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

A P R E S E N T A Ç ã O

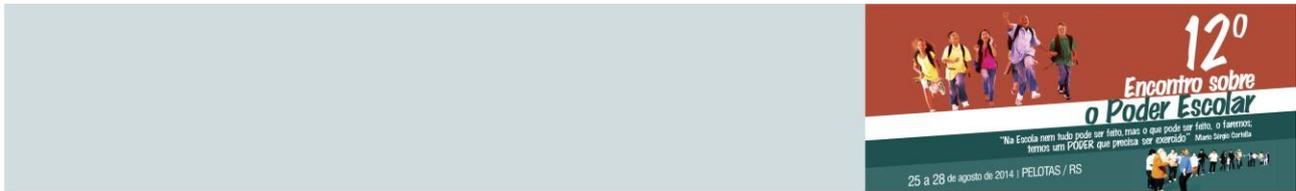


APRESENTAÇÃO

O 12º Encontro sobre o Poder Escolar, realizado em agosto de 2014, foi mais uma etapa cumprida na trajetória de êxito deste significativo projeto de formação continuada de professores da região sul do RS. Projeto que já ultrapassou uma década proporcionando situações de reflexão e de valorização sobre as práticas de sala de aula e de gestão escolar na perspectiva democrática e de aprofundamento teórico. Consolidado na cultura formativa dos profissionais da educação da região, é uma ação interinstitucional, coordenada pela Faculdade de Educação da UFPEL, que reúne sete instituições: a Universidade Federal de Pelotas, a Universidade Católica de Pelotas, a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, a 5ª Coordenadoria Regional de Educação, o Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, o Conselho Municipal de Educação de Pelotas e o 24º Núcleo do CPERS - Sindicato. Esse caráter de organização coletiva presente desde o ano de 2001 revela um processo de colaboração que garante a sua realização com reconhecido sucesso.

Desenvolve-se através de ações com toda a comunidade escolar: professores, alunos, pais e equipes diretivas, na escola e em encontros regionais de cada segmento. A culminância é um evento bianual (Encontros sobre o Poder Escolar) no qual os resultados são discutidos com a presença de 1500 participantes, em média. Nesse evento os profissionais da educação, através das “Mesas de Apresentação de Experiências”, tornam-se protagonistas da sua formação e participam de conferências, painéis e atividades culturais. Assim, os Encontros se caracterizam por reunir os saberes acadêmicos em conferências e painéis e os saberes da prática com a apresentação de experiências e projetos de professores e de gestores de escolas.

Para muitos profissionais da educação participar dos **Encontros sobre o Poder Escolar** é uma atitude incorporada à rotina de formação, seja assistindo, seja apresentando experiências de sala de aula. As avaliações realizadas ao final de cada evento permitem afirmar que, nesses encontros, os professores desenvolvem um processo de reflexão sobre a própria prática,



resultando em aprendizagens e novas práticas.

De acordo com a natureza da proposta, a forma mais concreta de valorização dos profissionais da educação são as Mesas de Apresentação de Experiências, onde os saberes produzidos nas escolas e nas salas de aula são apresentados e discutidos. Por esta razão investimos no avanço e na ampliação desta forma de participação, nas quais escolas e profissionais da educação, no exercício da sua autonomia e de seu poder, socializam e avaliam suas experiências e práticas.

Assim, passada uma década, os Encontros do Poder Escolar permanecem fundamentados em duas premissas: a primeira, que os professores e professoras, em parceria com os demais segmentos da comunidade escolar, aprendem na troca de experiências, no encontro, na discussão coletiva e no trabalho colaborativo e a segunda, que o exercício da reflexão crítica qualifica as práticas escolares.

Neste contexto, os anais registram os resumos das experiências inscritas e selecionadas para apresentação e discussão no 12º Encontro sobre o Poder Escolar e, também, os textos de duas conferências: a primeira, do professor Alberto F. Araújo da Universidade do Minho/Portugal, que abordou o tema da imaginação na sua relação com a educação e a segunda, do jornalista Marcos Rolim, a qual problematizou a violência escolar no âmbito da realidade brasileira.

Lígia Cardoso Carlos

12º Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

PROGRAMAÇÃO
GERAL



PROGRAMAÇÃO GERAL

25/08/14 - Segunda-feira

Manhã

Local: THEATRO GUARANY

7:30 **CRENCIAMENTO**

9:00 **ABERTURA**

9:30 **CONFERÊNCIA**

A Educação, a Economia e a Política.
Prof. Ladislau Dowbor (PUC/SP)

EXPOSIÇÃO: BRINCANDO NA ESCOLA no Poder Escolar

Curadoria: Prof. Rogério Würdig (FaE/UFPeL) / Local: SAGUÃO DO CAMPUS II - UCPEL

Tarde

Locais: UCPEL - Campus I e II
Colégio Santa Margarida

14:00 **MESAS DE DISCUSSÃO DE EXPERIÊNCIAS**

Noite

Local: THEATRO GUARANY

18:00 **FILME** – A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS

"Uma pequena Sherazade, enfrentando a morte, descobre que é com palavras que se conta estórias."

Conversa com Profa. Renata Azevedo Requião (UFPeL)

26/08/14 - Terça-feira

Manhã

Local: THEATRO GUARANY

8:00 **CONFERÊNCIA**

Arte, docência e contemporaneidade.
Profa. Luciana Loponte (UFRGS)



10:15 CONFERÊNCIA

Recriando as relações e o currículo na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.
Profa. Ligia Aquino (UERJ)

EXPOSIÇÃO: BRINCANDO NA ESCOLA no Poder Escolar

Curadoria: Prof. Rogério Würdig (FaE/UFPeL) / Local: SAGUÃO DO CAMPUS II - UCPEL

Tarde

Local: THEATRO GUARANY

14:00 AS VOZES DA COMUNIDADE ESCOLAR

Estudantes, pais, equipes diretivas e profissionais da educação
Moderadora: Terezinha Rios (USP)

Noite

Local: THEATRO GUARANY

18:00 APRESENTAÇÃO TEATRAL - "ESPINHOS D'ALMA". Adaptação do romance de Lobo da Costa

Grupo de Teatro da UCPEL
Direção: Profa. Angela Treptow (UCPEL)

27/08/14 - Quarta-feira

Manhã

Local: THEATRO GUARANY

8:00 CONFERÊNCIA

Olhares cruzados entre Educação e Imaginário.
Prof. Alberto Filipe Araújo (UMINHO - Portugal)

10:15 PAINEL

Trabalho docente e saúde do professorado: entre a universalidade e a precarização da educação.
Profs. Tânia Araújo (UEFS), Wanderley Codo (UNB) e Jarbas Santos Vieira (UFPeL)

EXPOSIÇÃO: BRINCANDO NA ESCOLA no Poder Escolar

Curadoria: Prof. Rogério Würdig (FaE/UFPeL) / Local: SAGUÃO DO CAMPUS II - UCPEL

Tarde

Locais: UCPEL - Campus I e II
Colégio Santa Margarida

14:00 MESAS DE DISCUSSÃO DE EXPERIÊNCIAS

Noite

Locais: Prédios Históricos



- 18:00 **RODAS DE CONVERSA**
Diversos temas e locais - Ver programa detalhado
Retirada de senhas nos dias 25 e 26, no Theatro Guarany - Vagas Limitadas

28/08/14 - Quinta-feira

Manhã

Local: THEATRO GUARANY

- 8:00 **CONFERÊNCIA**
Políticas de Currículo para o Ensino Médio: (des)continuidades entre o Ensino Médio Integrado, o Ensino Médio Inovador e o Ensino Médio Politécnico.
Profa. Mônica Ribeiro da Silva (UFPR)
- 10:15 **CONFERÊNCIA**
Os desafios da formação inicial e continuada de professores.
Profa. Helena de Freitas (UNICAMP)
- EXPOSIÇÃO:** BRINCANDO NA ESCOLA no Poder Escolar.
Curadoria: Prof. Rogério Würdig / Local: SAGUÃO DO CAMPUS II - UCPEL

Tarde

Local: THEATRO GUARANY

- 13:30 **CONFERÊNCIA**
A escola e a violência: para além do medo e do mesmo.
Prof. Marcos Rolim
- ENCERRAMENTO**
Momento Cultural: Daniela Brizolara e grupo

ENDEREÇOS DOS LOCAIS DO EVENTO

THEATRO GUARANY: Rua Lobo da Costa, nº 849
UCPEL – CAMPUS I: Prédio B / salas B - Rua Gonçalves Chaves ou Rua D. Pedro II
UCPEL - CAMPUS II: Prédio G / sala G - Rua Almirante Barroso
COLÉGIO SANTA MARGARIDA: Prédio K - Rua D. Pedro II

RODAS DE CONVERSA - LOCAIS - PRÉDIOS HISTÓRICOS:

CASA 6, CASA 8: Praça Coronel Pedro Osório
PREFEITURA MUNICIPAL: Salão de Atos
LICEU - UFPel: (antiga Escola de Agronomia) em frente ao Mercado Central
Prédio do MERCOSUL: esquina do calçadão com a Rua Lobo da Costa

12º Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

ARTIGOS DE
CONFERENCISTAS



ARTIGOS DE CONFERENCISTAS

QUANDO UM EDUCADOR OLHA A IMAGINAÇÃO: UM CONTRIBUTO A PARTIR DE KIERAN EGAN E DE RUBEM ALVES¹

Alberto Filipe Araújo

Universidade do Minho (Braga/Portugal)

Imaginação não é o oposto de racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional (EGAN, 2007, p. 16).

Stimulating the imagination is not an alternative educational activity to be argued for in competition with other claims; it is a prerequisite to making any activity educational (EGAN; NADANER, 1988, p. IX).

INTRODUÇÃO

O tema da imaginação nas suas diferentes tipologias e tradições, lembrando muito especialmente as tradições romântica alemã, anglo-americana clássica e contemporânea e francesa, além das abordagens contemporâneas, especialmente do lado anglo-americano e francês, representa já por si um desafio colossal (WUNENBURGER, 1991, p. 10-269), mas tratá-lo na sua relação com a educação o desafio agiganta-se exponencialmente. Face a esta tarefa ciclópica que bem nos poderia afastar do nosso objetivo, circunscrevemos, por razões metodológicas, o desafio que impende sobre nós, a um capítulo sugestivo de Kieran Egan², bem como a um livrinho escrito por Rubem Alves intitulado *Pinóquio às Avestas* (2010). O presente estudo inscreve-se na tradição remitologizadora, ou seja, aquela que valoriza os vários tipos de imaginação (reprodutora, criadora ou transcendental, suprassensível com os seus suportes linguísticos ou visuais) e o mito, assim como as suas lições. No entanto, procuramos mostrar que a imaginação é importante na educação, compreendida como “Bildung” (formação do humano), custando-nos aceitar como as Ciências da Educação, e muito particularmente todos aqueles que se reclamam da Filosofia da Educação, podem esquecer a importância do mundo das imagens, sempre tão necessário à construção do sentido, com a sua lógica e com as suas obras (WUNENBURGER, 1991), ou, por outras palavras, a importância da imaginação na educação como Olivier Reboul, Kieran Egan e seus seguidores ligados ao “Imaginative Educational Research Group”, de que Mark Fettes, Sean Blenkinsop (2009), Mark Frein (1997), entre outros, são exemplo, além de um filósofo como Jean-Jacques Wunenburger, o realçaram (REBOUL, 1992;

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEst-OE/CED/UI1661/2014 do Centro de Investigação em Educação (CIEd) do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga – Portugal).

² Trata-se de um autor que muito tem trabalhado, ainda que não necessariamente na mesma perspectiva que nós pois segue quase que em exclusivo a tradição anglo americana, o lugar da imaginação na educação, especialmente na formação de professores e na teoria do currículo.



EGAN, 2007, p. 11-37; FREIN, 1997; NIELSON, FITZGERALD, FETTES, 2010, p. 1-20; WUNENBURGER, 1993, p. 59-69³).

Numa primeira parte falaremos da imaginação a partir precisamente de Kieran Egan, na segunda parte apresentaremos o Pinóquio de Rubem Alves e a seu respeito teceremos algumas reflexões na perspectiva da filosofia do imaginário educacional que nós temos vindo, ao longo dos últimos anos, a construir.

1. “POR QUE A IMAGINAÇÃO É IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO?”: A PERSPECTIVA DE KIERAN EGAN

O ponto de partida de Kieran Egan é que os educadores devem levar a imaginação a sério porque, de acordo com o autor, é importante estimular a imaginação dos alunos. Deste modo, encara a imaginação (hemisfério direito do cérebro: pensamento simbólico e criatividade) não como uma faculdade separada da mente ou do intelecto (hemisfério esquerdo: pensamento lógico e competência comunicativa), mas antes como “um tipo especial de flexibilidade, energia e vivacidade que pode permear todas as funções mentais, como se fosse um estado da mente” (2007, p. 34). Egan considera importante que se descubra a importância da imaginação na educação, pois essa descoberta pode esclarecer o papel da própria imaginação no currículo escolar. O autor sintetiza a sua posição sobre a imaginação, ainda que de uma forma sintética, da seguinte forma:

Nós temos em comum a capacidade de guardar as imagens do que pode não estar presente ou mesmo existir em nossa mente e permitir que essas imagens nos afetem como se fossem reais e presentes. É muito difícil descrevermos a natureza dessas imagens, já que são tão diferentes de qualquer tipo de imagem a que estejamos familiarizados no ‘mundo externo’. [...] A imaginação encontra-se como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de ideias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossa vida se cruzam e interagem. [...] Nossa memória parece ser capaz de transformar percepções e armazenar seus ‘ecos’ de forma que nunca ou quase nunca requeiram ‘imagens’ quase pictóricas (como no caso de sons e cheiros). A originalidade em termos de ideias quase sempre está relacionada com a capacidade imaginativa de ‘ver’ as soluções para os problemas. As nossas emoções parecem estar unidas a essas imagens mentais; quando imaginamos algo, sentimos como se isso fosse real e presente, de tal forma que a nossa ‘codificação’ e o nosso ‘acesso’ a imagens parecem estar ligados às nossas emoções. A lógica da imaginação parece corresponder mais adequadamente à da metáfora que a de qualquer outro esquema de racionalidade que possamos explicitar. [...] Precisamos recapturar o senso de imaginação de

³ Atente-se às palavras deste último autor: “Muitas das teorias educativas negligenciaram, subestimaram mesmo condenaram, a força e a função imaginativas na criança, levando o processo de formação a apoiar-se tão-somente em dois polos que são os sentidos e o intelecto. As imagens encontram-se então, quer colocadas sob estreita vigilância, sequestradas, porque suspeitas de perturbar o desenvolvimento adaptativo do indivíduo, quer deixadas em liberdade não vigiada, sujeitas a uma efervescência sem freio, sob pretexto de preservar uma liberdade reduzida à espontaneidade primeira. Ora a educação integral não consiste ela a superar esta antinomia, reconhecendo a instância imaginativa, à afetar-lhe funções, prevendo para ela uma pedagogia apropriada a fim que ela possa assegurar uma função mediana e mediadora entre os sentidos e o intelecto?” (WUNENBURGER, 1993, p. 59, 2011, p. 11-14, 1991, p. 95-97).



Wordsworth como a ‘Razão em seu estado mais elevado’, [...] Nossa vida emocional está ligada à nossa imaginação, que está ligada ao nosso intelecto. A aprendizagem imaginativa, portanto, envolve inevitavelmente as nossas emoções. [...] Na verdade, penso que a imaginação deveria perpassar toda a educação. [...] Ser imaginativo, então, não é ter uma função específica altamente desenvolvida, mas é ter capacidade aprimorada em todas as funções mentais. Não é, particularmente, algo distinto da razão, mas sim o que dá flexibilidade, energia e vivacidade à razão. Ela torna toda a vida mental mais significativa; faz a vida ser mais abundante (EGAN, 2007, p. 13, 32, 34).

Constata igualmente que a “doutrina oficial” (relatórios especializados, pesquisas sobre qualidade educacional, diferentes *handbooks* que tratam da “coisa” educativa, etc.) que se ocupa das questões educacionais, no seu sentido mais amplo, não considera a imaginação importante para a educação: “A imaginação é importante para a educação porque nos força a reconhecer que formas de ensino e aprendizagem que estão desconectadas com as nossas emoções são educacionalmente estéreis” (EGAN, 2007, p. 32). O autor sustenta que para se tratar da imaginação seriamente não se pode dispensar o papel que o fator emocional desempenha na escola, nós diríamos que o papel da emoção é igualmente crucial na educação (GOTTMAN, DECLAIRES, 1999) entendida como formação do humano (*Bildung*)⁴ e tecida como se de um romance se tratasse (ARAÚJO; RIBEIRO, 2011, p. 72-98)⁵. Desta concepção parece também comungar o próprio Kieran Egan quando faz apelo, ainda que como alegoria, a que a vida na escola fosse para os estudantes como uma “jornada heróica e imaginativa” (2007, p. 35)⁶. A este respeito, o autor afirma: “Uma das imagens românticas centrais é a da jornada heróica como uma alegoria de nossa vida. [...] O processo educacional seria visto, então, apropriadamente, como uma jornada heróica, cheia de surpresas, mistérios, perigos, obstáculos, e assim por diante” (2007, p. 35).

Na continuação o seu capítulo, intitulado Por que a imaginação é importante na educação? (2007, p. 11-37), Kieran Egan particulariza o conceito de imaginação na sua relação com o “pensamento convencional” (2007, p. 14-16), tratando também da “imaginação na aprendizagem” (2007, p. 17-19), relacionando a imaginação com a memória (2007, p. 19-20), com a liberdade (2007, p. 27-28), com o conhecimento objetivo (2007, p. 29-30) e com a emoção

⁴ A este respeito, Jean-Jacques Wunenburger reescreve: “Como sugere o termo alemão de *Bildung* (que designa simultaneamente a tarefa educativa, enquanto ela confere uma forma ao ser, e o poder de criar imagens, de conferir figura), nós não temos somente imagens, mas nós ‘somos’ ou nos tornamos também as nossas imagens, nós adquirimos a sua forma, nós nos criamos a nós mesmo através delas” (1991, p. 88). Para um maior desenvolvimento, veja-se do mesmo autor no seu artigo intitulado La “Bildung” ou l’imaginatio dans l’éducation, p. 59-69.

⁵ Sobre esta temática a bibliografia é imensa, especialmente em língua alemã e inglesa. Na impossibilidade aqui de oferecermos uma panorâmica exaustiva sobre o tema da *Bildung* e do *Bildungsroman*, cf. duas obras de Mario Gennari, *Storia della Bildung. Formazione dell’uomo e storia della cultura in Germania e nell’Mitteleuropa*. Brescia: La Scuola, 1995 e *Filosofia della formazione dell’uomo*. Milano: Bompiani, 2001. Veja-se também Rolf Selbmann. *Der Deutsche Bildungsroman*. Stuttgart: Metzler, 1984 e Rudolf Vierhaus (1972). *Bildung*. In BRUNER, O., CONZE, W., KOSELLECK, R. (herausgegeben von). *Geschichtliche Grundbegriffe. Historisches Lexicon zurpolitisch-socialen Sprach in Deutschland*. Band 1 (A-D). Stuttgart: Klett-Cotta, p. 508-551.

⁶ Aqui seria pertinente lembrarmos o estudo de Joseph Campbell intitulado tão sugestivamente *O herói de mil faces*, p. 59-247 e p. 306-351. Etapa marcante na jornada heróica é a iniciação amplamente desenvolvida pelo autor, p. 102-194.



(2007, p. 31-32). Não deixando igualmente de falar da “mente narrativa” (2007, p. 21-24), das “virtudes sociais” (2007, p. 24-27) e, finalmente, da “visualização, originalidade e criatividade” (2007, p. 33-35). Deste conjunto de aspetos, selecionaremos, por razões de economia textual, a “imaginação e o pensamento convencional” ainda que recuperemos outras passagens do capítulo acima mencionado.

1.1. A imaginação e o pensamento convencional

A pedra-angular da Escola e da sua prática educacional é assegurar a eternização do chamado “pensamento convencional” o que se opõe à preocupação dos grandes pensadores em educação que consiste precisamente em encarar a educação como “um processo que desperta os indivíduos para um tipo de pensamento que os capacita a imaginar condições diferentes daquelas que existem ou que já tenham existido” (2007, p. 14). Embora reconhecendo a importância da tradição, ou seja, das aparências, ideias, crenças e práticas convencionais para a formação da “visão do mundo” do educando, também se reconhece que ela é fundamental para alimentar a imaginação do indivíduo.

Por outras palavras, a educação deve ser capaz de ser livre, de se libertar das “amarras” do pensamento convencional, pois à semelhança de um veleiro, deve ser também ela capaz de deixar o porto seguro das ideias e crenças convencionais para se aventurar através dos mares desconhecidos: “Ser capaz de imaginar é ser capaz de ser livre das aparências convencionais” (SUTTON-SMITH, 1988, p. 10-11). A educação deve ajudar o indivíduo a pensar as coisas de outro modo com o objetivo de mudá-las para melhor (domínio da utopia). Uma educação crítica e inquiridora autoriza-nos a manter uma distância crítica face a um “pensamento convencional” que tende, por definição, a ser conservador, dogmático e a agrilhoar a mente de forma que ela não conheça a região da dúvida libertadora. Dito de outro modo, o indivíduo não ousa trilhar por novas sendas, apenas fazer um caminho por si já conhecido e moldado pelo “pensamento convencional”⁷. De acordo com Egan, esta atitude a de “socializar ou introduzir os alunos nas convenções correntes, parece predominar” (2007, p. 15), em detrimento daquela que visa estimular “as capacidades que os ajudem [aos alunos] a ganhar algum tipo de liberdade mental” (2007, p. 15). Uma liberdade mental que se acha naturalmente comprometida diante de uma tradição, e que esta, ao invés de ser inspiradora, alimentadora de novas possibilidades, antes corta, restringe, formata, padroniza o impulso criador.

Quer a educação, quer a prática que nela se inspira deve manifestamente criar as condições possíveis para promover, estimular e desenvolver a imaginação dos alunos. Ou seja, deve encarar as suas mentes não como meros reservatórios de conhecimentos que trabalha com conceitos abstratos, no sentido que Montaigne atribuíra às suas “cabeças cheias” na sua crítica ao pedantismo, mas antes como mentes narrativas em que a imaginação e a emoção têm um papel importante. A este respeito, o lugar que a imaginação desempenha na aprendizagem pode ajudar a esclarecer a riqueza heurística da noção de “mente narrativa” (EGAN, 2007, p. 21-24). A

⁷ Como salienta Kieran Egan as mentes convencionais “podem ser enciclopedicamente bem-informadas, ter um desempenho esplêndido em testes de realização académica, ter QIs estratosféricamente elevados, e assim por diante. [...] O que falta a eles, quero sugerir, é imaginação, e isso é um déficite educacional crucial” (2007, p. 16).



aprendizagem não consiste tão-somente numa espécie de registro de tipo análogo-tecnológico ou então, embora pontualmente o possa fazer, não armazena fatos isolados:

A memória humana não é um local ordenado, com espaços ou prateleiras para que cada item permaneça inerte até ser acessado. [...] E a nossa mente não é um simples depósito de informações, mas centro de constante atividade, no qual emoções, intenções e lembranças se misturam com o que foi recentemente aprendido, revestindo tal conteúdo de significado (EGAN, 2007, p. 18-19).

Assim, a vida mental não é uma mera “tábua rasa” onde se inscrevem ou registram dados que se vão paulatinamente acumular por ordem de entrada. A vida mental é inseparável, como a nova neurobiologia e mesmo a antropologia complexa, lembrando aqui os estudos, entre outros, de António Damásio (1995) e de Edgar Morin (2002), o têm sobejamente mostrado, de uma teia complexa de emoções, de memórias e de intenções: “A forma como aprendemos, se aprendemos e retemos essas informações, será afetada pelo complexo de estruturas de significado que temos, que por sua vez serão afetadas por nossas emoções, intenções, etc.” (2007, p. 18). Percebe-se deste modo que a aprendizagem humana, ao ser indissociável do trio emoção-memória-intenção, implica no seu processo a construção e a composição. É precisamente este trabalho de construção, de composição, de recomposição e de avaliação e reavaliação de significados que nos ajuda a compreender o funcionamento da “mente narrativa” enquanto tal. É na atribuição de significados feita no e pelo processo de aprendizagem no quadro de estruturas significativas estabelecidas (o denominado “horizonte de pré-compreensão”) que Mary Warnock (1976) identifica como sendo uma das atividades fundamentais da imaginação. Reside, portanto aqui um dos aspetos essenciais que nos permite compreender a essência da “mente narrativa”: a atribuição do significado feita pelo processo de aprendizagem. Esta atribuição afasta naturalmente a ideia de uma concepção simplista de conceber a tarefa da aprendizagem como um armazenamento de informação em contínua laboração à semelhança de um tear mecânico:

Todos os procedimentos de ensino, avaliação e currículo que vêem a educação como um processo de acumulação de conhecimentos e habilidades, sem o envolvimento de emoções, intenções, significado humano e imaginação, tornar-se-ão inadequados para fazer mais que criar pensadores convencionais e não pessoas instruídas (EGAN, 2007, p. 19).

A “mente narrativa” é o lugar daquilo que Daniel Goleman chamou de “inteligência emocional” (2000). A mente organiza o conhecimento, as próprias vivências de modo mais pleno mediante uma estrutura narrativa mediada por metáforas e através de associações afetivas, do que através de associações lógicas, de cadeias silogísticas determinadas por raciocínios dedutivos e indutivos: “Torna-se claro que a racionalidade não é um conjunto de habilidades que alguém pode treinar, mas está ligada a sótãos, porões e quartos secretos da mente até agora evitados, nos quais bailam as emoções, as intenções, as metáforas e a imaginação” (2007, p. 22). Para que tal aconteça, não se defende que a imaginação se oponha ao “pensamento convencional”, à racionalidade, às capacidades intelectuais tradicionais, aquilo que se pretende, antes, é realçar que a faculdade da imaginação é complementar da faculdade da razão e que o papel que a imaginação possui, na sua arte de contar histórias, é de “dar vida, energia e rico significado ao



pensamento racional” (2007, p. 16). A imaginação cumpre essa função, a capacidade que ela possui de desenvolver o modo narrativo da mente em que esta cria sentido e significado, mediante a arte de contar e de criar histórias, cujas *Aventuras de Pinóquio* de Carlo Collodi (1883) são um bom exemplo:

O desenvolvimento das capacidades narrativas da mente, do uso imediato da metáfora, de sua integração entre o cognitivo e o afetivo, de sua construção de sentido e significado têm importância educacional, pois essas capacidades são fundamentais à nossa capacidade de dar sentido à experiência (EGAN, 2007, p. 23).

Kieran Egan, citando, Barbara Hardy (1975), defende a função incontornável da narrativa na vida do indivíduo, afirmando, por conseguinte, que “o estímulo e o desenvolvimento do modo narrativo mental é educacionalmente vital. E esse modo, proveniente de histórias que nos ajudam a memorizar, é o domínio no qual a imaginação é imprescindível” (2007, p. 23). Neste contexto, o desenvolvimento do modo narrativo da mente não é de toda uma prioridade da agenda educativa que prefere, na linha da tradição positivista e iconoclasta e da fabricação de “cabeças cheias”⁸ (leia-se “educação bancária” para Paulo Freire), enfatizar o desenvolvimento lógico através da dedução e da indução abstratas da mente. Apostar na primazia das suas funções cognitivas do que apostar convictamente, e não em nome do “politicamente correto” recheado de efeitos retóricos, na formação de uma “cabeça bem-feita”⁹ (leia-se “educação problematizadora” para Paulo Freire), onde a atividade imaginativa é devidamente considerada e, muito especialmente, a cultura humanista. Esta concepção de tipo mecanicista, baseada na aprendizagem a serviço do enchimento e da formatação em série e unidimensional de “cabeças cheias”, convive com o papel utilitarista da escola que, ao apresentar ao aluno desde a sua entrada um conjunto de receitas em forma do “programa escolar”, lhe promete de forma quase messiânica não somente um novo estatuto ontológico à saída, como também um emprego que é sinônimo óbvio de um estatuto social e econômico distintivo (BOURDIEU; PASSERON, 1970; LIMA, 2012, p. 27-36). Por outras palavras, uma agenda escolar que, em nome de uma suposta “igualdade de oportunidades” e subordinada a satisfazer os interesses imediatos e práticos da sociedade, não faz mais do que perpetuar as diferenças sociais como igualmente destrói a vocação originária da educação como “formação” no sentido que Edgar Morin lhe atribui, ou seja, como uma “cultura que permite compreender a nossa condição e ajudar-nos a viver. Que ao mesmo tempo, seja o favorecer de uma forma de pensar aberta e livre” (2002, p. 11)¹⁰. Uma agenda

⁸ Edgar Morin salienta que uma “cabeça cheia” é uma cabeça “onde o saber está acumulado, empilhado e não dispõe de um princípio de seleção e de organização que lhe dê sentido” (2002, p. 23).

⁹ A “cabeça bem-feita” é caracterizada por uma “aptidão geral para colocar e tratar os problemas” e baseada em “princípios organizadores que permitem religar os saberes e dar-lhes sentido” (MORIN, 2002, p. 23).

¹⁰ A respeito desta temática, numa perspectiva sociológica crítica, leia-se com proveito o estudo de Licínio C. Lima intitulado *Aprender para Ganhar, Conhecer para Competir. Sobre a subordinação da educação na “sociedade da aprendizagem”* onde escreve: “A atribuição de uma centralidade inédita à educação e ao conhecimento, na agora designada ‘sociedade da aprendizagem’ e ‘sociedade cognitiva’, embora de grande relevância, tende, porém, a exagerar o poder da educação e do conhecimento, atribuindo-lhes propriedades salvíficas. Contraditoriamente, ao fazê-lo corre o risco de lhes diminuir drasticamente a amplitude, subordinando a educação e conhecimento a funções restritas e de caráter predominantemente utilitarista, de que resulta a sua desvalorização em termos substantivos e o esbatimento das suas potencialidades críticas e transformadoras, de compromisso com o



escolar que insiste, como o refere lucidamente Licínio Lima, na adaptação funcional de cada indivíduo aos imperativos da economia, empregabilidade, flexibilidade e competitividade no quadro da “sociedade da aprendizagem” baseada num pedagogismo eivado de uma “crença de que através da educação e da aprendizagem ao longo da vida é possível operar as mudanças sociais e econômicas consideradas imprescindíveis” (2012, p. 36-37), parece-nos estar muito mais próxima de considerar a imaginação, e a sua importância na educação, como a “louca da casa” (a “folle du logis” segundo Nicolas Malebranche), senão mesmo a “mestra de erro e de falsidade” para Blaise Pascal, do que antes recebê-la no seu espaço como “rainha das faculdades” nas palavras de Charles Baudelaire.

A imaginação através do papel da narrativa, da metáfora e na atribuição de significados é uma porta aberta para todo o tipo de conhecimento, mesmo aquele dito “objetivo”: “o desenvolvimento dessas capacidades imaginativas que dão suporte à objetividade é importante para a educação” (EGAN, 2007, p. 29). Embora o Kieran Egan não esclareça quais são essas capacidades imaginativas, tal não significa que ele não aponte claramente para a importância da imaginação criativa, ou criadora (*Einbildungskraft*), na construção do conhecimento objetivo. O artista ou o cientista imaginativos podem criar “uma nova forma que pode ser inesperada até para ele[s] mesmo[s]” (MOCK, 1970, p. 21). A objetividade como construção, lembrando aqui o contributo da filosofia das “formas simbólicas” de Ernst Cassirer, lida necessariamente com as variantes imaginativas do sujeito. Por outras palavras, existe uma conexão entre a imaginação e a objetividade (leia-se também com o pensamento racional e com a ciência, Holton, 1981 e 1982): “A objetividade está na capacidade imaginativa de se habitar as formas dos materiais, do conhecimento, da habilidade ou da prática com as quais se trabalha” (2007, p. 30).

2. “POR QUE A IMAGINAÇÃO É IMPORTANTE NA EDUCAÇÃO?”: PARA UMA LEITURA DO PINÓQUIO ÀS AVESSAS DE RUBEM ALVES

O lugar que a imaginação, nos seus sentidos reprodutor e criativo, ocupa no debate atual educacional não pode, e, aliás não deve, deixar de ser olhada, abordada e questionada por uma filosofia da educação que, lembrando aqui o aforismo de François Rabelais em que “*Science, sans conscience, n'est que ruine de l'âme*”, pretenda privilegiar uma educação não somente com ciência e consciência, mas também imbuída de uma imaginação criadora. Definida esta como a faculdade “do possível, a força da contingência do futuro” (DURAND, 1984, p. 50, 1979; CASTRO, 2002), sempre tão necessária à formação (leia-se *Bildung*) do humano. A imaginação e o seu lugar na educação, para lembrarmos aqui o título da obra de Edwin Asbury Kirkpatrick (1957), não pode deixar de ser considerada, *como* uma parte da atividade humana tão normal e integral quanto o movimento muscular” (DEWEY, 1966, p. 237).

Neste contexto, e por razões de clareza, nós no presente estudo encararemos a imaginação como uma faculdade, por um lado, capaz de reproduzir as imagens armazenadas na sua memória (imaginação designada classicamente de “reprodutora”), e, por outro, como aquela faculdade capaz de criar novas imagens que se materializam, ou não, nas palavras, nos textos, nos

aperfeiçoamento humano, com o aprofundamento da democracia, com as demandas de justiça e de cidadania ativa” (2012, p. 15).



gestos, nos objetos, nas obras, etc. (imaginação designada classicamente de “produtora” ou “criadora” - *Einbildungskraft*)¹¹. Quanto ao imaginário, consideramo-lo aqui não na perspectiva antropológica e hermenêutica durandiana (1984), mas do ponto de vista funcional, ou seja, como um conceito “que designa os domínios, os territórios da imaginação: distinguir-se-á, por exemplo, o imaginário poético, o imaginário plástico, o imaginário corporal...” (JEAN, 1991, p. 24), e acrescentamos nós o literário, o político, o científico e, muito particularmente, o educacional.

2.1. Da imaginação e da sua importância na educação

A concepção de imaginação material, enquanto imaginação dinâmica que produz novas imagens ainda que possam, por vezes, estar enxertadas numa ou em imagens antigas, defendida por Gaston Bachelard (1993, p. 7-28, 2004, p. 5-26; WUNENBURGER, 2012, p. 73-86)¹², é aquela que, quanto a nós, está mais próxima da denominada classicamente de imaginação criadora ou produtiva, e, por conseguinte, tenha naturalmente encontrado um terreno fértil no domínio do imaginário literário. Porém, não é com este tipo de imaginação com o qual nós nos confrontamos quando lidamos com os textos da tradição educativa ocidental (BERNARD, 1988), mas sim com um imaginário muito empobrecido do ponto de vista do semantismo das imagens feito por figuras, mesmo representações, de que as metáforas, esquemas utópicos e alegorias, características do imaginário educacional constituem um exemplo. Por outras palavras, nós estamos bem conscientes que a concepção bachelardiana de imaginação material, retomada, ainda que não necessariamente do mesmo modo, quer por Gilbert Durand (1979)¹³, quer por

¹¹ Jean-Jacques Wunenburger refere-se a este tipo de imaginação do seguinte modo: “a imaginação que é suposta de combinar de uma nova forma as informações não redutíveis aos traços mnésicos e, portanto, mais ricos que os seus correlatos concretos e sensoriais, quer morfológicamente, quer semanticamente” (2006, p. 153-154). Esta modalidade de imaginação trabalha com a imagem poética, transcendental ou auto-organizadora. É uma imagem que “pelo seu excesso cognitivo, pelo seu horizonte estético inédito e pelos seus pressupostos metafísicos, parece ser portadora de propriedades que podem enfraquecer atribuições respectivas do perceptor e do conceito” (2006, p. 154).

¹² Gaston Bachelard sobre a sua concepção de imaginação diz: “Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar as imagens. Ora ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada de imagens, não há imaginação, não há *ação imaginante*. Se uma imagem *presente* não faz pensar numa imagem *ausente*, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. Existe percepção, recordação de uma percepção, memória familiar, hábito de cores e de formas. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é a *imagem*, é o *imaginário*. O valor de uma imagem que corresponde à extensão da sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente *aberta, evasiva*. Ela é no psiquismo humano a própria experiência de *abertura*, a própria experiência da *novidade*. Mais do que qualquer outra potência, ela especifica o psiquismo humano” (2004, p. 5-6); Bachelard na sua obra *L'Eau et les Rêves* (1942) escreve: “A imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar as imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. Ela é uma faculdade de sobre humanidade. [...] A imaginação inventa mais que coisas ou dramas, ela inventa vida nova, ela inventa espírito novo; ela abre olhos que possuem novos tipos de visão. Ela verá se ela tem ‘visões’. Ela terá visões se ela se educa com os devaneios antes de educar-se com as experiências, se as experiências vêm em seguida como provas dos seus devaneios” (1993, p. 25).

¹³ Gilbert Durand na sua *Imaginação Simbólica* (1964) afirma: “a função de imaginação é antes de mais uma função de eufemização, não um simples ópio negativo, máscara que a consciência ergue face à horrenda figura da morte, mas



Jean-Jacques Wunenburger (1991)¹⁴, tem como objeto principal de estudo o campo literário, a imaginação literária, e não os textos educacionais onde o sentido mítico está, quase sempre, espartilhado, rarefeito, latente, dissimulado na ideologia que os sustentam, tornando o acesso às figuras da imaginação educacional uma tarefa ingrata, senão mesmo, na maioria das vezes, frustrante hermenêuticamente. No entanto, tal obstáculo, ainda que extremo, não deve impedir nem de afirmarmos o lugar da imaginação na educação, nem de baixarmos os braços no tocante ao trabalho hermenêutico propriamente dito e cujo desenvolvimento recebeu o nome de mitanálise e de mitocrítica na obra de Gilbert Durand (2000).

A imaginação importa, portanto, à educação porque ela não pode deixar de ser chamada a pensar a formação do humano (GENNARI, 2005, 2006, p. 4413-4418) marcada pela natureza do símbolo (tão sabiamente designado em alemão por *Sinnbild*). A presença do símbolo não só dá que pensar (Paul Ricoeur), devido à sua tentativa de dar forma, sentido (*Sinn*) às imagens (*bild*), como necessariamente tem implicações na educação como bem o viu Olivier Reboul. Estas implicações são as seguintes: a instrutiva, a de união, a retórica e a reflexiva. A estas deve-se igualmente acrescentar a importância educacional do símbolo: “Eu lembro que o símbolo, com a sua polissemia, a sua plasticidade, o seu sincretismo, tem funções educativas múltiplas. [...] Ela [a Natividade] é um grande exemplo daquilo que pode ser uma educação pelo símbolo: passar dos valores sociais aos valores humanos” (1992, p. 217). Neste sentido, a educação é qualquer coisa que se imagina (Daniel Hameline) e, como tal, pode pensar-se através de ideias educativas, alegorias, metáforas, símbolos, mitologemas, mitose aqui estamos já no domínio do imaginário educacional. Este tipo de imaginário é sempre um imaginário bidimensional porque articula as dimensões semântica (ideologias, utopias, metáforas) e pré-semântica (mitos e símbolos): uma modalidade de imaginário que é simultaneamente sociocultural e mítico-simbólico, pois as ideias educativas são devedoras quer de um tempo-espço sócio-histórico (a esfera daquilo que Roger Chartier denomina de “representação”), quer de um semantismo ora utópico, ora mítico (a esfera daquilo que nós denominamos de imaginário mítico, com os seus símbolos e mitos).

Assim, face a uma educação que se imagina e busca a sua justificação na razão educativa ocidental (JOLIBERT,1987), mediada pelas ideias educativas, pelas suas metáforas hortícolas, da luz, náutica, da modelagem, da alimentação, entre outras, pelos seus símbolos,

pelo contrário dinamismo prospectivo, que através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo. [...] Equilíbrio biológico, equilíbrio psíquico, e sociológico, tal é o campo em que à primeira vista se exerce a função de imaginação” (1979, p. 122-123 e p. 127).

¹⁴ O autor no seu livrinho dedicado à imaginação fala de três tipos de imaginação: a reprodutora, a transcendental e a suprassensível (1991, p. 10-26). Para um desenvolvimento desta questão, veja-se o capítulo de Wunenburger intitulado *La créativité imaginative, le paradigme autopoïétique* (E. Kant, G. Bachelard, H. Corbin), p. 153-182. Dizendo também na mesma obra o seguinte: “A imaginação revela-se, no final de contas, como uma faculdade complexa, ambivalente, mesmo contraditória nos seus efeitos como nos seus modos de funcionamento. Por um lado ela é capaz de elaborar redes simbólicas autônomas e coerentes, formando verdadeiramente ‘um mundo’, mas por outro pelo seu forte poder de impressão e de expansão, ela submete o sujeito a uma sucessão desconfortável de reações de adesão e de recusa. Além disso, a imaginação aparece simultaneamente como *ligada*, sujeita a núcleos simbólicos, a estruturas formais, a tropismos afetivos, e como livre, sendo arrastada e guiada por um Eu voluntário, um Cogito do onirismo. Esta equivocidade das suas propriedades dá finalmente conta da desconfiança que ela inspira e das virtudes ilusórias que ela pode ser ridícula” (1991, p. 86-87). Finalmente, podemos dizer que a concepção de imaginação que Jean-Jacques Wunenburger defende é a de tipo transcendental criativa e autopoética (2006, p. 153-182).



traços míticos, mitologemas e mesmo mitos diretores, a pergunta sobre o lugar da imaginação na educação torna-se não só pertinente como heurísticamente reveladora de um modo radical de perspectivar uma filosofia da educação assente noutros pressupostos diferentes daqueles de tipo cartesiano-positivista, enfim prometeicos. Conseqüentemente, identificamos esses pressupostos com um tipo de racionalidade mito-lógica, dialógica mesmo oximorônica, hermesiana (Gilbert Durand), ou de tipo fratriarcale andrógina (Andrés Ortiz-Osés).

2.2. A lição da imaginação no *Pinóquio às Avestas* de Rubem Alves

Em *Pinóquio às Avestas*, Rubem Alves fala de Felipe e da sua fascinação por pássaros ao ponto da sua alma estar cheia de pássaros. E à pergunta do pai o que é que ele queria ser quando fosse adulto, Felipe respondeu-lhe: “Acho que, quando eu crescer, quero cuidar de pássaros, como São Francisco” (ALVES, 2010, p. 24). Entretanto, Felipe com a sua entrada na escola foi-se paulatinamente apercebendo do seu funcionamento, da sua gramática, enfim de um *modus vivendi* formatado, tipificado, iconoclasta, positivista, unidimensional tão diferente daquele que era até então o seu, ou seja, uma existência lúdica, livre e despreocupada. Felipe através de um sonho, onde um corvo negro aparecia e os pássaros estavam presos em gaiolas separadas, sentiu profundamente aquilo que tinha sido até aí a sua experiência vivida na escola. No dia seguinte, o sonho foi-se progressivamente materializando e Felipe percebeu que na escola não havia lugar nem para se ser curioso, nem para se aprender aquilo que cada um dos meninos gostava, pois a “escola [respondeu-lhe a professora] não é para você aprender aquilo que quer. A escola é para você aprender aquilo que deve aprender” (ALVES, 2010, p. 30). Todavia, aquilo que realmente mais importava para Felipe era saber se havia um professor que soubesse o nome do pássaro azul. Mas acabou por constatar, que nenhum deles sabia de pássaros e dos seus nomes pela simples razão que só se limitavam a ensinar aquilo que estava no programa da sua disciplina, além de não apreciarem que lhes fizessem perguntas às quais eles não soubessem responder: na escola “os conhecimentos não valem por serem úteis. Valem porque vão cair na prova...” (2010, p. 36).

Felipe pensava em pássaros, e particularmente no pássaro azul, e não concentrava a sua atenção “nos pensamentos que devem ser pensados” e, conseqüentemente, não aprendia aquilo que estava no programa. Assim, foi-lhe diagnosticado pela psicóloga da escola um “distúrbio de atenção”, tendo de imediato sido repreendido pelos pais que lhe disseram: se você “continuar a pensar em passarinhos” “Não tirará diploma. Não será ninguém na vida!” (ALVES, 2010, p. 38). Seguidamente, Felipe sonhou novamente e convenceu-se que tinha que “olhar sempre na direção certa: olhar para o professor, olhar para os livros” (2010, p. 39), terminando o vestibular (o correspondente ao nosso 12º ano) como o melhor aluno. Paralelamente Felipe foi-se esquecendo do pássaro azul, talvez soterrado pelos muitos nomes que ele tinha aprendido ao longo do vestibular, e do “seu desejo de ser cuidador de pássaros” (ALVES, 2010, p. 40), pois aquilo que ele de mais importante aprendeu na escola é que era “preciso entrar no mercado de trabalho” (2010, p. 40-41). Felipe terminou a sua licenciatura, tornando-se um especialista em frangos de corte, um “frangologista” e um “especialista em linguíças”. No entanto, na véspera da sua formatura ele teve de novo um sonho onde via uma esteira a entrar num túnel escuro “e do



outro lado saíam as crianças, todas iguaizinhas, saídas da forma, formadas... E o Corvo Falante cantava: 'Formatura. Entram diferentes e saem iguais: profissionais. É assim que um pirralho entra no mercado de trabalho' (ALVES, 2010, p. 42).

Felipe fez um doutoramento numa universidade americana e ficou rico. Não obstante o seu sucesso profissional não se sentia, contudo, feliz e procurou um psicanalista porque sonhava recorrentemente com um pássaro azul que nunca conseguia recordar o seu nome e que "comia um mamão maduro no alto de um mamoeiro" (ALVES, 2010, p. 45). E ouvia no sonho a voz do pássaro azul: "Lembre-se do meu nome e você será feliz" (2010, p. 45). Felipe foi envelhecendo e passado muitos anos sonhou com uma Fada Azul, que ele tinha ouvido em criança seu pai contando-lhe a história do Pinóquio, que lhe tocou na cabeça com a sua varinha mágica e Felipe num passe de mágica "descobriu o nome do pássaro azul. E então voltou a ser o menino que um dia fora. Nesse momento, uma onda de felicidade encheu a sua alma..." (ALVES, 2010, p. 46).

2.3. *Pinóquio às Avestas* à luz da filosofia do imaginário educacional

A história narrada por Rubem Alves no seu livrinho que nós procuramos sintetizar no ponto anterior mostra de um modo bem expressivo que a imaginação, simbolizada na história pelo pássaro azul e pela descoberta do seu nome, não tem lugar na Escola. O currículo escolar além de não considerar de modo formativo a capacidade imaginativa do aluno, a sua criatividade e curiosidade, também manifesta a maior dificuldade em "rentabilizá-la" no ato da aprendizagem escolar. Correlativamente, ignora sistemática e ostensivamente que a imaginação seja uma "faculdade maior na medida em que ela assume e constrói a coerência do ser" (JEAN, 1991, p. 10) e, conseqüentemente, despreza as palavras de William Blake quando este diz: "A imaginação não é um estado, é a própria existência humana" (1804, p. 51).

A criança quando ingressa na Escola tem que deixar quer a sua curiosidade, quer a sua imaginação criativa¹⁵ à porta, ainda que o discurso escolar, em nome do chamado "politicamente

¹⁵ Importa aqui sublinhar que os produtos da imaginação infantil são naturalmente desiguais. A tese, muito influenciada por certas sensibilidades educacionais ligadas à Educação Nova, que todos esses produtos se equivalem e por isso mesmo devem ser integrados na e pela aprendizagem não colhe pela simples razão que a criança nem sempre imagina criativamente, ficando muitas vezes o seu "devaneio" imaginativo à porta das grandes imagens que povoam as ficções infantis. Também o "como se", por si só, não basta para que a imaginação infantil seja de imediato catalogada de criativa: "Durante muito tempo as atividades da imaginação somente suscitaram reações pedagógicas unilaterais e antagonistas: por um lado um racionalismo dogmático e integrista quis disciplinar a imaginação submetendo-a a prescrições miméticas [...]; por outro lado, uma ideologia espontaneísta e naturista, associada às ideias de J.-J. Rousseau, idealiza a imaginação, dotando-a de uma 'criatividade' ilimitada, ao ponto de esperar das suas expressões mais impulsivas criações das mais ricas e autênticas. Ora se a disciplina baseada sobre o primado dos sentidos e do conceito atrofia a imaginação, a transgressão das limitações corre o risco de só produzir imagens atrofiadas" (WUNENBURGER, 1991, p. 96-97). As conseqüências da primeira posição – reação pedagógica de tipo positivista e iconoclasta – conduz à hipotrofia das imagens, enquanto as conseqüências da segunda posição – reação pedagógica de tipo espontaneísta e naturista radicada na herança de Jean-Jacques Rousseau e seus sucessores e estamos a pensar nomeadamente em Alexander Neill – conduz antes à hipertrofia das imagens (WUNENBURGER, 1991, p. 82). Veja-se também a fina análise de Bruno Duborgel na sua obra *Imaginaire et Pédagogie. De l'iconoclasme scolaire à la culture des songes, II – "Homo Symbolicus" et éducation de l'imaginaire*, p. 400-421, especialmente a passagem da p. 413.



correto”, induza o sentimento contrário, a saber: que tanto a curiosidade como a faculdade da imaginação dos alunos é bem-vinda e apreciada, pois ambas contribuem de maneira estimulante para uma aprendizagem mais significativa. Deste modo, a Escola, como se viu no conto do *Pinóquio às Avestas*, procura antes formatar o aluno no quadro de um sistema previamente concebido e congelado no chamado “programa escolar” de dada disciplina. De tal modo, que um aluno entra criança na Escola, e, à medida que prossegue os seus estudos, vai-se paulatinamente transformando numa marionete manipulada a partir do exterior e de acordo com as regras rígidas, sufocantes da denominada “Escola-forma”. Por outras palavras, Felipe foi aprendendo que a Escola não é o lugar para a imaginação, para o sonho e para a criatividade, enfim, para o “devaneio poético”, para lembrarmos aqui Gaston Bachelard, é, antes um lugar onde a imaginação é sacrificada em nome da utilidade dos conhecimentos em ordem quer ao fato deles saírem nos exames (a velha questão da avaliação e do seu sentido) quer à sua mais-valia produtiva (a velha questão da profissão):

As escolas existem para transformar crianças que brincam em adultos que trabalham. É preciso entrar no mercado de trabalho... [...] É na escola que as crianças deixam de ser crianças que brincam para ser adultos que podem entrar para o mercado de trabalho. Cuidar de passarinhos não é uma atividade produtiva. Não se faz vestibular para ser cuidador de passarinhos... (ALVES, 2010, p. 18, p. 24).

Daí a importância do conto que visa precisamente chamar a atenção, sensibilizar os educadores que militem em favor de uma “educação romântica” (RUBEM ALVES, 2000) que é aquela que preserva e estimula o desenvolvimento da capacidade de sonhar, de criar, de transformar e de autorrealização do aluno seja ele criança ou jovem. Uma educação sensível ao destino do aluno, à sua história de vida. Enfim, uma educação que compreende a atenção do coração, ou seja, dos desejos que o aluno vai experienciando e é mais receptiva a compreender que a atenção não pode estar sempre e invariavelmente onde o professor manda. Uma educação que se preocupa em deixar o outro cumprir-se de acordo com as palavras de Píndaro e de Goethe: “Torna-te aquilo que és!”, senão mesmo seguir o conselho de Plotino que, à semelhança do escultor que faz todo um trabalho para encontrar o belo rosto da estátua, nos diz que devemos também esculpir a nossa estátua interior até que em nós brilhe a “clareza divina da virtude”.

Por fim, uma educação que reflete as preocupações expressas por Philippe Meirieu que no seu *Frankenstein pedagogo* (1996), a propósito do mito da fabricação de um homem por outro homem, fala também de Pinóquio. As *Aventuras de Carlo Collodi* são para ele um pretexto de se interrogar sobre a concepção educacional enquanto projeto de fabricação/domínio/controlado do outro. Numa palavra, de uma educação que procura controlar de forma manipuladora, mesmo totalitária, o destino de todo aquele que entra no espaço escolar. Assim, a Escola e os atores mais representativos não encaram com bons olhos a impertinência e os desvios daqueles que os frequentam, quer eles tenham a forma de meninos (o Felipe do conto de Rubem Alves) ou de marionetes (o Pinóquio de Collodi). A grande interrogação de Meirieu sobre Pinóquio é se ao renunciar a “fazer o outro” se esta mesma atitude não implica necessariamente renunciar a educá-lo? Por outras palavras, se o próprio ato de educar não implica em si de algum modo que seja o ato de “fabricar” o Outro. É desejável, e o autor disso dá conta, que todo o pedagogo deva renunciar à tentação de sufocar o destino do seu educando, assim como deve renunciar ao



projeto, por mais tentador que o mesmo se afigure, de “fabricar o outro” negando-lhe a alteridade sempre desejável. Não sendo fácil a concretização de tal projeto, tal não invalida, contudo, que haja um balançar utópico no sentido apontado, desde que ele não se confunda com um dos “lugares comuns” educacionais da atual agenda pedagógica que faz da promoção da “autonomia” do educando a sua maior prioridade, senão mesmo a sua maior obsessão. Uma “autonomia” armadilhada, pois ela veicula na maioria das vezes, um propósito axiológico mais de controle, de utilidade, de eficácia do que realmente aquele espírito que anima Píndaro ou Plotino.

Pinóquio às Avestas procura encontrar uma via alternativa quer ao lema do “aprender para ganhar”, em que o indivíduo se despersonaliza para melhor se submeter, em nome da crença iluminista, devedora particularmente de Helvetius, que afirma que a educação tudo pode, quer ao lema de um iconoclasmo escolar (Bruno Duborgel). Uma via que aposte sobretudo, na linha da tradição remitologizadora romântica, na reabilitação do imaginário, do símbolo e do mito mediados necessariamente pelo cortejo das figuras que acompanham sempre o imaginário educacional, a saber: as metáforas, os símbolos, os mitemas, os mitologemas e os mitos e demais figuras da retórica sempre tão necessárias na mediação do imaginário educacional (DURAND, 1984, p. 482-491). Ainda que enfatizemos a necessidade de reabilitar a imaginação e o imaginário, tal não impede que, na perspectiva durandiana e bachelardiana, não se continue insistindo na necessidade de se articular ciência e consciência, imaginação e razão, logos e *pathos*. Por outras palavras, da importância de olharmos para a “história de vida” de Pinóquio como bom pretexto de resgatar para o espaço escolar a imaginação-criatividade e o tema da “inteligência emocional” como antídotos para eliminar a tentação educacional de fabricar, moldar, manipular um qualquer Pinóquio sempre passível de habitar o espaço escolar do nosso tempo (ARAÚJO, RIBEIRO, 2012).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Por uma Educação Romântica**. V. N. de Famalicão: Centro de Formação Camilo Castelo Branco, 2000.
- ALVES, Rubem; SOUSA, M. de. **Pinóquio às Avestas**. Campinas: Verus Editora/Mauricio de Sousa Editora, 2010.
- ARAÚJO, Alberto F.; ARAÚJO, Joaquim M. de. **Imaginário Educacional: figuras e formas**. Niterói: Intertexto, 2009.
- ARAÚJO, Alberto F.; ARAÚJO, Joaquim M. de; RIBEIRO, José A. **As Lições de Pinóquio. Estou farto de ser sempre um boneco!**. Curitiba: Edições CRV, 2012.
- ARAÚJO, Alberto F.; RIBEIRO, José A. Educação e formação do humano: Bildung e romance de formação. In: SEVERINO, A. J. et al. (Orgs.). **Perspectivas da Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 72-98.
- BACHELARD, Gaston. **L’Air et les Songes. Essai sur l’imagination du mouvement**. Paris: Le Livre de Poche/Librairie José Corti, 2004.
- _____. **L’Eau et les Rêves. Essai sur l’imagination de la matière**. Paris: Le Livre de Poche/Librairie José Corti, 1993.
- BERNARD, Michel. **Critique des Fondements de l’Éducation**. Généalogie du pouvoir et/ou de



l'impouvoir d'un discours. Paris: Chiron, 1988.

BLAKE, William. Milton. A Poem in 2 Books. In: MACLAGEN, E. R. D.; RUSSELL, A. G. B. (Edited by) (1907). **The Prophetic Books of William Blake. Milton**. London: A. H. Bullen, 1804.

BLENKINSOP, Sean (Ed.). **The imagination in education: Extending the boundaries in theory and practice**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **La reproduction**. Éléments pour une théorie du système d'enseignement. Paris: Minuit, 1970.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASTRO, Maria G. A. **Imaginação em Paul Ricoeur**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

COLLODI, Carlo. **As Aventuras de Pinóquio**. História de um Boneco. Tradução de Margarida Periquito. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2004.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. Tradução de Dora Vicente. 15ª ed. Mem-Martins: Europa América, Georgina Segurado, 1995.

DEWEY, John. **Democracy and education**. New York: Free Press, 1966.

DUBORGEL, Bruno. **Imaginaire et pédagogie**. De l'iconoclasme scolaire à la culture des songes. Toulouse: Privat, 1992.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Maria de Fátima Morna. Lisboa: Arcádia, 1979.

_____. **Introduction à la Mythologie**. Mythes et Sociétés. Paris: Le Livre de Poche/Albin Michel, 2000.

_____. **Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire**. Introduction à l'archétypologie générale. 10^e edit. Paris: Dunod, 1984.

EGAN, Kieran. **An imaginative approach to teaching**. San Francisco: Jossey-Bass, 2005.

_____. **Imagination in teaching and learning: ages 8 to 15**. London: Routledge, 1992.

_____. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, C.; CABRAL, G. S. (Orgs.). **Infância: Imaginação e Educação em Debate**. Tradução de Maria Cristina Keller e Gladir da Silva Cabral. Campinas: Papyrus Editora, 2007. p. 11-37.

_____. **Teaching as story telling: an alternative approach to teaching and the curriculum**. London: Routledge, 1990.

EGAN, Kieran; NADANER Dan (Editors). **Imagination and education**. Milton Keys: Open University Press, 1988.

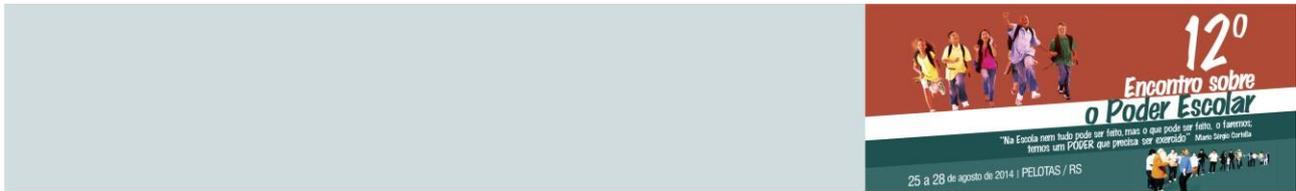
FETTES, Mark; NIELSEN, Thomas W.; HARALAMBOUS, Bronwen; FITZGERALD, Robert. Introduction. Imagination in Educational Theory and Practice: A Many-Sided Vision. In: NIELSEN, T. W.; FITZ, R.; FETTES, M. (Editor). **Imagination in Educational Theory and Practice: A Many-sided Vision**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 1-20.

FREIN, Mark. **Pedagogy of the imagination**. Doctoral dissertation. Vancouver: University of British Columbia, 1997.

GENNARI, Mario. **Filosofia della formazione dell'uomo**. Milano: Bompiani, 2005.



- _____. Formação. In: **Enciclopedia Filosófica**. Vol. V. Milano: Bompiani, 2006. p. 4413-4418.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Tradução de Mário Dias Correia. 9ª ed. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
- GOTTMAN, John; DECLAIRÉ, Joan. **A inteligência emocional na educação**. Tradução de António Reca de Sousa. Lisboa: Pergaminho, 1999.
- HAMELINE, Daniel. **L'Éducation, ses Images et son Propos**. Paris: ESF, 1986.
- HARDY, Barbara. **Tellers and listeners: the narrative imagination**. London: University of London, 1975.
- HOLTON, Gerald. **L'imagination scientifique**. Traduit de l'anglais par Jean-François ROBERTS et al., Paris: Gallimard, 1981.
- _____. **L'invention scientifique Thémata et Interprétation**. Traduit de l'anglais par Paul Scheurer. Paris: P.U.F., 1982.
- JEAN, Georges. **Pour une pédagogie de l'imaginaire**. Paris: Casterman, 1991.
- JOLIBERT, Bernard. **Raison et Éducation**. Paris: Éditions Klincksieck, 1987.
- KIRKPATRICK, Edwin A. **Imagination and its place in education**. New York: Basic Books, 1957.
- LIMA, Licínio. **Aprender para Ganhar, Conhecer para Competir sobre a subordinação da educação na "sociedade aprendizagem"**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- MCEWAN, Hunter; EGAN, Kieran (Editors). **Narrative in teaching, learning and research**. New York: Teachers College Press, 1995.
- MEIRIEU, Philippe. **Frankenstein pedagogo**. Paris: ESF, 1996.
- MOCK, Ruth. **Education and the Imagination**. London: Chatto & Windus, 1970.
- MORIN, Edgar. **Repensar a Reforma. Reformar o Pensamento. A Cabeça Bem Feita**. Tradução de Ana Paula de Viveiros. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- PASSMORE, John. **The philosophy of teaching**. London: Duckworth, especialmente o capítulo oito intitulado Cultivating Imagination, 1980. p. 145-165.
- REBOUL, Olivier. **Les valeurs de l'éducation**. Paris: PUF, 1992.
- SUTTON-SMITH, Brian. In search of the imagination. In: EGAN, K.; NADANER, D. (Editors). **Imagination and education**. Milton Keynes: Open University Press, 1988. p. 3-29.
- WARNOCK, Mary. **Imagination**. London: Faber and Faber, 1976.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Gaston Bachelard. Poétique des Images**. Paris: Mimesis, 2012.
- _____. **L'Imagination Mode d'Emploi? Une Science de l'Imaginaire au Service de la Créativité**. Paris: Éditions Manucius, 2011.
- _____. **L'Imagination**. Paris: PUF, 1991.
- _____. La «Bildung» ou l'imagination dans l'éducation. In: BOUVERESSE, R. (Textes réunis et publiés par). **Education et philosophie**. Écrits en l'honneur d'Olivier Reboul. Paris: PUF, 1993. p. 59-69.
- _____. La créativité imaginative, le paradigme autopoïétique (E. Kant, G. Bachelard, H. Corbin). In: FLEURY, C. **Imagination, imaginaire, imaginal**. Paris: PUF, 2006. p. 153-18.



ALBERTO FILIPE RIBEIRO DE ABREU ARAÚJO

Professor Catedrático

Universidade do Minho – Instituto de Educação / Braga - Portugal

Área em que atua: Ciências da Educação: filosofia do imaginário educacional; filosofia da educação; história das ideias educativas.

E-mail: afaraujo@ie.uminho.pt



VIOÊNCIA NA ESCOLA: ANOTAÇÕES SOBRE BULLYING E INVISIBILIDADE

Marcos Rolim

Resumo: O artigo procura destacar a importância dos fenômenos designados na literatura especializada como “bullying”, uma expressão ainda pouco conhecida no Brasil que dá conta de um tipo de violência cuja particularidade é a de ser oferecida entre pares, notadamente nas escolas entre crianças e adolescentes. O “bullying” tem sido negligenciado no Brasil e o sofrimento por ele produzido permanece invisível às instituições que poderiam desenvolver políticas de prevenção à violência. Tal lacuna, além de associar as escolas à produção do sofrimento, impede que um dos agenciamentos do crime e da violência entre os adultos possa ser enfrentado e superado.

Palavras-chave: “Bullying”, violência, invisibilidade, estigma, prevenção.

INTRODUÇÃO

O tema da violência na escola vem penetrando a agenda pública através do processo impressionante de “alarme social” quanto ao avanço da criminalidade no Brasil. Estamos diante de uma “moldura” onde as decisões e as iniciativas tomadas pelas escolas tendem a se erguer sob a égide do medo. As soluções de natureza repressiva são, em regra, aquelas que se oferecem mais naturalmente às direções e às Secretarias de Educação. Articuladas ao nível do senso comum e reproduzindo uma visão simplificadora a respeito da natureza e das dimensões do problema, tais iniciativas tendem a reproduzir dentro da escola medidas tipicamente policiais que são, no todo, absolutamente ineficazes e, quase sempre, promotoras de tensionamentos desnecessários que tendem mesmo a agravar os problemas identificados.

De outra parte, o pensamento mais progressista e as intenções reformadoras oferecidas por várias das vertentes pedagógicas ditas “libertárias” compartilham com as primeiras abordagens o mesmo desconhecimento do acúmulo produzido pelas ciências sociais quanto à violência e o comportamento disruptivo ou delituoso dos adolescentes. Não parecem, também, dispostas a pesquisar tais fenômenos e tendem a se portar frente ao tema a partir de sua redução a macro-causalidades ou, mesmo, a partir da sua negação pura e simples. De uma forma ou de outra, a violência estaria distante de qualquer intervenção ao alcance da escola. O resultado oferecido por esta conduta denuncia um silêncio que já é ensurdecedor e se traduz, via de regra, em perplexidade e imobilismo.

O que as pesquisas revelam, entretanto, é que a Escola pode fazer muito para prevenir as práticas violentas. Primeiramente, trata-se de afirmar a missão específica desta instituição, cuja razão de ser é definida pelo seu papel educativo. A Escola precisa ensinar, seus professores devem estar capacitados para tanto e, se não for para alcançar esse resultado, qualquer outro objetivo que se atribua à Escola será tão somente um obscuro gesto avulso. O fracasso escolar é, por isso mesmo, uma violência que se pratica contra os alunos; uma subtração arbitrária daquilo que o Estado lhes assegura como direito de aprender.

Mas a Escola precisa reconhecer que a eficiência de sua missão pedagógica estará ameaçada caso suas relações internas forem marcadas pela intolerância, pelas agressões, pela desordem ou pelo preconceito. Seu papel é ainda mais decisivo se as sociedades modernas são,



cada vez mais, atormentadas por estes mesmos fenômenos e se outras instituições, como a família, encontram-se fragilizadas ou são mesmo impotentes para preveni-los. Seguramente, será preciso que a Escola possa exercer uma determinada “função paterna” e que a interdição que ofereça esteja claramente exposta por regras e normas que promovam o respeito, a solidariedade e a paz.

Este texto trata de um destes temas urgentes que exigem da escola uma política determinada: o “bullying”.

O fenômeno designado pela expressão inglesa¹⁶ ainda não foi incorporado à literatura especializada no Brasil e segue sendo, para a maioria dos educadores, algo desconhecido. Com a expressão, o que se procura identificar são as práticas violentas revestidas pela natureza específica de ocorrerem entre pares, ou seja: entre pessoas cujas interações se dão fora de âmbito hierárquico. “Bullying” seria, assim, uma forma de violência interpessoal, onde se verifica a imposição deliberada e sistemática de sofrimento físico ou psicológico, produzida entre pares.

Ao lado do desconhecimento sobre o tema, pode-se afirmar que os fenômenos designados pela expressão “bullying” têm sido, também, menosprezados por alguns pesquisadores, tendência que se faz acompanhar por uma desatenção frente ao que há de específico no próprio conceito.

Para Pepler e Craig (1997), “bullying” é o comportamento hostil repetido, deliberado, consciente e desejado, cujo objetivo é ferir o outro. Tal comportamento toma várias formas tais como: violência física e agressões, ameaças verbais, intimidação, oferta de apelidos e humilhações, extorsão e/ou roubo de objetos pessoais ou de dinheiro, além de formas de exclusão. Os autores consideram que o “bullying” é a conquista de poder via agressão, cujas formas variam de acordo com a idade.

Já para Coloroso (2003), “bullying” não é um conceito que trate de um conflito a ser resolvido, mas diz respeito ao desprezo pelo outro, um sentimento poderoso de desconsideração frente a alguém que é visto como inferior, de menor valor, ou não merecedor de respeito. Tal desprezo surgiria com três aparentes vantagens psicológicas que permitem às crianças ferir outras, sem sentimentos de empatia, compaixão ou vergonha: um senso de titulação, pelo qual alguém imagina possuir o direito de ferir ou controlar os demais, uma intolerância frente à diferença e a liberdade de excluir, isolar e segregar uma ou mais pessoas.

Bill Belsey, presidente da ONG *Bullying.org Canadá*, uma das mais respeitadas na área em todo o mundo, cunhou a expressão “cyberbullying” para designar o uso das modernas tecnologias de informação (Internet, telefonia celular, etc.) para apoiar comportamentos hostis, deliberados e repetidos, de um indivíduo ou de um grupo, que intentam ferir pessoas. Com a expressão, tem chamado a atenção para uma forma de “bullying” que, ao contrário das demais, ocorre, via de regra, distante da possibilidade de intervenção dos adultos que, muitas vezes, sequer conhecem os recursos tecnológicos usados com desenvoltura por seus filhos. O *Cyberbullying* dá conta de uma forma especialmente acovardada de impor sofrimento, visto que os autores das agressões freqüentemente escondem sua identidade, enquanto que o alcance da

¹⁶ A expressão “bullying” não possui um termo equivalente em português. Ela é originária da palavra inglesa “bully”, que significa “valentão”, “brigão”. Na literatura especializada, “bullying” tem sido utilizado mais comumente para designar as condutas agressivas e desrespeitadoras praticadas por crianças e jovens contra seus pares, especialmente nas escolas.



agressão é ilimitado pelo próprio meio empregado.

De acordo com a *American Medical Association*, há um consenso crescente em torno da definição de “bullying” como um fenômeno específico que possui três componentes básicos: a) um comportamento agressivo, ou intencionalmente voltado à imposição de sofrimento por uma pessoa ou grupo; b) um comportamento oferecido de forma repetida e insistente contra as vítimas e c) um comportamento com o qual se agride pessoas que possuem menos poder entre os pares. Segundo a mesma associação, tais comportamentos podem ser identificados em várias dimensões, desde a verbal, como em ameaças e insultos, na dimensão psicológica, como na divulgação de calúnias ou fatos que produzam vergonha ou humilhação e na dimensão física, como na violência produzida por chutes, socos, tapas, etc.¹⁷

Na mesma linha, Costantini (2004) define “bullying” como a emergência de práticas violentas ou agressivas, tanto físicas, quanto psicológicas entre crianças, adolescentes e jovens adultos que compartilham espaços de convivência.

Estudo da ABRAPIA¹⁸ oferece a seguinte definição:

O termo ‘bullying’ compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima. Por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as situações de BULLYING possíveis, o quadro, a seguir, relaciona algumas ações que podem estar presentes: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences. O ‘bullying’ é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de ‘bullying’ entre seus alunos, ou desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo.

Partindo do correto conceito sobre “bullying”, então, não haverá qualquer “esvaziamento” do debate sobre violência nas escolas, mas, pelo contrário, um enriquecimento produzido pela consciência de que as formas mais comuns de violência nestes espaços são aquelas praticadas entre pares e que posturas aparentemente inofensivas, como a oferta de apelidos, por exemplo, podem ser humilhantes e agregar extraordinário sofrimento psíquico. Já o uso indiscriminado da expressão “violência” para o trato dos fenômenos da produção de sofrimento nas escolas, por seu turno, parece oferecer o risco de uma visão menor sobre o problema e suas dimensões, permitindo mais facilmente que o foco das atenções seja oferecido pelos casos mais graves de violência física, porte de armas ou outras figuras tipificadas pela legislação penal como roubo, posse de drogas ou dano ao patrimônio.

¹⁷ Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Simons-Morton, B., e Scheidt, P. Bullying behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. *Journal of the American Medical Association*, 285(16), 2094-2100, 2001. Conferir, também: Olweus, D., e Limber, S. Bullying prevention program. In: D. S. Elliott (Series Ed.). *Blueprints for violence prevention: Book nine*. Boulder, CO: Center for the Study and Prevention of Violence, 1999.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm#inicio>>



As pesquisas sobre “bullying” têm demonstrado uma significativa e surpreendente incidência do fenômeno. Os países escandinavos foram os primeiros a desenvolver abordagens específicas *anti-bullying* nas escolas, sendo a experiência norueguesa a mais importante por ter alcançado uma abordagem preventiva em todas as escolas do país e reduzido os casos de “bullying” em 50%. Programas do tipo estão atualmente disseminados em quase todas as nações mais desenvolvidas.

No começo, o problema despertou a atenção das autoridades pela correlação entre “bullying” e casos de suicídios de crianças e adolescentes. Nos Estados Unidos, a tragédia de Columbine, em 1999, quando dois adolescentes, vítimas de “bullying” entraram na escola que freqüentavam e mataram a tiros 14 colegas e um professor, foi o elemento mais importante para destacar o tema como um problema novo e merecedor de atenção. Tragédias do tipo, assinale-se, não são fenômenos isolados. Mesmo no Brasil já há registros de fatos semelhantes, embora de menores repercussões. Em janeiro de 2003, por exemplo, o jovem Edimar Aparecido Freitas, de 18 anos, invadiu a escola onde havia estudado, no município de Taiúva, em São Paulo, com um revólver na mão. Ele feriu gravemente cinco alunos e, em seguida, matou-se. Obeso na infância e adolescência, ele era motivo de piada entre os colegas.

A preocupação com o “bullying” tem se justificado, no mais, como parte de estratégias eficazes de prevenção ao crime e à violência entre adultos. Nos EUA, sabe-se que cerca de 60% dos garotos que os pesquisadores classificam como “bullies”, entre a sexta e a nona séries, são condenados por pelo menos um crime até a idade de 24 anos. Mais dramático, ainda, sabe-se que 40 % deles terão 3 ou mais condenações quando alcançarem esta idade (FOX et al., 2003).

Phillips (2003, p. 711) cita um dos maiores estudos sobre o tema no Reino Unido, com 6.758 alunos em Sheffield, onde encontrou que mais de ¼ deles haviam sofrido algum tipo de “bullying” durante o trimestre em curso¹⁹. Da mesma forma, pesquisa com 2.377 estudantes de escolas primárias em Hertfordshire e ao norte de Londres mostrou uma taxa de vitimização de cerca de 30% para alunos que relataram 4 casos de “bullying” ou mais nos últimos 6 meses²⁰. O estudo de Sheffield mostrou que a vitimização repetida (pelo menos uma vez por semana) atinge cerca de 10% dos alunos nas primeiras séries e cai para 5% nas escolas secundárias. Normalmente, os meninos são mais freqüentemente vítimas nos casos de agressão enquanto as meninas são mais vitimizadas pelo isolamento e rejeição.

Para Gottfredson (1997), os programas de prevenção baseados na escola incluem intervenções destinadas a prevenir um conjunto de problemas de comportamento incluindo casos de furto, violência, agressões, uso de álcool e de outras drogas, comportamento anti-social, desafio à autoridade e desrespeito aos demais. Estas formas de comportamento estão correlacionadas e são produzidas por causas comuns. Fenômenos como a evasão escolar e a baixa freqüência dos alunos favorecem o desenvolvimento desses comportamentos e devem, portanto, ser enfrentados com prioridade. Muitos dos pesquisadores e profissionais da área têm assumido claramente o vínculo existente entre a redução dos problemas de comportamento na escola e a redução dos indicadores futuros de criminalidade, o que tem sublinhado a importância da escola

¹⁹ WHITNEY, I.; SMITH, P. K. A Survey of the Nature and Extent of Bullying in Junior/Middle and Secondary Schools. **Educational Research**, 35/1, p. 3-25, 1993.

²⁰ WOLKE, D.; WOODS, S.; STANFORD, K.; SCHULZ, H. Bullying and Victimization of Primary School Children in England and Germany. Prevalence and School Factors. **British Journal of Psychology**, 92/4, p. 673-96, 2001.



na prevenção. Infelizmente, as escolas que estão localizadas em regiões mais pobres e que são afetadas pelos mais sérios problemas de comportamento, evasão e baixa frequência são, em regra, aquelas que menos dispõem de recursos humanos e financeiros para desenvolver abordagens preventivas.

Desde as abordagens psicológicas, temos que o “bullying” costuma traduzir inclinações perversas que, a rigor, poderiam afetar qualquer pessoa não sendo, pois, caracterizadas como perturbações psiquiátricas, mas mais propriamente algo como “déficits” pelos quais os afetados manifestariam uma forma de racionalidade fria, relativamente incapaz de considerar o outro em sua humanidade (VIGNOLES, 1991, p. 13). Profissionais da área, como Hirigoyen (2000), sustentam que o perverso tem consciência do mal praticado, o que estabeleceria uma importante diferença com o psicótico. Não há na perversão um desligamento do mundo, ou uma determinada rejeição à realidade – como nos sintomas delirantes, por exemplo, mas, pelo contrário, um “apego” em demasia ao mundo exterior e um afastamento da norma, caminho que viabiliza a pretensão de se impor o desejo narcísico aos demais. Pode-se lembrar, neste ponto, outros fenômenos como o assédio moral; com a diferença de que o assédio ocorre entre desiguais – situados hierarquicamente em posições de poder distinto – enquanto o “bullying” expressa um tipo de intimidação e violência entre pares.

1. A VIOLÊNCIA COMO POSSIBILIDADE TRÁGICA

Como se sabe, não há consenso nas ciências sociais ou na filosofia em torno da definição de “violência”. Mesmo quando lidamos com essa expressão da forma como ela é empregada coloquialmente, apenas aparentemente falamos sempre a mesma coisa. Aquilo que para alguns caracteriza algo violento e, portanto, negativo é apreendido, por outros, como corriqueiro ou como expressão legítima de uma diferença. Por conta disso, ao falarmos “violência” não podemos recuar diante da necessidade de uma definição – ainda que muito provisória. Isso permitirá, pelo menos, que os interlocutores reconheçam o sentido com o qual empregamos o termo.

Primeiramente, sustento que devemos buscar uma definição que contorne o “paradigma da exterioridade” a partir do qual o próprio fenômeno costuma ser concebido ao nível do senso comum. Por este caminho, a violência seria sempre algo que nos ameaça desde fora, dizendo respeito aos riscos que corremos no contato com os demais. Pelo contrário, nosso caminho para pensar o conceito deve assimilar a noção de que a violência é uma possibilidade trágica que constitui a agência humana; algo, portanto, que se encontra para além das influências culturais – notadamente entre os homens – e diante do que podemos, quando muito, oferecer nossa resistência pelo processo civilizatório. Feita esta breve advertência, imagino que possamos tratar a violência como o equivalente à prática que subtrai direitos de forma arbitrária. Penso, então, que a definição de “violência” deva estar conectada à idéia que fazemos de “direito”. O ordenamento jurídico moderno prevê um conjunto de possibilidades – notadamente no direito penal – de suspensão consensuada de direitos; vale dizer: suspensão autorizada por lei. Há, entretanto, muitas formas de se negar arbitrariamente determinados direitos. Sempre que estivermos diante de uma dessas práticas, deveríamos reconhecer, então, uma conduta violenta.



Essa definição possui a vantagem de oferecer um critério tão objetivo quanto possível para que a violência seja circunscrita conceitualmente. O risco de não lidarmos com uma definição mais precisa – qualquer que seja ela – é o de dissolvermos o fenômeno em um conjunto tão vasto de possibilidades que, a rigor, o conceito deixaria de denotar algo. Um caminho onde a violência pudesse ser tudo, afinal, só significaria que o fenômeno poderia ser qualquer coisa. Como resultado, teríamos a dissolução do próprio objeto que se pretendia apreender com o conceito.

Pessoas no pleno exercício dos seus direitos possuem algum tipo de poder. Têm a chance, inclusive, de disputar o poder político ou de imprimir alguma marca nele; vale dizer: podem influenciá-lo. A definição sobre violência que proponho relaciona-se, desta forma, com o percurso desenvolvido por Arendt (1994), para quem a violência não era apenas diversa do poder, mas seu oposto. A estimulante reflexão da filósofa sustenta, a propósito, que as sociedades modernas tornaram-se realidades do domínio impessoal, sociedades burocráticas onde todas as pessoas estão, em essência, privadas da liberdade política, do poder de agir. O domínio impessoal como domínio de Ninguém, não é o mesmo que um não-domínio e “onde todos são igualmente impotentes, temos uma tirania sem tirano” (ARENDR, 1994, p. 59). Neste sentido e usando as suas palavras, a violência pode ser compreendida como “a impotência tornada ativa”. Uma visão que permitiu a Soares (2004, p. 141) assinalar, no exame hipotético da cena original onde um menino marginalizado pratica seu primeiro assalto à mão armada, que “quando nos ameaça na esquina pela primeira vez, o menino não aponta para nós sua arma do alto de sua arrogância onipotente e cruel, mas do fundo de sua impotência mais desesperada”.

Para que possamos deter a violência e preveni-la, devemos, então, assegurar direitos ou, o que é outra forma de afirmá-lo, “empoderar” as pessoas de tal forma que elas tenham a chance de alcançar objetivos ou de lutar por eles agindo em combinação com as demais.

Seja como for, e mesmo após assumir que a violência surge não do Poder, mas da impotência, seria preciso reconhecer que por sobre esta base opaca operam muitos “agenciamentos”; vale dizer: causas imediatas que facilitam e preparam as ocorrências violentas, tanto quanto as ocorrências criminosas. Os seres humanos – que carregam consigo a violência como uma possibilidade trágica - estarão mais predispostos a ela diante de determinadas circunstâncias e a depender dos seus valores morais. Esses valores definem, em grande medida, os compromissos efetivos – e não apenas discursivos - que possuíamos sobre os direitos dos demais.

Quando tratamos da violência, então, e quando queremos nos antecipar a ela precisamos identificar, preliminarmente, esses agenciamentos. Por tudo o que já se acumulou de conhecimento na moderna criminologia, as práticas de “bullying” conformam um destes “agenciamentos”.

2. IDENTIDADE DETERIORADA E INVISIBILIDADE

A dinâmica de “bullying” lida quase sempre com algum tipo de estigmatização. Associado a ela, então, encontraremos o desenrolar de um tipo de relacionamento social que, para Goffman (1988), revela, mais que casos isolados de imposição de sofrimento, algo de essencial a respeito do funcionamento da vida social. Em suas palavras: “a dinâmica da diferença vergonhosa é considerada uma característica geral da vida social” (Idem, p. 131). Nesta reflexão



“estigmatizados e normais não são pessoas, mas perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que atuam sobre o encontro” (Ibidem, p. 149).

Para uma perspectiva goffmaniana, as relações entre estigmatizados e “normais”, produzem uma cena onde dois papéis são representados. As características estigmatizadoras não determinam a natureza dos dois papéis, mas sim a frequência com que aquele que as possui irá desempenhar o papel de estigmatizado. Muito frequentemente, alguém estigmatizado em um contexto, irá exibir todo o comportamento estigmatizador contra outra pessoa, por outra razão, em outro contexto. Determinadas características que constituem um estigma em um contexto social, podem constituir signos de distinção em outro ²¹. As sociedades estabelecem naturalmente meios pelos quais as pessoas são “categorizadas”. Tais categorias oferecem aos demais a “identidade social” das pessoas. Quando nos encontramos nos espaços públicos procuramos nos orientar diante dos demais e, mesmo que não tenhamos a menor consciência disso, lançamos sobre os outros as expectativas normativas que correspondem às categorias sociais das quais partimos. Atribuímos aos outros, então, uma “identidade social virtual”. A “identidade social real” será aquela que o outro prova possuir. Quando estamos diante de um estranho e notamos que ele não possui uma ou mais das características que imaginávamos que ele deveria possuir; ou seja: quando ele se afasta do estereótipo com o qual lidamos e nos oferece uma distinção ou um atributo tido como mau, ou indesejável, ou condenável, o reduzimos à condição de uma pessoa “estragada” e “diminuída”. Isto é o **estigma** (palavra grega que designava um tipo de marca física imposta aos escravos, aos criminosos e aos traidores).

Aquele que porta o estigma será uma pessoa desacreditada quando os demais tiverem notícia de seu atributo estigmatizante – seja porque ele é por demais visível, como uma característica física, por exemplo, seja porque seu atributo tornou-se conhecido. Mas aquele que porta o estigma do qual os demais ainda não tem conhecimento será uma pessoa desacreditável. Esta distinção é importante para se entender o papel do encobrimento.

Goffman entende que há, basicamente, três tipos de estigma: a) as abominações do corpo – defeitos físicos, deficiências, feiúras, incapacidades, sintomas, doenças, etc.; b) as culpas de caráter individual – atos moralmente condenáveis praticados, preferências não aceitas, condutas vergonhosas, etc. e c) os estigmas tribais – de raça, nação, religião, etc.

Nas relações que se estabelecem entre os “normais” e os estigmatizados, encontraremos sempre as mesmas características sociológicas: por conta do atributo que conduz ao estigma, será destruída a possibilidade dos demais perceberem outros atributos no estigmatizado. Uma garota que só tinha uma perna relata o que sentia quando, andando de patins, caía: “Tinha sempre uma multidão de pessoas para me acudir, mas não porque alguma coisa banal como cair andando de patins tivesse ocorrido, mas porque ‘aquela pobre menina aleijada havia caído’” (Ibidem, p. 25).

A lembrança da reflexão de Goffman sobre o estigma nos permite sublinhar que quando lidamos com “bullying” estamos também tratando de práticas violentas que surgem na

²¹ Assim, por exemplo, quando se começou a punir adolescentes em conflito com a lei nos EUA, com o uso de tornozeleiras eletrônicas – com as quais os implicados eram monitorados à distância no cumprimento de medidas de semi-liberdade, muitos dos garotos passaram a deixar de encobrir os artefatos. A exibição das tornozeleiras no contexto de suas interações com seus pares havia se transformado em símbolo de prestígio.



interação social sem que, normalmente, se perceba, de fato, a dimensão de sofrimento experimentada pelas vítimas. Nos espaços escolares, especialmente, as práticas de “bullying” costumam ser invisíveis para as instituições. Isto significa afirmar que os adultos não percebem o processo de vitimização inscrito em uma espécie de rotina a vincular autores e vítimas. Quando uma circunstância que envolve a prática de “bullying” é identificada, a tendência mais comum é a de interpretar os fatos como uma ocorrência avulsa, desvinculada de qualquer dinâmica institucional, a ser tratada, portanto, como um tema que diz respeito apenas aos indivíduos implicados. Tal característica torna a situação vivida pelas vítimas, notadamente quando crianças ou adolescentes, muito mais grave, porque elas intuem que o que está acontecendo com elas só ocorre na exata medida da desatenção dos adultos. Imaginam, também, que não receberão a atenção devida caso se queixem a alguém na escola e que uma iniciativa do tipo poderia, mesmo, chegar ao conhecimento dos agressores o que tornaria o “bullying” ainda mais grave.

Por conta de seus valores culturais e de uma insensibilidade compartilhada institucionalmente, professores e membros das direções das escolas tem como “inofensivas” muitas das brincadeiras organizadas pelos alunos, entre elas a de atribuir aos outros apelidos estigmatizantes. Os apelidos, como se sabe, procuram estabelecer uma nova identidade às pessoas, destacando alguma característica tomada como particularmente significativa. Muito raramente, entretanto, tal escolha seleciona alguma virtude. Como regra, apelidos destacam o que se imagina ser uma deficiência, ou uma diferença tomada como desvantajosa, ou desonrosa, ou, simplesmente, feia. Quase sempre, há algo que se projeta como ridículo ou humilhante na identidade atribuída ao apelidado. Assim, se faz “graça” ao se promover um rótulo pelo qual se deprecia o outro.

Tal dinâmica revela as diferenças de poder nas relações construídas entre os alunos, posto que os mais fortes ou “populares” dificilmente irão permitir que alguém lhes impinja uma identidade indesejada. Já os que desfrutam de menos poder pouco podem fazer para resistir à nova denominação, ainda que ela lhes pareça intolerável. Com relação a estes, precisamente, os apelidos se perpetuam, produzindo sintomas os mais variados que vão da baixa auto-estima à ansiedade e à depressão. Tais sentimentos terminam por ser bastante funcionais ao mau desempenho escolar, à baixa frequência e à evasão e, nos casos mais graves, podem conduzir as vítimas ao suicídio.

O “bullying” pode se afirmar, também, de forma silenciosa e muito mais sutil. Quando grupos de crianças ou adolescentes se unem, formando pequenas tribos ou sólidas relações de amizade, é comum que definam, também, critérios de exclusão. Quando todos os grupos formados, entretanto, não incorporam os mesmos colegas, temos um tipo de condenação ao isolamento que pode ser particularmente dolorosa. Racismo e homofobia oferecem duas grandes vertentes deste tipo de exclusão. O mesmo se pode dizer dos preconceitos de natureza sócio-econômica que costumam isolar os mais pobres de todos os grupos como se estes integrassem uma casta de “intocáveis”, como na Índia.

Este tipo de isolamento, quase sempre acompanhado por epítetos depreciativos lançados contra os excluídos, produz vergonha nas vítimas e lhes faz crer, muito frequentemente, que “há algo errado com elas”, e não com seus agressores. Meninas negras que são marginalizadas na escola pelas colegas brancas podem experimentar o desejo de serem brancas e terão muita dificuldade de perceber suas próprias tradições culturais como merecedoras de



respeito e valorização. Da mesma forma, meninos cujo comportamento ou preferências divergem do padrão de “virilidade” predominante – o que pode significar, tão-somente, não gostar de jogar futebol, ou não partilhar dos rituais de agressividade que atraem a maioria de seus colegas, poderão ser estigmatizados como “gays”. O mesmo tenderá a ocorrer com as meninas que não representem a encarnação dos estereótipos correntes de “feminilidade”.

Crianças e adolescentes vitimados pelo “bullying” tendem a se retrair, procurando evitar, tanto quanto possível, o contato com os demais. Assim, a dinâmica da exclusão se reforça como em uma espiral de isolamento. Por este mesmo tipo de reação, não é comum que as vítimas peçam ajuda aos adultos, ou mesmo que se sintam à vontade para tocar no assunto. Carolina Lisboa, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Centro Universitário Feevale (RS) assinala que: “Quem mais sofre é quem menos fala. Esses passam despercebidos pelo professor.”²² Boa parte dessas vítimas perderam a esperança de serem aceitas pelo grupo e alguns podem mesmo imaginar que são “merecedoras” deste tipo de tratamento agressivo e desrespeitoso.

Simmons (2004) destaca que há muitas diferenças entre o “bullying” praticado por meninos e o mesmo tipo de problema envolvendo meninas. O “bullying” feminino normalmente não deixa rastros, sinais de destruição ou vandalismo. Trata-se de um processo mais sutil e indireto, normalmente não-físico e revestido de sinais dissimuladores. Segundo as pesquisas feitas por esta autora, as meninas na escola praticam o “bullying” preferencialmente com o recurso à maledicência ou à intriga. A exclusão silenciosa e a prática de apelidar as vítimas também são comuns. Nestes casos, o sofrimento imposto é mais freqüentemente de natureza psicológica. Por isso mesmo, o “bullying” feminino é ainda menos perceptível. Apenas em circunstâncias excepcionais, as garotas estarão envolvidas em brigas ruidosas. O mais comum é que elas atinjam suas vítimas espalhando boatos, passando bilhetinhos, conspirando, jogando as colegas umas contra as outras. Práticas que, assinala-se, podem ser tão destrutivas quanto as formas mais explícitas de agressão física, ou até mais, pois a auto-estima da vítima é aniquilada sem que o problema seja discutido na escola, em casa, nos meios de comunicação ou no universo acadêmico. A autora, que foi ela mesma vítima do “bullying”, afirmou:

Havia na escola uma garota chamada Abby. Ela costumava fazer com que outras garotas - a maior parte minhas amigas - fugissem de mim. Quando eu tentava me aproximar delas para brincar, Abby fazia com que todas saíssem de onde eu estava. E eu corria atrás, sem entender. Ela nunca me disse o motivo. Aliás, esse é uma característica marcante de como as garotas, especificamente, machucam umas às outras. Elas geralmente não dizem por que fazem isso. Geralmente, quando você não sabe por que alguém está te machucando você imediatamente se culpa e se pergunta “o que eu fiz para merecer isso?”. Se ninguém te dá essa resposta fica impossível se defender ou corrigir o que está errado. Foi o que aconteceu comigo. Essa garota me machucou muito. Além de me isolar, começou a dizer mentiras sobre mim. Seu objetivo era fazer as pessoas não serem mais minhas amigas. Quando eu já estava sem amigos, isolada, eu mal podia acreditar quanto aquilo doía, o quanto era assustador.²³

²² Ver a matéria de Meire Cavalcante: “Como lidar com brincadeiras que machucam a alma”. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0178/aberto/bullying.shtml>>.

²³ Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0178/aberto/bullying_entrevista.shtml>.



3. A REALIDADE BRASILEIRA

No Brasil, alguns poucos estudos têm se debruçado sobre o problema. Trabalho de fôlego realizado pela UNESCO²⁴ trouxe dados inéditos sobre a gravidade e as dimensões da violência vivenciada em nossas escolas. Esse trabalho encontrou que cerca de 1/5 dos alunos e dos membros do corpo técnico-pedagógico, em média, relatou casos de agressões e espancamentos nas escolas. O percentual de relatos do tipo, entre os estudantes, variou de um mínimo de 11% a 13% (Rio de Janeiro, Maceió e Fortaleza) ao máximo de 23% e 25% (Porto Alegre e Florianópolis). Já entre os membros do corpo técnico-pedagógico, os percentuais mais elevados variaram entre 21% e 28% e agregam, além das capitais já mencionadas, Recife e Goiânia. Os percentuais encontrados para a ocorrência de ameaças foram, como se poderia esperar, ainda bem superiores (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 237). O roubo de objetos pessoais de alunos e professores aparece como uma ocorrência comum na pesquisa, variando desde 38% e 36% de respostas positivas entre os alunos de Porto Alegre e Distrito Federal, respectivamente, a 20% em Belém. Entre os professores, esses percentuais são mais elevados sendo os dois primeiros aqueles colhidos em Porto Alegre e Distrito Federal (62% e 58% de respostas positivas para ocorrência de roubos) e, o menor, o encontrado em Maceió (30%) (Idem, p. 275). Não deixa de ser impressionante a banalização destas ocorrências no espaço escolar o que autoriza a hipótese de que as agressões estariam, de alguma forma, encontrando um respaldo em valores violentos que as antecedem e as legitimam no interior de certos grupos. Uma possibilidade que se fortalece diante das respostas colhidas pela pesquisa da UNESCO junto aos alunos das capitais brasileiras. Quando, por exemplo, os alunos foram perguntados sobre qual a primeira atitude que tomam quando ocorre uma briga entre colegas, as respostas mais freqüentes apontaram para o incentivo à briga. Exceção feita às capitais dos estados de Pernambuco, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Alagoas, todas as demais apresentaram esta alternativa como a mais comum entre os alunos (Ibidem, p. 239).

Recente pesquisa do Centro de Estudos da Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da UFMG, em 50 escolas de segundo grau de Belo Horizonte – municipais, estaduais e privadas - procurou avaliar a percepção dos alunos quanto à violência e o crime dentro da escola, encontrando que: 27,8% dos alunos entrevistados relataram já terem visto, pelo menos uma vez, pessoas armadas dentro da escola. 67,5% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas quebrando janelas, fazendo arruaças e desordens dentro da escola. 9,6% dos alunos já viram ou ouviram falar de brigas envolvendo xingamentos e ofensas morais na escola. 36,2% dos alunos já viram ou ouviram falar de pessoas vendendo drogas na escola. 47% dos alunos já viram ou ouviram falar de outros alunos sendo assaltados dentro da escola. 59,4% dos alunos já viram ou ouviram falar de outros alunos sendo furtados dentro da escola. Quanto à própria vitimização dos alunos, a pesquisa encontrou que: 15,8% dos alunos relataram já terem sido roubados na escola pelo menos uma vez. 39,9% dos alunos relataram já terem sido furtados na escola pelo menos uma vez. 18,3% dos alunos relataram já terem sido agredidos fisicamente dentro da escola pelo menos uma vez. 10,4% dos alunos entrevistados já deixaram de ir à aula, ao menos uma vez, com medo de serem agredidos²⁵.

²⁴ Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, UNESCO, 2001.

²⁵ Observe-se, preliminarmente, que os percentuais de crimes colhidos por essa pesquisa são superiores aos recolhidos em pesquisa de vitimização na cidade, o que sugere que as escolas, em Belo Horizonte, seriam espaços



Pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA)²⁶, durante 6 meses, em 11 escolas do Rio de Janeiro – 9 municipais e 2 particulares – com um universo de 5.800 alunos entre 5º e 8º séries, encontrou que: 40% dos alunos estavam envolvidos em práticas de “bullying”, seja como vítimas, seja como agressores. 60% dos alunos afirmaram que o “bullying” ocorria, com mais frequência, dentro da sala de aula, o que assinala uma diferença importante com relação às pesquisas internacionais onde tais práticas ocorrem, com muito mais frequência, nos intervalos de recreio e na saída da escola.

Números divulgados ao início de agosto de 2004 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) demonstraram que a rejeição que alguns estudantes sofrem na sala de aula, por parte dos colegas ou dos professores, tem significativo impacto no desempenho escolar. A média de rendimento dos alunos que se sentem “deixados de lado” na turma fica abaixo da obtida por aqueles que não vivenciam a mesma situação. Os dados constam do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e revelam, pela primeira vez, a influência da rejeição e da amizade na sala de aula no desempenho do estudante. Na 4ª série, 13% dos alunos declaram se sentir “deixados de lado” na sua turma; outros 34% afirmam que essa situação ocorre de vez em quando; para 52% não há rejeição; e 1% não respondeu. Entre o conjunto de estudantes que dizem sempre se sentir “deixados de lado” na sala de aula, a média foi de 145,3 na prova de Língua Portuguesa do Saeb de 2003. Enquanto a pontuação dos que declararam nunca terem sido rejeitados na turma chegou a 178,5, ou seja, 33,2 pontos a mais. Em Matemática, a diferença é de 29,4 pontos (185,2 a 155,8).

4. ENFRENTANDO O BULLYING

Para que seja possível enfrentar e superar as práticas de “bullying” entre crianças e adolescentes é preciso que as escolas desenvolvam uma postura comprometida com valores humanistas, o que deve se traduzir, entre outros aspectos, no respeito diante das diferenças e na capacidade de contrastar - com o próprio exemplo - posturas discriminatórias e preconceituosas vigentes na sociedade. Uma tarefa que tende a ser muito difícil para a maioria dos professores brasileiros que, tanto quanto se sabe, também estão impregnados por uma significativa carga de preconceitos²⁷.

Para enfrentar o “bullying” nas escolas, Constantini (2004, p. 102) aponta a necessidade de observar os seguintes passos básicos: 1º) Fazer o fenômeno vir à tona; 2º) Sensibilizar a comunidade escolar para o “bullying”; 3º) Constituir uma comissão para implementar política *anti-bullying*; 4º) Realizar as intervenções preventivas e 5º) Ampliar a intervenção de campo.

menos seguros do que as ruas.

²⁶ Os resultados podem ser encontrados no livro de Aramis Lopes Neto e Lucia Helena Saavedra “Diga não ao Bullying – reeducação do comportamento agressivo entre estudantes”.

²⁷ Apenas para que se tenha uma idéia das dimensões do problema, segundo pesquisa realizada pela UNESCO em parceria com o Ministério da Educação (“Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam”), que ouviu 5 mil professores, sendo 82% da rede pública e 18% da rede privada, nos 26 estados e Distrito Federal, 59,7% dos professores brasileiros consideram “inadmissível” que uma pessoa possa ter experiências homossexuais, enquanto que 21% afirmam não desejar ter como vizinho uma pessoa homossexual.



Para que se tenha uma dimensão mais exata do problema e se saiba qual a sua real incidência na escola, deve-se trabalhar com pesquisa de campo, ouvindo o que os alunos têm a dizer sobre o tema. Tais pesquisas devem garantir total anonimato das respostas, de tal forma que não se criem constrangimentos extras às vítimas. Tal pesquisa permitirá um diagnóstico mais seguro e, por decorrência, tornará possível a elaboração de um plano eficaz de intervenção institucional. Na segunda fase, a de sensibilização, a direção da escola deve propiciar as condições ideais para que toda a comunidade escolar seja alertada para a gravidade da situação e para a necessidade de que providências *anti-bullying* sejam construídas coletivamente. A constituição de um grupo que irá coordenar o projeto na Escola, marca o início da elaboração da política de prevenção. Com base nos dados apurados na pesquisa e já com o acúmulo das discussões realizadas na comunidade escolar, o grupo já terá uma idéia mais clara das primeiras providências a tomar. Por fim, se começa a intervenção propriamente dita. Neste momento, será importante, por exemplo, a criação de um mecanismo seguro para que os alunos vitimados pelo “bullying” possam relatar o que estão sofrendo. Outros alunos que tenham testemunhado episódios do tipo também devem ser estimulados a relatar o que viram. Providências simples como caixas coletoras de denúncias na Escola podem auxiliar. Alunos mais velhos podem ser nomeados tutores de alunos novos, assumindo a responsabilidade de introduzir o novato na escola, esclarecer suas dúvidas e defender seus direitos. Grupos de voluntários devem ser formados para que, em revezamento, procurem as crianças e adolescentes que estão isolados na hora do recreio e o introduzam em grupos. Todos os espaços devem ser ativamente monitorados por adultos durante a entrada, a saída e o horário de recreio, de tal forma que os alunos mais frágeis se sintam seguros. Campanhas *anti-bullying* devem ter início na escola utilizando-se, por óbvio, de expressões de fácil entendimento por todos e com metas definidas a serem alcançadas. Após um período de aplicação do plano, nova pesquisa deve aferir os resultados já alcançados segundo a percepção da comunidade escolar, etc. Na última fase, a Escola deve liderar o envolvimento da sua comunidade com o problema. Associações de moradores, clubes de futebol, Igrejas, clubes e danceterias, etc. devem ter plena consciência dos esforços realizados pela instituição e, dentro de suas possibilidades, se somar a eles.

Será necessário que as escolas possuam regras claras, conhecidas por todos, e que tais regras esclareçam todos os procedimentos a serem observados para se evitar as práticas de “bullying”, tanto quanto os recursos disponíveis para as eventuais vítimas. Que não se trabalhe, entretanto, apenas com a necessidade de responsabilização daqueles que transgridem ou se insubordinam (necessidade, aliás, muitas vezes negligenciada doutrinariamente), mas que se possa valorizar e recompensar os comportamentos desejáveis trabalhando-se, desta forma, com uma escala nítida de prêmios e incentivos. Que os alunos – desde muito cedo – tenham algum protagonismo na definição destes limites e destas orientações valorativas de tal forma que se sintam sujeitos de um processo coletivo de auto-instituição da Escola como um lugar que também lhes pertence. Que cada uma das iniciativas tomadas e dos programas colocados em prática possa contar com a competente avaliação para que, por sobre as teses e as opiniões brilhantes, se descubra o que, de fato, funciona e novos rumos sejam traçados sempre que necessário.

Penso, por fim, que a Escola deva realizar um duplo movimento de abertura. Um em direção às comunidades e às famílias de forma a lhes assegurar espaços para experiências de pertencimento, cultura e lazer e, outro, em direção à individualidade e à história subjetiva de cada



aluno de tal forma que, identificados os desafios singulares, seja possível oferecer o apoio necessário para que todos transitem em direção às conquistas civilizatórias. Deste empreendimento maior, imagino, depende em alguma medida não negligenciável, o destino que teremos como nação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; RUAS, Maria das Graças. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Dumará, 1994.
- COLOROSO, Bárbara. **The Bully, the Bullied, and the Bystander: From Preschool to High School-- How Parents and Teachers Can Help Break the Cycle of Violence**. New York: Harper Collins, 2003.
- COSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova, 2004.
- FOX, James Alan; ELLIOT, Delbert S.; KERLIKOWSKA, R. Gil; NEWMAN, Sanford A.; CHRISTESON, William. **Bullying Prevention Is Crime Prevention: A Report by Fight Crime: Invest in Kids**. 2003. Disponível em: <<http://www.fightcrime.org/reports/BullyingReport.pdf>>.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 1998.
- GOTTFREDSON, Denise C. **School-Based Crime Prevention in 'Preventing Crime: What Works, What Doesn't, What's Promising'**. Washington, DC: U. S. Department of Justice. NCJ 165366. – Relatório ao Congresso dos Estados Unidos, preparado pelo National Institute of Justice, 1997.
- HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral: a violência no cotidiano**. Rio de Janeiro: B. Brasil, 2000.
- PEPLER, D.J.; CRAIG, W. M. **Bullying: Research and Interventions**. Youth Update, Publication of the Institute for the Study of Antisocial Youth, 1997.
- PHILLIPS, Coretta. **Who's Who in the Pecking Order? Aggression and Normal Violence in the Lives of Girls and Boys**. *British Journal of Criminology*, 43: 710-28, 2003.
- SIMMONS, Rachel. **Garota Fora do Jogo: a cultura da agressão oculta entre as meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SOARES, Luiz Eduardo. **Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo**. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade, Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VIGNOLES, P. **A perversidade**. Campinas: Papirus, 1991.

MARCOS ROLIM

Professor da Cátedra de Direitos Humanos do Centro Universitário Metodista (IPA), em Porto Alegre, RS e consultor em segurança pública.
E-mail: marcos@rolim.com.br

12º Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

RESUMOS DAS
EXPERIÊNCIAS



RESUMOS DAS EXPERIÊNCIAS

“A CARTA” DE PERO VAZ DE CAMINHA E “CONTOS GAUCHESCOS” DE SIMÕES LOPES – UMA ABORDAGEM PRÁTICA EM CENA

Betina Muller Bohm Ulguim
Faustia Cristiani Fanka Corrêa
Sandra Schwartz Penning
Escola Técnica Estadual Canguçu
Canguçu/RS

Diante de uma realidade que mostra educandos resistentes ao hábito da leitura, principalmente no que se refere a criações clássicas, percebe-se a necessidade de novas estratégias a fim de aproximar leitor e obra. Além disso, na ação pedagógica é essencial incentivar a expressão oral, bem como possibilitar o acesso a diferentes artes e culturas.

Sendo assim, criamos o projeto “A CARTA” DE PERO VAZ DE CAMINHA E “CONTOS GAUCHESCOS” DE SIMÕES LOPES – UMA ABORDAGEM PRÁTICA EM CENA. Através dele, provocamos o contato de nossos alunos dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio com a arte, tanto escrita quanto teatral, desenvolvendo-os de forma integral.

A fim de alcançarmos nossos objetivos, apresentamos para os segundos anos, no primeiro trimestre, a obra “A Carta” de Pêro Vaz de Caminha, incluindo informações sobre o estilo literário em que está inserida - o Quinhentismo; bem como os aspectos culturais, sócioantropológicos e históricos.

A seguir, realizamos a leitura de parte da obra, debatemos o vocabulário e a linguagem utilizada e dividimos as turmas em grupos. Esses grupos receberam parte da obra, a fim de fazerem a adaptação para o gênero dramático. Realizaram ensaios, sob nossa orientação e concluíram com a apresentação teatral.

Para os terceiros anos, utilizamos a obra “Contos Gauchescos” de Simões Lopes Neto. A metodologia foi semelhante aos segundos anos. Apresentamos um apanhado geral de cada conto, abordamos o estilo do Pré-modernismo, os aspectos culturais, sócio-antropológicos e históricos relacionados à criação da obra. Então dividimos em grupos, cada grupo escolheu um conto para adaptar para o gênero dramático. Também realizaram os ensaios e a apresentação para sua turma.

As apresentações que se destacam são incentivadas a participar de eventos, buscando valorizar o empenho dos alunos e proporcionar novas experiências além do ambiente escolar.

Através do trabalho, percebemos que os alunos, de imediato, passam a conhecer as obras trabalhadas, ampliam seu vocabulário e reconhecem características do período literário abordado. Com o decorrer do tempo, efetuando trabalhos semelhantes, notamos uma maior autonomia da expressão oral, além da responsabilidade com o grupo de trabalho e de uma



autocrítica.

Assim, relacionamos nosso projeto ao eixo temático “Escola e Conhecimento”, salientando que o conhecimento que perpassa por ações práticas e vivenciais é sempre mais precioso para o educando do que simplesmente requerer uma ficha de leitura de determinada obra literária.

Desse modo, sentimo-nos realizados quanto ao nosso dever pedagógico, pois, ao concluirmos o projeto, observamos que os alunos se tornaram mais seguros em seus posicionamentos, além de críticos e responsáveis; como também adquiriram um conhecimento abrangente das produções literárias clássicas e da teoria literária. Em resumo, uma formação mais integral e vivencial de nosso educando, por isso sempre registrada nas nossas melhores lembranças.

“ECO CIDADÃO MIRIM”: UM PROJETO SOBRE CONSCIENTIZAÇÃO E FORMAÇÃO CRÍTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bárbara Pires Wegner
Mirian Gomes Romero
Maria de Lurdes Lemos Gonçalves
EEF La Salle Hypólito Leite
Pelotas/RS

O “Eco cidadão mirim” é um projeto de formação crítica para a cidadania, que visou estimular a conscientização e a preservação em relação ao meio ambiente. A construção do futuro exige novas atitudes de cidadania, sustentadas na ecologia e no desenvolvimento sustentável. Com certeza, este projeto se aplica às crianças, construtoras do presente e do futuro para nossa comunidade, município, região e Planeta. O projeto procurou formar uma comunidade sustentável onde as pessoas cuidem das relações que estabelecem com os outros, com a natureza e com os lugares onde convivem. O projeto envolveu a comunidade educativa; as crianças foram sujeitos ativos nesse processo desde o acesso à informação sobre educação ambiental, ecologia, reciclagem e coleta seletiva do lixo, ou seja, receberam formação para atuarem como agentes: “Eco cidadão mirim” na escola e na comunidade, pois o projeto pretendia fazer com que os alunos dos quartos anos através de seu processo de formação no projeto, construíssem e socializassem ensinamentos para conscientizarem as outras crianças e todos os envolvidos com a proposta. Para tanto, no segundo semestre letivo de 2013, os alunos foram assessorados pelos professores, bem como por diferentes palestrantes em suas necessidades, tais como: organização das ações, debates, palestras, coleta seletiva do lixo, pesquisas, oficinas, passeios. O projeto recebeu o Prêmio Nacional da Fundação La Salle 2013 na categoria meio ambiente. E este foi fundamental para iniciar este dever de casa de cada um de nós. O desenvolvimento de tais atitudes será capaz de assegurar a qualidade de vida das gerações futuras. Desenvolvemos ações pautadas na ação-



reflexão-ação, onde nas tramas tecidas no cotidiano escolar, nossas crianças possam ser os arautos de um mundo novo. Mundo que precisa ser construído na edificação de uma vida plena para todos e que irá favorecer a compreensão global da importância de todas as formas de vida em nosso planeta. O trabalho com esse projeto permitiu também que as crianças se sentissem responsáveis por pequenas ações de cidadania nos diversos meios: social e ambiental. A criança foi desafiada a ser cidadã, fazer e receber críticas. Aprendeu também que o exercício dos direitos é tão necessário quanto o cumprimento dos deveres. Dessa forma, avaliamos de forma positiva a realização do nosso projeto, pois alcançamos nossos objetivos com os alunos e mais, chamamos a atenção da comunidade para um problema cotidiano que pode ser minimizado com a educação.

A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA CONDICIONADA PELA MÚSICA

Cristina Ribeiro
Tamires Pereira Duarte Goulart
Colégio Franciscano N^o. 5^a. Aparecida
Pelotas/RS

A Língua Inglesa, disciplina obrigatória no ensino básico regular, vem trazendo boas contribuições para o crescimento cultural dos alunos. Através dela o aluno é levado a vivenciar experiências novas e curiosas, ao ponto em que é convidado a conhecer e incorporar em sua prática uma língua, que não é a sua. Entretanto, através da prática de ensino diária, percebemos que a aprendizagem dessa disciplina: língua estrangeira (LE) é complexa para a maioria dos alunos. Tal fato leva-nos a buscar estratégias capazes de estimular e desenvolver o aprendizado desta LE em sala de aula, proporcionando ao educando momentos agradáveis e eficientes para desenvolver o conhecimento pretendido. Nesse ponto é que buscamos as potencialidades da disciplina de música, como recurso didático pedagógico na aula de língua inglesa, contribuindo assim para um envolvimento mais eficaz dos alunos com as atividades da língua, - de forma positiva reencantando-os com a aprendizagem. Através da música várias atividades podem ser elaboradas englobando as principais habilidades da língua: leitura, escrita, fala e compreensão auditiva. Além das propostas linguísticas, deve-se levar em conta que a música, no espaço escolar, proporciona o desenvolvimento de um ser mais sensível, crítico e criativo. A música, nas aulas de inglês, também se evidencia como um elemento cultural importante, tornando-se um ótimo caminho paralelo entre o ensino de línguas e a cultura.

Dessa forma, o objetivo dessa experiência, que se encontra no eixo 2 desse evento, é confirmar que a música é um componente facilitador no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, especialmente o inglês. Algumas pesquisas indicam a música como um excelente veículo para aprender línguas inconscientemente, e uma ótima fonte didática para o desenvolvimento cognitivo, possibilitando uma maior dinamização dos conteúdos da língua inglesa e facilitando a compreensão dos significados e a apropriação da aprendizagem. Através



desse trabalho alcançamos resultados favoráveis, como: a melhora da pronúncia, maior habilidade de concentração e participação dos alunos nas aulas, assim como, envolvimento dos alunos com os gêneros musicais, o que os motivou a querer aprender o significado dos vocábulos das músicas e ao crescimento da capacidade de ouvir em inglês, sendo esta uma das maiores dificuldades do aprendizado de uma LE em nossas escolas.

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA COMO NORTEADORA DO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS

Julia Graciela da Silva Luna
EMEF Caldas Júnior
Turuçu/RS

O presente projeto teve como principal objetivo planejar intervenções necessárias à aprendizagem dos alunos do primeiro ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Para que isso fosse possível, foi realizada uma avaliação diagnóstica nos primeiros dias do ano letivo, essas avaliações seguiram ao longo do ano, ao final de cada um dos três trimestres. Os dados coletados foram registrados e organizados em uma grade especialmente montada para essa finalidade. Com isso o professor tem melhores condições de planejar o desenvolvimento de atividades criativas, prazerosas ao mesmo tempo no âmbito da alfabetização e do letramento considerando a situação em que cada aluno se encontra em relação à leitura e a escrita. O objetivo, portanto, não foi classificar ou rotular os alunos, mas organizar estratégias pedagógicas para ajudar cada aluno ou grupo a avançar do estágio ou nível de aprendizagem em que se encontravam.

A avaliação da aprendizagem escolar deve ser vista como um meio e não um fim em si mesmo. A partir desse primeiro passo, que consistiu em avaliar os conhecimentos prévios de cada educando, foram organizados vários planejamentos nos quais fossem levados em conta os níveis de cada aluno. Para isso organizou-se entre outras atividades o trabalho com gêneros textuais porque se considerou que a escrita está muito presente em todos os momentos do nosso dia a dia, daí, a importância de se trabalhá-la em diferentes contextos, ou seja, devido ao papel fundamental que exerce na vida de cada um, decifrando códigos e melhor compreensão de mundo. Portanto, fez-se necessário fazer uso de uma diversidade de gêneros textuais, acreditando que essa prática pode oportunizar a aquisição da leitura e da escrita e, também, uma maior facilidade de interpretação e desenvolvimento do pensamento e da percepção pelo aluno dos textos que o rodeiam no cotidiano ensinando-o, não só a produzi-los, mas também a compreendê-los. Puderam ser notados grandes avanços ao longo do trabalho com gêneros textuais por parte dos alunos, não só no que se refere à leitura e à escrita, mas também no que diz respeito ao aumento da criatividade na produção de alguns desses gêneros textuais previamente trabalhados. A partir desse trabalho observou-se, também, o desenvolvimento da oralidade dos alunos no momento em que eles tinham que expor suas ideias aos colegas, cantar uma parlenda, ler sua



receita, organizar seu jornal, etc. O trabalho com gêneros textuais tornou-se muito prazeroso e produtivo, auxiliou e conduziu os alunos por um mundo de magia e criatividade, fez também com que eles avançassem não só na escrita como também na leitura e isso ficou muito claro a cada avaliação diagnóstica feita. Após o término, o trabalho foi encadernado e entregue aos alunos.

A AVALIAÇÃO DIÁRIA COMO MÉTODO DE ENSINO

Samara Melo Gai

ETE Profa. Sylvia Mello

UFPeI

Pelotas/RS

Essa experiência foi desenvolvida durante o Estágio Obrigatório do 7º semestre do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas. Meu estágio foi na Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, numa turma de 7º ano na disciplina de Matemática.

Como já observado e relatado por muitos profissionais, os alunos não se interessam pelos estudos como antigamente, o desafio do professor é conseguir obter, na sala de aula, o máximo de resposta do aluno, porque ali é o momento em que ele está se dedicando para o estudo.

A experiência visa mostrar como a dedicação do professor em fazer o aluno trabalhar no horário de aula vai trazer resultados, já que aquele aluno está exercitando tudo o que está aprendendo, sendo avaliado e orientado.

O objetivo da experiência é trabalhar com o aluno dentro da sala de aula, aproveitando todo o tempo disponível.

O professor vai utilizar todos os recursos possíveis para acelerar o aprendizado. A meta é no fim de cada aula o aluno fazer e entregar uma série de questões sobre o que aprendeu no dia. As questões serão devolvidas aos alunos com correções e observações e utilizados pelos professores para desenvolver futuras aulas e servirão para tirar as dúvidas que ainda ficaram das aulas anteriores.

O importante é o professor ter subsídios para concluir se o aluno está realmente entendendo o que está sendo passado e aproveitando seu tempo na sala de aula.

As aulas são realizadas da seguinte maneira: são entregues folhas com o conteúdo impresso, são feitos no quadro alguns exemplos, e logo depois é entregue o trabalho de avaliação, que o aluno faz tendo o conteúdo e os exemplos em mãos para auxiliá-lo, caso não consiga fazer, o professor vai ajudá-lo. Depois a avaliação é corrigida e entregue, com esse material o professor consegue ver qual parte da matéria não ficou bem aprendida, para poder emposteriormente aprimorar determinado tópico.

Essa experiência teve ótimo resultado, pois como não havia ainda dado aula na escola



pude conhecer os alunos e suas limitações, com as avaliações diárias pude elaborar aulas que complementavam a anterior, e assim tirava todas as dúvidas dos alunos. Depois que um conteúdo terminava era feita uma revisão e logo depois uma avaliação final, para não acumular com o próximo conteúdo. A nota dos alunos melhorou muito e foi notável a melhora das primeiras para as últimas avaliações.

Acredito que aplicar avaliações diárias durante todo o ano escolar, pode trazer grande melhora no aprendizado, pois o aluno aprende exercitando aquilo que aprendeu, como consequência o aluno perde o temor de fazer prova, já que ele já se acostumou com as avaliações.

A BANCA COMO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL

Maria Cecília Oliveira Boanova
Marina Mendonça Loder
IFSul
Pelotas/RS

Desde 2008 o Curso Técnico de Comunicação Visual da Coordenadoria de Design do IFSul - Campus Pelotas vem realizando uma abordagem interdisciplinar denominada “projetaço” envolvendo sete disciplinas. Desde então, o “projetaço” vem enriquecendo as práticas educativas e a formação dos estudantes. O ganho se dá pela diversidade do corpo docente e pela condição do trabalho que é colaborativo, além da intenção de aproximar o estudante da realidade profissional o que implica num maior investimento de todos os atores envolvidos no processo. O projeto envolve conteúdos diferenciados que se utilizam do mesmo *briefing*, que pode variar entre clientes fictícios ou reais. Durante o projeto o estudante aplica os conceitos aprendidos, consolidando-os, na prática projetual, que é qualificada e defendida perante uma pré-banca formada por professores e profissionais da área (não envolvidos diretamente com o projeto). Esses profissionais oferecem uma visão/avaliação diferenciada do processo realizado/construído, tecendo sugestões e críticas ao processo. Após essa primeira avaliação, os estudantes junto com os professores realizam o exercício de julgar a pertinência das sugestões ofertadas e então efetuam os procedimentos de qualificação do trabalho. Destaca-se que essa etapa é fechada ao público externo, de modo a oferecer mais rigor à ação pedagógica, podendo melhor apontar as falhas que não prudente de serem destacadas junto ao cliente, por exemplo. Entende-se que esse é o momento de preparar o estudante para acolher as críticas inerentes à qualificação do fazer profissional que se anuncia.

Contudo, o ponto alto desse escrito é a banca final, em que o estudante assume uma postura profissional simulando a defesa do projeto que tem como meta a aprovação do cliente. Esse formato de avaliação tem-se mostrado valioso para os estudantes que descrevem com clareza a experiência vivida, como podemos acompanhar em três diferentes momentos da fala de



uma estudante. Primeiro, quando questionada sobre sua experiência com o “projetaço”, destacou o momento tenso e nervoso que passou, mas lembrou, após alguns instantes da apresentação começar, que não havia ninguém melhor do que ela para falar sobre seu projeto, sentindo a partir daí uma alegria e sensação de dever cumprido. Segundo, sobre sua avaliação do processo, afirmou que se tornou mais confiante e experiente, apontou melhorias percebidas em seus trabalhos (marca e aplicativos), bem como, na convivência com seus colegas - donos de diferentes pensamentos e a na sua dedicação aos trabalhos para além do que fazia inicialmente no curso. Contudo, pode-se reforçar por meio da fala da estudante, a importância da banca no processo de avaliação e igualmente na aprendizagem especialmente para aqueles que apresentam significativas mudanças desde seu ingresso no curso.

A CONTRIBUIÇÃO DA FEIRA DE CIÊNCIAS NO IDEB DOS ANOS INICIAIS

Mariluce dos Santos Kurz Vieira

Secretaria Municipal de Educação e Desporto
Pelotas/RS

Nosso objetivo, enquanto Secretaria Municipal de Educação foi de buscarmos estratégias que colaborassem efetivamente para a elevação do IDEB. Levando-se em consideração que o IDEB foi criado pelo INEP em 2007 e tem por objetivo, possibilitar o monitoramento da qualidade da Educação e de ser um dado concreto, com o qual gestores, instituições e sociedade podem se mobilizar na procura de melhorias. Assim, a partir de um processo dialógico com as escolas, percebemos que entre outras ações, a implementação da Feira de Ciências, teria papel fundamental neste processo, que realizamos em parceria com o Núcleo de Estudos em Ciências e Matemática, NECIM, da UFPel. Segundo os PCNs (p. 22): “O ensino de Ciências também é espaço privilegiado em que as diferentes explicações sobre o mundo, os fenômenos da natureza e as transformações produzidas pelo homem podem ser expostos e comparados. É espaço de expressão das explicações espontâneas dos alunos e daquelas oriundas de vários sistemas explicativos. Contrapor e avaliar diferentes explicações favorece o desenvolvimento de postura reflexiva, crítica, questionadora e investigativa, de não-aceitação a priori de ideias e informações. Possibilita a percepção dos limites de cada modelo explicativo, inclusive dos modelos científicos, colaborando para a construção da autonomia de pensamento e ação.”

Neste sentido, vimos que, as atividades científicas possibilitam que o aluno desenvolva de forma contextualizada, logo, significativa, o pensamento lógico, além de uma análise reflexiva, crítica, questionadora e investigativa, bem como o desenvolvimento da autonomia de pensamento e ação, sendo estes fundamentais no contexto da realização da Prova Brasil.

A Rede Municipal de Ensino de Pelotas atingiu um IDEB de 4.5. Além de avançar em 0.5, em relação a 2009 e superou a meta estipulada para 2011, que era de 4.4.

Na análise dos índices percebemos que as Escolas que se engajaram neste projeto



atingiram melhores índices, entre elas: EMEF Francisco Caruccio, com meta 4.0, obteve 4.4; EMEF Afonso Vizeu, com meta 4.6 obteve 4.9; EMEF Garibaldi, com meta 4.8, obteve 5.4; EMEF Nestor Crochemore, com meta 4.4, obteve 4.8 e EMEF Dona Maria Joaquina, participou pela primeira vez obtendo, 4.9.

Além dos resultados do IDEB, o fato de percebermos o entusiasmo e a dedicação dos professores e alunos engajados de forma efetiva no processo, bem como o de darem continuidade ao desenvolvimento do trabalho experimental e científico em suas escolas, nos possibilitou concluir que obtivemos êxito com esta proposta.

Cabe ressaltar que este projeto foi construído de forma participativa entre Secretaria Municipal de Educação e Escolas da Rede Municipal, pois acreditamos que todo projeto só terá grandes resultados se construído no coletivo, dando vez e voz aos profissionais protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, neste caso aqueles que estão envolvidos diretamente no contexto escolar.

A ENERGIA COMO TEMA NORTEADOR NA ARTICULAÇÃO DAS CIÊNCIAS NA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Flávia de Nobre Campelo
EMEF Caldas Júnior
Turuçu/RS

O presente trabalho relata um projeto de ensino, aplicado no terceiro trimestre de 2013, na EMEF Caldas Júnior, na cidade de Turuçu. Por uma decisão da SMED, expressa nos planos de curso, a disciplina em questão (Ciências) é dividida em duas partes: Física e Química. Visando romper um pouco com essa fragmentação, este projeto, com tema norteador Energia, objetivou contemplar a maior parte dos conceitos pré-estabelecidos pela SMED, articulando conhecimento de química, física e biologia ao invés de dividir as áreas em disciplinas estanques, considerando que os conhecimentos envolvidos são, por natureza, interdisciplinares.

A partir do tema energia foram trabalhados tipos/fontes de energia, cinemática, impactos ambientais, meios de transportes, saúde, alimentação, informações nutricionais, IMC, etc. Para isso, foram realizadas várias atividades como: passeios, pesquisas, análise de rótulos, interpretação de gráficos, leitura e discussões de artigos, a fim de que os alunos socializassem seu posicionamento, conceituando e compreendendo os conceitos trabalhados.

O desenvolvimento deste projeto me auxiliou na percepção de quanto o planejamento de unidades didáticas é importante na profissão docente e torna-se uma linha condutora para o desenvolvimento de um bom trabalho, na busca de um maior envolvimento dos educandos.

A participação dos alunos nas atividades por si só, já valida a experiência. Em algumas aulas pude constatar o quanto está radicada a forma de organização da disciplina de ciências, quando se expressavam: ___ “Isso é física?” ___ “Tem que ler tudo isso Profa.? Aí vem a senhora,



sempre perguntando!”, ___ “Prefiro copiar e ter tudo no caderno organizado, assim, se sabe bem o que cai na prova!”

As observações mostram que a disciplina de Ciências não é tratada como tal na última série do ensino fundamental. É dividida em Física e Química e essas sim, são consideradas pelos alunos, as disciplinas ministradas. Além disso, os alunos não estão acostumados a questionamentos e leitura de artigos que fazem com que eles tenham que pensar e se posicionar a respeito de determinado assunto. Alguns deles preferem copiar textos e responder questionários e exercícios; porém, através de atividades diferenciadas e planejadas, talvez possamos alcançar a formação do cidadão crítico, criativo e participativo tão presente nos documentos oficiais como Constituição Federal, LDB, PCN e até mesmo no PP da escola.

A ESCOLA DOS SONHOS: É POSSÍVEL?

Marion Rodrigues Dariz
EMEF Dr. Joaquim Assumpção
Pelotas/RS

Mais uma edição dos Encontros sobre o Poder Escolar. Mais uma vez a certeza de que se está participando de um momento de formação continuada e de valorização da escola e dos profissionais da educação, mas que não mais se limita a uma discussão com esses profissionais. Prova disso foi a ampliação do evento para dar vez e voz aos demais segmentos da comunidade escolar. Além dos relatos e das Vozes dos Profissionais da Educação, foram introduzidas, ao longo dos anos, a Voz dos Estudantes e a Voz dos Pais cujo objetivo foi criar momentos de discussão em que educandos da Rede Pública, pais e professores têm a oportunidade de refletir sobre seus anseios e expectativas acerca de uma temática previamente escolhida e abordada nas escolas. É nesse contexto que se insere este trabalho que é um relato do que foi desenvolvido com os alunos da 8ª série EMEF Dr. Joaquim Assumpção, em que eles discutem efetivamente a sua **escola dos sonhos**, temática deste ano de 2014.

Desenvolveu-se tal trabalho nas aulas de Português, obedecendo a algumas etapas: exibição de dois vídeos de Rubem Alves em que ele aborda a temática sobre escolas que são gaiolas e escolas que são asas; trabalho em grupo tendo por base os vídeos; seminário em que os educandos discutiram com o grande grupo, foram questionados, surgiram sugestões, inquietações, enfim, momento de reflexão, reservado à exposição de ideias referentes ao que eles pensam sobre as escolas-gaiolas e as escolas-asas e possíveis propostas para transformar as escolas que são gaiolas em escolas que são asas.

Na continuidade da proposta, trabalhou-se um texto de Frei Beto “A escola dos meus sonhos”. Houve um debate com base em algumas perguntas norteadoras: qual o teu sonho com relação à escola? Como contribuis para alcançar esse sonho? O que sugeres para que o sonho de escola se torne realidade? Qual o papel de cada segmento para que seja uma construção coletiva?



Respondidas e discutidas essas perguntas, propôs-se a etapa final: solicitou-se que redigissem um texto tendo como escolha a crônica ou a poesia de cordel, gêneros trabalhados no trimestre. Na produção de tais trabalhos deu-se a liberdade de produzi-los individualmente ou em dupla.

Em todos os momentos observou-se muita maturidade nas colocações dos estudantes. Reivindicações claras nas falas e escritas: melhor infraestrutura, como laboratórios, espaço de convivência...Mas não só! O surpreendente: saber que o sonho desses estudantes é de uma escola onde eles tenham vez e voz, uma escola em que as disciplinas sejam ensinadas de forma que o que for aprendido seja utilizado na vida prática; uma escola na qual os docentes trabalhem como *“orquestra em sintonia”*; com professores capacitados constantemente; uma escola em que *“se tenha vontade de ir e estar”*, um lugar de profissionais que gostam do que fazem e mostram isso; que não seja *“uma escola na qual o professor já entra bravo”*, põe a matéria no quadro e mal explica. Sabe-se que eles ficam assim porque ganham mal, não são respeitados como deveriam, enfim... Sabe-se, mas não pode continuar assim...

A EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM CANGUÇU

Hellen Bergmann Belling
Juliani Buchveitz Pires
Sabrina Pôrto Rego
Escola Técnica Estadual Canguçu
Canguçu/RS

Através deste trabalho procuramos resgatar a história da chegada dos meios de comunicação em Canguçu e entender qual foi a influência para a evolução do município e na vida dos moradores. Ao longo desta pesquisa, analisam-se fontes bibliográficas, pesquisas de campo e enquetes feitas pela internet, buscando identificar como se deu a evolução das comunicações para podermos compreender como a cidade em que vivemos está desenvolvida tecnologicamente nos dias de hoje.

É importante aprofundarmos os conhecimentos sobre os meios de comunicação, pois conseguimos explorar ao máximo assuntos que são necessários na vida das pessoas e no seu dia a dia, bem como nas atividades profissionais, nas escolas, no lazer. Exemplos destes assuntos são: mascates, luz elétrica, telégrafos, correios, jornal, telefones, rádio, televisão e internet. Assim, podemos explorar um pouco mais as nossas culturas, com assuntos diversificados e dúvidas, através de pesquisas e entrevistas com pessoas que fizeram parte e/ou estudaram esta evolução. Serve também para compreendermos melhor a influência das mídias nos relacionamentos interpessoais.

A partir de entrevistas feitas com acadêmicos da ACANDHIS (Academia Canguçuense de História), professores de História, pessoas que contribuíram e trabalharam para a evolução das



comunicações no município, como Yonne Bento, Laedi Bosembecker, Vanja Wischow, Zuleica Reis e Danízio Gonçalves, foi possível perceber essa evolução comunicativa.

Desde os tempos mais remotos o homem sempre sentiu a necessidade de se comunicar, seja por gestos, fala ou desenhos. Partindo dessa ideia notamos que o homem sempre quis expandir seus pensamentos e ações, manter contato com o outro. Podemos citar que um desses primeiros meios de comunicação nasceu no início do século XIX e tornou-se uma figura folclórica, os mascates.

Mais ou menos no ano de 1885 surgiu em Canguçu a diligência da família Lemos, grande carruagem movida a tração animal que além de transportar pessoas de Canguçu para Pelotas ou vice-versa, passou a transportar a mala postal e encomendas particulares. Mas naquele período, as estradas estavam em péssimas condições, eram estreitas e havia muitos buracos e ainda não existia a estrada da produção, fazendo com que a viagem de Canguçu até Pelotas levasse uma semana. Assim podemos dizer que esse era outro meio de comunicação, onde as pessoas mantinham contato físico ou trocavam cartas.

Ao contrário do que muitas pessoas costumam dizer Canguçu esteve e está sempre tentando evoluir, tanto é que a primeira instalação telegráfica no município foi no ano de 1878, mais especificamente no dia 7 de maio de 1878. Em pleno século XXI, são poucos os municípios brasileiros que possuem emissora de rádio. Canguçu desde a segunda metade da década de 50 possui duas importantes emissoras, a Rádio Liberdade e a Rádio Cultura. Municípios vizinhos como Morro Redondo e Piratini utilizam a rádio do município de Canguçu para os informativos e notícias do hospital. Acredita-se que a rádio foi fundamental para o desenvolvimento do município.

Com o resgate histórico da evolução dos meios de comunicação em Canguçu, concluímos que esse município, ao longo de sua história, esteve sempre acompanhando a evolução das comunicações, como, por exemplo, as rádios, que muitos municípios da região ainda não possuem. Com a chegada de tantos meios de comunicação em Canguçu, notamos que houve um grande avanço para a população canguçuense, bem como para o município.

A EXPERIÊNCIA DE LER O PRIMEIRO LIVRO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rosimeire Simões de Lima
IEE Ponche Verde
Piratini/RS

O início desta experiência ocorreu com a implantação da EJA na escola, em 2002. O público alvo são alunos que interromperam os estudos há muito tempo por razões diversas, mapeadas através de um memorial solicitado no primeiro contato com a disciplina. As motivações encontradas para o abandono da escola são auxiliar a família (sustento), início de relacionamentos, falta de incentivo familiar, dificuldades financeiras, horários de estudo não compatíveis com o trabalho, filhos pequenos, falta de apoio familiar, distância da escola e outras



diversas razões que deixam a escola fora de suas vidas. Em contrapartida, o regresso à escola ocorre por distância da escola (agora pela proximidade e facilidade de acesso), entender a importância dos estudos, concluir o ensino médio, poder ajudar os filhos, servir de exemplo e incentivo aos filhos, cursar uma graduação, pelo incentivo do cônjuge (raros) e, quando mais jovens, pela insistência dos pais, para poder fazer concursos, falar em público, ser professora, carreira militar (Brigada Militar), enfermagem, poder participar de uma conversa.

Enquanto eu estiver atuando em sala de aula a leitura estará atrelada à minha vida e, conseqüentemente, à de meus alunos. Minha prática docente não existe sem a leitura. Embora saiba que alguns alunos saem de casa às cinco da manhã e retornam a noite. Chegam em casa e têm pouco tempo para chegar à escola. São exemplos para outros jovens e adultos que estão na mesma situação, simplesmente ser o aceno de um novo modo de inserção na comunidade e na família. O momento mais, por assim dizer, surge quando solicito que leiam livros. Sempre deixo claro que os livros podem ser da literatura infanto-juvenil, romance, espírita ou algo que seja do interesse, pois o trabalho com a leitura possui o firme objetivo de inseri-los em outros contextos, fazer outra interlocução. Um novo sentido faz-se necessário e é o papel da escola oportunizar. O livro não permeia o universo deles e Ler uma crônica é considerado difícil devido à limitação de vocabulário além da resistência ao novo. Descubrem o inesgotável universo dos livros. Nos relatos que são entregues, ou nas falas, comentam que não tinham coragem de falar sobre determinados assuntos. Sentiam-se inseguros em um grupo. Não conseguiam se manifestar pelo medo de falar errado, de passar vergonha ao pronunciar errado uma palavra entre outros tantos mecanismos que afetam a autoestima. Vale destacar que ao conseguir apresentar o primeiro livro, por capítulos, e ou por fragmentos, mas desde que tivesse entendido o contexto da história, onde se passava quem eram os personagens, o enredo e enfim o conteúdo da obra, surgia uma satisfação. É importante destacar que esse universo dos alunos, com a leitura, oferece a oportunidade de saber o que pensam sobre a leitura enquanto não são leitores: realizações pessoais por vencer um desafio, pois pensavam que era para decorar o livro, agradecem por eu ter insistido, começam a perceber o aumento do vocabulário, leem mais de uma vez para entender, alegam que quando chegam na segunda página já esqueceram o que foi lido, quando muda o capítulo muda a história, dificuldade com muitos personagens, pouco tempo disponível para a leitura. A cada turma surge algo novo. A cada livro percebo a importância de insistir com a atividade e fica claro que preciso descobrir o caminho das pedras de cada aluno além de sempre buscar a qualificação para compreender melhor o universo do aluno.



A FAMÍLIA BUSCAPÉ DA EDUCAÇÃO

Valéria Feldens Güths
Rutilde Küger Feldens
Vitória Küger Feldens
Colégio Estadual N^a. S^a. do Bonfim
Morro Redondo/RS

O presente escrito traz o relato de quatro experiências desenvolvidas em diferentes contextos da Educação Básica, mas que têm em comum, além do fato de todos os professores serem da mesma família, a busca por uma educação sensível, que ultrapassa os limites da sala de aula e as limitações do conteúdo.

Apresentar a Educação Sensível como uma possibilidade/necessidade para a educação básica.

O primeiro relato mostra a Leitura Deleite sendo realizada em escolas do município de Morro Redondo, RS. A professora faz a contação de histórias e percebe como as crianças ficam encantadas com o desenrolar dos acontecimentos, vão se aproximando e os olhos brilham. O aumento na quantidade e qualidade da leitura no município é um dos resultados, após o trabalho ser implantado nas atividades do PACTO da ALFABETIZAÇÃO.

O segundo relato traz para o espaço da escola lugares e acontecimentos que estão fora deste lugar. A professora propõe que se realizem passeios com alunos e familiares com o objetivo de desenvolver conteúdos e melhorar a qualidade das relações da comunidade escolar.

A terceira experiência fala sobre o ensino de música nas escolas e o professor conta sua história com esse ensino através dos grupos de música que coordena em uma escola municipal e uma estadual em Morro Redondo. O professor vê a música como uma possibilidade de crescimento para o aluno em todas as áreas da sua vida.

A quarta e última experiência fala do ensino de música mas mais voltado para o corpo, com a voz e a percussão corporal. A justificativa da professora para tal trabalho é a acessibilidade, por não necessitar de instrumentos ou espaço específico, e a consciência corporal que é desenvolvida pelo aluno, passando a conhecer-se melhor.

Resultados alcançados: Todas as experiências já são desenvolvidas há bastante tempo e os resultados podem ser vistos pelo desenvolvimento pessoal dos alunos que passaram por elas. Esse tipo de atividade desenvolve uma formação global do indivíduo, fazendo com que ele compreenda o meio em que vive e saiba se expressar, tendo capacidade crítica de escolher seus passos.

Para que esses quatro projetos possam continuar sendo desenvolvidos e para que outros tantos venham a ser criados, tornando a educação uma chama viva que se liberta das grades invisíveis da sala de aula convencional, é preciso o apoio das equipes diretivas e da comunidade escolar. É preciso uma revisão na maneira de pensar a escola, como falou Morin “há resistências inacreditáveis a essa reforma (...). A imensa máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias



disciplinares”, e estes professores, além de não contribuir para uma reforma que transforme nossa educação em algo melhor, acabam prejudicando os trabalhos diferenciados que acontecem com seus discursos tradicionais sobre a necessidade de desenvolver (decorar) conteúdos.

A FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Josiane Brahm Vahal
EEEM João de Deus Nunes
Canguçu/RS

O objetivo desta prática pedagógica é fazer com que os alunos compreendam que a física é o estudo de fenômenos cotidianos e entendam os conceitos de intervalo de tempo, espaço percorrido e velocidade média.

A atividade prática foi desenvolvida com as duas turmas da totalidade 8 da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no turno da noite da escola João de Deus Nunes. Após a exposição dos conteúdos em aula, as turmas foram levadas ao ginásio para uma atividade prática que consistia em dividir a turma em grupos de seis componentes, para que cada grupo fizesse a medida do espaço percorrido, eram três distâncias diferentes, e, também, a medida do intervalo de tempo. Cada aluno cronometrou seu tempo com o celular para, posteriormente, na sala de aula, calcular a velocidade média de cada componente do grupo e comparar as velocidades nas distâncias utilizadas.

No início, os alunos estavam resistentes, mas depois que começaram a fazer as medidas começaram a mudar a velocidade com que percorriam os trajetos para ver se iria se verificar a variação de velocidade nos cálculos. Logo após fazer as medidas eles já calculavam as velocidades para comparar com as dos colegas e verificavam as variações que aconteciam durante os trajetos.

Com a atividade prática os alunos perceberam que as distâncias estudadas se relacionavam com as distâncias que percorremos diariamente, que o tempo utilizado é o mesmo que marcamos no relógio e que a velocidade média é a distância percorrida pelo tempo gasto, o que auxiliou na realização dos exercícios em aula, já que os alunos tinham dificuldade de entender o que era espaço percorrido e intervalo de tempo.

Os alunos tendem a desvincular o conteúdo de física da sala de aula da sua realidade, tornando mais difícil o seu entendimento e, conseqüentemente, tornando mais difícil a resolução dos problemas. Na EJA encontram-se alunos que ficaram muitos anos sem estudar e apresentam maior dificuldade para compreender alguns conceitos físicos estudados, desta forma, quanto mais se aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, mais fácil será essa aprendizagem. Assim, essas atividades práticas motivam a turma a aprender mais, buscar mais explicações sobre as situações vividas no seu cotidiano.



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA QUALIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS: DESAFIOS QUE SINALIZAM POSSIBILIDADES

Daniela Pedra Mattos

UFPEl

Pelotas/RS

O objetivo deste texto é de apresentar dados parciais de um trabalho desenvolvido durante o ano de 2013 através do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa do Governo Federal). O trabalho partiu deste programa, num processo de formação docente realizada no período de janeiro a dezembro do ano de 2013 na cidade de Porto Alegre. O levantamento dos dados se deu a partir das formações realizadas pela UFPEL no decorrer do ano de 2013, na cidade de Porto Alegre/RS. A pesquisa se desenvolveu em três municípios do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil (Viamão, Quatro Irmãos e Glorinha). Esta pesquisa analisou as práticas de seis professoras alfabetizadoras e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem dos alunos do segundo e terceiro anos das séries iniciais do ensino fundamental de escolas municipais das cidades citadas. A análise das práticas das professoras alfabetizadoras em sala de aula com os alunos serviu para descortinar os olhares sobre a proposta do PNAIC e também para constatar que tal proposta serviu para consolidar as práticas docentes que já estavam sendo construídas entre alunos e professores, porém, ainda fragilizadas. Outro dado importante foi de que a leitura foi otimizada como um sabor a ser degustado e saboreado pelos alunos que, autonomamente, criavam espaços para tal em sala de aula. A leitura deleite passou a fazer parte do cotidiano das aulas e os alunos infantis demonstravam, não somente o gosto pela literatura infantil, como também interiorizaram tal prática, que passou a fazer parte do cotidiano da sala de aula de forma natural. O processo de escrita foi qualificado de acordo com a análise dos cadernos dos alunos e dos depoimentos das professoras alfabetizadoras participantes da pesquisa. Este estudo, ainda em andamento, teve seu início no ano de 2013 e se estenderá no decorrer do ano de 2014. Sendo assim, espera-se que esses dados instiguem os docentes a buscar possibilidades e, sobretudo, para que continuem qualificando suas práticas, as quais são imprescindíveis na consolidação do processo de alfabetização dos alunos.



A GEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO CIDADÃO

Luiz Fernando Guimarães Röhnelt
Priscila Barcelos Cardoso Röhnelt
IFSul
Pelotas/RS

O homem possui, por essência, a necessidade intrínseca de pensar o espaço para nele se organizar e nele se estabelecer de acordo com as suas intencionalidades, sejam elas, para atender à demanda por necessidades básicas de sobrevivência ou para sanar as necessidades socialmente criadas e determinadas pelas relações sociais de convivência de dada sociedade, em determinado contexto histórico. Desta incessante necessidade de pensar o espaço e as suas transformações pelo homem é que emerge a Geografia como uma ciência e disciplina chave para debater as relações do homem com a natureza e do homem parte de uma sociedade organizada e estabelecida em dado espaço, o espaço geográfico.

Ao trabalhar a geografia em sala de aula, busca-se sempre partir da realidade, de um problema concreto, próximo da realidade do aluno, para começar a desenvolver o conteúdo de forma contextualizada, para que o aluno perceba explicitamente que os conteúdos abordados e desenvolvidos em geografia objetivam instrumentalizá-lo para que adquira a capacidade de reflexão crítica sobre a sociedade/sociedade e a sociedade/natureza, ou seja, o espaço geográfico em que vive.

Assim, o objetivo é praticar o ensino de geografia no ensino básico de forma que o educando reconheça a disciplina como uma ferramenta chave para entender o espaço e as suas formas de organização.

A prática pedagógica desenvolvida parte do princípio de trabalhar os conteúdos partindo da realidade do aluno. Para isso, o professor tem que estar permanentemente se atualizando e buscando integrar o local ao global e vice-versa. Santos (1997) nos mostra que cada local é a sua maneira no mundo. O professor de geografia deve partir de exemplos pertencentes à vivência/realidade do aluno.

A motivação para o desenvolvimento da proposta parte do pressuposto de que muitas vezes, no ensino de geografia, o professor trabalha com conteúdos previamente estabelecidos sendo que a forma como são apresentados, ou seja, em tópicos dos conteúdos programáticos e/ou em livros didáticos, se mostra distante da realidade vivida pelos alunos. Fato impulsionador, muitas vezes, para o distanciamento dos alunos em relação à disciplina e aos conteúdos desenvolvidos na geografia como disciplina escolar. Verificou-se que a partir de que, na abordagem inicial, os conteúdos geográficos já estarem vinculados ao contexto do aluno, ocorre um interesse do aluno em participar mais ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Com isso pode acontecer na sala de aula, conforme Saviani (2009) – a catarse – processo em que se efetiva a aprendizagem e em que o aluno passa a um grau de compreensão mais elevado sobre determinado assunto.



A proposta foi realizada em oito turmas do Ensino Médio, com alunos entre 15 e 16 anos. Verificou-se que em todas houve uma integração dos alunos com os conteúdos trabalhados. A participação dos alunos nas atividades se deu de forma efetiva. Foram obtidos resultados, como: mais disciplina, participação e comprometimento na sala de aula. Ainda, foram constatados: maior autonomia dos alunos em pensar e relacionar as ações da sociedade sobre o espaço geográfico, refletindo primeiramente, sobre as suas atitudes, dentre elas direitos e deveres para com a sociedade/natureza, contribuindo assim para a formação do aluno enquanto cidadão atuante da sociedade em que vive.

A HISTÓRIA INFLUENCIANDO O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Dilson Ferreira Ribeiro
Colégio Municipal Pelotense
Pelotas/RS

Esta é uma proposta que sai da rotina diária dos alunos do ensino médio do Colégio Municipal Pelotense e teve como um dos propósitos, a mudança no ensino da matemática. Com o objetivo de introduzir a história e de proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer personagens que foram importantes para o desenvolvimento da matemática, desenvolveu-se uma atividade de pesquisa que oportunizasse aos alunos o entendimento do quanto foi influente o momento histórico e o costume de cada povo na construção desta ciência.

Inicialmente foi proposta, para cada uma das 8 turmas, uma divisão em 2 grupos com aproximadamente 15 alunos cada um. Cada grupo ficou encarregado de montar um mural sobre um personagem matemático pré-determinado pelo professor. Para organizar as tarefas, os grupos se subdividiram e um representante ficou encarregado de delegar atividades que compreendessem: 1) levantamento teórico e imagens sobre o personagem; 2) Diagramação do mural cumprindo requisitos básicos como: imagem, nome, época em que viveu e contribuições; 3) Apresentar o mural destacando a importância da história da matemática no processo de aprendizagem. Após a apresentação, o melhor grupo foi eleito por 3 professores das áreas de: Língua Portuguesa, Filosofia e Biologia.

Na composição dos murais, os trabalhos abordaram a vida e a obra de: Pitágoras, Blaise Pascal, Charles Babbage, Johannes Kepler, Hipátia de Alexandria, Marie-Sophie Germain, Leonhard Paul Euler e o brasileiro Julio César de Mello e Souza, mais conhecido como Malba Tahan (2014). Salienta-se que um dos murais propôs a evolução da máquina de calcular. Outra atividade que manteve relação com a construção dos murais foi a exibição de um filme sobre a história da vida de Hipátia de Alexandria (2009). Mesmo o filme tendo como pano de fundo um romance, alunos do turno da noite, do segundo ano do ensino médio diurno e algumas alunas do curso normal tiveram a oportunidade de discutir sobre os feitos de Hipátia para a história da



matemática e a influência política e de costumes presente no processo de construção e desenvolvimento da matemática.

O evento ocorrido fora da rotina escolar dos alunos foi avaliado como um processo enriquecedor no momento de divulgar e entender a formação da matemática. A apresentação dos murais proporcionou a discussão entre pesquisadores e ouvintes numa interação que mostrou a importância em desenvolver atividades que saiam da rotina do aluno e que mostram a importância do aprendizado mútuo.

A INFLUÊNCIA DE UM CLUBE DE CIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO E NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Robson Simplicio de Sousa
Katia Gonçalves Grequi
Colégio Estadual Dom João Braga
Pelotas/RS

A construção do conhecimento escolar pode ser realizada tanto em salas de aula como em espaços não formais de aprendizagem, a exemplo do que é feito em Clubes de Ciências. Para Lima (1998), é possível afirmar que o Clube de Ciências abriga diversas finalidades e uma delas deve ser analisar e discutir a natureza das ciências pelos alunos da educação básica participantes do Clube.

Neste contexto, o Clube de Ciências *Unidos em Prol da Ciência* do Colégio Estadual Dom João Braga (UPC-DJB) nasceu em 2013 de uma iniciativa de alguns professores da área das Ciências da Natureza (CN). Foram, então, pensadas iniciativas para inserir os estudantes em um contexto mais próximo do saber científico. Os professores, então, convidaram estudantes dos 2^{os} e 3^{os} anos do Ensino Médio da escola para formação de um grupo.

Os estudantes, em conjunto com dois professores orientadores da área de CN participaram de atividades que envolveram a prática laboratorial em Química. Na 10^a Mostra de Educação Profissional, foi apresentado o projeto intitulado “*Aproveitamento do óleo de cozinha usado pela comunidade para fabricação de sabão*” que visava aproveitar o óleo de fritura residual para a fabricação de sabão (SILVA et al., 2013).

Para esta atividade, foi realizada uma pesquisa junto à comunidade (famílias dos estudantes, restaurantes, postos de recolhimento de óleo e o SANEP – Serviço Autônomo de Abastecimento de Água de Pelotas) pelos grupos de estudantes para saber que destino era dado ao óleo de cozinha usado. Além disto, os estudantes tiveram que estudar sobre os conteúdos envolvidos (óleos e gorduras – lipídios –, saponificação, história do sabão, impactos ambientais do descarte inadequado do óleo). Após estes estudos, passou-se para a etapa de fabricação quando foram utilizados óleo sem uso e o óleo usado pela comunidade. O produto foi fabricado sem apresentar nenhuma reação adversa à pele.



Com a avaliação do projeto, percebeu-se que ele foi muito além da fabricação do sabão. Os alunos envolvidos no projeto se tornaram mais curiosos, mais ávidos pelo conhecimento social e ambiental (não apenas pelo conhecimento científico). Os estudantes conseguiram se apropriar de conteúdos que ainda não haviam trabalhado nas aulas regulares. Houve, além disso, um aumento da autoestima junto com a necessidade de pesquisar mais e trazer suas próprias questões para problematização, criando, assim, novas perspectivas de trabalho e aprendizagem.

Na visão dos professores, (re)descobriu-se o prazer pela pesquisa e a necessidade cotidiana de buscar alternativas para estimular nossos alunos e, com esta experiência, sentimos estimulados a inserir estas atividades em nossa prática pedagógica. Assim, reafirmamos o quanto é enriquecedor revisar e reaprender conceitos esquecidos no tempo, sentir o quanto é bom descobrir e fazer parte de um processo no qual os alunos se sentem estimulados a aprender.

A INOVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO PELA PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Claudia Escalante Medeiros

Rosi Hernandes Trindade

Colégio Estadual Gal. Hipólito Ribeiro

Pinheiro Machado/RS

Este trabalho objetiva contribuir com a melhoria da educação, através da pesquisa como princípio educativo o que facilita o protagonismo do aluno envolvendo-o na construção efetiva de sua aprendizagem.

Sabemos que a educação tem o grande desafio de trazer para o presente pressupostos teóricos, que foram sendo acumulados ao longo do tempo, para que se transformem em instrumentos valiosos para as futuras gerações, na solução de problemas cotidianos. A pesquisa constitui o elo entre teoria e prática e permite estabelecer no presente, essa ligação entre o passado e o futuro.

Neste sentido, desenvolvemos com os alunos do primeiro ano - Ensino Médio Politécnico do Colégio Estadual General Hipólito Ribeiro uma Unidade Didática (GONZALES et al., 1999), cujo objetivo principal foi estudar as explicações para o processo de formação das substâncias ao longo da história. Foram realizados 09 encontros durante o terceiro trimestre do ano de 2013. Nestes encontros trabalhamos com atividades que priorizavam a pesquisa como princípio educativo.

Os resultados demonstraram a valorização da pesquisa, como princípio educativo, como se verifica nos depoimentos dos alunos: "As aulas ficaram mais legais, pois fomos para a biblioteca, laboratório de informática, entre outros, fizemos inúmeras pesquisas, Nelas aprendemos muito" (A1) ou "Nestas aulas eu achei muito produtivo, um modo diferente de aprendizagem que força a gente a pesquisar" (A2) ou ainda "Gostei muito do modo de trabalhar as



Ligações Químicas, dos trabalhos feitos etc. Esta forma de trabalhar a química facilitou muito o entendimento do conteúdo, nos tornou mais produtivos, incentivou-nos a pesquisar e nos informar acerca do conteúdo” (A3).

Percebemos que educar e pesquisar são processos coincidentes, que instigam a construção do conhecimento. Ao pesquisar, o aluno desenvolve sua capacidade criativa, libertando o seu fazer. O professor, nesta proposta, passa a ser o orientador do trabalho, construindo e aprendendo junto com o aluno.

Dessa forma, a pesquisa passa a ser fonte de um novo saber, que reflete a epistemologia do professor, estimula o educando a buscar, a aprender, a pensar e produzir autonomamente.

Entendemos que trabalhar com a pesquisa como princípio educativo possibilita o mais além, ao educando, uma vez que este se instrumentaliza a (re)-significar o conhecimento escolar associando-o com suas vivências, assim como, a tornar-se construtor de sua aprendizagem, ou melhor, sujeito de sua história.

A MÁGICA DE LER E ESCREVER!

Letícia Schneider Ferrari
EMEI e EF Caldas Junior
Turuçu/RS

As atividades descritas nesse trabalho foram realizadas com uma turma de 15 alunos, do 3º ano, em uma escola municipal da cidade de Turuçu – RS, no ano de 2013, com a finalidade de promover o conhecimento de forma lúdica e interessante para as crianças. Sendo o objetivo desenvolver o interesse pela leitura e pela escrita de forma prazerosa e produtiva. As atividades foram: “o ajudante mágico”, na qual o aluno ajudante do dia realizava a mágica, se caracterizando com uma capa e retirando de dentro da cartola um livro do qual, após fazer a parte introdutória explorando a capa, bem como autor e ilustrador, a professora fazia a leitura da história; o livrão que foi composto por histórias e ilustrações coletivas da turma sempre relacionadas e produzidas a partir de uma história que havíamos trabalhado em sala de aula; o dicionário, que cada aluno produzia o seu e que, ao longo do ano, foi ganhando mais palavras e significados, algumas sugeridas pela professora outras trazidas por eles; o livro de receitas, cada aluno trouxe uma receita e montamos um livro com as receitas de todos; autobiografia, os alunos fizeram uma pequena pesquisa referente ao seu nascimento, infância, preferências e escreveram um texto juntando todas as informações pesquisadas que em seguida se transformou em um livro autobiográfico com ilustrações também produzidas por eles e que, quando o trabalho estava finalizado, realizamos um lançamento do livro para a escola; fichas de leitura, uma vez por semana os alunos levavam livros de histórias para casa e faziam fichas de leitura observando autor, coleção, número de páginas, personagens e, periodicamente, iam para os colegas seus resumos



comentando o que haviam achado da história. Por fim, foi feito um diário: os alunos, um por vez, levavam para casa um boneco feito com material reciclado que foi confeccionado pela professora e junto com ele ia seu diário, no qual deveriam escrever tudo que haviam feito com o boneco durante os dias em que ele ficou em sua casa. Com o desenvolvimento dessas atividades percebemos como resultado um maior interesse em ler e ouvir histórias, melhora na escrita, na organização das ideias e na criatividade, ampliação do vocabulário e, principalmente, o envolvimento e interesse de todos nas realizações das tarefas.

A PERSPECTIVA INCLUSIVA NO ALFABETIZAR LETRANDO

Cléia Beatriz Aires Gomes
Ivani Schellin Radtke
EMEF Doutor Jaime de Faria
Canguçu/RS

O presente relato tem o objetivo de mostrar trabalhos realizados com alunos de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, dentro do ciclo de alfabetização em que alunos com deficiências intelectuais e com baixa visão foram alfabetizados com a perspectiva inclusiva no ato de alfabetizar letrando.

A escola em que atuamos fica localizada na zona rural do município de Canguçu/RS e está inserida em uma comunidade de cultura Pomerana, de tal forma que a maioria dos alunos ingressa nos anos iniciais tendo esta como língua materna, alguns deles só aprendem o Português, como a 2ª língua, na escola, o que dificulta sobremaneira o processo de alfabetização e letramento.

Em consequência, procura-se desenvolver o processo de alfabetização de maneira integrada com as vivências e realidades locais, de forma significativa e crítica, ou seja, privilegiando a qualidade dos conteúdos e não a quantidade de informações. Assim, proporcionamos aos alunos oportunidades variadas, que estimulem o falar, desenhar, pintar, escrever, manipular, inventar, enfim, expressar suas ideias e facilitar a aquisição de conhecimentos. Para isso, são oferecidos aos alunos, o contato com uma diversidade de gêneros orais e escritos como: cartas, bilhetes, diários, listas de compras, fábulas, contos, lendas, peças teatrais, poemas, receitas, notícias, reportagens, charges, jornais, revistas, internet, piadas, histórias em quadrinhos, parlendas, trava-línguas, livros, jogos didáticos e documentos entre outros.

As ações realizadas visam ao desempenho tanto intelectual quanto social dos alunos, valorizando sempre suas competências e habilidades e priorizando o desenvolvimento da autoconfiança, do contexto social e cognitivo de cada um. Dispõe-se, em sala de aula, de diversos recursos a fim de proporcionar um ambiente agradável e favorável à aprendizagem de todos. Para que a inclusão dos alunos deficientes seja realmente efetivada com eficácia e responsabilidade,



propondo ações distintas para que possam participar e tomar decisões tornando-se seres capazes de atuar na sociedade, integrando-se a ela de maneira significativa e agindo com criticidade na tomada de decisões, enquanto cidadãos participativos e atuantes.

Alfabetizar e letrar são duas coisas distintas, mas não inseparáveis, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o educando se torne ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. Sendo assim, é oferecida a todos os alunos a mesma forma de alfabetização e dos quatro alunos com deficiência que atendemos três conseguiram demonstrar que acompanharam o processo de alfabetização e letramento com êxito.

A PESQUISA GERANDO INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Claudenir Bunilha Caetano
EMEF Presidente João Goulart
Arroio Grande/RS

O projeto foi desenvolvido na horta escolar da EMEF. Presidente João Goulart, Arroio Grande-RS, em parceria com a Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Sul - FEPAGRO SUL do Município de Rio Grande e o Curso Técnico em Agropecuária da EMEB Lauro Ribeiro do Município de Jaguarão. Este projeto pretendeu mostrar as cultivares de cebola, de alho e de cenoura que melhor se adaptavam à nossa região, tanto no sistema químico como no orgânico.

No primeiro momento foi feito o levantamento das hipóteses sobre a adaptação das cultivares de cebola, de alho e de cenoura, que melhor se adaptariam à nossa região. Experimentamos usando os sistemas de adubação química e de adubação orgânica. À medida que o experimento estava sendo realizado, os alunos iam expondo ideias que seriam comprovadas ou refutadas ao final do projeto.

Os alunos desenvolveram uma pesquisa bibliográfica utilizando o laboratório de informática da Escola e em suas residências, previamente orientados para pesquisar em sites relacionados e de confiança, como EMBRAPA e FEPAGROSUL.

O experimento foi conduzido em túneis baixos com 10 metros de comprimento por 1 metro de largura e 0,90 metros de altura. O manejo climático foi feito através da abertura e fechamento das laterais mesmo em dias de precipitação, ventos fortes e temperatura baixa.

Foram utilizados seis cultivares diferentes de cebola no experimento: Diamante, Fenix, Madrugada, Petrolini, Seleção D e Seleção Estação. Todas fornecidas pela Fepagrosul.

O objetivo acordado no primeiro momento com a Fundação de Pesquisa foi analisar a germinação e o desenvolvimento das plântulas de cebola no sistema orgânico e no sistema químico de produção. No segundo momento, esse material deveria ser transplantado para parcelas identificadas com 3 amostras e três repetições de análise.



Com o desenvolvimento do projeto, os alunos envolvidos conseguiram sistematizar saberes, despertar a curiosidade, trouxeram para o concreto os conceitos abordados na teoria, além participar de aulas práticas com regularidade, quando tocavam, viam, sentiam, o que resultou em troca e enriquecimento de conhecimentos sobre a utilização de alternativas que não agridem o meio ambiente.

A pretensão também era de que os educandos fossem instigados pelo educador a observar a realidade sob ângulos diferentes e à luz do conhecimento sistematizado. Com a introdução de ensaios de pesquisa nessa prática, os envolvidos puderam visualizar e construir novos conhecimentos que, de certo, deram e darão significados distintos àqueles que, no futuro, seguirão a pesquisa científica.

A PORTUGUESA (LÍNGUA) EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA

Mara Rubia Dias Soares
Laura Sacco dos Anjos Torres
Maithe Michelsen Camargo
EMEF Dr. Joaquim Assumpção
Pelotas/RS

O presente projeto, iniciado no mês abril de 2014, tem como objetivo contribuir para a apreensão de conhecimentos, saberes e informações para além do conteúdo proposto em Língua Portuguesa. Para tanto, pretende-se estabelecer como elemento motivador o período ditatorial, levando os alunos a refletirem sobre o processo de redemocratização do Brasil.

Aproveitando o tempo que marca os 50 anos do Golpe Militar, decidiu-se revisitar nossa história recente, fazendo despertar nos alunos o sentimento de democracia e comprometimento com seu presente e seu próprio futuro. O projeto abrange alunos da Escola Municipal Dr. Joaquim Assumpção de 6ª séries e 8ª séries.

Procura-se estimular os alunos para o exercício pleno da política em sentido amplo, desde as questões estudantis às questões mundiais, com o auxílio da língua materna. Conhecer a história recente de seu país e as formas de atuação nos diversos contextos nacionais; identificar através dos textos lidos os diferentes gêneros textuais. Estimular o aluno a conhecer sua própria história, envolver-se com as questões que mais lhe tocam, buscando associações frente à realidade atual; desenvolver e aprimorar a linguagem escrita, a criatividade, a interpretação, bem como estimular o contato com diversos gêneros textuais, instigar à pesquisa e aquisição de conhecimento utilizando para tanto o auxílio das TIC'S.

Os alunos demonstraram, através das reflexões, entendimentos sobre as diversas ações que enfatizam a falta de liberdade durante o período ditatorial e a liberdade em demasia na atual democracia. A partir dos trabalhos realizados também demonstraram ter adquirido conhecimento dos diferentes gêneros textuais. A integração de diferentes áreas do conhecimento



e diferentes metodologias de trabalho farão com que os alunos sejam conduzidos a perceber que a língua portuguesa é objeto de comunicação, interação e informação.

O vigente projeto conta com diversas estratégias a fim de auxiliar o aluno na aquisição de conhecimentos e fixação de conteúdos. Entre essas se destacam: entrevistas, debates, leitura de reportagens, execução de músicas e vídeo referente à temática central do projeto.

A partir dos resultados parciais, podemos concluir que os alunos demonstraram ter incorporado de modo satisfatório o vocabulário relativo à temática, aplicando-o corretamente no contexto ao qual se associa.

A SALA DE AULA DESCORTINANDO SABERES – JOVENS ESCRITORES DO ENSINO MÉDIO QUALIFICANDO APRENDIZAGENS ATRAVÉS DA POESIA

Daniela Pedra Mattos
EEEM Joaquim Duval
Pelotas/RS

Este trabalho tem por objetivo apresentar dados parciais de um projeto realizado com os alunos do Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Pelotas/RS. Tal projeto visa instigar os jovens estudantes ao hábito da leitura e, conseqüentemente, qualificar o processo da escrita. Este projeto nasceu da percepção da professora ao analisar as fragilidades do processo de escrita em três turmas do primeiro ano do ensino médio. O projeto dos “alunos escritores” emergiu como uma estratégia para otimizar o processo ensino aprendizagem e potencializar o processo de escrita de mais de noventa jovens alunos. A professora partiu da apresentação de fragmentos de canções e textos que tinham em sua abordagem principal as emoções. Em seguida, fazendo um passeio pela literatura e apresentando aos jovens alunos os diversos gêneros textuais e, entre estes, a poesia como um autorretrato das emoções e indignações joviais. O trabalho começou pela construção de pequenos textos, num processo de escrita e reescrita, sendo que os conteúdos desenvolvidos passavam pelo meio dessas produções. As aulas de Língua Portuguesa passaram a ser otimizadas pela expressão escrita de forma inquieta e os alunos passaram a construir seus poemas e textos autonomamente. O projeto passou a ser mais que um projeto didático, mas, sobretudo, passou a ser um instigador de sonhos para os jovens escritores, que perceberam que a expressão escrita ganhara voz e vez e suas emoções serão vivenciadas e sentidas através da construção do conhecimento. Os dados, ainda parciais, revelam o crescimento considerável no processo de escrita desses alunos e, sobretudo, o interesse destes pela leitura cresceu consideravelmente... O projeto ainda em andamento será consolidado na edição de um livro coletivo de poesias, construído pelos mais de noventa jovens escritores, alunos de uma escola pública estadual. Dessa forma, espera-se que os fragmentos deste trabalho pedagógico sejam um sinalizador de caminhos na aprendizagem de professores e alunos na busca pela qualificação da aprendizagem.



A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A APLICABILIDADE DA LEI N.º 11.645-2008

Jaqueline de Mattos Mendes
Pamalomid Zwetsch
Tatiana Cristina Ugoski Rodrigues
EMEF Nestor Elizeu Crochemore
Pelotas/RS

Esse texto relata a experiência que tivemos no ano, de 2013, na EMEF Nestor Elizeu Crochemore, situada no 7º distrito de Pelotas, Quilombo, na Vila Nova, referente à parceria entre o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) desta unidade de ensino com o Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na construção e execução do Projeto de Extensão: “Temática Indígena na Escola: diversidade de saberes”.

O projeto visou atender à Lei 11.645-2008, que estabelece como obrigatoriedade o ensino da História e Cultura Afrobrasileira e Indígena nos currículos escolares e que esses sejam trabalhados “em todo o currículo escolar (...)” (§ 2º). Assim, nada mais justo que o trabalho sobre a história dos indígenas e suas contribuições para a construção da identidade brasileira. Apesar de muitas vezes ficarem no esquecimento, cabe a nós, educadores, informar a nossos alunos o quanto os povos indígenas contribuíram e influenciaram para a construção de nossa cultura, assim como nas áreas social, econômica e política. Os povos indígenas são nossos contemporâneos, fazem parte da nossa sociedade e estão lutando para ter seus direitos respeitados. É preciso lembrar que há em nosso cotidiano muitas influências indígenas como em: comidas, vestimentas, bebidas, vocabulários, lendas, entre outros.

A Formação foi oferecida a professores e funcionários da escola através de palestras e visitação à aldeia *Tekoá Kapi'i Ovy*, do grupo indígena *Mbyá Guarani*, localizada na Colônia Maciel, interior de Pelotas. Com os alunos realizamos oficinas e apresentação musical e roda de conversa com a família da Aldeia que veio à nossa escola. As oficinas com os alunos tiveram a participação de pessoas da escola em conjunto com integrantes do NETA.

A manutenção e preservação da história dos povos indígenas é, também, nossa história. Assim, cabe salientar que garantir o trabalho desta temática na Educação Básica é assegurar uma aprendizagem construída e baseada na valorização e no respeito à diversidade cultural de nosso país.



A TUTORIA PRESENCIAL EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Priscila Barcelos Cardoso Röhnelt
IFSul
Pelotas/RS

O ensino à distância é uma modalidade de educação que chegou para ficar. Representa uma importante alternativa para alcançar pessoas e lugares em que as modalidades de ensino integralmente presenciais ainda não conseguiram chegar. A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9394/96 regulamenta que a educação é um direito de todos. No entanto, devido à sobrecarga de tarefas da vida adulta ou mediante as distâncias geográficas em relação aos centros de ensino, ou ainda pelas condições financeiras de cada indivíduo, são várias as situações adversas que impedem e/ou distanciam o ideal de uma educação que inclua a todos.

Como alternativa para legitimar esse direito: a educação como um direito de todos, surge a modalidade de educação à distância. A legislação regulamenta um mínimo de 20% da carga horária dos cursos à distância a serem desenvolvidas em atividades presenciais. Dentre os diversos cursos que foram criados no Brasil nos últimos anos, temos desde 2012, aqui no Rio Grande do Sul, o Profuncionário – Programa de formação continuada para funcionários da educação, promovido pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense. O programa surge como uma importante alternativa de oferecer uma ampliação à qualificação profissional dos funcionários da educação que fazem parte do efetivo da rede básica de ensino.

O Profuncionário é composto pelos cursos: Multimeios Didáticos, Alimentação Escolar, Secretaria Escolar e Infraestrutura Escolar. Os cursos são ofertados em 14 polos: Bagé, Barra do Ribeiro, Camaquã, Charqueadas, Jaguarão, Encruzilhada do Sul, Passo Fundo, Pelotas, Pelotas (CAVG), São José do Norte, São Lourenço do Sul, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Venâncio Aires.

No presente relato, falo da experiência como tutora presencial do Curso de Infraestrutura Escolar, no Polo Pelotas. O objetivo é demonstrar a experiência de tutoria presencial com funcionários da educação. O tutor presencial possui a função de acompanhar e orientar os alunos no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando nos acessos e na realização das atividades junto ao ambiente virtual de aprendizagem, mediando a interação com os recursos disponíveis, como as vídeoaulas presenciais que ocorrem uma vez por semana, e também junto à aplicação das avaliações teóricas. O tutor presencial é um mediador entre os alunos e os professores.

No Profuncionário - Infraestrutura Escolar, temos como público alvo funcionários da educação que estão há certo tempo afastados dos estudos formais. Todos com ensino médio completo, mas que por motivos de carga horária, não conseguiram dar continuidade aos estudos pelas dificuldades em conciliar com a rotina de trabalho. Puderam encontrar no curso com aulas presenciais uma vez por semana, a possibilidade de formação continuada aliada a sua prática profissional.

Observa-se que a tutoria presencial tem sido uma importante mediadora entre os



alunos e a efetivação do processo de ensino-aprendizagem, devido ao trabalho do tutor junto a superação das dificuldades dos alunos com os recursos tecnológicos, como o ambiente virtual, e/ou quanto a estimular o educando a ter uma rotina de estudos. Avalia-se a prática de tutoria presencial como uma atividade em que o tutor media diálogos e experiências sobre a educação. O tutor participa do processo educativo enquanto agente propulsor à interação. Como nos diz FREIRE: aprendendo enquanto ensina e ensinando enquanto aprende.

A UTILIZAÇÃO DE EXPERIMENTOS COM MATERIAIS ALTERNATIVOS, MOTIVANDO ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO PARA O ENSINO DE QUÍMICA

Maicon Renato Ferreira Sampaio

Denise Borges Sias

ETE Profa. Sylvia Mello

Pelotas/RS

O presente trabalho relata uma experiência didática realizada com uma turma de segundo ano do Ensino Médio noturno de uma escola pública, na qual os alunos foram motivados para a aprendizagem de química realizando atividades experimentais com materiais alternativos. O desenvolvimento desse trabalho foi sustentado na teoria sócio- interativa de Lev Vygotsky. Esta proposta foi desenvolvida com o intuito de motivar os alunos e buscar uma forma mais eficiente de melhorar a aprendizagem de química, já que, geralmente, a química abordada no ensino médio é vista como um assunto que não desperta o interesse, apesar de estar presente, de diferentes formas, em nosso cotidiano. A experiência didática consistiu em cinco etapas: aula teórica básica sobre transformações químicas e físicas, questionário motivacional, aulas experimentais utilizando materiais alternativos, questionário posterior aos experimentos e aulas teóricas onde as respostas dos relatórios foram problematizadas com o grande grupo.

A proposta de trabalho atingiu os objetivos iniciais, uma vez que, foi possível motivar mais os alunos para o estudo da química. A experiência não consistiu somente em fazer experimentos, mas em uma sequência para que o aluno utilizasse a linguagem química, a ferramenta da escrita para a resolução de um problema através de dicas. Ou seja, procurou-se instigar a capacidade investigativa dos alunos. O trabalho em grupos proporcionou inúmeras vantagens, sendo muito importante ressaltar a interação entre os estudantes, onde o estudante mais experiente pode auxiliar o menos experiente. Além disso, a proposta pode ser aplicada em qualquer escola pela utilização de materiais alternativos e de baixo custo.

A experiência foi avaliada como positiva, pois se observou um aumento na motivação e interação entre os estudantes em sala de aula. Além disso, com base nas falas e relatos dos alunos, a experiência proporcionou uma maior troca de conhecimentos e uma aprendizagem mais significativa.



A UTILIZAÇÃO DE SUPORTES TECNOLÓGICOS PARA INCENTIVAR PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE CRÔNICAS NO ENSINO MÉDIO

Jossemar de Matos Theisen
Lucinara Gaia Veleda Boeira
EEEM Monsenhor Queiroz
Pelotas/RS

Os estudos referentes à educação devem contribuir de algum modo, para que se conduzam boas práticas de ensino-aprendizagem, assim como, ter como prioridade formar o cidadão e, para isso, precisa estar afinada com as novas tendências manifestadas pela sociedade, com uma aprendizagem contínua através de processos de formação. A aprendizagem da leitura e da escrita deve ser um ato de educação fundamentalmente ético e político. A leitura e a escrita de hoje devem levar em conta a história das pessoas e das sociedades: seus hábitos, costumes, modos de viver e de pensar. Devem colocar o homem como agente da história e não como mero sujeito dela, onde alguns poucos são enaltecidos por quaisquer fatos que os destacam no meio social, político, econômico, militar ou religioso. Cabe, principalmente aos educadores, proporcionar aos educandos oportunidades para observar e analisar o contexto no qual estão inseridos e, mais do que isso, oferecer-lhes condições para que tenham vontade política para propor alternativas pertinentes que visem à melhoria da qualidade de vida da sua coletividade.

Nesse contexto, foi realizado um projeto, que teve o seguinte objetivo: despertar o interesse nos alunos dos primeiros anos do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz, em produzir textos do gênero crônica, utilizando recursos tecnológicos. A pesquisa foi realizada na linha de uma pesquisa-ação com um grupo de 29 alunos do turno da tarde na faixa etária entre 14 e 17 anos, os quais possuíam boa familiaridade com os recursos tecnológicos.

Verificou-se a concepção dos mesmos em relação ao uso da tecnologia como ferramenta de estudos, especificamente para a disciplina de Produção Textual. Primeiramente, foi realizado um diagnóstico sobre essa percepção; em seguida, foram feitas práticas pedagógicas envolvendo diferentes recursos tecnológicos tais como TV, vídeo, computador com acesso a internet e postagem das crônicas realizadas em um Blog. Por fim, aplicou-se um segundo questionário para avaliar as práticas realizadas.

Percebeu-se que os alunos costumam participar ativamente das redes sociais, entretanto apresentam algumas dificuldades em tarefas relativamente simples, como o envio de e-mails com anexo, por exemplo. Além disso, poucos alunos associavam o uso do computador a uma ferramenta de estudos. A pesquisa atingiu seu objetivo de despertar e motivar os alunos para a leitura e a produção de textos do gênero crônicas. Os resultados deste trabalho indicaram que é possível desenvolver práticas significativas de ensino utilizando os diversos recursos tecnológicos.



A VIDA EM VALORES: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS

Josimara Wikboldt Schwantz
Isabel San Martin Schwartz
Roselen Goulart Xavier
EEEF Dona Gabriela Gastal
Capão do Leão/RS

Este trabalho apresenta um projeto executado em 2013, nas turmas de 4º e 5º ano na EEEF Dona Gabriela Gastal, na cidade de Capão do Leão, RS. Levando em consideração a problemática atual no que se refere às questões de violência que assolam nossa sociedade, justifica-se a escolha do tema por operar atividades curriculares que pudessem amenizar e/ou avaliar atitudes de comportamento que os estudantes adquirem em suas vidas. O projeto teve por objetivos proporcionar o estudo em valores humanos (MARTINELLI, 1996) aos discentes, para que pudessem pensar sobre as relações internas e externas que acontecem no conviver diário em uma sala de aula, por exemplo. De acordo com Martinelli (1996, p. 15), os valores humanos são fundamentos morais e espirituais da consciência. Toda a vivência experimentada e refletida em torno das atitudes do ser humano, em relação a esses valores, alicerça seu caráter incidindo na conduta como uma conquista intelectual da personalidade. A metodologia baseou-se em aulas expositivas, dialogadas, com saídas de campo e exploração em vídeos assistidos. O projeto teve duração de um ano letivo. Uma vez por semana era desenvolvido com as turmas. A cada semana planejavam-se as aulas levando em conta as necessidades estabelecidas na convivência entre os estudantes e os professores para a escolha de cada temática trabalhada, por ex.: valor absoluto: amor; valor relativo: amizade. A partir desse critério, cada docente orientava seu estudo, aprimorando as aulas com textos reflexivos, fábulas e histórias bíblicas que pudessem fazê-los pensar sobre suas ações perante o outro e com a escola. Utilizaram-se filmes, entre eles, Spirit, o corcel indomável (2002), como material pedagógico a fim de proporcionar, do mesmo modo, a reflexão sobre as questões atribuídas.

Para avaliar o processo de aprendizagem dos estudantes, a cada aula eram propostas avaliações escritas, como mensagens e poemas, que pudessem registrar suas ideias em torno do valor estudado. Como resultado, pode-se considerar o projeto como eficiente no que diz respeito à integração e ao convívio do grupo. No início do ano letivo, eles apresentavam, com maior frequência, atos de violência verbal e física na busca por solucionar algum problema. Já ao final do ano, percebeu-se uma considerável diminuição nos índices de brigas e discussões na escola. Fato que leva a acreditar nos efetivos resultados das aulas de valores humanos que foram proporcionadas, principalmente, por apostar no diálogo como ação potente a ser atribuída nas relações de convivência.

Para concluir, afirma-se a relevância de investir em projetos que priorizem o estudo e a compreensão da vida para serem discutidos na escola. Que esse movimento teórico e metodológico possa quebrar os tabus que ainda permeiam as ciências educativas em torno da violência escolar. Deseja-se, ainda, que essa experiência de investir em aulas de valores humanos



possa se transformar em uma educação para a paz.

ACESSIBILIDADE NO TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU

Ricardo Bierhals Silveira
Escola Técnica Estadual Canguçu
Canguçu/RS

O projeto “ACESSIBILIDADE NO TRANSPORTE PÚBLICO COLETIVO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU” tem como principal objetivo solucionar problemas que acarretam a falta de acessibilidade sofrida principalmente pelos cadeirantes, no município de Canguçu, onde resido. Para isso, foi necessário analisar a realidade do município, onde se constata a inexistência de veículos de transporte público adaptados.

Para debater esse problema e buscar as soluções foram contatados os representantes dos poderes executivo e legislativo. Para a comprovação da necessidade de reflexão sobre a acessibilidade foram entrevistados cadeirantes e pessoas próximas a eles, como familiares, amigos e colegas. Também foi criado um projeto para ser analisado e votado na Câmara de Vereadores do município de Canguçu, que ainda não se efetivou como lei, pois depende de um abaixo-assinado de eleitores para entrar na pauta das reuniões legislativas. Entraram na luta para arrecadar as assinaturas vários meios de comunicação, como blogs e programas de televisão.

No município de Canguçu, é extremamente relevante o uso do transporte público para as pessoas que têm dificuldades motoras, já que a região se localiza na serra do sudeste, sendo as ruas bastante íngremes, dificultando ainda mais a locomoção.

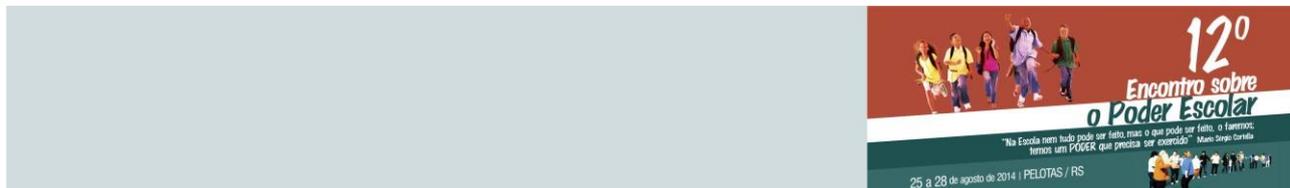
Através deste trabalho, pode ser percebida a discrepância entre o que está assegurado pela legislação federal e o que efetivamente ocorre nas nossas ruas. Ainda que o direito à acessibilidade não tenha sido incluído na prática em nosso município, o fato de discutirmos o assunto já é um início; além de colocar os indivíduos com necessidades especiais como cidadãos e não à margem, como até então estavam. Muitas pessoas não saem de casa por falta de acessibilidade no transporte, tornando mais difícil sua inserção na comunidade.

Quando a lei for aprovada e executada, os portadores de necessidades especiais terão seus direitos, como respeito e liberdade garantidos, podendo atuar mais e contribuir para o crescimento de nosso município.

É nítido o atrelamento dos nossos direitos como cidadãos ao lucro das empresas, pois muitos empresários do transporte coletivo justificaram a falta de acessibilidade como decorrente do passe livre aos cadeirantes, bem como da inexistência de incentivos financeiros para isso.

Desse modo, foi constatado que ainda temos no Brasil uma distância muito longa entre o que é de direito e o que ocorre na prática, causando uma grande desigualdade e exclusão de muitos cidadãos.

Com tudo isso, o projeto não está totalmente concluído, pois só serão alcançados de



forma integral seus objetivos quando todas as pessoas tiveram assegurados – não apenas em lei – seus direitos de locomoção e acessibilidade.

AÇÕES DO PROGRAMA ARTE E MATEMÁTICA NO ANO DE 2013

Tiago Dziekaniak Figueiredo
José Alexandre Ferreira da Costa
Marília Nunes Dall'Asta
UFPEL/FURG
Rio Grande/RS

O trabalho visa relatar algumas experiências oriundas do Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, intitulado “Arte e Matemática: possibilidades interdisciplinares na Educação Básica” no ano de 2013. O Programa, financiado com recursos do edital PROEXT – MEC/SESU 2013, foi criado com o objetivo de constituir um grupo de alunos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento da Universidade para promover ações extensionistas sobre a interdisciplinaridade entre a Arte e a Matemática no ambiente escolar, sendo composto por 5 projetos que convergem a um mesmo objetivo: integrar a formação inicial e continuada de professores em um trabalho conjunto dentro do espaço escolar e da Universidade, visando a criação de um espaço de reflexão e discussão acerca do uso de materiais concretos imbricados pelo ensino interdisciplinar entre as áreas de Arte e Matemática no contexto escolar, incorporando a leitura de imagem, análise visual e sensorial, através da alfabetização visual e atividades lúdicas de criação e construção de materiais concretos para facilitar o aprendizado dos conceitos matemáticos. O programa destinou-se a 40 professores de Artes e Matemática e a 1200 estudantes do Ensino Fundamental de quatro escolas da rede pública de ensino da Cidade do Rio Grande/RS. Através do trabalho interdisciplinar, fazemos da escola um espaço mais colaborativo, no qual alunos e professores aprendem em comunhão a olhar por múltiplas formas para diversos objetos ou conceitos formais de cada disciplina, uma vez que olhar a sala de aula de uma única forma acarreta sérias limitações na investigação, na compreensão e nas conclusões, tais limitações impedem a possibilidade de múltiplas visões e acarreta na evolução da ciência escolar.



ações docentes fundamentais para que a aprendizagem aconteça

Rogéria Novo da Silva
Márcia Souza da Rosa
EMEF Machado de Assis
Pelotas/RS

O desafio de qualificar a atuação docente é uma demanda que se coloca na medida em que a Escola Machado de Assis visa promover a aprendizagem de todos os seus alunos, a partir de suas potencialidades e necessidades.

Neste sentido, nos momentos de reunião pedagógica, que ocorrem quinzenalmente, são propostas pela equipe diretiva um conjunto de atividades que permitem o fortalecimento do grupo, a discussão de temáticas afins com o papel docente e o papel da escola e a reflexão da própria prática.

Um dos temas que merecem recorrência na discussão se refere ao fazer docente cotidiano, como resultado de um processo de totalidade que delinea o movimento pedagógico existente tendo reflexos diretos na aprendizagem dos alunos.

Assim, refletir sobre a atuação docente é tarefa que se faz a partir da organização de 4 eixos principais interrelacionados dinamicamente: planejamento, encaminhamento inicial das propostas, intervenção e sistematização das mesmas.

Com este propósito foi indicado aos professores, em uma reunião pedagógica, que realizassem uma auto-avaliação, sem a necessidade de devolver à equipe diretiva, a partir destes quatro tópicos. No material organizado propôs-se questionamentos referentes a cada eixo demonstrando a sua direta relação com a aprendizagem dos alunos. Tais questionamentos objetivavam que os professores fossem analisando sua prática e conseguissem vislumbrar em que pontos precisariam focar maior esforço, transformando-os em referências para as ações futuras. O mesmo processo foi feito com a equipe diretiva, que teve questões apontadas pelos professores.

Este processo mostrou-se significativo para o grupo, permitiu que cada um assumisse o protagonismo sobre sua ação e buscasse, posteriormente, formas de avançar dos limites ali apontados. O desdobramento de cada eixo, a partir dos questionamentos, permitiu que os professores fossem compreendendo e percebendo suas ações cotidianas, avaliando-as em relação à aprendizagem dos alunos.

Cada profissional da escola, na medida em que toma consciência do seu fazer e dos seus limites, dá um passo na construção de sua identidade profissional, que está em permanente reconstrução. Nesse sentido, a equipe diretiva tem papel central na proposição de movimentos formativos que vislumbrem este processo.



AEE – UMA PROPOSTA DE CORPOREIDADE E INTEGRAÇÃO

Marlene Steinle

EMEF Major Waldemar Coswig
Arroio do Padre/RS

Este trabalho apresenta um estágio em Atendimento Educacional Especializado, desenvolvido com um aluno de ensino fundamental da Escola Major Waldemar Coswig, no município de Arroio do Padre. Ele frequentava o 3º Ano e tinha 10 anos em idade cronológica e apresenta laudo com CID F70 e F81. 0. Neste trabalho será denominado de J. O atendimento realizou-se de agosto a novembro de 2013.

Com o plano de trabalho objetivou-se atingir sua psicomotricidade, estruturação temporal, estruturação espacial, treino sistemático de direita-esquerda, freio inibitório, percepção visual e aditiva, memória visual, desenvolvimento da linguagem e expressão verbal. As atividades, em sua maioria, partem do suposto da prática corporal para o desenvolvimento de uma consciência corporal, pois quando nos conhecemos temos maior facilidade de compreensão de mundo e de interação com pessoas, objetos, escrita.

No atendimento coletivo temos como exemplos de atividades com a turma: Jogo de lençóis com bola em dupla, jogo de roubar bola da equipe adversária, brincar de venda com a turma.

Exemplos de atividades individuais: caminhos entre objetos, sobre palavras, boliche com letras, amarelinha com desenhos, twister.

O J. sempre esteve motivado durante o atendimento e quando terminou o estágio disse para seus colegas que era muito legal.

Em relação à conscientização corporal, continua com a mesma dificuldade de relacionar o lado direito com o esquerdo. Mas, teve muitos progressos quanto à percepção visual, ampliação de vocabulário, percepção de sons iniciais e finais.

Contudo, seu principal progresso foi quanto a sua interação na turma. Agora ele opina, intervém se não lhe agrada, não fica mais olhando passivamente, mas participa ativamente, mostrando uma melhora de auto-estima.



AIST POMERFEST - JDN: A EXPRESSÃO DA CULTURA POMERANA

Tanise Stumpf Böhm
EEEM João de Deus Nunes
Canguçu/RS

O objetivo desse projeto é envolver a comunidade escolar no intuito de resgatar e valorizar a cultura pomerana no município de Canguçu, fazendo com que a comunidade escolar se aproprie da sua própria história rememorando os costumes da cultura a qual pertencem. É tarefa de a escola compreender que a língua e cultura são também conceitos, pois segundo Kramash (2003), é através da língua que a identidade é co-construída na interação com outros, sendo aprendizagem e crenças inseparáveis, assim a nossa identidade social envolve todas as identidades dos grupos aos quais pertencemos.

A escola é um ambiente de múltiplas vozes onde acontece um processo de ensino/aprendizagem. Trazemos para esse ambiente toda uma gama de crenças e assumimos determinadas identidades. Quando interagimos com essas crenças e identidades individuais em sala de aula, estamos influenciados, em um processo contínuo de significação.

Não existe apenas uma cultura, mas muitas, os estudos da cultura se confrontam com interações multiculturais;

A cultura é um contingente produzido e por isso, possível de ser reconstruído. Ser humano significa viver sob condições culturais, a necessidade de a instituição despertar nos alunos a valorização das diferentes culturas nela existentes (como alemães, italianos, pomeranos...):

A cidade de Canguçu possui em suas raízes uma forte influência da colonização alemã/pomerana, o que marca os costumes e práticas das comunidades até hoje;

É importante manter as tradições e levar para as gerações futuras os ensinamentos aprendidos com os antepassados; uma maneira que encontramos de fazer isso é através do cultivo da língua, danças, cantos e gastronomia. Outro meio são os grupos de danças típicas, que trabalham a música desde a sua origem e em todas suas expressões e passa a ser uma construção cultural. Os objetos dos estudos da cultura são todas as atividades humanas.

A escola promoveu a difusão dessa cultura, por intermédio do “Evento Aist Pomerfest” (Primeira Festa Pomerana) realizado pela primeira vez na escola e no município, que recebeu alunos de diferentes escolas (estaduais e municipais) para valorizar jovens valores artísticos resgatando assim seus valores culturais.

Como a escola possui muitos alunos descendentes de imigrantes alemães/pomeranos com inúmeros talentos artísticos ligados a essas culturas como (danças típicas, culinária, cantos individuais e coletivos, causos, poesias... entre outros) sentiu-se a necessidade de promover um evento que pudesse destacar tais talentos e proporcionar a valorização desses educandos em nossa instituição.

O evento foi realizado em 28 de Setembro de 2013, sendo que no dia anterior já foi dado início ao evento, realizando um “Desfile Temático” envolvendo o grupo de Dança da escola, a professora coordenadora do evento e alguns membros da equipe diretiva, destacando como



grande incentivadora a diretora da escola JDN.

Saímos em um “Desfile” pela cidade com o grupo de dança “Dansgrup Pomerjuugend” levando a dança, a alegria e distribuindo bolachas típicas (DÓS), famosas bolachas pintadas com merengue colorido.

Esse desfile anunciava o evento que aconteceria no dia seguinte, pois a intenção era fazer um chamado à comunidade para que participasse do evento e conhecesse ainda mais a cultura alemã/pomerana.

Aist Pomerfest JDN (Autentica Festa Pomerana) foi realizada na tarde de 28 de Setembro de 2013 no Ginásio da EEEM. João de Deus Nunes. O Evento foi planejado nos mínimos detalhes: folders de divulgação, cartazes, faixas anunciativas, banners, camisetas canecos personalizados, troféus de destaque especial para os grupos e a decoração típica do ginásio.

A abertura do evento foi realizada pelo Grupo de Danças Korn Blume, da cidade de Arroio do Padre. O evento recebeu treze escolas (municipais e estaduais) que trouxeram grupos de alunos para suas apresentações, dentre elas: Danças Típicas Tradicionais, Canto Coletivo, Canto Individual e Causo. No decorrer da tarde as apresentações contagiaram o público presente no evento. Cabe salientar que a comunidade se fez presente em número significativo, lotando o ginásio da escola.

O Grupo de Danças Dansgrup Pomerjuugend, realizou o encerramento do evento com músicas típicas tradicionais, cabe destacar que nosso Dansgrup realiza a educação inclusiva, pois temos uma dançarina cadeirante que participa do grupo.

Nossos objetivos foram alcançados, foram além das expectativas, pois o público e a participação das escolas superaram nossas expectativas, respondendo positivamente ao nosso chamado e já querendo saber quando faríamos o segundo evento, que já ficou decidido que seria realizado.

Acreditamos em um sonho que se tornou realidade, *“Pois sonho que se sonha só, é só um sonho. Mas sonho que se sonha junto, torna-se realidade.”*

ALFABETIZAÇÃO LÚDICA: UM AGENTE POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGEM

Francine Fernandes Ribeiro
EEEF Lélia Romanelli Olmos
Pelotas/RS

Este trabalho pretende refletir sobre o uso do lúdico em sala de aula e de que forma ele pode servir como uma ferramenta importante no processo de alfabetização. O trabalho baseia-se na reflexão e estudo bibliográfico acerca da prática desenvolvida em uma turma de segundo ano do ensino fundamental de uma escola de periferia da cidade de Pelotas/RS. Aqui, procuro evidenciar a importância da ludicidade em sala de aula e como a mesma pode servir como agente potencializador de elementos cognitivos, afetivos e sociais entre os alunos.



A escolha desse assunto, o lúdico e suas possibilidades na aprendizagem, deu-se ao perceber que muitas crianças que se encontram no processo de alfabetização, não conseguem aprender através do método tradicional de ensino e necessitam do facilitador de aprendizagem, o lúdico. A proposta voltada para o lúdico em sala de aula sempre esteve inserida em um projeto didático, foi planejada com objetivos específicos e avaliada. Afinal, “Essa modalidade de organização do trabalho pedagógico prevê um produto final cujo planejamento tem objetivos claros, dimensionamento do tempo, divisão de tarefas e, por fim a avaliação final em função do que se pretendia. Tudo isso feito de forma compartilhada e com cada estudante tendo autonomia pessoal e responsabilidade coletiva para o bom desenvolvimento do projeto” (NERY, 2007, p. 119).

Em suma, sabe-se que o dever de ensinar não é uma tarefa fácil, pois nossa sociedade passa por constantes evoluções, sociais, econômicas, culturais, etc. É praticamente unânime o discurso de que a educação precisa se tornar mais dinâmica para acompanhar essas evoluções. Precisamos levar para a sala de aula o uso de computadores, jogos que proporcionem o raciocínio lógico, leituras que levem a uma leitura de mundo, enfim, nossa sala de aula deve ser menos tradicional e mais atraente tornando o aluno um ator social e construtor de sua história.

Ao longo do ano foram trabalhados diversos projetos didáticos que envolviam o lúdico. Esses projetos eram eleitos pela turma, e envolviam atividades de pesquisa *online*, entrevistas, trabalhos de artes, culinária, música, brinquedos e brincadeiras, teatro, passeios pedagógicos etc. Todas essas situações podem ser lúdicas, dependendo de como forem planejadas. Isto é, uma atividade lúdica pode ser um jogo, uma brincadeira ou qualquer outra coisa que dê prazer, sensação de plenitude (BRASIL, 2012, p. 16).

Constatou-se que houve uma conquista significativa no processo de alfabetização. Os testes de Ferreiro que foram aplicados mostram que, 90% dos alunos findaram o ano no nível silábico-alfabético. Os 5% dos alunos alcançaram o nível silábico em transição para o silábico-alfabético e os outros 5% tiveram um avanço mais lento devido às suas características específicas. Destaca-se ainda, que as crianças se relacionam muito bem, aprenderam a respeitar uns aos outros, a solucionar seus próprios conflitos e a serem mais autônomos.

ALFABETIZANDO COM A SEQUÊNCIA DIDÁTICA “A ARCA DE NOÉ” DE VINÍCIUS DE MORAES

Elida Regina Nobre Rodrigues
EEEF Pio XII
Jaguarão/RS

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver a aprendizagem do Letramento e do Sistema de Escrita Alfabética de forma lúdica e prazerosa, através de jogos, brincadeiras e de diferentes gêneros textuais, integrando os conhecimentos de Língua Portuguesa, História, Artes, Ciências e Matemática, tendo como mote a obra de Vinícius de Moraes.



O trabalho foi desenvolvido no quarto bimestre de 2013, na EEEF Pio XII, escola de pequeno porte, localizada na área central do município, próxima ao Rio Jaguarão, atendendo a comunidade ribeirinha e demais bairros do município. A turma do 1º ano, em que foi desenvolvido o trabalho, possuía 19 alunos em diferentes hipóteses da alfabetização, na concepção de Ferreiro e Teberosky.

As primeiras leituras iniciaram com a biografia de Vinícius de Moraes, situando-o como ser histórico e cultural, fazendo relações e inferências com o conhecimento prévio dos alunos: *“Eu vi falar dele no ‘ESQUENTA!’”*; *“A gente cantava umas músicas dele no pré!”*; *“Minha mãe me leu uma coisa dele”*. Na continuidade, fez parte da rotina das crianças a leitura de letras, palavras, textos e livros de histórias relacionados aos poemas ou músicas de Vinícius, como o livro de histórias *“ABC dos animais”*, como introdução da obra *“A arca de Noé”*.

Os alunos sempre trabalhavam em grupo, interagindo de forma oral com os colegas, como nas atividades que chamavam a atenção para o compartilhamento de letras como *arca/barca* ou *Noé/Noel*, através de jogos e brincadeiras.

Ao trabalhar o poema *“O leão”* fizemos a leitura expressiva, canto da música, dramatização e brincadeira da *“jaula”* do leão, em roda, cada criança deveria dizer o nome de um material frágil ou resistente, para aprisionar ou libertar o *“leão”*, acontecendo atividades semelhantes com o poema *“O pato”*.

Para introduzir o poema *“As borboletas”* comecei com a audição da música *“Primavera”*, de Vivaldi, explorando os sentimentos despertados, boa parte da turma relatou que *“sentiu”* borboletas na escuta da canção. O envolvimento foi tanto que esse se tornou o poema preferido da turma, dando origem à apresentação de encerramento do ano, em que todos declamaram e dramatizaram a primavera através das borboletas, tendo sido explorado também na confecção de um painel artístico com o decalque das mãos dos alunos.

Outros gêneros textuais foram sendo trabalhados, como a leitura comparada do texto científico *“A abelha”*, com vídeo sobre as transformações das borboletas, gerando uma produção de histórias em quadrinhos.

Os objetivos iniciais acabaram sendo extrapolados. Muitas crianças avançaram e/ou consolidaram suas hipóteses com relação ao letramento. Minha avaliação é a de que trabalhar com diferentes gêneros textuais, aliados ao conhecimento prévio dos alunos como ponto de partida, desperta a sensibilidade, estimula a atenção, a participação e o comprometimento dos alunos com a proposta de trabalho apresentada pelo professor.



ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Janice Pinto Duarte
EMEF Secundino Silveira da Silva
Canguçu/RS

Tendo conhecimento da importância de termos hábitos saudáveis na nossa alimentação, desde o início do ano letivo de 2013, realizamos na EMEF Secundino Silveira da Silva, localizada no interior do município de Canguçu o Projeto: "Preservando o Meio Ambiente protejo minha saúde." Neste projeto desenvolvo com as turmas de 6º a 9º ano, o dia da merenda saudável (Alimentação Saudável). Uma vez por mês levo para a cozinha da escola uma turma para realizarmos uma merenda saudável. Lá, ministro uma aula de culinária com receitas saudáveis, onde os alunos desenvolvem uma das receitas apresentadas e oferecem às demais turmas na hora da merenda e já deixam merenda pronta para os alunos do turno tarde. Foi uma alternativa que achei para a introdução de hábitos saudáveis na alimentação dos alunos e de suas próprias famílias, pois vinha percebendo que muita merenda estava sendo jogada fora, que os alunos não tinham o hábito de comer frutas, legumes e tomar sucos naturais com frutas da época. Vejo com muita alegria os resultados deste projeto, pois percebo que a grande maioria dos alunos, tanto os que fazem a merenda, quanto os que dela se alimentam, já acrescentaram hábitos saudáveis de alimentação que aprenderam na escola de forma prazerosa e, a cada mês, venho alcançando o objetivo do projeto que é de introduzir hábitos saudáveis e práticos na merenda dos alunos e de eles demonstrarem o interesse de levar para casa as receitas e praticá-las, pois são fáceis e com ingredientes que muitos tem em casa, pois a maioria possui pomares e hortas. Já estamos construindo uma Horta Mandala na escola, com os objetivos de: aproveitar ao máximo o pouco espaço de terra disponível na escola; melhorar o aproveitamento da água em sua irrigação; conscientizá-los que com uma Horta Mandala a produção fica mais concentrada e diversificada; conscientizar que a mistura de espécies das plantas é fundamental para saúde do solo, diminuindo o índice de pragas e assim preservando o meio ambiente.

Contamos com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e Esportes e a Emater Municipal, o que nos alegra muito essa parceria.



AMA – AVALIAÇÃO MUNICIPAL DA ALFABETIZAÇÃO

Lucas G. Soares
Ana Cristina D. Oliveira
Paula N. Perchin

Secretaria Municipal de Educação e Esportes
Canguçu/RS

O município de Canguçu aderiu ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC em 2012. Atualmente temos 3 turmas de professores alfabetizadores, com 94 cursistas, esses titulares de turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, ou seja do Ciclo de Alfabetização proposto pelo Ministério da Educação com a implantação do Ensino Fundamental de 9 anos.

Envolvidos nesse contexto de alfabetização e letramento, nos deparamos com a avaliação, não só a que é realizada em sala de aula, mas também as propostas pelo MEC, como a Provinha Brasil, aplicada em duas etapas nas turmas de 2º ano e a novidade do ano passado a ANA, Avaliação Nacional da Alfabetização, aplicada ao final do ciclo de alfabetização, ou seja, nas turmas de 3º ano.

Nossos professores do 1º ano trouxeram as seguintes demandas: são questionados por seus colegas de 2º ano, que argumentam que a primeira etapa de aplicação da Provinha Brasil, no início do ano, não corresponde ao trabalho desenvolvido naquele ano e sim no ano anterior e as médias baixas, em alguns casos, são fruto de um trabalho mal conduzido no 1º ano. Também argumentam que esta avaliação não condiz com os projetos de aprendizagem trabalhados no 1º ano e muitas vezes as questões propostas estão fora da realidade de nossos alunos.

Motivados por essas demandas e pela necessidade de ter dados reais referentes à aprendizagem de nossos alunos do 1º ano, criamos no ano de 2013, a Avaliação Municipal da Alfabetização – AMA.

O instrumento de avaliação é elaborado levando em consideração os conteúdos cobrados na Provinha Brasil, os direitos de aprendizagem que devem ser consolidados no 1º ano e ainda a realidade de nossos alunos. É composta de 30 questões, sendo 15 de Linguagem e Escrita e 15 de Matemática. A aplicação ocorre ao final do ano letivo e é realizada pelo professor titular da turma acompanhado pela Coordenação Pedagógica da escola.

Após a aplicação, as avaliações são enviadas à Secretaria Municipal de Educação e Esportes – SMEE, onde são feitas a correção e as médias. O objetivo principal desta coleta de dados é pensar estratégias a curto, médio e longo prazo, a fim de mudar a realidade de turmas que não tiveram um bom resultado, redimensionando a prática pedagógica, somando forças para a garantia da qualidade no aprendizado.

Na análise feita pela SMEE, pelos professores e coordenadores pedagógicos das escolas, a iniciativa foi positiva, pois esses dados proporcionaram reflexões sobre a forma como cada agente do processo de ensino-aprendizado contribuiu para aquele resultado, seja ele positivo ou negativo e de que maneira poderemos intervir para manter ou melhorar os resultados em



2014.

AMENIZANDO AS DIFICULDADES DO ENSINO DE GEOGRAFIA DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN E DÉFICIT INTELLECTUAL

Thaiany D'Avila Rosa
Gilsenira de Alcino Rangel
UFPel
Pelotas/RS

Este trabalho é um relato da experiência de uma aula de geografia, com a utilização de mapas, no projeto de extensão Novos Caminhos, que atende Jovens e Adultos com Síndrome de Down e Déficit intelectual, mostrando que é possível aprender o conteúdo, desde que haja o emprego de diferentes estratégias pedagógicas. Através deste relato podemos nos aproximar, também, do âmbito escolar, pois sabemos que as dificuldades em compreender o abstrato não acontece apenas com crianças, jovens e adultos com deficiência, mas com grande parte dos alunos nas escolas. Os participantes deste projeto, frequentam aulas nas dependências da FaE-UFPel. Os trabalhos foram realizados em grupo. Todas as atividades foram registradas através de fotos. A primeira consistia em observar e tentar compreender como é o mapa do Rio Grande do Sul que pareceu-nos ser bastante complexa para eles, pois o mapa contém muitas informações, o que gerou muitas dúvidas dos alunos para os professores-aprendizes. As mais recorrentes foram: “Se, no mapa, a distância entre Pelotas e São Lourenço é pequena, por que demoramos tanto para chegar até lá?” (A-Ta). Para a segunda, utilizamos um mapa do Rio Grande do Sul de isopor, com camadas que distinguiam planície, planalto, depressão. Conversamos sobre as cidades que os alunos conheciam. Após este diálogo, os alunos, com base no mapa estudado, confeccionaram o próprio mapa. Em alguns momentos o auxílio dos professores-aprendizes foi fundamental para a construção do mapa. A seguir aconteceu uma exposição do trabalho para os colegas e para as alunas do curso de Pedagogia da UFPel. A terceira foi utilizar a tecnologia do *Google Maps*. Realizaram o trabalho em duplas, utilizando um computador. A atividade era “Fazer o trajeto da Faculdade de Educação (ICH) até a sua casa”, observando as ruas e os pontos de referência. Para auxiliar os alunos, utilizamos um mapa da cidade de Pelotas, o aluno localizava sua casa, procurávamos no mapa e realizávamos o trajeto. As três atividades se interligavam e eram lembradas pelos alunos e professores-aprendizes. Procuramos promover a aproximação da realidade dos alunos, para o ensino ter sentido e a aprendizagem ter valor. Constatamos que, mesmo com as dificuldades na tarefa, os alunos a concluíram com êxito. Ao trazer o imaginável para a realidade dos alunos a aprendizagem deles tornou-se significativa.



APOIO ESCOLAR: CONSTRUÇÕES E POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGENS

Vanessa Lima Nunes

EMEF Círculo Operário Pelotense
Pelotas/RS

A prática pedagógica aqui relatada, não vem do espaço de sala de aula formal, mas de um espaço de conhecimentos e possibilidades para o desenvolvimento de aprendizagens. Falo na sala de apoio escolar, embora, eu seja professora alfabetizadora com regência. No ano que passou tive a desafiadora experiência de ter (e atualmente continuo), uma classe de apoio, me deparei com diferentes dificuldades, tais como: baixa autoestima dos educandos, estruturação do espaço, dos conhecimentos, organização do tempo, organização de uma rotina, falta de conhecimento sobre a defasagem de conhecimentos, poucos dias de efetivo trabalho e a mudança do espaço e das práticas, para que não se reproduzissem no apoio as mesmas práticas que não estavam conduzindo os educandos à aprendizagem. Comecei a repensar o que seria e o que vinha sendo o apoio, conversando com todos da escola. Percebi em alguns relatos que o apoio era desprazeroso, pois as crianças não vinham e aqueles que vinham em seguida deixavam de vir, penso que por não se diferenciar da sala de aula.

Percebi que aquele espaço deveria ser mais significativo, com isso fiz uma proposta à equipe diretiva da escola, para que ampliasse as horas e dias do apoio, como houve um pouco de resistência, pedi para que se fizesse uma experiência e um novo convite às crianças. Observei que a maioria das crianças que frequentavam o apoio era do ciclo de alfabetização, mas estavam divididas por dias e anos e a maior dificuldade era a linguagem como um todo. Pautei meus objetivos referentes às aprendizagens em defasagem, com uma rotina estabelecida e construída com eles onde desenvolvesse de diferentes formas aquele conhecimento e com uma dinâmica diferenciada da sala de aula. Às crianças do ciclo de alfabetização propus atendê-las juntas, pois a defasagem que tinham era comum a todas, dentro da rotina do apoio incorporei literatura infantil, jogos pedagógicos e a aprendizagem por colaboração, dando um significado maior e uma efetiva aprendizagem. Dois meses depois a número de crianças aumentou, as professoras começaram a dar mais valor àquele espaço, as crianças tinham prazer em vir e aprender. O interessante que os objetivos foram alcançados naquele momento, por uma dinamização no espaço e união dos diversos atores que compõem a escola.

Essa experiência foi muito rica e um desafio grande, diante de algo que já estava cristalizado e pouco valorizado por alguns insucessos. Entretanto, essa possibilidade rendeu aos educandos grandes ganhos, tanto de aprendizagem como de socialização, e para mim mais ainda como profissional, ao ver o reconhecimento das crianças e dos colegas de trabalho. Graças ao envolvimento e ao trabalho em conjunto, esse ano de 2014 ganhamos uma sala ampla, com mais recursos, unificamos dois projetos: a sala de artes e o apoio, ampliando mais a possibilidade de aprendizagem.



APRENDÊNCIA DAS LINGUAGENS

Neemias de Oliveira Steinle
Haidi Wehrmann Reinar Steinl
EMEF Nestor Eliseu Crochemore
Pelotas/RS

O presente trabalho apresenta práticas desenvolvidas no projeto de pesquisa denominado “ALI – Aprendizagem das Linguagens no Ensino Fundamental”. Nesta ação pedagógica, buscaram-se indícios que demonstrassem as contribuições do lúdico em uma Comunidade de Aprendizagem que utilizou o cinema e suas linguagens na escola.

Este sistema parte de uma abordagem que não está centrada nem no agente pedagógico, nem no aluno, mas na execução da dinâmica, o espaço maior foi dado ao lúdico, representado pelas dinâmicas dos personagens do vídeo a ser produzido.

Na base das dinâmicas está o aluno, que pode interagir com os pares ou com o professor. Os sujeitos da experiência foram alunos, na faixa etária de 12 - 16 anos das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola pública. Foram desenvolvidas dinâmicas interativas de grupo, observações e a aplicação de questionamentos de avaliação após cada etapa, no ano de 2013.

O Projeto ALI como ferramenta pedagógica desenvolve as seguintes expressões: a corporal, a oral, a criatividade, a capacidade de resolver conflitos, a capacidade de relacionar os conteúdos escolares com as ações do dia-a-dia e a cooperação, bem como as técnicas de produção textual e cinematográficas.

Diferentes formas de avaliação apontaram o interesse dos aprendentes na interação lúdica como evidenciam as citações a seguir: “A produção do roteiro exercita o vocabulário.”, “aprender com diversão me dá motivação” e “escrevíamos e só percebíamos o erro ao encenar.”

Por fim, observou-se que o empenho que conduz o aprendente até o desfecho de uma dinâmica lúdica interativa, contribui para a aprendizagem das linguagens, quando esta se desenvolve por meio de uma atividade lúdica em uma comunidade de aprendizagem que utiliza os processos de mudança, movimento, alternância, sucessão, associação, separações inerentes ao jogo como um meio de estímulo ao processo de aprendizagem das linguagens.

Constatou-se que pensar a educação como ato de recriar novas condições iniciais para a aprendizagem, que sejam construídas com esforço próprio por meio da elaboração pessoal, pode ser facilitado por meio da interação lúdica. Uma proposta de produção de vídeo na escola apresenta indícios de estímulo na interação dos aprendentes, com a utilização de mecanismos de interação social – lúdica - típicos da interação humana. Constatou-se, ainda, a importância de o professor propiciar dinâmicas com feedback que respeita e auxilia a caminhada dos aprendentes neste processo.



APRENDENDO A FILOSOFAR NO PROJETO JOVEM SENADOR

Daniel de Souza Lemos

Louise Lanes Lemões

EEEM Areal e EMEF Prefeito Elberto Madruga

Pelotas e Capão do Leão/RS

O objetivo da experiência é despertar no educando o interesse pela prática filosófica e, também ser uma oportunidade de realizar uma reflexão mais aprofundada sobre algum tema, em especial o tema gerador da edição em foco, do projeto jovem Senador.

Através da participação no Projeto “Jovem Senador”, os estudantes do 2º ano do Ensino Médio Politécnico elaboraram redações onde problematizaram os dilemas vividos pelo Estado brasileiro.

Segundo o que indica o site do Senado Federal, “*O Jovem Senador é um projeto anual, que proporciona aos estudantes do ensino médio das escolas públicas estaduais e do Distrito Federal, de até 19 anos, conhecimento acerca da estrutura e do funcionamento do Poder Legislativo no Brasil*” (Senado Federal, 2013). A partir de um tema genérico, os estudantes elaboram redações que são submetidas a uma banca crítica.

Os conteúdos que compõem o currículo programático da disciplina de Filosofia do 2º ano são relativos a uma “Introdução à Filosofia Política”. Esta pode ser definida como a reflexão filosófica sobre a melhor forma de organizar nossa vida coletiva - as nossas instituições políticas e suas práticas sociais, como o nosso sistema econômico e o nosso padrão de vida da família.

A reflexão filosófica acerca da política contribui para a educação e a formação dos estudantes enquanto cidadãos e, lhes fornece uma base para o exercício da cidadania. Pode-se dizer que é de extrema importância, no contexto atual, refletir sobre os valores, as regras sociais e políticas, os direitos, as liberdades e muitos outros conceitos que encontramos em nossa sociedade e no mundo em geral.

A participação dos estudantes no Projeto “Jovem Senador” abriu uma grande oportunidade de reflexão e produção de um conhecimento crítico, típico do saber filosófico, através da produção escrita de uma redação, na modalidade de dissertação. Os alunos de cinco turmas do 2º ano do Ensino Médio Politécnico (cerca de 150 estudantes) escreveram, sob diversos prismas, análises críticas tendo como foco o tema gerador do Projeto Jovem Senador, com a ótica do conhecimento filosófico trabalhado em sala de aula.

O resultado foi a produção de redações com uma rica diversidade de opiniões sobre a sociedade brasileira, demonstrando a aptidão que os jovens do ensino médio da escola pública têm para o pensamento crítico filosófico.

É oportuno incentivar, os jovens estudantes do ensino médio a procurarem à luz dos conhecimentos adquiridos com o estudo das Ciências Humanas, em geral e, da Filosofia, em particular, compreender o que ocorre e, se posicionem criticamente.



APRENDIZADO DE GALPÃO

Claudiomar Pinto de Oliveira
SMEE
Canguçu/RS

O Projeto Aprendizado de Galpão, elaborado em parceria pelas Secretarias de Educação e de Cultura de Canguçu-RS, tem como objetivo trabalhar a cultura gaúcha nas escolas e aproximá-las das entidades tradicionalistas (CTGs e Piquetes). Baseado nos princípios do Tradicionalismo Gaúcho visa a trabalhar com o jovem os aspectos da sua formação histórico/cultural, levando-o à compreensão de que nossa diversidade cultural acontece devido à contribuição de todos os povos que formaram a identidade do Rio Grande do Sul. Nossas comunidades escolares têm origens portuguesas, espanholas, africanas, italianas, alemãs (pomeranas) e outras, que muito contribuíram para a formação do Gaúcho, refletidos nos seus usos e costumes.

A cultura regional é trabalhada naturalmente ao longo do ano, em praticamente todas as disciplinas que proporcionam contextualização no desenvolvimento dos conteúdos, da Educação Infantil aos anos finais do Ensino Fundamental. No 1º ano de execução do projeto, 2013, foram 25 escolas municipais participantes envolvendo quase 4 mil alunos, na zona rural e urbana. Cada escola envolvida no projeto tem uma Entidade Tradicionalista como “madrinha”, que promove uma culminância em sua sede, recebendo a escola com todos os “requintes” do homem do campo, desde a culinária, oficinas culturais, esportivas (jogos tradicionais – bocha campeira, tava, argola, tejo, ferradura, truco, solo), campeiras (encilha, aperos, vaca parada, andar a cavalo e outros), artísticas, brinquedos e brincadeiras e palestras, envolvendo todos os alunos e com a participação da comunidade. Além das atividades promovidas pelo CTG, os alunos também apresentam o que fazem na escola, tais como canto, instrumentais (gaita, violão), declamação, causos, danças (de salão e tradicionais), trabalhos manuais e artesanato, cartazes, desenhos, teatro e muito mais, além do uso da indumentária gaúcha. As atividades são registradas no blog: www.aprendizadodegalpao.blogspot.com.

Acontece, portanto, um dia letivo em turno integral, de uma forma diferenciada e significativa para cada jovem, que tem a oportunidade real de conhecer e participar de um dia de campo diretamente ligado aos Usos e Costumes do povo Gaúcho.

O Projeto Aprendizado de Galpão promove um diálogo multicultural, onde todos os saberes são valorizados, reconhecidos e compreendidos quanto à sua origem e importância para o convívio social.

A avaliação feita pelos envolvidos na execução deste projeto tem sido muito positiva e incentivadora para que tenha sequência. Toda a comunidade escolar é consultada para que os ajustes e adequações sejam feitas de acordo com cada realidade.

Claudiomar Pinto de Oliveira é o Coordenador Geral do Projeto e mediador dos diálogos entre Escola/Entidades Tradicionalistas.



ATELIÊ CONATUS: POR UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MEIO À VIDA

Shaiany Gonçalves da Silva Nunes

Carla Gonçalves Rodrigues

UFPEL

Pelotas/RS

Este resumo trata de uma atividade desenvolvida pelo núcleo UFPel dentro do Projeto Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida, integrante do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP. Compõem o projeto núcleos na UNIOESTE, UFMT, tendo sua coordenação geral na UFRGS. Ao reconhecermos a importância de criar propostas de estudos que venham a qualificar a educação brasileira, propomos ateliês de escrileituras, com o objetivo de proporcionar momentos em que os sujeitos participantes possam desenvolver habilidades de leitura e escrita, fazendo com que as experimentações sejam possíveis nos variados campos de saber. Um dos ateliês realizados foi o Conatus, do qual participaram vinte e seis professores de variadas áreas de conhecimento, atuantes na Educação de Jovens e Adultos em uma escola estadual da cidade de Rio Grande (RS), no início do ano letivo de 2013. Teve quatro horas de duração e reuniu o texto A Metamorfose de Kafka em HQ, o estudo dos conceitos corpo, alma, *conatus*, bem como potência de vida em Spinoza e Nietzsche, por meio do uso de fragmentos do Programa Café Filosófico, Compôs o conjunto a apresentação de um trecho do filme Quando Nietzsche chorou, focalizando a ideia de Eterno retorno. Com isso, obteve-se um arranjo filosófico-artístico com a intenção de criar procedimentos, expressos por meio da linguagem, para esburacar com forças ativas uma vida docente. Tal agenciamento potencializou escrileituras que foram reunidas com o propósito de invenção de personagens literários e, posteriormente, a gravação de pequenas novelas para rádio. Considerando a perspectiva adotada, afirma-se que o ateliê citado favoreceu outras maneiras de pensar (DELEUZE e GUATTARI, 2007), melhor dizendo, pensar-se professor, fomentou-se a construção de critérios de existência não somente docente. Considerando que “a vida deve ser traduzida, como processo de criação” (VILLANI, 1999, p. 71), nesses transcurtos tradutórios, o ateliê privilegiou elementos de funções científicas, de conceitos filosóficos, de perceptos e afectos artísticos, extraídos de obras realizadas por outros autores, em outros planos, tempos, espaços, línguas, como as suas efetivas condições de possibilidade, necessárias para a própria execução. Ao mesmo tempo, proporcionou um privilegiado campo de experimentação (DELEUZE e GUATTARI, 2007), necessário para as próprias criações de leitura-e-escrita. Com esses elementos originais, neste caso, com Spinoza, Nietzsche e Kafka, constituiu-se um campo de variações múltiplas e disjunções inclusivas, que compuseram linhas de fuga e devires vivíveis, promovendo desterritorializações afirmativas na formação docente. Assim, se aposta em fazer artistagens docentes (CORAZZA, 2006), pondo em funcionamento uma escrileitura prática, mais do que ensinar a ser professor.



AUDIÊNCIAS PÚBLICAS: A CÂMARA DE VEREADORES NA ESCOLA E A ESCOLA NA CÂMARA DE VEREADORES

Eliézer dos Santos Oliveira
Maria Daisi Fonseca
Esther Boeira Martin
EEF La Salle Hipólito Leite
Pelotas/RS

Tudo começou com uma Mini-audiência Pública realizada na Semana da Criatividade da Escola de 2013, com a presença dos vereadores e com a realização de uma Audiência Pública na Câmara de Vereadores. No final do mesmo ano, concretizamos o objetivo de: promover a formação política para o exercício cidadão e democrático dos educandos, gerando assim compromisso e responsabilidade social para com as demandas de suas comunidades. Com este protagonismo juvenil visamos a transformar as realidades sociais (exterior) naquilo que é possível, juntamente com a transformação das velhas estruturas mentais (interior) que mantém o povo na inconsciência e impotência políticas.

Para tanto, a Mini-audiência Pública consistiu na apresentação, aos vereadores, das demandas das comunidades, segundo a perspectiva dos estudantes, através de um vídeo construído com fotografias dos graves problemas sociais. Nesta oportunidade a Comunidade Escolar pode se manifestar e dialogar com os parlamentares. Disto surgiram outros passos que culminaram na realização de uma Audiência Pública na Casa do Povo. Naquela oportunidade a Comunidade Escolar apresentou as demandas identificadas pelos educandos, bem como, os projetos que a Escola já realiza na tentativa de minimizar os efeitos negativos de tais necessidades.

Os resultados foram diversos, tanto no que diz respeito às relações políticas da Escola com os poderes constituídos, visto que nesse ano de 2014, os alunos conseguiram audiência com os líderes do Poder Executivo e tornaram-se, inclusive, manchete nos jornais locais; despertaram para a consciência crítica das questões políticas e para a prática cidadã reivindicatória de seus direitos; entraram no processo de superação da exclusão social na qual se encontravam; aprofundaram os fundamentos filosóficos da democracia participativa; motivaram-se para as eleições de líder de turma; dentre outros.

Como não poderia ser diferente, a atividade foi muito bem avaliada por todos os envolvidos, sobretudo pelos próprios estudantes que se descobriram protagonistas de atividades político-cidadãs já no presente de suas vidas e não apenas em seu futuro adulto.



AULAS PRÁTICAS DE CIÊNCIAS CONTRIBUINDO PARA A PRODUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Lidiane Bilhalva Rodrigues
EMEF Ministro Fernando Osório
Pelotas/RS

Este texto relata as práticas realizadas com alunos de oitavas séries na disciplina de Ciências. Tais práticas diferem das demais devido às suas contribuições no que se refere à produção de modelos didáticos para alunos com deficiência visual. A ideia surgiu quando as dificuldades desses alunos começaram a aparecer nos conteúdos de química, pois a deficiência visual exige que o professor seja capaz de ensinar seu aluno através dos outros sentidos, sendo possível aprender visualizando com o tato, por exemplo. Não apenas utilizando a audição ou a imaginação, mas também os demais sentidos, que são bastante apurados nos deficientes visuais.

Neste propósito e com apoio da escola, todas as aulas práticas são voltadas não apenas para o sentido visão, mas principalmente para o tato, o olfato e a audição. Outro ponto que contribuiu para a preparação das aulas foi o projeto “Práticas de Laboratório” proposto e elaborado pela escola e seus professores de Ciências, o qual prevê horas para cada educador envolvido desenvolver suas ideias para o projeto. O desafio é que a cada término de conteúdo seja possível construir com os alunos modelos que demonstrem de alguma maneira o que foi aprendido, e que esses modelos possam servir para elucidá-los nas questões mais obscuras no aprendizado.

Desde março já ocorreram três aulas com resultados marcantes. A primeira aula foi sobre fenômenos químicos e físicos, quando praticamente toda vidraria utilizada foi substituída por recipientes de material inquebrável, para que todos pudessem manusear, inclusive os alunos com deficiência visual, além disto, as práticas da aula, foram voltadas para o olfato, para que fosse possível sentir o cheiro das reações ocorrendo e também o som da água evaporando. Já, na segunda, o assunto era o átomo, e a proposta foi a construção de um modelo atômico de Rutherford-Bohr, com argila, arame e tinta, quando a turma envolvida foi dividida em grupos e com auxílio, criaram modelos atômicos diferentes. Após a secagem, todos puderam manusear e visualizar também com o tato, como se dispõem as camadas eletrônicas ao redor do núcleo. Favorecendo assim também os alunos com deficiência visual.

Para reafirmar e aprofundar o assunto sobre a distribuição eletrônica propôs-se aos alunos montarem um átomo vivo no pátio da escola, onde eles mesmos eram os prótons, nêutrons e elétrons. Assim de maneira divertida e lúdica, todos, independente de sua necessidade específica de aprendizagem, conseguiram atingir níveis de conhecimento aceitáveis. E assim, durante todo ano muitas outras práticas serão criadas a fim de atender as necessidades de cada aluno e aperfeiçoar minha prática como docente.



BLOG: RELATO, MEMÓRIAS E ESCRITA

Rosimeire Simões de Lima
Marlise Buchweitz Klug
EEEM Carmosina Vaz Guimarães
Piratini/RS

A atividade de leitura do livro *A menina que veio de longe* teve início em 2013 com a apresentação da obra *A menina que veio de longe*, da autora Andréa Ilha. Vale ressaltar que os contatos com a autora para agendar uma visita à escola foram via e-mail e era do interesse da escola desenvolver o projeto “autor presente”. Informamos a localização da escola e a dificuldade de acesso por ser zona rural. A visita foi confirmada e o nosso desafio era fazer os alunos lerem o livro. Primeiramente, foram adquiridos doze exemplares e a leitura deveria ser com prazo determinado. Ou melhor, delimitado um tempo mínimo para que todos pudessem ler. Após a leitura, cada aluno deveria escrever como foi a experiência de leitura, impressões sobre a obra, relacionar com algum aspecto de sua vida. Se não encontrasse, deveria nomear em que sua vida diferia da protagonista, que no caso era uma adolescente. Seus problemas eram abandono e ausência dos pais, mudança de escola, angústias, medo, os pais exerciam atividades ilícitas e a filha sofria negligência. Além de outros inúmeros detalhes que são abordados de forma interessante. A satisfação era quando um aluno concluía sua leitura e logo em seguida, vinha o relato, a foto e a postagem no blog. Um aspecto relevante é que o projeto foi ganhando espaço e os resultados foram muito significativos para a comunidade escolar. De certa forma, todos queriam ir para o blog, serem lidos, prestigiados e comentados. Resistências também ocorreram e alguns não queriam expor sua vida, seus problemas e detalhes para os colegas. O ganho do trabalho foi a visita da autora na escola. Foi a primeira vez em que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer bem de perto uma escritora. Fizeram perguntas, apresentaram o blog, ela interagiu com o grupo e em seu relato disse que ao escrever o livro não pensava que teria esse alcance. A leitura de uma única obra por quase todos os alunos e o engajamento do grande grupo com a proposta de trabalho foi um dos ganhos. Após a visita e um pouco antes também a autora leu alguns textos no blog e postou alguns comentários. Inclusive pelas redes sociais. Foi como se eles se sentissem autores também. Autores de suas vivências. Satisfeitos pelos comentários da autora e a repercussão de uma atividade que marcou o dia de aula, uma tarde e a vida de todos os protagonistas dessa história.



BRINCAR NA ESCOLA: DIREITO DAS CRIANÇAS?

Daiane Santim Franco
Marta Campelo Machado
Maria Angelita Mattoso Pereira
UFPeL
Pelotas/RS

Esta experiência faz parte do Projeto de Extensão “Brincando na Escola” (FaE/UFPeL) desenvolvido numa escola pública estadual de ensino fundamental incompleto, localizada no centro da cidade de Pelotas-RS, com uma turma de segundo ano, composta por 8 meninas e 7 meninos, com idade entre 7 e 9 anos. O projeto foi solicitado por duas escolas da rede pública estadual que buscavam alternativas para resgatar o brincar no recreio, considerado “palco de brigas e correrias”, como se as crianças estivessem “desaprendendo” de brincar. Ao longo dos quatro meses de trabalho (setembro a dezembro de 2013) objetivamos resgatar o brincar na escola e ampliar o repertório de brincadeiras das crianças. A experiência foi desenvolvida pelo nosso grupo, no pátio da escola, com encontros semanais que duravam entre 45 e 60 minutos. Após conversarmos com as crianças sobre suas brincadeiras preferidas, iniciamos as atividades. Na primeira aula fomos, de certa maneira, surpreendidas pelas crianças que se mostraram receptivas e participativas. Além disso, ficaram ansiosas pelo próximo encontro. Diante dessa reação, adotamos o seguinte critério: ao final de cada aula, as crianças indicariam qual a brincadeira mais divertida, esta, então, seria repetida no início da próxima aula. As crianças, no decorrer das aulas, estavam sempre dispostas a brincar, mas algumas se mostravam “agressivas” para com os colegas e, por isso, tiveram que “reaprender” a brincar. No início os meninos só queriam jogar futebol e as meninas não queriam brincar, não interagiam com meninos e vice-versa. Aos poucos, as crianças foram gostando de brincar juntas, preferindo brincadeiras como: 1, 2, 3 batatinha com arroz, ovo podre, água e gelo e caçador. Encontramos dificuldades com a falta de material e com o reduzido espaço. Contudo, as dificuldades encontradas não impediram que a experiência fosse repleta de aprendizagens e de um sentimento que parecia esquecido: “como é bom brincar”. Com relação aos resultados, percebemos que as crianças solucionavam os conflitos com diálogo, brincavam na escola sem brigas e brincavam em casa com os amigos, irmãos e primos com as brincadeiras que aprenderam no Projeto. Avaliamos que essa experiência foi positiva em dois aspectos distintos: o primeiro relacionado aos resultados citados acima nos quais as crianças demonstraram uma grande mudança no jeito de brincar e de se socializar, com capacidade para resolver conflitos e situações gerados no grupo sem nossa interferência e, segundo, pelo nosso aprendizado em relação à docência numa escola pública. Brincar na escola é um direito de todas as crianças e uma possibilidade para a escola organizar o trabalho pedagógico referenciado nas culturas infantis.



CASA DE PASSAGEM: EM BUSCA DE MAIS AMOR

Daniela Schellin Lüdtke

Marina Jardim Rocha

Tainara da Cunha Verzeletti

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida
Canguçu/RS

Este projeto tem como intuito trazer mais experiência para nossa prática pedagógica e transferir amor e carinho para crianças que não possuem atenção e foram fadadas ao abandono, levar alegria e o encanto da vida em forma de brincadeiras, histórias, teatro, músicas e outras coisas.

Foi proposto, em sala de aula, na turma de 2º Ano do Curso Normal do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Canguçu, um trabalho que envolvesse crianças em situação de abandono, que são abusadas sexualmente, agredidas, não tem uma estrutura familiar adequada e, como conseqüência, são afastadas de suas famílias. Escolhemos fazer o trabalho na Casa de Passagem, também localizada em Canguçu. A casa é uma instituição que abriga menores encaminhados pela justiça, Conselho Tutelar, ou demais órgãos de proteção e defesa da criança e do adolescente, que aguardam adoção.

A turma foi dividida em grupos e a cada sábado um grupo se deslocava até a Casa de Passagem para entreter as crianças e transferir carinho para elas. Foram desenvolvidas diversas atividades com as crianças, tais como momentos de contos e histórias, pinturas, músicas, danças, desenhos, teatro e brincadeiras diversas. As crianças sempre nos demonstraram muito carinho. Elas nos abraçavam, beijavam, diziam que éramos pessoas especiais e que gostariam muito que o trabalho continuasse. Encontramos dificuldades para registrar os momentos através de fotos, pois é proibido, para que as identidades das crianças sejam protegidas.

Os momentos que vivenciamos com eles foram de grande aprendizado para nós e muito gratificante para todos, percebemos que o que eles realmente queriam e precisavam era de atenção, amor e carinho.

Como futuros professores essa ação foi muito importante para nosso aprendizado e até para nossa convivência familiar, essa experiência ficará para sempre em nossos corações e foi uma lição de vida para todos que estiveram envolvidos neste grande gesto de amar e educar. A educação é um processo contínuo, que neste projeto foi alicerçado pela solidariedade e pela fraternidade.



CÉLESTIN FREINET E O JORNAL ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁXIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dirlei de Azambuja Pereira
EMEI Recanto Infantil
Piratini/RS

A educação infantil é um espaço pedagógico que necessita ser compreendido como um lugar propício à construção de experiências que dialoguem com diferentes estratégias. A partir desse pressuposto, nos movimentamos na perspectiva de qualificar os processos de ensinar e de aprender nesse nível de escolarização. Foi diante deste escopo que surgiu a ideia da criação de um jornal escolar baseado na teoria de Célestin Freinet (1896-1966). O referido pedagogo foi, reconhecidamente, um dos mais importantes pensadores que escreveu sobre a relevância do uso do jornal como uma ferramenta pedagógica na escola. E a proposta, cunhada por ele, não se limita às classes já alfabetizadas. Freinet também abordou, em seus escritos, como poderia ser desenvolvida a elaboração de um jornal por crianças da educação infantil. Assim, no ano de 2011, com educandos na faixa etária de quatro a cinco anos e matriculados no pré-escolar (Nível I) da EMEI. Recanto Infantil (em Piratini/RS/Brasil) foi criado o *Jornal das Crianças*. O impresso era dividido em cinco seções, a saber: *Opinião* (no qual havia um comentário importante proferido em sala de aula), *Assunto Importante* (item que continha os textos produzidos oralmente e que eram oriundos das aulas-passeio realizadas), *Recados do Coração* (espaço destinado aos recadinhos que as crianças emitiam às pessoas especiais para elas), *Entrevista* (nessa seção havia, a cada publicação, um entrevistado, sendo este escolhido por meio de votação pelos educandos-repórteres) e *Espaço Ateliê* (local reservado para a divulgação de desenhos livres feitos pelas crianças e de fotografias das atividades artístico-culturais executadas). Em 2014, o projeto está sendo novamente operacionalizado, neste educandário, com uma turma de pré-escola (nível II). Além das seções nomeadas anteriormente, houve o acréscimo de atividades educativas e de mensagens sobre valores para serem compartilhadas com as famílias. Torna-se interessante também registrar que, no transcorrer da execução dessa proposta, faz parte do trabalho pedagógico desenvolvido o respeito às Invariantes Pedagógicas elencadas por Freinet. Ao concluirmos, ainda que parcialmente, esses breves apontamentos, acreditamos, que sejam experiências pedagógicas que se ancoram em aportes teóricos substantivos, como é o caso da teoria freinetiana, oferecem inúmeros contributos ao processo educativo hodierno. Entre algumas dessas contribuições, no caso do jornal escolar, é possível citarmos: a emergência de posturas que engrandecem, qualitativamente, a formação dos educandos como seres comprometidos com o bem, o bom e o justo; o fortalecimento de valores; a edificação de uma proposta colaborativa e o surgimento de uma consciência crítica frente aos problemas sociais que assolam o nosso cotidiano.



CIÊNCIAS EXATAS E SUAS INTERFACES

Cátia Mirela de Oliveira Barcellos
IFCT – Campus Camaquã
Camaquã/RS

O projeto Ciências Exatas e Suas Interfaces, busca incentivar os alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense - Campus Camaquã a desenvolver projetos. Tem o objetivo de transformar as informações obtidas em sala de aula em conhecimento ordenado, logicamente encadeado e construído, além de propiciar ao estudante atividades de observação, análise e investigação que resultem no desenvolvimento de um equipamento ou estudo que articule o maior número de componentes curriculares e demonstre criatividade. Acreditamos com isso contribuir para a operacionalização da prática interdisciplinar e instrumentalização de informações, além de auxiliar na formação de um sujeito crítico e consciente de seu papel na sociedade.

O público alvo são alunos dos cursos técnicos de Automação Industrial, Controle Ambiental, e Informática do IF Sul - Campus Camaquã. O projeto está dividido em 5 etapas - 1ª Etapa: reunião com o grupo docente para definição de temas de pesquisa, organização dos grupos de alunos e os respectivos orientadores, definição dos cronogramas dos projetos e a revisão bibliográfica dos temas. - 2ª Etapa: realização de palestras, oficinas, minicursos, grupos de estudos, visitas técnicas, atividades nos laboratórios de física, química, automação industrial, controle ambiental e informática que são oferecidas aos estudantes do IF Sul e comunidade escolar de Camaquã. - 3ª Etapa: organização de planilhas e bancas avaliadoras da Mostra de Ciências Exatas e Suas Interfaces. Sugestões das bancas aos projetos. - 4ª Etapa: Organização da Mostra de Ciências Exatas e Suas Interfaces, onde são apresentados os projetos desenvolvidos. Organização dos projetos para submissão em editais de pesquisa e apresentação em outras Feiras e Mostras. Agendamento das oficinas que serão levadas à comunidade. Aplicação de questionários.

Sobre os resultados alcançados: comparando com os resultados do projeto em 2011 e 2012, com relação ao número de componentes curriculares envolvidos, a maioria dos estudantes (90%) acredita ter contemplado mais de 5 componentes curriculares em seus projetos. Habilidades potencializadas com o desenvolvimento do projeto: na percepção dos alunos, a expressão oral (90%), escrita (65%), capacidade de pesquisar (70%) e trabalho em grupo (75%) são as habilidades com maior apontamento. Na experiência de trabalho em grupo, em 2011 consideram como boa (30%) e em 2012 (45%). Motivos que levaram à participação nos projetos (questão aberta), a resposta “traz conhecimento” foi mencionada por (63%) estudantes em 2011 e em 2012 a resposta “aplicação dos conhecimentos por (84%). Considerando os pontos relacionados aos objetivos do projeto e os resultados apresentados pelo questionário, acreditamos ter atingido a meta do projeto.



CINEMA NA ESCOLA, UMA EXPERIÊNCIA FÍLMICA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFA. SYLVIA MELLO ABORDANDO QUESTÕES SOBRE MEIO AMBIENTE

Aurélia Valesca Soares de Azevedo
Maranlaini Patrícia Azevedo Schemmfelnig
Ronaldo Luís Goulart Campello
ETE Sylvia Mello
Pelotas/RS

O presente trabalho aborda as experiências relacionadas ao projeto Cinema na Escola, ocorridas na ETE Profa. Sylvia Mello e que tem apoio da Universidade Federal de Pelotas UFPel, através do Laboratório de Estudos Urbanos - LeurGeo e seu CineGeo. Esta parceria entre Universidade e Escola aproxima os dois níveis de ensino em atividades conjuntas. O projeto Cinema na Escola versa sobre a exibição e discussão de filmes que abordem temas pertinentes aos conteúdos do currículo por atividade - CAT no Ensino Fundamental e conteúdos do Ensino Médio, a partir de abordagens interdisciplinares, de relevante importância à construção/edificação do conhecimento. Os filmes são apresentados no auditório da escola em horários de aula, para uma turma de 5º ano do ensino fundamental, três turmas de 1º ano e uma de 2º ano do ensino médio, na disciplina de Seminário Integrado – SI. Além dos filmes, são propostas análises instrumentais dos mesmos, através de suas sinopses, trailers, de questões abordadas no cotidiano escolar, e diário dos estudantes. Tem-se um fio norteador na escolha dos filmes: meio ambiente. Mas, os mesmos também são discutidos a partir de outros aspectos, tais como: homofobia, racismo, religiosidade, territorialidade, etc. Até o momento, já foi apresentado, no dia 24/03/2014, o filme Wall-E, para as cinco turmas já citadas e seus respectivos professores, que anteriormente já haviam discutido com seus alunos questões pertinentes a este filme. Após a apresentação do filme, na semana seguinte foi proposta uma discussão com as turmas envolvidas neste trabalho, que contou com a participação de integrantes do LeurGeo, na qual, através de perguntas diretas aos alunos e aos próprios professores, salientou-se o que eles mais gostaram no filme, quais cenas lhes chamaram a atenção, o que entendiam por meio ambiente, etc. Estas perguntas e suas respostas provocavam novas discussões. Em sala de aula, cada professor dividiu seus alunos em grupos e, através de um instrumento elaborado a partir de tópicos presentes no filme (lixo, consumo, sustentabilidade, sedentarismo, relações humanas...) encaminhou a realização de pesquisas, bem como a organização de um seminário de apresentação. O objetivo deste projeto é o de provocar a curiosidade dos educandos, bem como, mostrar-lhes que eles podem assistir aos filmes com um olhar crítico, e que os recursos fílmicos, se bem explorados, podem render inúmeras discussões. Nos meses de abril e maio como proposta de atividades do projeto, serão ministradas oficinas de reciclagem com alunos do curso de Geografia integrantes do LeurGeo e, como atividade de conclusão desta primeira etapa do projeto, será realizado o plantio de algumas mudas de árvores frutíferas na escola, adquiridas através da parceria entre a UFPel e o horto municipal de Pelotas. Espera-se que, para a próxima sessão de Cinema na Escola, os resultados sejam tão positivos como os já atingidos a partir desta primeira sessão.



COMO DESPERTAR O INTERESSE PELA LEITURA DE QUEM JÁ PERDEU O HÁBITO: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA

Graciela Cardoso Domingues
Marisa Alcântara Goulart
Ana Maria Motta Lopes
EEEM Presidente Castelo Branco
Capão do Leão/RS

Instigados pelo desinteresse dos alunos pela leitura, os professores da área das linguagens da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Castelo Branco, em Capão do Leão-RS, julgaram pertinente o desenvolvimento de um projeto de leitura com vistas à formação do hábito de ler entre os alunos do ensino médio, como parte integrante do plano de avaliação excludente do ano letivo de 2013.

O principal objetivo do projeto foi oferecer, não uma, mas várias opções de leitura, todas em consonância com o gosto de cada aluno-leitor. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa junto aos alunos para sondar o que eles gostariam de ler. A partir da lista de obras por eles elencada, foi realizada uma segunda seleção sobre os livros sugeridos para leitura nas férias.

Após o recesso, os alunos foram recepcionados com um *quiz*, seguido por uma discussão sobre o livro lido, na qual coube ao professor-mediador sondar as impressões dos alunos e o nível de entendimento da leitura efetuada. Ao final do encontro, os alunos registraram em vídeos suas opiniões e surpresas sobre a obra.

A informalidade e despretensão das atividades propostas foram determinantes para que se rompesse com os paradigmas de uma avaliação convencional. Subsequentemente, com o intuito de se obter um registro escrito para a avaliação excludente, os alunos responderam a perguntas por escrito. Na ocasião, demonstraram total domínio sobre o assunto ao exporem suas opiniões.

Após a realização do projeto, é pertinente elencar dois fatores que contribuíram para os resultados obtidos como: a seleção de obras em consonância com o interesse da maioria e o papel do professor. A sondagem, quanto às obras de preferência dos alunos, constituiu-se no primeiro passo para desenvolver um projeto diferenciado e contextualizado. Além disso, o número grande de opções de obras tornou a escolha mais democrática e personalizada.

Quanto ao papel do professor, ele não se restringiu somente à mediação da discussão. O grupo de professores da área das linguagens demonstrou organização e foi sensível ao gosto dos alunos. Cada docente, com sua formação específica, contribuiu para a diversidade de *insights* sobre a mesma ideia, enriquecendo o debate.

O nosso objetivo, atingido a contento, era fazer com que os alunos lessem ao menos um livro. Hoje, não raramente, avistamos alunos lendo durante a troca de períodos. Como êxito obtido, almejamos a extensão do projeto para os trimestres seguintes. Após a aquisição de um conjunto de malas e de cem novos livros de interesse dos alunos, montamos uma biblioteca itinerante que vai ao encontro do educando, apresentando-lhe um mundo novo.



CONSCIENTIZANDO A COMUNIDADE DA IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Guilherme de Lima Reichow
Fernanda Strelow Iwen
EMEF Santo Ângelo
Canguçu/RS

O principal objetivo do nosso trabalho foi estimular novos hábitos, atitudes e comportamentos que conduzissem a um relacionamento mais harmônico com o meio ambiente onde vivemos, por meio de ações práticas para que ocorressem mudanças de comportamento.

Promovemos, na escola, a divulgação do projeto nas turmas. Apresentamos algumas ideias e sugestões para que as turmas se sentissem motivadas a participar do projeto. As atividades foram realizadas quinzenalmente durante as aulas da disciplina de Agricultura e Administração Rural. Sugerimos algumas ações: caminhadas ecológicas, coleta de resíduos, separação de resíduos, obter recipientes para a separação de resíduos, conseguir mais lixeiras, construir floreiras com pneus.

Na comunidade, realizamos a divulgação do projeto, apresentamos cartazes com explicações para incentivo à preservação do meio ambiente, doamos mudas de árvores. Essas atividades aconteceram bimestralmente, durante os encontros de jovens da comunidade religiosa e visitas à vizinhança da escola.

O nosso trabalho teve resultados básicos, como: a conscientização dos colegas e da comunidade escolar sobre a necessidade de se construir uma prática social baseada na preservação do ambiente, isto é, ter consciência de que, para estarmos no mundo, é necessário que cuidemos dele, não poluindo e criando formas de efetivar ações e atitudes de respeito e preservação ao meio ambiente, pois todos fazemos parte do planeta Terra e por isso somos igualmente responsáveis pela sua preservação e cuidado. Observamos que o pátio da escola já não ficou mais tão poluído, os colegas passaram a usar os recipientes conforme a classificação de separação; tivemos, também, um pátio mais agradável com plantio de flores e confecção de canteiros e composteira. Através deste trabalho observamos que a comunidade integrou-se mais com a escola plantando as mudas e lendo os cartazes explicativos.

A avaliação foi considerada satisfatória, pois os colegas participaram e se integraram no projeto e a maioria dos objetivos foi alcançada, incentivando-nos à realização de novos trabalhos.



CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ATRAVÉS DA AGROECOLOGIA

Claudenir Bunilha Caetano
Iracema Veleda Goulart
EMEB Lauro Ribeiro
Jaguarão/RS

Ao elaborarmos o projeto tivemos como objetivo despertar nos educandos, funcionários da Escola e na comunidade em geral o interesse em participar do processo de conservação do meio ambiente e a produção de alimentos saudáveis, garantindo, assim, uma melhor qualidade de vida para todos da Escola, aos produtores e trabalhadores rurais e, conseqüentemente estendendo-se à nossa cidade.

Estabelecemos diversas parcerias com entidades e órgãos públicos para ampliar os trabalhos e projetos desenvolvidos na Escola: Conselho Municipal do Meio Ambiente de Jaguarão, Projeto Sala Verde (SMED), EMATER-ASCAR do Município de Jaguarão, Granja Bretanhas S/A-Jaguarão, ONG Grupo Ecológico Amantes da Natureza (GEAN) Arroio Grande, Secretaria Municipal de Educação de Jaguarão, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural de Jaguarão, Secretaria Municipal de Agricultura, Agroindústria e Meio Ambiente de Arroio Grande.

Primeiramente, realizamos reunião com funcionários, docentes, discentes, direção e coordenadores da escola, com a finalidade de explanar sobre a importância de criar um ambiente voltado à sustentabilidade ambiental. E propondo a criação da Unidade Educacional de Produção na área de Agroecologia e Consciência Ambiental (UEPACA), com objetivo de construir um trabalho interdisciplinar envolvendo todos os níveis de ensino, e com a contribuição de professores de diferentes áreas do conhecimento.

Investigamos qual era a compreensão da comunidade escolar acerca da produção agroecológica, da agricultura biodinâmica, da agricultura orgânica, da agricultura natural, da permacultura, bem como sobre a problemática ambiental local e global. Com base no diagnóstico inicial e na participação dos parceiros montamos este projeto, e conseguimos sensibilizar a maioria do público envolvido.

Os momentos com palestrantes convidados na Escola, com a finalidade de trazer, acrescentar informações e ideias serviram de incentivo ao planejamento e execução de outras ações e atividades.

Nossos educandos, auxiliados pelos educadores, avaliaram e sugeriram mensalmente temas que deveriam ser trazidos para discussão em seminário, já pensado por nós desde o início do ano letivo. Concretizou-se então, no mês de novembro, nosso I Seminário Binacional, com a participação de escolas Municipais e Estaduais do Município de Arroio Grande, São Lourenço do Sul, Jaguarão e Uruguai, que também desenvolvem atividades na área da agroecologia e sustentabilidade, momento que serviu para a troca de experiências e divulgação de trabalhos desenvolvidos em cada instituição participante. Neste seminário, educandos, educadores e demais participantes, incluindo familiares dos educandos, foram provocados quanto à capacidade de



pensar e agir de forma reflexiva, crítica e comprometida. Quanto às escolas convidadas, foram levadas a participar, demonstrando seus planos de atuação, indagações e inquietudes da realidade do campo e urbana para que pudéssemos promover interação entre saberes vivências e saberes constituídos, problematizando a realidade vivida.

Foi propiciado compreender cientificamente a realidade, indicando alternativas para superar desafios à participação na vida em sociedade, assim, concluímos que o trabalho resultou em aproximar as famílias e permitiu que elas também aplicassem as ações sustentáveis do projeto em seu dia a dia.

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO NO ESPAÇO ESCOLAR PERMEADO POR MÍDIAS TECNOLÓGICAS

Graciela Baschi Adamoli
Liana Barcelos Porto
EEEM João de Deus Nunes
Canguçu/RS

O presente trabalho trata de um projeto que objetivou a integração do uso de mídias tecnológicas e o ensino da matemática no ambiente escolar, vivenciando a construção do conhecimento e buscando, de maneira lúdica e concreta, abordar o conteúdo de Sistema de Medidas e Transformações. O trabalho interligou o aprendizado dos conteúdos, integrando as tecnologias como recurso pedagógico e abrangendo o eixo “Mídias e Educação”.

O projeto foi realizado em 02 turmas de 8ª série da Escola E. E. M. João de Deus Nunes, Canguçu, RS, no período de maio a julho de 2013. A Escola está localizada na zona urbana, atendendo em três turnos, abrangendo Anos Iniciais, Fundamental, Médio Politécnico e Educação de Jovens e Adultos.

Durante as aulas de matemática e as discussões sobre o conteúdo de Sistema de Medidas e Transformações, percebi a dificuldade com que os alunos realizavam cálculos sem conexão com situações concretas, mostrando resistência na assimilação dos mesmos.

No intuito de trazer uma aprendizagem que possibilitasse aos alunos a construção dos conceitos matemáticos dos referidos conteúdos, após explanações e exercitarem técnicas de resolução foi proposto num primeiro momento a inserção das redes sociais, como forma de contato para além do espaço da sala de aula. Para tanto, a rede social Facebook por ser usada pelos nossos adolescentes no dia a dia, possibilitou o despertar das atividades, criamos assim o “grupo” da turma para troca de ideias e dúvidas no decorrer do projeto. Num primeiro contato foi postado no grupo do Facebook orientação para que trouxessem instrumentos de medição para sala de aula, instigando a curiosidade nos alunos.

As atividades foram realizadas em etapas, colocando a proposta de aprendizagem através do projeto. Os alunos saíram pelas dependências da Escola para procurar figuras



geométricas, ambientes e pessoas da comunidade escolar que remetessem ao assunto abordado na situação matemática que receberam, utilizando os instrumentos de medição, como régua, trena, fita métrica, balança. O registro foi realizado através da mídia FOTOGRAFIA.

O espaço da sala de aula foi usado para realização de cálculos, transformações de medidas e troca de diálogo pelos integrantes dos grupos, pois a estruturação e elaboração do trabalho de cada grupo foram diferenciadas, por terem abordagem ampla para construção de conhecimento matemático nos temas distribuídos.

O laboratório de INFORMÁTICA foi utilizado para a pesquisa bibliográfica, aprofundando conhecimentos e fazendo conexões entre as observações feitas no espaço escolar, figuras geométricas, suas medições de área, perímetro, ângulos envolvidos, IMC, planificações, medidas de volume, médias, reciclagem, entre outros temas interdisciplinares que puderam ser abordados. Também para criação de *Powerpoint* e edição de vídeos.

Durante as atividades foram realizadas mediações pela rede social e emails onde os alunos foram orientados, conforme iam desenvolvendo suas atividades para posterior explanação.

Como encerramento, partimos para a culminância do projeto onde foi realizada a socialização das atividades em aula, registrando em filmagem e fotos, cada grupo que expôs oralmente seu aprendizado, utilizando o recurso tecnológico MULTIMÍDIA para apresentação de *Powerpoint*. O trabalho foi finalizado com a criação de um VÍDEO por cada grupo, com adaptação de uma música envolvendo matemática, intitulado "THE VOICE MATH".

Assim, o projeto possibilitou a abordagem de diversos conceitos matemáticos de uma forma lúdica, midiática e interativa, construindo uma aprendizagem matemática sólida, prazerosa e significativa aos alunos. Possibilitou também a valorização do espaço escolar, integração entre alunos, professores, funcionários e o envolvimento dos pais nas atividades, propiciando o aprimoramento dos estudos estudados, permeados pelas mídias tecnológicas.

CONSTRUINDO APRENDIZAGENS NO BLOG DE MATEMÁTICA

Amanda de Oliveira Behling
Emily Alves Ferreira
Gabriel Schwartz Schellin
EMEF Victor Marques Porto
Canguçu/RS

Somos estudantes do 7º ano da EMEF Victor Marques Porto, localizada no Bairro Prado, em Canguçu/RS. A professora de Matemática, Carla Denize Ott Felcher, no início do ano letivo nos falou para construirmos um *blog* de Matemática e este servir como uma extensão do caderno. Acharmos a ideia interessante e, logo, começamos a trabalhar no *blog*, que tem como nome "Espaço Matemático de Aprendizagem". Neste espaço, a professora posta links de jogos, cruzadinhas, textos complementares, desafios, atividades, vídeos do *youtube*, etc., e nós



realizamos as atividades e interagimos através dos comentários.

Semanalmente temos atividades propostas e quem não tem acesso a computador com internet em casa, pode ir ao laboratório de informática da escola, no turno inverso, acessar e fazer suas postagens. Em aula, a professora fala das atividades propostas, retoma algumas, outras relaciona com o conteúdo. Geralmente o acesso ao *blog* é feito em turno inverso, fora da carga horária da disciplina, mas, em alguns momentos a professora nos leva ao laboratório, por exemplo, quando nos apresentou o *blog* e, nos mostrou como comentar, também, quando fizemos trabalho em grupo e nós mesmos postamos, etc.

O nosso objetivo ao participar do projeto é aprender mais Matemática, que é considerada tão difícil e, isso é possível porque as postagens estão lá, mas somos nós que vamos buscar, pesquisar. A professora fala da importância do projeto e dos objetivos que podem ser alcançados, mas ela não está conosco, então, nós precisamos ser responsáveis e conscientes e participar, construir nossas aprendizagens. Enfim, somos empurrados para a autoria nesta prática do *blog* e, já percebemos o quanto estudar matemática está diferente, está mais divertido, mais interessante, o que com certeza resultará em aprendizagens. Além de aprendizagens matemáticas, também aprendemos criar email, enviar email com anexo, postar comentários em *blog*, realizar uma pesquisa na internet, conhecimentos também importantes e necessários para a vida.

CONSTRUINDO PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE

Elisa Schwartz Leite

EMEF Jacob Brod / EEEM Dr. Amílcar Gigante

Sarah Maggitti Silva

UFPeI/ ICH

Pelotas/RS

Trabalhando aproximadamente há 18 anos em sala de aula, com o componente curricular de História, tenho observado e experimentado metodologias que corroboram para um maior envolvimento dos alunos e o desenvolvimento de um ambiente propício à aprendizagem. Com base nesta busca é que ingressei no curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material, da Universidade Federal de Pelotas, procurando qualificar e aperfeiçoar conhecimentos que pudessem aprimorar a prática educativa.

Nesse sentido, este trabalho procurou estudar as possibilidades do patrimônio cultural como ferramenta pedagógica. O objetivo foi discutir as ações educativas para o patrimônio no Colégio Municipal Pelotense, localizado na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. A pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso dessa instituição.

Foram utilizadas, como aporte metodológico, a pesquisa quali-quantitativa, que teve



como instrumentos de coleta de dados, questionários aplicados aos professores da área de Ciências Humanas e Artes, aos alunos do 6º ano ao Ensino Médio, entrevistas semiestruturadas com os professores responsáveis pelo Museu do Colégio Municipal Pelotense, Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) e Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo do Sul. Tais dados foram analisados e relacionados com os documentos da escola.

O propósito deste trabalho investigativo foi discutir as concepções de patrimônio e sua relevância nos processos de ensino e aprendizagem, assim como a sua contribuição para a formação de cidadãos conscientes de sua identidade, de seus bens patrimoniais e de sujeitos imprescindíveis no processo de sua preservação e salvaguarda. O trabalho foi construído por meio do aporte teórico e demais contribuições dos autores que discutem a temática do patrimônio, assim como memória, identidade e cidadania, relacionando-as com a educação.

A análise dos dados coletados acenou para as possibilidades das práticas educativas para o patrimônio como ferramentas importantes nos processos de ensino e aprendizagem, também reforçou a importância da articulação entre os projetos propostos na escola com práticas docentes cotidianas.

Possibilitou a percepção de que a escola precisa chamar para si a responsabilidade da educação para o patrimônio, sensibilizando a comunidade. As atividades culturais podem fortalecer a diversidade de identidades que compõem a comunidade escolar.

As práticas educativas para o patrimônio apresentam-se como um importante caminho para estabelecer a ligação escola e sociedade, possibilitando assim a transformação social.

Sinalizou a necessidade de construção de projetos e políticas públicas que contemplem e articulem essas práticas, na escola, como fomentadoras do exercício da cidadania. Além disso, ressaltou a importância dessas ações, como meios de fortalecimento das identidades alicerçadas na memória dos diferentes grupos que compõem a sociedade.

CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA, CONTINENTAL E AÇORIANA, NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL – TRABALHO DE RESGATE CULTURAL

João Nei Pereira das Neves
Eliane Soares Fialho
EEEF Laura Alves Caldeira
Capão do Leão/RS

O trabalho que vem sendo realizado pelo Grupo de Cultura “Identidade Açoriana”, na EEEF Laura Alves Caldeira, no Capão do Leão-RS, teve início no ano de 2004 e tem apresentado resultados satisfatórios como tem sido observado ao longo desses 10 anos. O projeto tem como objetivo geral “Resgatar a cultura que originou nossos atuais valores, no que se refere à gastronomia, à religião, ao folclore, aos costumes, ditos populares, etc.”.



O desenvolvimento das atividades envolve alunos do 5º ano à 8ª série, alguns ex-alunos, dois professores lotados na escola e conta com o apoio da Direção e Coordenação Pedagógica da escola. Os trabalhos que são desenvolvidos com a prática pedagógica orientada para a vivência do educando, têm uma resposta positiva quando percebemos uma melhora na sua auto-estima, o que mostra o compromisso da escola nesse contexto social.

Desde o início buscou-se descobrir a área de interesse dos alunos, foram mostrados filmes, fotografias, livros, mapas, músicas e danças do Continente e do Arquipélago dos Açores, bem como a realização de atividades que os envolvessem de alguma forma. Foi trabalhado o interesse por algumas áreas de estudo como comunicação, geografia e história com a montagem de mapas em forma de quebra-cabeça e pesquisa sobre dados e fatos históricos que envolvessem Portugal Continental, os Açores e o Sul do Brasil. O folclore foi trabalhado sob a forma de canto e dança procurando mostrar as raízes do folclore gaúcho e que estão ligados ao folclore açoriano. Junto aos alunos, chegou-se à conclusão que o trabalho mais participativo foi na área do folclore (mais especificamente as danças e cantares) onde tal evidência se expressou com a criação de um grupo de danças açorianas. Convém salientar que, algumas destas danças contribuíram significativamente para o surgimento, também, de algumas das danças gaúchas.

O trabalho intensificou-se de tal forma que, os próprios educandos sentiram a necessidade de mostrar a integração e a contribuição da cultura açoriana tão presentes em nosso meio. Hoje, o grupo de danças está dividido em duas partes onde os alunos se apresentam dançando simultaneamente músicas do folclore açoriano e do folclore gaúcho.

Nesse contexto a sala de aula, como laboratório das experiências, reporta o aluno a diferentes tempos e espaços levando-o a estabelecer relações entre diferentes épocas, salientando o entendimento do que sejam as realidades dentro desses “tempos e espaços” e dá-nos a certeza de que, temos um PODER que precisa ser exercido.

CRIAÇÃO DO DICIONÁRIO DE PALAVRAS USADAS NO COTIDIANO EM UMA CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO

Larissa de Souza Schwanz

Rosana Corrêa Verneti

Clarice Schwantes Vieira

EEEF Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas

Pelotas/RS

A atividade de criação do “Meu Primeiro Dicionário” aconteceu na EEEF Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas durante o ano de 2013 com a turma do 1º ano B. A ideia surgiu pela necessidade de alfabetizar os alunos com uma proposta de construção e perto da realidade de vida de cada um. Alfabetizar letrando significa isso, inserir o indivíduo no mundo da escrita partindo sempre pelo que ele já traz como conhecimento.



O livro “Meu Primeiro Dicionário” foi elaborado durante quatro meses, com palavras do cotidiano dos alunos às quais eles atribuíam o significado que cabia segundo o entendimento deles.

Como primeiro momento, a professora em meio a uma roda de conversa, perguntou os significados de certas palavras e pediu para que os alunos dissessem outras palavras também. Os alunos respondiam e era escrito na lousa pela professora e assim eram formadas palavras, tendo também em vista uma reflexão sobre o sistema de escrita alfabética. Quando era formado o significado, a professora buscava a compreensão de criação do texto pelos alunos, indagando-os sobre o formato de determinadas palavras e pontuação.

Escritos os significados, as palavras eram sorteadas pelos alunos e cada um escrevia o significado de uma palavra. O dicionário foi criado com a caligrafia de todos os alunos, bem como o seu desenho que representa o autor e a assinatura do lado das palavras.

Na hora de montar o livro, foi elaborada uma introdução que foi digitada pela professora digitou a partir de ideias dos alunos. A ordem alfabética do dicionário foi realizada junto com a turma que refletia e opinava sobre qual seria a primeira letra e a última.

Assim que foi montado o dicionário, o livro foi impresso e reproduzido para cada aluno. Cada um coloriu o seu exemplar da forma que mais convinha tendo assim a singularidade de cada um.

Após a entrega para os pequenos autores, foi organizada uma tarde de sessão de autógrafos e lançamento do livro. A comunidade escolar e a direção se fizeram presentes para prestigiar o momento. A construção do livro contribuiu para a aquisição do sistema de escrita alfabética, a expansão de repertórios de palavras e seus significados e a interação entre aluno-aluno e aluno-professor, bem como a participação da comunidade escolar.

Cada aluno foi avaliado conforme a interpretação dada para as palavras, a escrita e elaboração dos significados.

CULTIVANDO SABERES, CONHECIMENTOS E SEMENTES

Patricia Rutz Bierhals
Simone Nunes Schulz
Gitânia de Oliveira Vargas
SMEE
Canguçu/RS

A Mostra Educacional realizada durante a VI Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares em outubro de 2013, no município de Canguçu/RS, teve como objetivo a participação das escolas municipais, estaduais e particulares com apresentações de trabalhos realizados na escola e comunidade escolar dentro do tema proposto: “CRIOULAS: Sementes que resgatam o passado e garantem a segurança alimentar do futuro”. Bem como, divulgar e permitir



o compartilhamento de saberes e conhecimentos referentes a sementes crioulas, tecnologias populares, segurança alimentar e agrobiodiversidade.

Para que a Mostra Educacional pudesse acontecer dentro da VI Feira de Sementes Crioulas, foi realizado um trabalho de mobilização para que as escolas pudessem organizar as propostas já existentes ou criar novas. Para tanto, aconteceram formações, foram distribuídos e divulgados materiais de apoio visando trazer conhecimentos a cerca dos temas propostos. Uma das atividades que antecederam a feira foi a escolha do tema de acordo com o objetivo do evento e as escolas enviaram frases escritas por seus alunos(as), sendo uma delas selecionada.

Tivemos uma diversidade de experiências e trabalhos apresentados, muitos pautados em pesquisas realizadas junto da comunidade fazendo o resgate de sementes crioulas, buscando e vinculando esse conhecimento à soberania alimentar e à agrobiodiversidade. As escolas apresentaram e apreciaram as atividades artístico-culturais e visitaram o evento com a proposta de desenvolver uma atividade na escola.

Enquanto resultados, a partir da proposta inicial tivemos a mobilização e participação das escolas no evento expondo seus trabalhos e pesquisas, promovendo assim a aproximação e retomando a identidade camponesa em algumas comunidades. Os expositores da feira, a grande maioria guardiões de sementes crioulas, sentiram-se muito valorizados e reconhecidos por ver e saber que as escolas estão engajadas na discussão de assuntos relevantes a todos aqueles que são agricultores(as). Uma vez que a Soberania Alimentar como direito dos povos de decidir sobre sua própria política agrícola e alimentar, manter a agrobiodiversidade tem sido preocupação constante e tem demandado ações educativas pautadas na Educação Popular do Campo. Nesse sentido, foi organizado o Grupo Mirim e Juvenil de Sementes Crioulas que levaram para as suas comunidades kits a serem multiplicadas nas propriedades e estas novamente expostas na próxima feira, bem como estarem participando de formações e viagens para que possam compreender e adquirir conhecimentos a respeito do sentido de ser um guardião.

DE QUEM É O LIXO?

Marilaine Bergmann
Sandra Cristina Aniszewski
Rita Cássia Dutra Morales Wickboldt
EMEI e EF Caldas Junior
Turuçu/RS

O Projeto “De quem é o Lixo”? foi elaborado por um acordo entre professores, equipe diretiva, alunos e funcionários da escola com o intuito de levar todos os alunos a reconhecerem o espaço em que vivem e perceberem-se como parte dele e, também, mostrar que a reciclagem traz inúmeras vantagens para a sociedade, reduzindo o volume de lixo enviado aos aterros e ajudando a manter a escola limpa. O objetivo do projeto foi fazer com que os alunos compreendessem que



para se ter uma vida saudável e poderem desfrutar do bem estar social, é preciso cooperação e trabalho de todos que convivem num mesmo ambiente. Observando a atitude dos alunos quanto à preservação da escola, decidimos elaborar esse projeto para, através dele, conscientizá-los da responsabilidade em relação às questões ambientais e, também, sobre a importância da higiene para melhoria das condições de vida. Um professor de cada turma ficou responsável para trabalhar o Projeto de forma harmônica e conduzir para que seja desenvolvida nos alunos da importância da conservação e manutenção do bem público e familiar e, também, dos benefícios da reciclagem quanto à redução de resíduos e reutilização de materiais. O projeto foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa, já concluída, foi quando se lançou o desafio da arrecadação de garrafas pet para os alunos das turmas das Séries Iniciais. Esta atividade premiou com brinquedos pedagógicos os alunos da turma que mais arrecadaram garrafas, dentro de um período determinado. Os alunos das Séries Finais se responsabilizaram na confecção da “parede pet”, dentro do ginásio, parede esta que está servindo de divisória para atividades pedagógicas já em prática. A segunda parte do projeto constitui-se na proposta de que os alunos dirigissem o olhar para a questão da limpeza da escola como um todo. Com isso cada regente de turma organizou grupos de alunos para fiscalização da sala de aula e entorno escolar durante um período (dia, semana). Esses grupos são chamados de “Patrulha Salvadora” e estão cuidando da conservação do ambiente escolar e orientando aqueles alunos que não estão ajudando na preservação da limpeza da escola, sobre a importância e conseqüências de suas atitudes. Ainda, cada turma, confeccionará cartazes, panfletos, lixeiras e atividades diversas sobre o lixo, sistemas de reciclagem, ambiente limpo, preservação dos bens públicos e vida saudável. A avaliação se dará diariamente através da conscientização de mudança nas atitudes e comportamentos e mensalmente com o “Mutirão da Limpeza”, tendo a participação de todos os alunos e equipe escolar com o propósito de verificação da diminuição gradativa do lixo dentro e no entorno da escola.

DESPERTANDO O GOSTO PELA CIÊNCIA ATRAVÉS DA LITERATURA

Mariluce dos Santos Kurz Vieira

Lúcia Edi dos Santos Kurz

EMEF Francisco Carúccio

EMEF Dr. Antônio Leivas Leite

Pelotas/RS

Com o objetivo de oferecer oportunidades variadas no ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que os alunos possam elaborar e compreender conceitos sobre o papel da Ciência na vida cotidiana e utilizar-se destes conhecimentos científicos para tomar decisões no dia a dia, de forma prazerosa, elaboramos o projeto: Despertando o Gosto pela Ciência Através da Literatura.



Inicialmente, realizamos uma avaliação diagnóstica, com o intuito de verificar a forma como acontecia o ensino de Ciências nas séries iniciais, utilizando como fonte, os planos de aula das professoras, bem como observações das práticas dessas professoras, o que nos revelou que a maioria utilizava textos informativos reproduzidos ou do livro didático, o que nos permitiu perceber a importância de desenvolver um projeto que contemplasse de forma lúdica e prazerosa o conhecimento de mundo, através da Ciência. Buscando auxiliar as professoras, elaboramos o Projeto.

Para a elaboração do projeto, iniciamos com a análise de diferentes livros de literatura infantil, buscando formar um acervo, para que esta literatura pudesse ser utilizada para encantar, sensibilizar ou mesmo subsidiar a construção de conceitos na área de Ciências e, conseqüentemente, modificar comportamentos através de redescobertas científicas.

Assim, deu-se início efetivamente ao trabalho em sala de aula, que segue uma rotina organizacional, sendo ela: Primeiro Momento, apresentação do livro (título, autor, editora, ilustrações); Segundo Momento: leitura do livro com o uso de diferentes suportes de motivação, tais como uso de fantoches, slides, brinquedos, fantasias, mágicas e experimentos; Terceiro Momento: levar, através de discussão orientada, à construção dos conceitos que se pretendia trabalhar, a partir das hipóteses elaboradas pelos alunos; e por fim o Quarto e último Momento, quando os conceitos descobertos e/ou construídos são aprofundados através de diferentes recursos didáticos.

Podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados, tendo em vista o entusiasmo demonstrado pelos alunos, pois além de se motivarem pelos assuntos abordados através da literatura, percebemos que os mesmos tornaram-se muito mais curiosos e interessados na busca de novas descobertas.

Cabe aqui salientar que o projeto continua sendo desenvolvido.

DIAGNÓSTICO SOBRE O PODER AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DOS CURSOS INTEGRADOS

Patrícia Mendes Calixto
IFSul
Charqueadas/RS

A experiência realizada buscou identificar as principais concepções dos estudantes dos cursos integrados do IFSul – Campus Charqueadas, acerca do saber ambiental. Aqui foi tomado como referência o conceito de Saber Ambiental de Enrique Leff (2008). Para o autor, saber ambiental refere-se à relação entre a natureza e a sociedade sob a perspectiva interdisciplinar, pois ele entende que deste modo refletimos sobre os paradigmas científicos e realizamos uma nova práxis, orientada pela sustentabilidade. Buscou-se dentro do âmbito da disciplina de Geografia abordar o tema ambiente para que a partir das atividades realizadas pudéssemos traçar



um diagnóstico sobre o que pensam os estudantes do ensino integrado sobre a questão ambiental. O trabalho foi realizado com alunos do primeiro e do quarto ano do curso de mecatrônica. É importante ressaltar que tanto os estudantes do primeiro, quanto do quarto ano, estão tendo pela primeira vez, no IFSul – campus Charqueadas, aulas de geografia. Na grade curricular anterior os estudantes tinham contato com a disciplina apenas no quarto ano. Desta forma, foram aplicadas as mesmas atividades aos dois grupos. As atividades foram realizadas em três momentos distintos. Primeiramente, os estudantes realizaram escritas relacionadas ao conceito de lugar. Em outro momento, denominado “Conversando sobre ambiente”, após leitura de um texto e debate, solicitou-se aos estudantes que respondessem um questionário no qual constavam questões sobre: ambiente, se já haviam participado de eventos cuja temática estava relacionada à questão ambiental, se tinham interesse nesse tema e, por fim, se identificavam uma relação da escola com a questão ambiental. No terceiro momento, em conversa informal, buscou-se identificar o conhecimento dos estudantes sobre as principais lideranças ambientais no Brasil. Foram apresentadas imagens de três pessoas com representatividade no campo ambiental: Judith Cortesão, José Lutzenberger e Chico Mendes. Fez-se uma abordagem qualitativa dos resultados apresentados nas atividades realizadas. Os trabalhos revelaram que os estudantes, independentemente do ano em que se encontram, primeiro e quarto ano, não apresentam distinção em relação ao saber ambiental. Ficou evidente que o conhecimento está relacionado ao que é repassado pela mídia e pela escola. Os próprios estudantes relataram serem esses os dois canais principais de informações sobre essa questão. Na primeira atividade os estudantes mostraram dificuldade em identificar o seu lugar, a maioria deles relacionou a casa onde vivem. Na segunda atividade, os estudantes apresentaram claramente uma abordagem naturalística da abordagem ambiental, isto é, sociedade e natureza não se relacionam diretamente e os elementos físicos são predominantes. Sobre a identificação dos ambientalistas, apenas Chico Mendes foi reconhecido por alguns estudantes do quarto ano, sobre os demais nunca ouviram falar. Esta experiência não está concluída. A partir do levantamento desses dados iniciaremos um trabalho educativo ambiental onde um novo paradigma será apresentado, relacionando as questões naturais e sociais sob a ótica da sustentabilidade, focando na formação do sujeito ecológico.

DIFUSÃO DA LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS) NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR

Cristina Dias Ribeiro

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida
Canguçu/RS

Este trabalho tem como objetivo comprovar a importância da difusão da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) nas escolas de ensino regular, e promover ações, junto ao ambiente escolar para diminuir a distância entre os alunos ouvintes e os deficientes auditivos, partindo da premissa que a exclusão e o preconceito surgem na maioria dos casos da falta de conhecimento



sobre o tema. Assim, com um conhecimento prévio e básico da Libras, a barreira da falta de comunicação acaba se quebrando e as diferenças diminuídas. Para isso, foi proposta a realização de oficinas semanais, para uma turma de terceiro ano do Magistério do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, situado no município de Canguçu, RS. As oficinas proporcionaram aos alunos um contato com a língua de sinais, e mostraram a importância desta linguagem na formação e educação do Deficiente Auditivo.

Os alunos tiveram alguma dificuldade em pesquisar sobre a Libras, pois realmente é um tema não muito abordado. É difícil encontrar sites que disponibilizem material para a compreensão da Língua de Sinais, ou material didático para a alfabetização do surdo. Mas isso não foi uma barreira para que os alunos buscassem maneiras de compreender o tema. Foi feita uma grande pesquisa, onde trocamos muitos conhecimentos, foram encontrados vários jogos sobre o alfabeto manual e os numerais em Libras, estes foram baixados da internet e usados posteriormente.

Ao longo do projeto, ideias foram surgindo e as propostas foram se solidificando e se tornando realidade. Os alunos estudaram sobre o tema, compreenderam o alfabeto manual, numerais e até mesmo algumas sentenças em Libras, depois disso fizeram todo um planejamento didático com murais demonstrativos sobre letras, números e sentenças em Libras, juntamente com jogos didáticos para uma apresentação em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município. Foi extremamente enriquecedor, tanto para os alunos do Curso de Magistério como para a turma de 1º ano do Ensino Fundamental que foi envolvida no projeto. Os alunos perceberam a riqueza de conhecer e ensinar uma nova língua.

O projeto trouxe para todos os envolvidos uma grande bagagem cultural, o aprendizado de uma nova língua, e a vivência do novo, transbordando o ato de educar. Fez de todos, professores e aprendizes, mediadores na construção da educação. Tornou possível reconhecer as diferenças, e as diferentes formas de pensar e realizar a educação, mobilizando tanto os educadores quanto os alunos envolvidos no trabalho.

DISCUTINDO AS POTENCIALIDADES DO BLOG NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Carla Denize Ott Felcher
EMEF Victor Marques Porto
Canguçu/RS

Este trabalho discute o papel do *blog* no ensino da Matemática, com os 7ºs anos da EMEF Victor Marques Porto, localizada na zona urbana de Canguçu. O *blog* Espaço Matemático de Aprendizagem através de seus recursos hipermediáticos foi construído com o objetivo de desenvolver ações educativas que visem o crescimento matemático, bem como o crescimento integral do educando. O *blog* é uma página da internet, atualizada com frequência e, geralmente em formato de diário, com a última postagem no topo, permite registrar acontecimentos



cotidianos de forma rápida e simples. O uso do *blog* pode estar relacionado a diferentes objetivos, desde simples apresentações pessoais, até densos projetos acadêmicos. Neste sentido, a ferramenta *blog* é considerada como uma extensão da sala de aula, onde os alunos podem revisar, fixar e construir conceitos matemáticos através da interação que ocorre pelos comentários. Para Baltazar e Aguaded (2005) certamente os alunos vão aderir a um *blog* criado no âmbito de uma disciplina com entusiasmo. Ainda, segundo os mesmos autores, em um *blog* todos têm a possibilidade de se expressar, mesmo os mais tímidos, erguendo-se uma comunidade entre professores e alunos e entre os próprios alunos. Os alunos das respectivas turmas devem acessar o *blog* no mínimo uma vez por semana e realizar as diferentes atividades propostas, entre elas: charges, jogos, vídeos, atividades, textos, cruzadinha, etc. Os alunos que não possuem acesso à internet em casa, podem ir ao Laboratório de Informática da escola no turno inverso para realizar as tarefas propostas. Escrever sobre os resultados que estão sendo atingidos torna-se difícil tendo em vista o quanto é subjetiva e interessante a relação professor aluno e o processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, neste período de realização do projeto percebe-se a mudança de comportamento dos alunos, em relação ao número maior de acessos e postagens, o que com certeza irá refletir no resultado da aprendizagem. Ainda, aprendizagens importantes e úteis para a vida, tais como criar um email, enviar um email com anexo, postar um comentário, realizar uma pesquisa, entre outros são alguns frutos positivos deste projeto. Um dos grandes desafios da educação na atualidade é permitir o novo, é fazer o diferente, acreditar sim que é possível contribuir para um ensino mais qualitativo, em que, além de acesso, o aluno permaneça e aprenda mais e melhor.

DOE EM VIDA

Lucila Rosa da Silva
EMEF Geraldo Antonio Telesca
Canguçu/RS

O projeto “Doe em Vida” surgiu de momentos de oração e ou reflexão desenvolvidos no início de cada aula. Em uma dessas ocasiões refletia-se sobre o alto índice de violência escolar: palavrões, empurrões, pontapés, cutucadas estavam muito presentes em nosso cotidiano, nas filas, corredores e até mesmo em algumas salas de aula.

Fomos às outras turmas da escola divulgando nossa ideia, de doação de abraço, de sorriso, de atenção, de tempo, de carinho, amor, respeito, enfim, de valores humanos que estão se perdendo no andamento de nossa rotina, e que são essenciais à vida de um cidadão que se preze e que deseje transformar sua realidade. Os alunos assistiram vários vídeos que incentivavam a doação de sangue e órgãos e solicitaram ouvir palestras aprofundando o assunto. Foram convidadas uma assistente social e uma enfermeira do Banco de Sangue do Hospital local que compartilharam experiências vividas e despertaram na turma o desejo de futuramente ser um doador



de sangue. Também trouxeram material de divulgação e esclarecimento com os quais desenvolvemos várias atividades em aula, inclusive propostas de avaliação do trimestre letivo.

Envolvidos nas idéias de doação, os cidadãos do 5º ano ouviram a doutora Elisa Bettim relatar as possibilidades e as dificuldades de transplante de medula óssea. E ainda compartilharam a vivência da colega Lisiane do turno da manhã e de sua mãe que relataram e mostraram fotos do transplante de medula vivenciado pela Lisiane, em decorrência de doença genética que afeta seus familiares.

Saíram às ruas, para levar até a comunidade em torno da escola, Bairro Meskó, a conscientização de que em nossa ação cidadã, podemos empreender atos de doação e assim sermos promotores de vida. Não satisfeitos, os alunos do 5º ano ainda doaram brinquedos de sucata aos colegas do primeiro ano, por ocasião do dia da criança.

Com a conscientização resultante das atividades que envolveram nossa sala de aula no desenrolar do assunto Cidadania e através da vivência de um projeto dinâmico e ativo como foi o “Doe em Vida” percebemos que a educação é um caminho amplo gerador de novas ideias e capaz de transformar realidades e que leva o ser humano a sonhar sonhos impossíveis e a realizá-los, isto sem dúvida é que pode ser visto no grau de satisfação, alegria e comprometimento dos cidadãos envolvidos com o projeto “Doe em Vida”.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMUNITARISTA NA ESCOLA – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DOS DITADOS POPULARES

Núbia R. B. da S. Martinelli
EMEF Cidade do Rio Grande
CAIC/FURG
Rio Grande/RS

Esta é uma experiência de educação ambiental no ensino fundamental que usa ditados populares para avaliar quais deles e em que medida contém “verdades científicas”, na perspectiva de que essas verdades estão em construção como produtos da ação humana, socialmente construídas, contextualizadas no tempo espaço em devir. O trabalho baseia-se na Ética Argumentativa e desenvolveu-se mediante o uso de duas normas, deduzidas, a partir da gramática da pergunta “o que devo fazer?” (VELASCO, 2003), em duas dimensões: para orientar o trabalho pedagógico problematizador e usando-a na sala de aula na própria experiência, tendo como objetivo exercitar a competência argumentativa dos alunos acerca de ditados populares do seu conhecimento, cotejando-os com os conhecimentos cientificamente aceitos.

As normas foram assim enunciadas em aula: Devo buscar em comunidade, uma resposta para a pergunta “que devo fazer?” porque buscando essa resposta, crio condições, em conjunto, de fazer a pergunta “que devo fazer”. Devo preservar a natureza saudável porque eu, preservando a natureza saudável crio condição de poder fazer a pergunta “que devo fazer?” e



servem de critérios para o posicionamento quanto aos ditados e para promover e aproveitar o interesse dos jovens pela Ciência, como também para confrontar a própria escola, incluindo nossa própria prática com outras possibilidades, descentralizando-a do livro didático e do saber docente.

De um total de 19 ditados trazidos pelos alunos, trabalhamos 11 deles, que produziram dinâmicas inovadoras, como o aparecimento de assuntos em sequência, dos quais os alunos protagonizaram a ação, seja em forma de participação nas discussões – o que se constituiu no resultado esperado em termos de competência argumentativa – seja na busca por conteúdo. Foi questionado o que está por traz de buscar respostas às perguntas, tendo-se chegado à conclusão que a liberdade é a condição.

Em relação à norma ecológica, discutiram-se as alternativas para ter uma natureza urbana saudável: pequenas redes de esgoto, fossa séptica ou rede de esgoto geral, entre muitos assuntos oriundos dos outros ditados, tais como responsabilidade ambiental, energias limpas, matrizes energéticas, motores, intemperismo e formação do solo; energia potencial e trabalho mecânico, funcionamento de usinas hidrelétricas, pressão e mudanças de estados físicos e ciência dos materiais, relacionados aos ditados: Quanto maior a altura, maior o tombo; Panela velha é que faz comida boa e Saco vazio não para em pé, entre outros.

A experiência teve como resultado um maior engajamento dos alunos nas dinâmicas escolares, tendo-se observado mudanças na trajetória escolar dos mesmos, percebidas no modo como eles passaram relacionar-se com o conhecimento e portar-se no cotidiano escolar.

EDUCAÇÃO PELO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA DO CURSO TÉCNICO EM AGRICULTURA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

Antonio Alfredo Maia
Edimilson Martins da Rosa
Escola Técnica Estadual Canguçu
Canguçu/RS

PORTA AFORA: PLANTANDO BATATAS - É difícil explicar, mas o que define se gostamos ou não do nosso trabalho não são as coisas que fazemos com as mãos, as informações utilizadas, o ambiente físico do lugar de trabalho, mas a maneira de pensar, o jeito de fazer as coisas e isso não está escrito nos livros (DE MEIS, 1998).

Março. Estamos na horta da escola plantando batatas. Os plantadores de batatas são jovens adolescentes. Muitos vêm do campo, poucos tinham plantado batatas. Nas escolas, talvez aprendessem apenas teoricamente, mas apostamos em se aprender a fazer fazendo, acreditamos na experiência transformadora. No protagonismo, na coerência com o discurso às vezes um tanto protocolar da Escola, que diz da importância de produzir, descreve a fórmula para fazê-lo, mas apenas na teoria, porque não o faz, nunca fez. A escola não planta batatas.

APRENDER A FAZER FAZENDO: CUIDANDO DAS BATATAS - As aulas acontecem às



sextas-feiras pela manhã. São quatro horas incluindo o tempo de deslocamento para ir e vir, meia hora mais ou menos. Trabalhamos na horta, aviários, pomar, nos projetos da escola. No dia, nos reunimos para partir ao local das práticas, cinco quilômetros até a área agrícola. Até o meio da manhã os grupos de alunos trabalham e é importante que saibam não apenas como, mas porque estão executando aquela tarefa. Então, fazemos uma pausa para a merenda, momento de descontração. Depois fazemos uma rápida aula ambiente. Pode ser, por exemplo, sobre a produção de feno de alfafa, ou batata-doce.

JUNTOS NA COLHEITA - Depois de três meses colhemos os primeiros tubérculos. Foi bonito ainda ter aqueles adolescentes desajeitados com as ferramentas descobrindo que as batatas estavam sim ali, sob a terra que eles tinham cultivado. Lembravam ainda quando muitos, pela primeira vez, enterraram aquelas sementes e agora, a colheita. A produtividade das batatas foi apenas média, mas o que os alunos aprenderam foi algo além: romper com a situação cômoda de expectador e assumir o protagonismo com o esforço e o risco que isso representa. A disciplina de Prática Profissional continua sendo um desafio a cada semana. A tentação de aulas teóricas convencionais existe. Muito tem se falado sobre os papéis que representamos na sociedade e do quanto podemos determinar mudanças de rumo. Com a experiência da Escola aqui relatada, começamos a acreditar que podemos ser atores, mudar o cenário.

ELEIÇÕES PARA LÍDERES DE TURMA

Eliézer dos Santos Oliveira
Maria Daisi da Fonseca Prietsch
Viviam Maraninchi Alam
EEF La Salle Hipólito Leite
Pelotas/RS

Todo início de ano as turmas da Escola La Salle Hipólito Leite escolhem os seus líderes de turma. Neste ano de 2014, o SOE, através da Psicóloga da Escola juntamente com o SCT, representado pela Coordenadora Pedagógica e o professor da disciplina de filosofia, pensaram, por bem, aprofundar o processo de escolha das lideranças estudantis, bem como ampliar o acompanhamento que o Serviço Psicológico já realizava com o grupo de líderes.

Tal inspiração brotou da realidade política do país – desejoso de maior participação política; da identidade lassalista da escola – fomentadora da formação integral, que por sua vez exige o exercício cidadão, solidário, crítico e responsável da liderança em prol da transformação da realidade social; da reflexão e avaliação de projetos afins já realizados na Escola; da disponibilidade dos sujeitos envolvidos; entre outros.

Coadunados com tais motivações, lançamos o projeto da “Eleição para líderes de turma”, cujo objetivo imediato consistia na eleição dos líderes de turma, mas que o transcende, visto que se prolonga por todo ano no grupo dos líderes.



Para tanto, nos propusemos várias atividades, tais como: aulas de filosofia e disciplinas humanas que debateram sobre a importância e o sentido democrático da liderança como representante da coletividade, refletindo assim, sobre a vida política em geral, para além da esfera estudantil.

O Serviço Psicológico despertou os educandos “ficha-limpas” (foi elaborado um regulamento da eleição, composto desde as condições para a candidatura até os critérios de perda do mandato) para que colocassem os seus nomes ao dispor do voto dos colegas. Muitos se lançaram como candidatos, construíram suas propostas, gravaram seus horários eleitorais, debateram acaloradamente com os seus adversários, etc.

O Serviço de Coordenação Pedagógica encarregou-se das reuniões dos candidatos (e dos líderes eleitos), com representantes políticos de diversas esferas: Vereadores, Prefeito, Vice-Prefeita e um Deputado Estadual. Os líderes, assim que foram eleitos já começaram o processo de levantar as necessidades de suas Turmas, Escola e Comunidades, que por sua vez, foram sistematizadas e apresentadas de forma reivindicatória para o Poder Público.

As primeiras avaliações da Comunidade Educativa e da comunidade em geral (inclusive imprensa) são bastante positivas e o desejo de dar continuidade a este processo de formação prática da cidadania é bastante grande. Além disso, todas estas atividades oxigenaram a própria Escola, que como consequência desperta todos os seus sujeitos, sobretudo os educandos, para a gestão democrática, participativa, corresponsável de forma mais visível e concreta. Não há como trabalhar a importância da democracia sem se deixar democratizar.

EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS DO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO NO COLÉGIO ESTADUAL DOM JOÃO BRAGA

Eunice Souza Couto
Robson Simplicio de Sousa
Magda Rosane Nunes Corrêa
Colégio Estadual Dom João Braga
Pelotas/RS

O Ensino Médio (EM) necessita, há tempos, de uma nova concepção, metodologia e finalidade. Se há três décadas significava um grande avanço no nível de estudo; hoje é básico. No século XXI, não se pode mais pensar EM como etapa final e formadora profissional. Hoje é, tão somente, um “aprofundamento” nos conhecimentos construídos ao longo do ensino fundamental. Contudo, o EM pode ser entendido como período de depuração, tomada de consciência, preparação para atuar na sociedade contemporânea e auxiliar o adolescente a libertar-se do jugo do senso comum, oportunizando um pensamento que transcenda à mídia e à publicidade oportunistas.

Dentro deste contexto, entrou em vigor o Ensino Médio Politécnico (EMP), do Colégio



Estadual Dom João Braga (DJB), em março de 2012. Se a proposta apresentada pela Secretaria de Educação não era muito explícita, competia à equipe pedagógica da escola viabilizá-la para a prática. Assim, construiu-se uma proposta que contemplasse as múltiplas concepções do corpo docente do Colégio e, dessa forma, elaborou-se o objetivo do EMP no DJB: *estimular o senso crítico, através da análise de situações cotidianas, com enfoque na argumentação e no conhecimento sobre o mundo que os cerca, para buscar a interdisciplinaridade das diversas áreas do conhecimento, desejando uma formação para a cidadania.*

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é apresentar as iniciativas didáticas desenvolvidas ao longo da implantação do EMP no Colégio Estadual Dom João Braga, delineando as possíveis aprendizagens dos estudantes a partir dessas ações.

Inicialmente, foi realizada a formação de um grupo de professores, representando todas as áreas do conhecimento e suas diferentes cosmovisões para pensar um trabalho interdisciplinar. Partiu-se, então, da leitura, compreensão e produção textual, apresentação de trabalhos, postura e atitudes diante do público e realização de pesquisas.

Por outro lado, sentia-se a necessidade de uma reorganização do espaço escolar, além de flexibilizar o pensamento, saindo da repetição mecânica do senso comum. Assim, foram/são realizados projetos de pesquisa a partir dos interesses dos alunos evidenciados em um instrumento de pesquisa sócioantropológica, para que fosse possível resgatar o passado, contextualizar o presente e prever o futuro. Aulas compartilhadas (integração entre professores) utilização de filmes, livros, internet, viagens, teatro, acampamento ecológico, entrevistas, pesquisas de campo, visitas a fábricas, apresentação de trabalhos em Mostras e Feiras.

Como resultados dessas experiências no EMP do Colégio Estadual Dom João Braga, é possível identificarmos a evolução dos alunos, nos aspectos: falar em público, pesquisar, argumentar, refletir sobre a sociedade que os cerca e expressar suas opiniões e pensamentos. Assim, entendemos que estas atividades diferenciadas partiram de concepções e sentidos diversificados, com características próprias para cumprir seu papel emancipador para estudantes desta geração.

ENSINO DE MATEMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS: QUATRO OFICINAS PARA PROFESSORES

Maria da Graça Peraça
Rafael Montoito
IFSul
Pelotas/RS

Este trabalho é um relato de experiência de um curso de extensão, ministrado pelos professores do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (Campus Pelotas), para os professores das séries iniciais de escolas públicas. Em sua maioria, o público alvo era composto por alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, futuros professores das séries iniciais,



alguns deles já atuantes através do PIBID ou do Pacto Nacional. O objetivo principal do curso era abordar tópicos e conteúdos de matemática das séries iniciais de maneira diferente do usual e dinâmica, através de atividades com material concreto (alguns inventados pela própria equipe executora do projeto), sendo os conteúdos divididos em quatro oficinas temáticas: geometria, softwares educativos, álgebra e a interrelação entre matemática e literatura infantil. Apesar de este ter sido o primeiro projeto de extensão elaborado pelos atuais professores da Coordenadoria de Matemática do IFSul (Campus Pelotas), compreendemos que foi válida a troca de experiências com professores que estão (ou virão a trabalhar) com as séries iniciais, intercambiando informações, experiências e saberes: se, pelo nosso lado, abordávamos a matemática, suas estruturas e suas didáticas, através dos relatos dos alunos do curso e por suas partilhas, experienciávamos a realidade atual do ensino nas escolas públicas e as dificuldades que os alunos mais comumente apresentam na aprendizagem da matemática elementar. Na explanação deste trabalho, abordaremos com maior ênfase algumas atividades desenvolvidas nas oficinas de geometria e das inter-relações entre literatura e matemática por terem estado sob nossa responsabilidade quando ministradas no curso. Os bons comentários e avaliações participativas feitas pelos professores e pelos alunos ao final do curso ressaltam a relevância e a necessidade deste tipo de projeto: um olhar dos professores de matemática para os professores das séries iniciais, já que são eles quem dão as primeiras noções de matemática aos nossos futuros alunos; um olhar que gere uma preciosa troca de experiências e saberes visando a promoção do ensino de matemática com qualidade.

ESCOLA E COMUNIDADE UNIDAS NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR

Elizane Pegoraro Bertineti
EMEF Dom Pedro II
Canguçu/RS

A escola na atualidade é rodeada por diferentes atribuições que a ela são designadas, dentre as atribuições está a função de contribuir para a construção da cidadania. Pensando na função da escola, Hernández (1988) enfatiza que o trabalho por projeto “não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola” (p. 49), sendo que, a partir de um projeto pensado com os alunos, o processo de aprendizagem se torna significativo.

Desta forma, o objetivo da experiência foi oportunizar aos alunos, família e comunidade do entorno discussões sobre as diferentes abordagens do conceito de cidadania e também ações que abordassem as diferentes formas de exercermos a nossa cidadania de forma consciente e responsável. O projeto foi desenvolvido com os alunos do 9º ano da EMEF D. Pedro II de Canguçu-RS, na disciplina de Ensino Religioso. Foram os alunos que decidiram as abordagens sobre cidadania que julgavam pertinentes para fazer parte do projeto. Elaboraram o mapa



conceitual sobre o que entendiam por cidadania e partindo deste mapa foi dado prosseguimento à elaboração do projeto e à escolha das atividades juntamente com os alunos. Buscou-se com o projeto um trabalho baseado na realidade, nas problemáticas que os alunos percebem como urgentes em nossas discussões, pois a “educação é vida, não preparação para a vida” (DEWEY, 1967, p. 37).

As atividades pensadas e realizadas pelo grupo foram: discussão de textos, criação de vídeos e blogs, campanha de conscientização sobre trânsito, apresentação de teatro, confecção de cartazes, campanha de arrecadação de alimentos, Trilha da Cidadania, Palestras sobre Civismo e Tradicionalismo, identificação de ações não cidadãs, organização do pátio da Escola, participação em sessão da Câmara de Vereadores do município e pintura de pichações ocorridas no bairro. A experiência foi muito gratificante, envolveu alunos, mobilizou outros sujeitos que puderam participar e perceber as nossas ações como algo importante na busca por um mundo melhor. A atividade marcante foi a pintura de pichações que há muito tempo eram pintadas e sempre retornavam e que a partir do projeto foi realizada esta pintura que permanece intacta até o presente momento.

Assim, ao final do projeto temos a sensação de dever cumprido, realizamos tudo que nos propomos, tivemos obstáculos, porém nada nos impediu de dar continuidade a nossa proposta, afinal à escola é movimento, é gente, é dar, é receber, é acreditar que podemos a partir de pequenas atitudes, fazer um mundo melhor.

ESCOLA E COMUNIDADE: UMA PARCERIA INDISPENSÁVEL

Cristiane Fuhrmann Beling
Cláudia Raquel Duarte Pureza
EMEF Dr. Jaime de Faria
Canguçu/RS

Este trabalho tem como objetivo buscar a parceria entre a escola e as famílias dos educandos, visando a conhecer a realidade, resgatar e valorizar a cultura local, focando na qualidade da educação.

Na busca da parceria entre escola e comunidade a equipe diretiva, professores e funcionárias da escola organizaram um projeto de visita às casas das famílias dos educandos.

Foram organizados roteiros de visita, para isto a equipe foi dividida. As famílias foram comunicadas através de bilhetes com dia e hora da visita e pedindo autorização para sua concretização. Para realizar as visitas foram escolhidos os dias de feriados da localidade, para melhor organização por parte das famílias.

A escola está num caminho de construção da parceria com as famílias, no processo de conhecer a história da comunidade em suas raízes, valorizar sua cultura e trabalhar os conhecimentos pedagógicos. Através deste trabalho observamos que a comunidade está mais



próxima das atividades realizadas pela escola, como reuniões, projetos e festividades que envolvem as famílias.

Podemos avaliar como muito produtiva esta atividade, pois a equipe pôde conhecer melhor a realidade de cada aluno, assim podendo desenvolver ações que possibilitem uma aprendizagem mais significativa. Pois sabemos que este caminho é percorrido ao longo de um processo e está sempre em construção, adaptando-se a novas propostas; e na medida de sua concretização novos conceitos vão sendo adquiridos, transformando assim nossa ação e nosso modo de pensar, pois aprendemos e mudamos diariamente na medida em que conhecemos nosso objeto de estudo mais profundamente.

FILME ANINHA

Zoraya Baschi
Tatiane Maciel
Rodrigo Xavier
EMEF Joaquim Nabuco
Pelotas/RS

Nosso objetivo, com a produção do filme, foi trabalhar a questão do preconceito, da discriminação e do *bullying* na nossa escola e na comunidade em geral. Estes assuntos têm sido muito debatidos dentro e fora do âmbito escolar, principalmente na mídia, sendo esta um instrumento de divulgação e aprendizado entre os educandos.

Essas questões, além de serem trabalhadas em sala de aula, também são desenvolvidas no Projeto Hora do Conto e na Sala de Informática que, por possuírem objetivos afins desenvolveram este trabalho em conjunto.

No primeiro momento, construímos a história com reuniões entre as pessoas envolvidas no trabalho e a Universidade Federal de Pelotas. Esta nos deu o apoio necessário oferecendo oficinas de direção e montagem de roteiro com os alunos que participaram do filme. Logo em seguida elaboramos o roteiro, fizemos a escolha das personagens, dos figurinos e dos locais de gravações.

A seguir foi feita a divisão do roteiro em cenas para as posteriores gravações. A partir deste momento começamos os ensaios e as gravações que duraram em torno de dez dias.

A trilha sonora do filme é de autoria do professor de música da EMEF Joaquim Nabuco, Rodrigo Xavier.

Este trabalho foi significativo, pois envolveu funcionários, alunos, professores e a comunidade escolar. A produção do filme proporcionou à escola receber vários prêmios no II Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas, como: 3º lugar na categoria melhor atriz, 3º lugar na categoria melhor roteiro, 3º lugar na categoria melhor filme, 2º lugar na categoria melhor direção e 1º lugar na categoria trilha sonora original. O trabalho desenvolvido e as premiações elevaram a



autoestima dos alunos e fizeram com que estes refletissem sobre as questões envolvidas. Ao longo do ano letivo foram feitos inúmeros trabalhos em várias disciplinas curriculares envolvendo os assuntos citados, fazendo com que todos participassem e interagissem.

Acreditamos que as mídias na educação são uma forma prazerosa de envolvimento dos alunos articuladas à aprendizagem dos mesmos. Além de podermos trabalhar com questões pedagógicas e sociais, uma vez que a escola tem dentre suas principais funções a de formar cidadãos críticos e ativos na sociedade.

FÍSICA E MATEMÁTICA EM UMA SÓ PROPOSTA

Dilson Ferreira Ribeiro
Ana Luiza Ferreira Cunha
Colégio Municipal Pelotense
Pelotas/RS

Esta proposta baseia-se na divulgação de um trabalho multidisciplinar/interdisciplinar desenvolvido durante os dois últimos anos entre as disciplinas de Física e Matemática ministradas no primeiro ano do Ensino Médio diurno do Colégio Municipal Pelotense. A proposta baseia-se na adequação de conteúdos tornando a área do outro a ferramenta necessária para o entendimento e deixando de lado, em alguns momentos, o conteúdo pelo conteúdo; ou como diz D'Ambrósio: “o desfilar de conteúdos mortos” (2012, p. 81-82).

Neste trabalho, são mencionados a Estatística Básica, a Teoria das Funções, Escalas Termométricas e a Calorimetria. Mais especificamente falando, quando trabalhados conceitos de Medidas de Tendência Central e de Dispersão, toma-se como base temperaturas divulgadas em reportagens sobre o assunto. Em meio a esses dados, a Física entra no contexto mostrando que devido à existência de Celsius ou Fahrenheit como forma de expressar uma mesma temperatura, os dados trabalhados na estatística poderiam ser convertidos para outra escala, proporcionando ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade interpretativa. Nessa ocasião, entra a multidisciplinaridade já que uma disciplina, mesmo utilizando a outra como ferramenta, não perde sua excentricidade, podendo seguir sua caminhada de forma independente.

Em outro trabalho, as disciplinas se completam interdisciplinarmente. O ocorrido foi trabalhar funções do 1º grau, fazendo com que a Física assumisse um papel complementar no momento em que a Matemática relaciona a lei de uma função com a classificação dessas e a Física complementa trabalhando o aquecimento e resfriamento de substâncias na calorimetria.

As aulas, mesmo sendo ministradas individualmente assumiam um papel de integração entre as áreas e ocasionavam na prática desses professores, um dinamismo não ocorrido anteriormente, fazendo com que os conteúdos “[...] não ficassem cristalizados em ideias ultrapassadas ou pensamentos únicos” (PETRAGLIA, 2013, p. 67-68). A integração ocorreu também na avaliação. Trabalhos de pesquisa, construção de gráficos que relacionassem os



conceitos matemáticos e físicos ou a construção de tabelas que oportunamente proporcionavam ao aluno a relação clara existente entre essas áreas do conhecimento eram pedidos de forma única e entregues numa só versão que, em seguida, era analisada pelos dois professores os quais, em um determinado momento, chegavam a um consenso para dar uma única nota.

Os resultados mais enfáticos obtidos com o desenvolvimento desse trabalho são o fato de proporcionar ao aluno o entendimento da interação entre as áreas do conhecimento.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA OPORTUNIDADE DE CONSTRUIR MATERIAIS E COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS

Eva Sílvia F. Barreto
Gláucia Pellegrinotti Blank
Ana Paula C. Ferreira

Secretaria Municipal de Educação e Esportes
Canguçu/RS

O Núcleo Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e Esportes de Canguçu organiza, desde o início de 2013, Encontros de Formação Continuada para os profissionais da Educação. Este trabalho destaca os Encontros de Formação Continuada de Língua Portuguesa que foram organizados numa proposta Freiriana com a valorização dos diferentes saberes dos indivíduos respeitando as diferenças, instigando a curiosidade e desenvolvendo projetos de acordo com a realidade local. O calendário de formação foi estruturado de maneira que o total das 80h fosse distribuído em 60h presenciais e 20h com projetos pedagógicos desenvolvidos nas escolas.

O objetivo da prática pedagógica desenvolvida foi difundir o compartilhamento dos saberes, pensando que as ideias compartilhadas se multiplicam ao invés de se dividirem. A formação continuada busca dar suporte ao trabalho dos professores e reafirma que a troca favorece a prática pedagógica em sala de aula na medida em que sustenta e fortalece o vínculo entre professor, aluno, escola e comunidade.

No 1º encontro lancei a ideia da construção de bancos de atividades, com propostas de leitura, análise e interpretação textual. Cada profissional ficou responsável por enviar pelo menos cinco textos de diferentes gêneros que julgassem importantes no trabalho com a Língua Portuguesa, o grupo aderiu à proposta e nosso banco de textos ficou composto de 116 arquivos, sendo que nestes, há mais de um texto em cada. No 2º momento, a ideia foi compartilhar sugestões de atividades de ortografia e produção textual e foi organizado um novo banco de dados com um total de 46 arquivos, com cinco sugestões em cada, com atividades ortográficas e 41 arquivos com sugestões de Produção Textual.

A experiência rendeu bons frutos, os professores relatavam a dificuldade em encontrar boas propostas apenas em livros e materiais pessoais. Nas fichas de avaliação, reafirmaram a



importância da troca de saberes, experiências, materiais e a ampliação sobre o olhar específico sobre a Língua Portuguesa o que enriquece a prática e fortalece o trabalho. A troca de materiais favoreceu também a participação em Concursos de Textos como o Agrinho, por exemplo, e incentivou a participação em projetos pedagógicos e fomentou a avaliação das práticas diárias.

Os projetos apresentados pelo grupo também evidenciaram a realidade local com enfoque nas práticas de leitura, escrita, produção textual e análise linguística, ressaltando a importância do trabalho com projetos numa perspectiva de valorização dos diversos saberes, culturas e potencialidades das escolas.

FORMAÇÃO DE JOVENS LIDERANÇAS

Gitânia de Oliveira Vargas

Patrícia Rutz Bierhals

Patrícia Silveira Zaneti

Secretaria Municipal de Educação e Esportes

Canguçu/RS

Neste resumo apresentamos uma proposta de trabalho desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação e Esportes de Canguçu em parceria com outras entidades do município, visando a formação para jovens estudantes dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da rede de ensino municipal e estadual. Esta formação para jovens lideranças tem como objetivo despertar nos jovens estudantes a consciência crítica e o senso de comprometimento e responsabilidade em sua comunidade.

O trabalho de formação esteve pautado na pesquisa participante. Acreditamos que as mudanças sociais acontecem pela práxis, sendo imprescindível o olhar dos jovens para a sua realidade, o entorno que os cerca e discussão coletiva das situações e fatos percebidos, no intuito de despertar o jovem para que se perceba enquanto sujeito histórico, social e cultural imerso num sistema socioeconômico. Assim, fazendo a leitura da realidade, refletindo a respeito das suas problemáticas para que possa planejar e agir, intervindo e transformando-a num contexto mais justo e menos desigual, tendo em vista que as condições estruturais postas e impostas são mudadas pelo pensar e agir um novo projeto de sociedade.

O encontro foi realizado em duas etapas, durante dois dias havendo uma ótima integração entre os jovens e os mediadores da formação. O grupo esteve constantemente envolvido nas proposições de trabalho e as atividades culturais que aconteceram permitiram seu pensar e repensar enquanto sujeito, sua identidade enquanto ser jovem, refletindo juntamente com os mediadores, concepções de juventude e liderança. No final do 1º Encontro, os jovens planejaram ações para serem realizadas na sua comunidade no sentido de procurarem soluções dialogicamente para as problemáticas levantadas nas discussões e assim multiplicarem os conhecimentos. No 2º Encontro tivemos como resultados, o relato de vários projetos de ações que



foram desenvolvidos nas escolas junto das comunidades.

É importante ressaltarmos que esta formação vem abrindo espaços para a participação dos jovens no espaço escolar e na comunidade, contribuindo com iniciativas de transformação do seu entorno. Temos percebido que apostar no senso crítico dos jovens e despertá-lo exige tempos de estudo, reflexão, ação, sendo que, para haver continuidade é importante retomar constantemente a metodologia e o incentivo para manter estes jovens como lideranças atuantes, continuando com encontros formativos em 2014.

FORMAÇÃO PERMANENTE: ENTRE A APRENDIZAGEM DO ALUNO E A APRENDIZAGEM DO PROFESSOR

Rogéria Novo da Silva
Márcia Souza da Rosa
EMEF Machado de Assis
Pelotas/RS

Inicialmente, é preciso destacar que o entendimento que temos sobre a formação permanente se coloca em complementaridade ao que convencionalmente chama-se formação continuada. Conforme SILVA, a formação permanente se coloca, “como processo distinto da formação inicial e da formação continuada, que, sem refutá-las, amplia o espaço/tempo proposto como possibilidade sistemática, planejada e intencional, individual e coletiva.” (2013, p. 16)

Neste sentido, é papel da escola organizar processos de formação compatíveis com a realidade e as demandas da mesma. Tal requisito impõe às equipes diretivas o entendimento de formas concretas de elucidar os temas que são inerentes à tarefa da escola de promover a apropriação do conhecimento cultural sistematizado.

O processo de formação permanente da Escola Machado de Assis foca três dimensões: a) fortalecimento do grupo; b) discussão de temáticas destacadas do conjunto de demandas individuais dos professores; e c) reflexão e socialização da prática docente.

Nesse sentido, são organizados dois momentos distintos, mas complementares: Encontros semanais e encontros quinzenais, ambos com duração de duas horas.

Nos encontros semanais, cada professor reúne-se com a equipe diretiva na intenção de abordar os limites prioritários que identifica em sua turma a fim de buscar formas de superá-los. Este momento visa a problematizar práticas no sentido de compreender em que medida inviabilizam que a aprendizagem aconteça. Os encontros quinzenais se destinam ao encontro do grupo e a discussões mais epistemológicas e metodológicas relacionadas ao Projeto Político Pedagógico. As temáticas são destacadas pelo conjunto de indicadores percebidos ao longo dos encontros semanais. Neste espaço construímos referenciais para a prática de sala de aula a partir da ação, reflexão e mediação realizada e condizente com os parâmetros indicados.

Ao longo de 5 anos, tomamos este movimento de formação permanente como foco e



percebemos que o movimento entre teoria e prática tem sido tênue, uma vez que, por vezes, é imperceptível em que ponto a fragilidade é mais densa. Enfrentamos, no limite da ação concreta, o movimento cíclico entre teoria e prática que está assentado na concepção epistemológica do professor.

O processo de formação proposto tem nos permitido alguns passos no sentido dos professores assumirem seu protagonismo na busca de compreensão dos processos de ensino-aprendizagem. Porém, se coloca incipiente no sentido de obtermos respostas mais explícitas na aprendizagem dos alunos. Assim, temos como limite, lidar com as implicações do processo de aprendizagem do professor, enquanto agente ativo no processo de aprendizagem do aluno, haja vista que no processo de formação do professor, há uma caminhada de acertos, erros, reflexões, resistências, tentativas de mudanças que ocorrem, concomitante, ao processo do aluno.

FROM THE MELTING POT TO THE SALAD BOWL - O QUE É A CULTURA AMERICANA?

Graciela Cardoso Domingues
EEEM Presidente Castelo Branco
Capão do Leão/RS

Em uma viagem de seis semanas aos Estados Unidos, com o intuito de realizar um curso de aperfeiçoamento, ofertado pelo CAPES a professores de língua inglesa da rede pública, tive a oportunidade de repensar minhas concepções sobre a cultura americana, e vi-me obrigada e reconsiderar meu papel como professora de língua inglesa.

Infelizmente, os estereótipos comumente transmitidos em produções Hollywoodianas parecem representar os Estados Unidos mundialmente. A maioria dos livros didáticos destinados ao ensino de língua inglesa, retratam os americanos como um grupo homogêneo que compartilha exatamente as mesmas características: comem apenas *fast-food*, são frios e contidos em suas relações e têm o individualismo e a autorrealização como metas pessoais. Estas generalizações geram interpretações equivocadas e pré-conceitos, que dificilmente são reformulados, uma vez internalizados.

Os Estados Unidos são um país diverso. Tal diversidade pode ser atribuída a migrações em massa. Portanto, é difícil definir o que é a cultura americana. *The Melting Pot*, uma teoria do final do século XIX, sugere que diferentes culturas se misturam em uma única cultura harmoniosa. Ultimamente, a metáfora da *Salad Bowl*, teoria derivada do multiculturalismo, afirma que há várias culturas americanas justapostas. Embora combinadas, cada cultura mantém suas características distintivas.

Através dos contatos realizados em visitas a Washington D.C., Filadélfia, Wilmington, Newark e Nova Iorque, foi possível reconstruir minha visão sobre o povo americano. Foi um processo de desconstrução e reconstrução de um estereótipo. Esta nova caracterização propiciou-me um maior entendimento de meu papel como educadora, afastando-me da visão de



reprodutora da americanização.

Após estas reflexões, percebi a necessidade de compartilhar com os alunos minha experiência e prover subsídios para que pudessem reformular suas crenças. Primeiramente, propus atividades que retratavam diferentes nuances da cultura americana. A seguir, discutimos e questionamos inúmeros aspectos culturais. Por fim, solicitei uma produção escrita sobre o assunto, na qual muitos alunos admitiram ter revisto seus conceitos sobre a cultura americana. Com base nas declarações e na produção textual, foi possível constatar que alguns apresentavam uma aversão inicial a tudo que diz respeito aos Estados Unidos, a qual foi modificada à medida que novas informações eram adicionadas nas atividades.

Acredito que a ojeriza demonstrada por alguns alunos com relação à música, à língua e à cultura em si, seja fruto do desconhecimento sobre a mesma. Ao reconhecer realmente quem é o legítimo americano, o professor desperta o interesse do aluno pela língua alvo, mostrando uma cultura nova, diferente daquela transmitida na mídia.

GAMES ELETRÔNICOS: UMA METODOLOGIA PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Carmen Carvalho

EMEF Almirante Raphael Brusque

Pelotas/RS

Ao exercer a prática pedagógica na EMEF Almirante Raphael Brusque, com alunos da quarta série, hoje quinto ano do ensino fundamental de nove anos, percebi a dificuldade que enfrentavam para resolverem cálculos simples, envolvendo operações com adição, subtração, multiplicação e divisão. Sabemos que o desenvolvimento de habilidades como atenção, memória e raciocínio lógico, é fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça com significado, evitando assim a decoreba e a memorização. Através da observação do índice do IDEB da escola e acompanhamento das avaliações realizadas pelos alunos, foi possível constatar grande reprovação em Matemática, demonstrando que a metodologia até então utilizada não estava atendendo às necessidades de aprendizagem dos alunos, era preciso valorizar as vivências e experiências do próprio cotidiano. Além disso, também era notável a percepção que os alunos tinham de si próprios, como indivíduos incapazes de enfrentar as dificuldades apresentadas em relação à Matemática. Sabemos que o professor ao utilizar as TICs como ferramenta de aprendizagem, pode tornar o ensino mais interessante para os alunos, pois ele deixa de ser tradicionalmente um transmissor de conhecimento e torna-se um mediador do processo de ensino aprendizagem. Então, com o objetivo de tornar as aulas de Matemática mais interessantes e ao mesmo tempo contribuir para a aquisição do conhecimento de forma qualitativa, passamos a frequentar semanalmente, o espaço do Telecentro na escola, utilizando os games eletrônicos disponíveis na web. O contato com os games eletrônicos promoveu situações de aprendizagem onde os alunos aprendiam através de erros e acertos, passando a ser fundamental encontrar o



resultado da operação, independente do caminho a ser percorrido, do tempo ou das estratégias utilizadas. Além disso, a aprendizagem tornou-se mais lúdica e prazerosa, pois era possível aprender brincando e também respeitando as regras através da interação com o outro. Dessa forma, a avaliação passa a ser um instrumento fundamental para acompanhar e registrar o desenvolvimento dos alunos em relação ao processo de ensino aprendizagem de Matemática.

GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE: O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Rosana da Silva Vieira
EEEF Rachel Mello
Pelotas/RS

A educação escolar sempre será porta de acesso a descobertas e discussões acerca da sustentabilidade. Freire (2000, apud PITANO, 2004, p. 94) afirma que “é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável” e “nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos”. A atividade aqui relatada promoveu o uso da ciência geográfica unida a recursos tecnológicos com foco no despertar do alunado para a cidadania sustentável que transforma os educandos em preservadores ativos da comunidade na qual estão inseridos. O objetivo maior foi unir a *práxis* voltada à sustentabilidade com a educação formal de sala de aula, centralizando as ações ligadas à educação e sustentabilidade através do uso de tecnologias com base nos preceitos da CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade).

A experiência do trabalho desenvolveu-se por etapas em 2013, com alunos de 8ª série na EEEF Rachel Mello. A ausência de união entre, educação formal geográfica e o uso de tecnologias no desenvolvimento crítico dos educandos enquanto membros de uma sociedade em constante mutação motivou a atividade aqui relatada.

A atividade teve como tema o meio ambiente e sua preservação, sendo desenvolvida como parte da avaliação do trimestre. Os alunos foram instruídos e desafiados a montar pequenos vídeos sobre o tema, abordando, por exemplo, questões sobre água e clima. Uma aula sobre o tema foi o primeiro passo, na sequência, com auxílio de material explicativo foi trabalhada a montagem do trabalho. Os alunos elaboraram seus vídeos fora da escola, com o auxílio de computadores próprios ou em *lan houses*. No momento da avaliação, em grupo e na sala de vídeo da escola a turma apresentou os trabalhos. Ao término da apresentação, cada grupo explicou seu vídeo promovendo pequenos debates com o restante da turma falando sobre o que conseguiu aprender acerca do tema.

Com resultado positivo, tendo em vista que essa foi a primeira experiência da turma com esse tipo de atividade e suas tecnologias, o trabalho não só mexeu com a questão ambiental mas também com a criticidade, o poder de superar limitações e com a autoestima de todos os alunos envolvidos. No fechamento, participando ativamente da proposta com a turma, a



professora apresentou um vídeo produzido por ela com o mesmo tema, encerrando assim, de forma muito positiva a atividade proposta.

Por fim, a atividade serviu para abrir caminhos a outros projetos semelhantes durante o restante do ano letivo, envolvendo em alguns momentos outras disciplinas do Ensino Fundamental, mostrando assim, a possibilidade de renovação da *práxis* mesmo que os recursos sejam limitados.

GEOMETRIZANDO IDEIAS E EMOÇÕES: UMA INCLUSÃO SOCIAL

Marina Mendonça Loder
Catiúcia Klug Schneider
IFSul
Pelotas/RS

O relato aqui apresentado refere-se ao projeto realizado na disciplina de Desenho Geométrico II, com a turma de 3º semestre do Curso Técnico de Comunicação Visual (sistema integrado) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense. A motivação inicial dessa experiência surgiu com o convite e a oportunidade de criar uma guirlanda de porta com motivos natalinos, para doação a um projeto social da cidade de Pelotas/RS, beneficiando, desta forma, uma instituição de caridade - através da sua venda, assim como a de outras guirlandas. Com o convite lançado, professoras da disciplina de Desenho Geométrico aproveitaram e integraram o desafio à aplicação prática dos conceitos geométricos. Por estarem ligadas ao Design e tendo habitualmente suas preferências estéticas aguçadas para composições formais e cromáticas encontradas nos ladrilhos hidráulicos, ficou notável que as inspirações para o desenho da guirlanda não foram poucas. Além disso, as diferentes possibilidades vivenciadas diariamente com o uso de formas e composições dos procedimentos geométricos proporcionaram um envolvimento maior no contexto do projeto, contribuindo para o processo criativo. O interesse por essa temática foi motivador, tornando ideias e emoções um motivo de agir em prol de um cunho social. O fato de aplicar teorias e processos técnicos e geometrizados em soluções de design oportunizou que a criatividade e o estímulo viessem à tona no ato de ensinar. Neste contexto os estudantes foram convidados a conhecer o projeto e o trabalho que estava sendo desenvolvido, de forma a compreenderem a aplicação dos conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala de aula através de exercícios. Os processos executados para montagem da guirlanda e os trabalhos propostos pela disciplina apresentavam uma significativa semelhança, o que fez surgir a ideia de unir esses cenários: um projeto social e uma atividade acadêmica. O objetivo foi aplicar conhecimentos a respeito de concordâncias, estrelados, arcos, divisão de circunferências, entre outros processos geométricos na criação de guirlandas natalinas. A turma demonstrou interesse e motivou-se a planejar composições geométricas para criação de outros modelos de guirlandas, o que potencializou o processo de ensino e aprendizagem e foi



enriquecedor tanto como cunho social, como na solução da aprendizagem através de práticas pedagógicas. Frente a esta experiência positiva, a intenção é dar seguimento ao projeto, criando e executando outras guirlandas com novas turmas.

HORTA MANDALA: UMA OPÇÃO PARA PRODUÇÃO ORGÂNICA

Vera Maria Krumreich Schlee
Izabel Cristina Menegoni Nunes
Sandra Mara Nunes Porto
EMEF Dr. Jaime de Faria
Canguçu/RS

Esse projeto surgiu depois que a quadra de esportes da escola foi ampliada e a horta foi reduzida em 50%. Com pouco terreno para a horta convencional, foi necessário buscar meios mais eficientes para produzir com qualidade em menor espaço físico. Além do espaço reduzido ainda tínhamos problema com a água que é doada pelo vizinho e, para a rega, era usada água potável o que gerou outra preocupação com o meio ambiente, pois sabemos que a água é um recurso natural precioso que deve ser preservado.

A horta foi feita de tubos PET trazidos pelos alunos, o que reduziu o lixo, pois na localidade ainda não se tem destino para esses resíduos, pois a coleta seletiva embora recolha alguns não atende toda a demanda. As garrafas mantêm por mais tempo a umidade do solo, reduzindo significativamente as regas.

Outro objetivo foi mostrar para os alunos que não é preciso usar fertilizante químico para ter uma boa produção. Usamos então húmus de minhocas californianas (do minhocário da escola) que sendo um adubo orgânico não agride o meio ambiente e preserva os nutrientes do solo. O minhocário é mantido com as sobras e cascas de frutas e legumes provenientes da cozinha da escola.

As medidas foram feitas pelos alunos, utilizando conhecimentos matemáticos, geográficos e científicos. Logo após foram colocadas as garrafas verticalmente, colocada a terra misturada ao húmus, os alunos trouxeram as sementes, foi feita a semeadura, limpeza, controle das pragas naturalmente (com folhas de inhame, de cinamomo e cascas de laranja para combater as formigas). A horta produziu temperos e hortaliças que foram usados na merenda escolar.

A experiência foi positiva em todos os sentidos, pois os educandos aprenderam que, para ter uma alimentação sadia, não necessitamos de muito espaço para a produção dos alimentos e ainda podemos fazê-lo preservando o meio ambiente. Pode-se usar material reciclado, livrando a natureza do lixo que levaria centenas de anos para decompor-se. Ainda economizamos a água potável, pois o húmus e as garrafas PETs preservaram a umidade.



IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO NA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFA. SYLVIA MELLO

Ester Vellar Krause
ETE Profa. Sylvia Mello
Pelotas/RS

Criar situações com base nos gastos cotidianos dos alunos e em investimentos que eles desejem fazer foi o objetivo desta atividade. É importante que, ao final, eles compreendam que fazer o planejamento mensal deve ser um hábito para que consigam poupar e controlar sempre as finanças. Buscamos a compreensão sobre o valor do dinheiro através do uso dos simuladores de cálculo de juros bancários que estão nas páginas das empresas financeiras pesquisadas.

Em primeira instância, foi feita uma conversa sobre o cotidiano financeiro dos estudantes. Textos de revistas de educação, que abordavam assuntos referentes à economia, publicidade, encartes de lojas e outros levaram os estudantes a pensar sobre assuntos financeiros. O diálogo foi registrado num texto escrito. Os estudantes construíram gráficos, tabelas estatísticas e fizeram comparações de melhor preço entre as diversas empresas através de encartes e a professora explicou a aplicabilidade dessa tarefa em licitações utilizadas para quaisquer compras realizadas por instituições públicas.

Depois disso, os estudantes se conscientizaram de que a compra a prazo só deve ser usada se o consumidor não tiver o dinheiro total do valor da compra naquele momento. Do contrário, é melhor comprar os objetos a vista. Nesse momento a turma foi orientada sobre quais cálculos devem fazer a fim de saber qual a melhor opção.

Com o exemplo de uma planilha que continha todas as dívidas fixas da família de cada aluno (as contas pagas todos os meses, como luz, celular, internet etc.), os gastos previstos e as possíveis emergências. Solicitamos aos estudantes que anotassem, em uma folha de papel, ou nos cadernos, todos os possíveis gastos mensais pessoais. Elaboraram uma planilha exemplificando seus gastos e posteriormente uma planilha de planejamento familiar.

Avaliamos se os estudantes conseguiram relacionar as despesas frequentes em uma planilha e se foram capazes de avaliar a melhor alternativa para fazer um investimento, com base na renda mensal e nos cálculos de juros simples.

Consideramos que os resultados foram promissores, pois tivemos os depoimentos de alguns familiares dos estudantes que apreciaram a construção da planilha para controle do gasto familiar. Não temos resultados finais, pois este projeto será novamente desenvolvido.

Através de uma auto avaliação foi possível ouvir os estudantes sobre o modo pelo qual eles se relacionam com a matemática, como estudam, como relacionam a matemática com o seu cotidiano, quais as dificuldades que enfrentam no processo de aprendizagem e quais avanços conseguem identificar no aspecto informativo e formativo. Nesse sentido, ajudamos o estudante a refletir sobre o processo da construção do seu próprio conhecimento.



INCLUINDO O ALUNO NO MUNDO DOS LIVROS ATRAVÉS DO PROJETO: “MAIS LEITURA: ADOTE UM LEITOR”

Michele Lemões
Lilian Pieper
EMEF Afonso Vizeu
Pelotas/RS

O desafio de despertar nos alunos o interesse por livros é grande e isso cabe a todas as disciplinas escolares, em especial, à de língua portuguesa. Despertar esse interesse e incluir o estudante de 6º e 7º anos para o mundo literário foi o que nos motivou a encabeçar o projeto “Mais Leitura: Adote um Leitor”. Nosso objetivo era muito mais do que incentivar o gosto pela leitura, mas tornar os alunos leitores autônomos e conscientes de suas escolhas literárias. O trabalho começou com a frequência assídua à biblioteca escolar e, assim, apresentar o universo dos livros, incentivando-os a retirar, ler e comentar suas leituras em sala de aula. As idas e vindas à biblioteca nos levou à constatação de que os livros de lá já não eram mais de seu interesse e que tinham vontade de ler outros, mais atuais, então, decidimos investir em obras que fossem do interesse deles e compramos algumas coleções como Diário de um Banana, Percy Jackson, entre outros. Aos poucos, fomos acrescentando mais livros à nossa “caixa de leitura” levando-a, pelo menos uma vez por semana, à sala de aula. Em alguns momentos, essa leitura era proporcionada em ambientes diferenciados como no pátio da escola ou em colchonetes espalhados na sala, para tornar esse momento o mais prazeroso possível. Concomitante a isso, foi lançada aos alunos a seguinte questão: e se vocês pudessem comprar os seus próprios? A partir daí, elaboramos o projeto “Mais Leitura: Adote um Leitor” cujo objetivo era, entre outros, despertar no aluno o interesse em adquirir seus próprios livros e, assim, torná-los frequentadores de livrarias e compradores de livros. No projeto, os alunos receberam uma cartela nos moldes de venda de votinhos e com isso, mobilizaram familiares e amigos para a compra por R\$ 1,00 até conseguirem o valor que desejavam adquirir. Durante o prazo estipulado, os estudantes frequentaram o laboratório de informática e acessaram diversos sites de editoras, livrarias e blogs para realizar a leitura de resumos, folhear livros *on-line* a fim de conhecer e fazer as escolhas. Após o prazo estipulado, os alunos entregaram suas cartelas com o valor arrecadado e, numa data agendada, fizemos uma visita a uma livraria da cidade, na qual os alunos puderam conhecer e comprar seus livros. Os resultados desse projeto foram satisfatórios, pois percebemos que alunos que não tinham nenhum contato com o mundo literário, começaram a ler e a gostar. A maioria deles são leitores assíduos, frequentam a biblioteca, gostam de ler, de trocar livros entre si e de adquiri-los quando podem. Frequentemente, ouvimos dos alunos títulos e comentários sobre livros que, agora, estão lendo, por isso avaliamos essa experiência como uma prática enriquecedora, tanto, que para esse ano, já está sendo preparada a 2ª edição do projeto a pedido dos próprios alunos.



INCLUSÃO ATRAVÉS DO CORPO - PROPOSTA REALIZADA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE DE PELOTAS

Jaqueline de Lima Madeira
Maria Solange de Oliveira Ribeiro
Viviane Petry de Vasconcellos
EEEF Marechal Alves de Lima e Silva
Pelotas/RS

A escola possui um grande número de alunos com laudo médico e outros desafios. Por isto, os profissionais da educação pensaram em como reverter esta situação, pois os atendimentos são precários.

Com os objetivos de achar alternativas para o grande desafio que é a alfabetização e a inclusão nas escolas públicas, fortalecer a autoestima de alunos da inclusão no espaço escolar, desenvolver a motricidade, a percepção, os aspectos cognitivos, as noções espaciais dentro e fora da sala de aula, foram realizadas aulas coletivas. Elas contribuem para o crescimento coletivo, os movimentos são aperfeiçoados a cada aula, há atividades que eles precisam exercitar: a atenção, o cuidado com o outro e, certamente, a alegria presenciada nas aulas contagia os alunos. Em alguns momentos foram fotografados alunos e professores realizando movimentos, depois expostas com a ideia do respeito.

Essas aulas coletivas são discutidas pelos próprios alunos em sala de aula e revertidas em conteúdos e atividades, pois elas geram produções coletivas de texto onde o aluno com maior dificuldade relata o que estava acontecendo, enquanto outro escreve. Nas aulas de ciências estão sendo trabalhados conteúdos de higiene e corpo humano, nas de matemática com a contagem de passos, a repetição e a noção espacial. Na história de cada música, análise de ritmo, melodia... Enfim, uma variedade de atividades acontece em cada aula.

As crianças, que antes se sentiam diferentes por não conseguirem acompanhar, hoje se mostram satisfeitas e motivadas, pois através dessas aulas conseguem se expressar de forma verbal e não verbal facilitando até mesmo para o professor realizar as avaliações em relação à sua evolução.

Após a aula são gerados vários questionamentos aos alunos que, de forma planejada, levam a outras atividades com o objetivo de alcançar as competências e habilidades exigidas pelo trimestre.

Como a dança é uma linguagem da arte que expressa diversas possibilidades de assimilação do mundo foi optado por ela para diminuir as diferenças.

Buscamos entender como uma prática como a dança poderia propiciar a inclusão de forma que todos aprendam e reaprendam e que houvesse um ato de mudança. Percebemos que alguns princípios são necessários, entre eles, a busca pela capacidade de expressar, de verbalizar ou atuar de forma crítica e criativa, sem que nenhuma das potencialidades humanas seja negligenciada ou induzida à submissão. A expressão artística foi escolhida na escola para contribuir para a liberdade, para a construção da autonomia e do conhecimento.



ÍNDICES DE REPROVAÇÃO, APROVAÇÃO E ABANDONO NO CURSO TÉCNICO EM AGRICULTURA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

Fernando Cardoso Hax
Antonio Alfredo Maia
Edimilson Martins da Rosa
ETE Canguçu
Canguçu/RS

Este trabalho analisa os índices de reprovação, aprovação e abandono do Curso Técnico em Agricultura da Escola Técnica Estadual Canguçu (ETEC), que adotou o Currículo Integrado como parte da política educacional da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-RS) para a articulação do Ensino Médio com a Educação Profissional.

A relação entre a Educação Profissional e o Ensino Médio assumiu diferentes formas nos últimos 20 anos. O Decreto 2.208/1997 impediu ao aluno o ingresso em uma mesma matrícula em um Curso Técnico junto com o Ensino Médio, o que foi revogado pelo Decreto 5.154/2004, que não apenas permite uma mesma matrícula em ambos, mas incentiva a criação de cursos de Educação Profissional Integrado ao Ensino Médio.

Este trabalho busca analisar os índices de aprovação, reprovação e abandono do Curso Técnico Integrado em Agricultura. Este curso está organizado em turno integral, com as disciplinas do Ensino Médio Politécnico (EMP).

A experiência do currículo Integrado foi extremamente positiva. Entre os principais efeitos observados encontra-se o baixo nível de abandono e reprovação observados. De acordo com Azevedo e Reis (2013), no período de 2002 a 2011, a média do Ensino Médio na Rede Estadual foi de 14,63% de abandono, 20,6% de reprovação, e 64,75% de aprovação. No Ensino Médio Integrado em Agricultura da ETEC, em 2013 foram obtidos os seguintes índices: 83% de aprovação e 17% de abandono no 1º ano e de 89% de aprovação e 11% de reprovação no 2º ano.

Os dados de aprovação, reprovação e abandono, refletem um dos principais aspectos da educação profissional integrada ao ensino médio. Acreditamos que os bons índices apresentados sejam consequência de um grupo de professores dedicados, de alunos motivados, de uma estrutura capaz do suporte necessário e da contextualização do conhecimento trabalhado. Não se encontram os mesmos índices no EMP, que apresenta dificuldades em envolver o trabalho enquanto princípio educativo e nem no curso pós-médio, que carece da pesquisa enquanto princípio pedagógico. Mas esta experiência, de refletir sobre a implantação do curso integrado, permitiu à comunidade escolar refletir sobre seus pontos fortes e fracos e assim remediar as falhas que encontramos nos demais cursos.



INOVAÇÃO: COM AUXÍLIO DA TECNOLOGIA OS PROBIÓTICOS ATUAM NO CÂNCER

Daniela Schellin Lüdtke
Eliza Pinheiro Rodrigues
Marina Jardim Rocha

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida
Canguçu/RS

O objetivo deste trabalho é adquirir mais conhecimento sobre os probióticos, palavra que deriva do grego e significa “pró-vida”. Os probióticos são organismos vivos que, quando ingeridos, exercem efeito benéfico no balanço da flora bacteriana intestinal de quem os consome. Através deste conhecimento pretendeu-se valorizar sua utilidade na prevenção do câncer, analisando seus benefícios no nosso dia-a-dia, descobrindo novidades e inovações sobre o tema tratado.

Foi lançada a proposta de um trabalho de ciências, na turma de 2º Ano do Curso Normal do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, para expor em uma feira científica realizada no mesmo Colégio, localizado no município de Canguçu.

Em um grupo de três pessoas fizemos pesquisas em alguns sites, entrevistamos dentistas, farmacêuticos e pessoas da área da alimentação, pois, quanto mais informação nós conseguíssemos, melhor. Conseguimos os probióticos em Rio Grande e com eles pudemos fazer a experiência prática. Uma das atividades desenvolvidas foi a fabricação de iogurte com probióticos.

Com as pesquisas, descobrimos que os probióticos diminuem as células cancerígenas e podem levar o tumor à regressão, descobrimos também que existem empresas que já utilizam os vários tipos de lactobacilos na fabricação de alguns alimentos, como o iogurte, ele beneficia o combate a alguns tipos de alergias e diarreias.

Esse trabalho foi de suma importância, pois descobrimos coisas que não sabíamos ainda, e também porque poucas pessoas sabiam que uma coisa tão pequena como os probióticos podem fazer um bem tão grande para nossa saúde.

Como alunos e pessoas da comunidade acreditamos que as pesquisas foram muito importantes, pois descobrimos muitas coisas que nos ajudaram a ter uma vida mais saudável, proporcionando-nos a oportunidade de elucidar a comunidade em geral sobre os grandes benefícios que os probióticos podem nos proporcionar.



INSERÇÃO DO ALUNO IMPLANTADO COCLEAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE CANGUÇU

Carla Muriel Burgert Ferreira
Secretaria Municipal de Educação e Esportes
Canguçu/RS

A importância de abordar este tema decorre da dificuldade que tivemos, enquanto rede, em trabalhar com um aluno com IC (Implante Coclear), pois até este momento não possuíamos nenhum caso semelhante, logo, a prática no trabalho com alunos surdos com IC. Conforme a resolução do CNE/ 02/2001, a educação dos alunos surdos pode ser bilíngue, assegurando à família o direito da abordagem pedagógica de sua melhor escolha. A educação bilíngue para crianças surdas brasileiras consiste na aquisição de duas línguas. A primeira é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) conforme Art. 1º Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002:

A inclusão de um aluno com deficiência Auditiva deve levar em consideração o grau da sua Deficiência, pois quanto maior for a perda auditiva, maior será o tempo que o aluno deverá receber atendimento especializado para o aprendizado da língua portuguesa oral, sem que esta perda possa causar nenhum prejuízo para a aquisição da Língua de Sinais- LIBRAS. O quanto mais cedo a criança e a família estiverem em contato com a Língua de Sinais - LIBRAS melhor será o seu desenvolvimento e sua aprendizagem, por que a primeira língua para alunos surdos é a Língua de Sinais e a segunda é a Língua Portuguesa, devendo ser desenvolvida em outro momento dentro da escola.

A Inclusão de crianças especiais no ensino regular produz alguns impasses que devem ser viabilizados, tais como: políticas públicas eficazes que se reflitam diretamente no cotidiano escolar exigindo um constante repensar das práticas e ações pedagógicas frente a este tema. Entre estas medidas estão a flexibilização ou adequação do currículo; mudanças na nossa práxis pedagógica inclusive de avaliação; aquisição de novas metodologias e de tecnologias assistidas voltadas para as deficiências de nossos alunos como a Língua de Sinais - Libras; mudanças nas estruturas físicas para o melhor acesso de nossos alunos.

As dificuldades em encontrar um ambiente escolar efetivamente preparado e capacitado, as incertezas e dúvidas de como realizar um trabalho qualificado foram minimizadas com a capacitação dos profissionais, trabalho em conjunto com a escola e com a auxiliar da turma, trabalho com a família e atendimento diferenciado para o aluno.

Entretanto, foi no seio familiar que as mudanças aconteceram gradativamente, pois a aceitação da inserção de LIBRAS pela família foi adquirida tanto na escola como a própria família foi em busca de aperfeiçoamento, contribuindo assim para o desenvolvimento da criança. Quanto mais cedo a criança com IC for inserida nos meios educacionais de ouvintes e nas LIBRAS, maiores serão seus benefícios na comunicação e na aprendizagem.



INSERÇÃO TECNOLÓGICA DIGITAL NA EDUCAÇÃO: PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PELOTAS-RS

Kátia Denise Costa Berni

Secretária Municipal de Educação e Desporto
Pelotas/RS

Analisaram-se as questões estruturais e de formação continuada, no período entre 2008 e 2012, vinculadas aos laboratórios de informática e à sua utilização no ensino e na aprendizagem. Objetivou-se mapear a quantidade de computadores na rede municipal, quantificar o número de professores capacitados para o uso pedagógico dessas tecnologias nas redes municipal e estadual da cidade de Pelotas/RS. Pesquisou-se a quantidade de professores que foram capacitados pelo poder público para o uso pedagógico de tecnologia educacional. As salas são equipadas com micro computadores do PROINFO.

Trata-se de uma pesquisa documental conforme Gil (2009), que visou o desvendar da realidade das escolas municipais da cidade de Pelotas-RS, quanto à quantidade de computadores nos laboratórios de informática, bem como a quantidade de profissionais da educação que realizaram cursos de aperfeiçoamento sobre o Software livre Linux Educacional. Desta forma buscou-se o NTE vinculado a 5ª CRE/RS.

A realidade das escolas mostra que o número de computadores nos laboratórios das escolas urbanas é de 10 a 18 computadores e nas escolas do campo são cinco computadores. De acordo com os achados de Nunes (2011), cria-se uma situação delicada nas escolas para a prática pedagógica destes equipamentos, visto que os laboratórios não comportam uma turma inteira.

Nos estudos de Teodora (2002) “A escola é uma das organizações sociais que mais vem sendo questionada sobre como fazer uso dos recursos tecnológicos na sua proposta de educar.” Assim, os professores buscam atualizações e o governo, preocupado em suprir esta carência, cria estratégias de capacitação.

Observou-se o aumento de equipamentos, percebeu-se a necessidade de um espaço para debates presenciais, revelou-se a necessidade da oferta de capacitações e indica-se que é necessária a luta por políticas de inclusão para diminuir o fosso digital através de cursos que repensem o currículo e agreguem as práticas pedagógicas.



INTERAGINDO, BRINCANDO E EXPERIENCIANDO COM OS HÁBITOS DE HIGIENE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tatiane da Silva Pollnow
Shaiany Gonçalves da Silva Nunes
EMEI Anita Malfatti
Pelotas/RS

A partir das observações realizadas na turma Pré-2 da Escola Municipal de Educação Infantil Anita Malfatti sentiu-se a necessidade de trabalhar os hábitos de higiene, objetivando permitir ao aluno reformular ou até mesmo construir seus hábitos de higiene tornando-se um ser comprometido com esta questão. As diretrizes curriculares nacionais para educação infantil deixam claro que este é um lugar para se desenvolver a totalidade do aluno, onde o cuidar e o educar estão caminhando juntos numa mesma direção. Elas dispõem também que as práticas pedagógicas devem ser norteadas por interações, brincadeiras e experiências.

Procurou-se desenvolver as aulas de forma criativa, onde o brincar estivesse ligado diariamente à sala de aula, pois a criança constrói seu conhecimento em interação com o meio, por isso as aulas foram baseadas na realidade, sempre procurando proporcionar a descoberta das coisas por elas mesmas.

O trabalho baseou-se em questionamentos; trabalhos em grupos e individuais; material concreto; histórias - da coleção cuidando do corpo de Gina Borges como "Os dentes de Grandão, o tubarão", "As mãos do macaquinho Chiquinho", "O nariz da Zebrinha", entre outras. -; fantoches; representação das histórias graficamente; músicas: "O sapo não lava o pé", "Chuveiro (Patati/Patatá)", "Vou lavar as minhas mãos", etc. - brincadeiras; vídeos; jogos - "jogo da memória", "quebra cabeça" e "mímica" - e construção de texto coletivo.

Ao fim do projeto, os alunos puderam contar aos colegas de outras salas o que tinham aprendido, bem como "ensinar" como se deve escovar os dentes, cuidar de sua mochila, lavar as mãos, cuidar de seu corpo em geral. O que percebemos ter sido muito motivador para eles foi o fato de contarem sobre as experiências que tiveram, bem como as descobertas feitas.

Podemos perceber como significativo que o grupo participou das atividades contribuindo de forma verbal, trouxeram relatos tanto das práticas de higiene que tinham em casa, como das que não tinham. Observamos que se habituaram a lavar as mãos antes de se alimentarem, a organizarem suas mochilas separando roupas e calçados, além de esperarem ansiosos pela escovação dos dentes. Consideramos também a cobrança entre eles das práticas de higiene, onde muitas vezes construíram os hábitos na coletividade, nunca deixando o outro esquecer.



JOGOS E ATIVIDADES LÚDICAS EM MATEMÁTICA PARA O 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Daniele Bracher
Leda Kunde Brodt
EMEF Rodolfo Kruger
São Lourenço Do Sul/RS

O presente trabalho apresenta as atividades desenvolvidas durante o estágio em Matemática, do Curso de Licenciatura em Matemática da UFPel, realizado na EMEF Rodolfo Kruger, localizada em São Lourenço do Sul. O estágio foi desenvolvido com uma turma de 5ª série/6º ano e os conteúdos ministrados foram de Múltiplos, Divisores, Critérios de Divisibilidade, Números Primos e Compostos e Decomposição em Fatores Primos. São apresentados os jogos e as atividades lúdicas desenvolvidas com os alunos: “Bingo de Múltiplos”, “Jogo da Memória com critérios de divisibilidade”, “Crivo de Eratóstenes” e “Conjunto de Divisores”. Após a experiência de estágio, conclui-se que a utilização de jogos e de atividades lúdicas propicia a construção do conhecimento, tornando-a prazerosa para os alunos e para o professor. Cabe salientar a importância do planejamento dessas atividades, para que estejam de acordo com os objetivos pedagógicos que o professor busca desenvolver.

A utilização de jogos e atividades lúdicas facilita muito o andamento das aulas, pois proporciona uma atividade prazerosa para os alunos e o professor. Mas, para sua efetiva potencialidade é importante muito planejamento a respeito dos objetivos que se pretende alcançar. Porque o jogo por si só não desenvolve o conhecimento, é preciso estar atento para que a mediação pedagógica do professor esteja adequada.

Quanto aos resultados obtidos nessa turma constatamos que 90% dos alunos obtiveram aprovação nos conteúdos trabalhados. Esse índice foi medido através de avaliação individual e sem consulta. Além da avaliação, no último dia de aula, os alunos escreveram um parágrafo a respeito de suas percepções sobre as atividades propostas e a totalidade dos alunos elogiou e relatou que gostaria que a professora da turma continuasse utilizando esses recursos.

O planejamento das atividades lúdicas e dos jogos é bastante trabalhoso para o professor, mas compensa pelos resultados, como a motivação e o interesse dos alunos. Além de que, essas atividades, desenvolvem mais do que conteúdos conceituais ou procedimentais, desenvolvem os conteúdos atitudinais, como respeito, autoconfiança, autonomia, socialização, cooperação, favorecendo a formação do aluno cidadão.



JUVENTUDE - UMA NOVA ESPERANÇA: RELATO DE UM PROJETO DESENVOLVIDO NO I. E. E. PONCHE VERDE (PIRATINI/RS)

Cleiton Cruz de Oliveira
Patrícia Tarouco Manetti Becker
IEE Ponche Verde
Piratini/RS

O presente trabalho foi elaborado através de uma parceria entre um aluno do Ensino Médio Politécnico e uma professora da rede estadual de ensino em Piratini/RS. O fruto desse diálogo originou o projeto intitulado “Juventude: Uma Nova Esperança”. Para o educando, essa proposta almejava: “possibilitar aos jovens enxergar o mundo com outros olhos, acreditar que há grandes transformações a serem feitas, mas isso só depende de cada um”. Pois muitas vezes na vida nos sentimos sem saber para onde ir, qual estrada e qual caminho percorrer. Motivar a Juventude a fazer a diferença na construção de um país com maior igualdade. É preciso ter coragem de mostrar ao mundo o que estamos fazendo aqui, mostrar que nossa presença não se constitui apenas em acaso, mas sim em transformação, para então, através da instituição escola, pensarmos em construir, pela práxis, um processo educativo que mostre aos educandos a importância do seu comportamento perante a sociedade. A parceria do aluno com a professora também vem ao encontro de valorizar a si mesmo e aos seus semelhantes; mostrar a importância de cuidarmos da natureza; identificar a educação pelos sentidos como meio de repensar suas atitudes. O projeto foi desenvolvido nas aulas de Ensino Religioso, nas quais o aluno responsável pelo projeto elaborava um planejamento (que era discutido com a professora e, posteriormente, apresentado às turmas de 6º Ano, 7º Ano e 8º Anos do Ensino Fundamental. No segundo semestre de 2013 foram discutidos os temas: respeito mútuo, amizade, amor, honestidade, solidariedade, fraternidade, vida e esperança. Os adolescentes participantes da proposta participaram ativamente das discussões, das dinâmicas, expuseram as suas opiniões, relataram fatos e construíram peças teatrais, pois houve uma identificação com os temas escolhidos e com os vídeos que foram analisados nas aulas. Pensando sempre sobre: Qual é a melhor forma de viver a vida? É deixar ela passar despercebida, ou, então, fazer a mudança, a transformação que começa a partir de mim, pois não posso exigir do outro aquilo que nem eu sou capaz de exercer?. Acreditamos que a educação ajuda a despertar, em cada pessoa, a consciência de sua própria dignidade e de sua capacidade de exercer a cidadania. A educação é o instrumento que transforma a pessoa, tornando-a responsável pelo seu próprio progresso e pelo bem da comunidade. Assim, através do processo educativo, transformaremos nossos alunos em seres humanos conscientes e críticos para buscarem um ambiente saudável para viver.



JUVENTUDE! QUE JUVENTUDE?

Cristiane Leitzke Buss
Laerte Pedroso de Paula Júnior
Letícia de Aquino Neumann
EEF La Salle Hipólito Leite
Pelotas/RS

O projeto realizado na Escola La Salle Hipólito Leite, Pelotas/RS desenvolveu-se em 2013 e levou em consideração as percepções acerca da juventude. Os objetivos que perseguimos foram conscientizar o jovem sobre sua atuação e importância na sociedade; possibilitar conhecimento reflexivo sobre diferentes problemáticas do cotidiano; problematizar a historicidade do termo e da consciência de “juventude”; fazer da escola um espaço de produção de cultura elaborando e experimentando identidades e comportamentos entre jovens e adolescentes; entrevistar pessoas da comunidade e diferentes décadas buscando traçar um paralelo com a realidade em que os alunos estão inseridos. Buscamos inspiração em autores tais como Freire, Demo, Fazenda e Baumann, para a compreensão teórica das ações a serem realizadas. Adotamos uma metodologia que privilegiou a participação dialógica e conscientizadora buscando a produção de conhecimento pelos alunos. Algumas das atividades desenvolvidas foi a realização de estudo histórico do tema; criação e aplicação de questionários; saída de campo (entrevistas, fotos, filmagens); debates sobre avanços/recuos do projeto; criação de painéis demonstrativos; apresentação e socialização das produções; produção de Gráficos; exposição em Mostra da Criatividade (Sala Mundo). Alguns resultados encontrados foi o envolvimento cooperativo e participativo dos estudantes; inserção e compreensão dos períodos estudados; compreensão das diferentes realidades onde os jovens estão inseridos; sentido de pertença ao período em estudo; também baixa autoestima de alguns jovens; dificuldade de alguns estudantes em sonhar com o presente e o futuro de oportunidades quanto ao Ensino Médio e Ensino Superior o que culminou com uma visita a uma Universidade da cidade. Acreditamos que este projeto nos permitiu conhecer e desvelar o modo como viviam e pensavam os jovens de outras décadas possibilitando aos nossos discentes uma leitura crítica e histórica da juventude tal como ela se apresenta hoje. Acreditamos que é mister a promoção da atitude reflexiva para que assim ao compreendermos o que somos hoje possamos educar através de perspectiva emancipatória da formação cidadã.



JUVENTUDE: VIVENCIA A FRATERNIDADE!

Valesca de Matos Duarte
EMEF Geraldo Antônio Telesca
Canguçu/RS

O “Juventude: Vivencia a Fraternidade!” foi desenvolvido na E.M.E.F. Geraldo Antônio Telesca, localizada no bairro Triângulo, município de Canguçu, durante o ano letivo de 2013 nas turmas do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental.

O presente projeto teve por objetivo provocar o despertar do ser humano em sua integralidade, promovendo hábitos e atitudes referenciados nos valores humanos a fim de que, especialmente os jovens, se tornassem protagonistas de suas vidas e vivenciassem a construção de uma sociedade fraterna, fundamentada no amor, na paz, no respeito e na educação.

As atividades previstas no projeto foram desenvolvidas na disciplina de Ciências em consonância com as seguintes linhas de ação:

No 1º trimestre: Juventude e Fraternidade – “Eis me aqui, envia-me (Is 6,8)” e os temas: Juventude e Educação, Juventude e Trabalho, Juventude e Cultura e Juventude e Comunicação. As turmas foram divididas em quatro grupos. Cada grupo apresentou um cartaz e uma paródia sobre o tema do seu grupo. A turma escolheu o melhor grupo para posterior apresentação na “I Integração GAT x Comunidade” no Cine Teatro Municipal dia 27 de Junho, Professor Antônio Joaquim Bento.

No 2º trimestre: Integração x Comunidade I – Depoimentos, paródias, cartazes e show com a Banda Shine. Juventude e suas caracterizações: Análise de músicas, coreografias e cartazes com os seguintes temas: Músicas - Década de 60 e Século XXI (2000 a 2010); Músicas - Década de 70 e Século XXI (2000 a 2010); Músicas - Década de 80 e Século XXI (atualidade) e Músicas - Década de 90 e Século XXI (atualidade).

Novamente, as turmas foram divididas em quatro grupos. Cada grupo apresentou um cartaz e uma coreografia sobre o tema do seu grupo. A turma escolheu o melhor grupo para posterior apresentação na “II Integração GAT x Comunidade” no Cine Teatro Municipal 27 de Junho, Professor Antônio Joaquim Bento.

No 3º trimestre: Integração x Comunidade II – Depoimentos, cartazes, coreografias e show com o Grupo Toh Zuando.

Tema Juventude e o futuro da humanidade. – Construção de painéis e encenações sobre os seguinte temas: 1- Aquecimento global e efeito estufa; 2 - Saneamento básico. 3 Degradação ambiental; 4 - Energia.

As turmas foram divididas em quatro grupos. Cada grupo apresentou um painel e uma encenação sobre o tema do seu grupo. A turma escolheu o melhor grupo para posterior apresentação na “III Integração GAT x Comunidade” no Cine Teatro Municipal, 27 de Junho Professor Antônio Joaquim Bento.

Integração x Comunidade III – Depoimentos, painéis, encenações e show com Wesley - Grupo Trem do Sul e Éder - Grupo Anjos Negros.



O educando foi avaliado por meio da demonstração de interesse, da participação, da responsabilidade, do envolvimento efetivo nas atividades, da execução das atividades, do posicionamento durante as socializações e reflexão/ação de suas atitudes diárias. Foram percebidas mudanças de comportamento em grande parte dos educandos, entre os quais um maior interesse pelas aulas, realização das atividades em sua plenitude e maior vontade de se destacar em sua turma a fim de mostrar capacidade para os colegas. Outro fator motivador foi a possibilidade de ultrapassar o espaço escolar realizando apresentações para toda a comunidade. Fato positivo observado foi a presença de familiares dos educandos nas “Integrações GAT x Comunidade”, além do interesse de mais professores em participarem do projeto.

LEITURA DE RÓTULOS DE ALIMENTOS COMO TEMA MOTIVADOR NAS AULAS DE QUÍMICA

Maicon Renato Ferreira Sampaio
Carla Vargas Bozzato
Sira Marroni Nietiedt
ETE Profa. Sylvia Mello
Pelotas/RS

Todos os dias nós lidamos com rótulos de produtos alimentícios e, muitas vezes, não percebemos a quantidade de informações que eles contêm. Além disso, os consumidores podem não compreender bem tais informações. Os rótulos de produtos que ingerimos constituem um importante tema contextualizador para a aprendizagem de bioquímica, pois os principais grupos de nutrientes estudados em bioquímica (carboidratos, lipídios ou gorduras e proteínas) estão presentes nos alimentos. Não obstante, conhecer a estrutura química da substância e perceber a sua importância biológica para o nosso organismo é de fundamental importância para a formação de um cidadão crítico. Para o educador químico Attico Chassot, a abordagem de questões cotidianas atuais ajuda a formar cidadãos qualificados, mais críticos e mais preparados para a vida, para o trabalho e para o lazer.

O presente trabalho tem como objetivo principal motivar os alunos para o ensino da química, através de uma atividade investigativa de pesquisa utilizando rótulos de alimentos. A experiência didática foi realizada com duas turmas de segundo ano do Ensino Médio Politécnico de uma Escola Estadual e consistiu das seguintes etapas: aplicação de um questionário sobre concepções prévias para caracterizar o conhecimento dos educandos sobre alimentação saudável, seu tipo de alimentação e conhecimento sobre os principais grupos de alimentos; a segunda etapa consistiu de o aluno escolher o rótulo de um alimento e extrair informações com relação aos grupos bioquímicos estudados em aula, bem como sua função para o organismo, estrutura química, relacionar a estrutura química e a função, discutir com a turma curiosidades bioquímicas como *light*, *diet*, apresenta gordura trans, etc. Por último, apresentação e discussão com a turma.



A proposta de trabalho atingiu os objetivos iniciais, uma vez que, modificou a tradicional maneira de estudar química, os alunos vivenciaram a aplicação da química no seu cotidiano, demonstrando interesse em todas as etapas, o que favoreceu a aprendizagem em química.

A experiência foi avaliada como positiva, uma vez que os alunos demonstraram curiosidade, motivação e interesse, diferentemente das tradicionais aulas expositivas.

LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIAL NA ESCOLA

Paula Nunes Perchin

Ana Cristina Dias de Oliveira

Vera Maria Griep

Secretaria Municipal de Educação e Esportes

Canguçu/RS

A Secretaria Municipal de Educação e Esportes tem por objetivo com este trabalho conscientizar os professores dos anos iniciais através da formação continuada, sobre a importância da leitura como prática social nas escolas. Tem por perspectiva a proposta de letramento, que nada mais é do que saber usar as habilidades de leitura e escrita em práticas sociais inserindo-se num mundo letrado e exercendo sua condição de cidadão.

Essa prática oportunizou a reflexão, a reformulação de conceitos e o redimensionamento da prática pedagógica do professor, bem como a mudança de paradigmas frente ao processo de alfabetização e da educação como um todo. Outro objetivo é formar alunos leitores e produtores de textos e, para tanto, fazer com que a leitura ocupe lugar central no currículo escolar dos anos iniciais.

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência. Mas para outros, é, sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado.

Com o objetivo de formar seres leitores, foram desenvolvidas várias estratégias e projetos como criação do Cantinho da leitura nas salas de aula dos anos iniciais, sacolas de leitura onde as crianças levam para casa os livros de literatura infantil e envolvem a família nessa dinâmica, leitura na biblioteca e ao ar livre e leitura deleite. Essa proposta foi além da sala de aula, envolveu outros profissionais da escola como os auxiliares de biblioteca.

Avaliamos positivamente a proposta lançada, pois todas as escolas da rede municipal aderiram e a colocaram em prática. Fato evidenciado através das práticas adotadas, dos relatos e registros dos professores e visitas de acompanhamento sistemático.

Dessa forma, conclui-se que se tornou real a prática da leitura nas escolas, haja vista que esta é condição essencial para que se possa compreender o mundo, os outros e as próprias experiências. Portanto, para inserir-se no mundo da escrita, torna-se imprescindível que o aluno



desenvolva habilidades linguísticas e possa ir além da simples decodificação de palavras. É preciso levá-lo a ler as entrelinhas, oportunizando a alfabetização na perspectiva do letramento e por consequência uma educação de qualidade.

MALETA MÁGICA... ONDE A IMAGINAÇÃO VIRA REALIDADE!

Cleni Medeiros Rodrigues

IEE Ponche Verde
Piratini/RS

O presente trabalho trata de um projeto que foi realizado com os alunos do 3º ano do ensino fundamental do I.E.E. Ponche Verde, em uma turma com 21 alunos, tendo alunos especiais, dentre eles um aluno com autismo. A dificuldade de redigir bons textos, tão discutida na mídia e na escola pode ser creditada à falta de um hábito cultivado desde o primeiro contato com a leitura, porém gostar de ler histórias em quadrinhos, onde a diversão caminha de mãos dadas com a leitura é uma tarefa prazerosa para todos os alunos. Essas questões suscitaram em mim, indagações tais como: Por que as histórias em quadrinhos são pouco utilizadas pelos professores em suas práticas pedagógicas? Quais os reais motivos e/ou fatores que levam os professores a não utilizarem efetivamente este recurso/linguagem em suas práticas escolares? Será possível (re)construir uma aprendizagem significativa – produção textual – utilizando histórias em quadrinhos? Quais caminhos o educando percorre quando tem a oportunidade de vivenciar o uso das histórias em quadrinhos no que tange à produção textual, como recurso didático e pedagógico para melhoria da aprendizagem? Partindo dessas inquietações, surgiu a ideia do caderno de produção textual da turma, numa tentativa de fomentar a criatividade, o desejo e o prazer em escrever, trabalhando também com a leitura e a escrita de todos os gêneros textuais. O caderno também tinha o intuito de incentivar os pais a participarem das atividades dos filhos através desse material que visitava a casa do aluno. Iniciei assim um processo inverso, o diálogo, que estava no planejamento do último trimestre, veio a ser o gênero textual do primeiro trimestre. Pois deveria iniciar com o que tem de mais prazeroso para eles, as histórias em quadrinhos adequadas às necessidades que se apresentavam. Os alunos então trabalharam com as histórias em quadrinhos, puderam adicionar gibis à mala de acordo com seus gostos, criaram HQ (histórias em quadrinhos) no software, apresentaram seminário de seu trabalho, criaram painéis de HQs, e encerraram o trabalho organizando-se em grupos e representando através de dramatização várias histórias em quadrinhos. Desta forma, eles tiveram uma aprendizagem significativa, desenvolveram a criatividade e o espírito crítico, aprenderam a trabalhar em equipe, desenvolveram a leitura, a escrita e o desenho. Com efeito, aprenderam a decodificar as múltiplas mensagens das HQs, puderam trabalhar temas significativos como inclusão, direitos e deveres, valores como respeito, amizade e amor.



MALETA SURPRESA

Gisele Rijos Pereira
EMEF Caldas Júnior
Turuçu/RS

O objetivo desta experiência foi a imersão dos alunos do segundo ano das Séries Iniciais, do Ensino Fundamental no universo da leitura, envolvendo a família no processo de aprendizagem da criança e promovendo a interação entre os alunos, a partir do contato com a diversidade de histórias para estimulação da oralidade, da escrita e de habilidades artísticas. ETAPA 1: 1º - as crianças tiveram contato com livros de histórias curtas e já conhecidas, como os clássicos; 2º - preparação do conteúdo da maleta, já que dentro dela o aluno encontraria, além do livro de histórias colocado pela professora, um caderno para registrar, com suas próprias palavras, o resumo do que havia lido e, também, atividades referentes à história que leria; 3º - organização do sorteio de um aluno que levaria a maleta para casa; 4º - participação de um outro aluno, o ajudante do dia, que deveria ir até o Cantinho da Leitura e pegar de dentro de um baú uma “charadinha”, ou seja, uma pista para descobrir qual livro o colega que havia levado a maleta tinha lido em casa. Após descobrir a palavra, o ajudante deveria voltar ao cantinho da leitura e encontrar o livro a ser contado pelo colega que levou a maleta; 5º - formação da roda de contação para que o aluno que levou a maleta pudesse relatar aos colegas, a história lida em casa; 6º - leitura da história do livro levado pelo aluno para todos do grupo, pela professora; 7º - realização de atividades complementares referentes à interpretação global da narrativa trabalhada. ETAPA 2: além da mudança dos títulos lidos foi realizada uma atividade geral para todos os livros que compuseram a maleta (ficha de leitura), além do “caderno de desenho” e materiais para pintura, colagem e recorte. Os alunos começaram a se interessar pelos livros, pois passaram a buscar novas histórias para serem lidas tanto em aula como para levar para casa. Os alunos demonstraram grande progresso, também na oralidade, através da experiência de contar o que liam, pois começaram a se expressar melhor quando solicitados em sala de aula e menos inibidos. Um fato que não era esperado foi o relato dos pais, durante a entrega das avaliações, de que eles ajudavam seus filhos na realização das atividades do projeto e que seguiam as sugestões da professora em relação às atividades da Maleta.

A experiência fez com que os alunos envolvidos pudessem experienciar a leitura no cotidiano escolar de forma prazerosa e significativa, uma vez que tal atividade foi trabalhada conjuntamente com o desenho, atividade apreciada pelos alunos e que envolveu a oralidade como forma de complementar as atividades de leitura realizadas em sala de aula e em casa. Nesse sentido, este trabalho pretendeu inovar a forma de trabalhar a questão da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, aliando outras áreas, tais como as Artes.



MAPEAMENTO DE RISCOS AMBIENTAIS

André Laurence Freitas dos Santos
IF Sul
Camaquã/RS

O objetivo desta atividade foi desenvolver a habilidade de busca do conhecimento utilizando as tecnologias digitais e o ciberespaço, criando uma relação da práxis entre o conteúdo teórico da disciplina e a realidade vivenciada pelos trabalhadores, aumentando assim a sua independência e auto-suficiência como construtor do próprio saber.

A experiência foi desenvolvida na disciplina de Saúde e Segurança no Trabalho, do curso Técnico em Automação Industrial (Modalidade Integrada) e relacionada ao conteúdo de Riscos Ambientais e seu mapeamento nos setores empresariais. Trata-se de um trabalho em grupos de até três alunos e consiste em, através da utilização da internet e redes sociais, pesquisar o layout de uma empresa de um setor industrial determinado, assim como as práticas funcionais de cada setor desta empresa. A partir daí desenvolver a análise e o mapeamento de riscos ambientais conforme o conteúdo debatido previamente em aula.

Os trabalhos foram apresentados na forma de seminários, demonstrando os mapas construídos e apontando formas de eliminar, evitar ou, através da utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), amenizar os efeitos dos riscos ambientais à saúde dos operários. Nos intervalos entre os grupos foram feitos debates com a turma estimulando a participação de todos e a troca entre os diferentes olhares a cada situação. Cada grupo apresentou um cartaz ou banner com o seu mapa e estes foram expostos nas dependências da escola. Os alunos demonstraram autonomia na busca e consulta dos dados, motivação pelo fato de tratar-se de uma tecnologia presente no seu cotidiano, maturidade e independência nos diálogos realizados com as empresas através de seus sites, conhecimentos concretos demonstrados na forma como realizaram a relação do conteúdo com a prática, desempenho seguro na apresentação dos seminários e satisfação em ver a sua construção exposta na instituição.

Em um primeiro momento, verificou-se a dificuldade que o jovem possui em utilizar estas ferramentas com uma finalidade educacional e não para o lazer. Entretanto, com um segundo esclarecimento sobre a execução das tarefas, tornou-se uma prática motivante na qual os alunos surpreenderam com dados precisos e conhecimento suficiente do conteúdo na avaliação e montagem dos mapeamentos, mostrando maturidade e independência.

A prática em questão articula-se com o eixo Escola e Conhecimento, uma vez que se trata de uma proposta inovadora para a disciplina em questão e trabalha capacidades inerentes a preparação do aluno como cidadão detentor de seus saberes.



MÍDIAS NAS SÉRIES INICIAIS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Eva Regina Lemos
EEEF Dr. Ottoni Xavier
Pelotas/RS

O processo de alfabetização é, sem dúvidas, extremamente complexo e trabalhoso, exigindo dos pequenos estudantes muita disposição para acompanhar as aulas que se tornam, muitas vezes cansativas e entediantes, pois estão distanciadas de suas vivências e interesses.

Com esse projeto de estudo objetivo tornar as aulas mais dinâmicas e atraentes, proporcionando um aprendizado prazeroso e eficaz.

Pensando nos estudos citados pelo educador Freinet sobre comunicação entre alunos de escolas distantes, resolvi usar das mídias tecnológicas para preparar uma aula onde os alunos de duas turmas de escolas diferentes pudessem conversar via *skype* (tipo vídeo conferência). A ideia surgiu devido ao contato que eu dispunha por trabalhar em duas instituições escolares: uma municipal e outra estadual.

Os meus objetivos foram: a partir do contato, proporcionar às crianças troca de informações sobre a comunidade escolar e conhecimentos variados; proporcionar aos estudantes o uso de mídias tecnológicas como propulsoras de uma alfabetização mais dinâmica, encantadora e interessante.

O material e o pessoal necessários foram um computador ou tablet com internet; turmas com disposição para um bom bate-papo e um professor-mediador.

Inicialmente, foi feito contato com o(a) professor(a) da turma a ser contactada e adicionar no *skype* (mídia vídeo conferência) para depois introduzir o assunto com as crianças, explicando sobre comunicação, tecnologia e ambiente escolar (tipos de escolas, profissionais, estruturas, etc.) e então, conectar-se e promover a apresentação das turmas, direcionando a conversa. Mais tarde, propor a confecção de cartas entre as turmas. Os assuntos abordaram as diferentes realidades de instituições escolares (tamanho da escola, estrutura física e pessoal) de duas escolas do mesmo bairro.

Com este projeto foram despertadas a atenção e a curiosidade das crianças para as características das escolas (estudantes, profissionais, estrutura física e organizacional), e trabalhados os conteúdos de forma interdisciplinar, pois no projeto foram abordadas as disciplinas de matemática, estudos sociais além de leitura e escrita. Além disso, foi proporcionado o uso de mídias eletrônicas nas séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas.

Acredito que, com meu projeto de estudo, consegui desenvolver com sucesso assuntos relacionados com matemática (mais que, menos que), estudos sociais (bairro, escola, salas de aula, profissionais das escolas) bem como aguçar a curiosidade sobre diferentes instituições escolares. Também constatei como o uso de mídias torna as aulas mais dinâmicas, atraentes e encantadoras para esses pequenos estudantes. Além disso, a escrita e a leitura (através de cartas) se tornam mais atraente, despertando assim o interesse por este tipo de gênero textual.



MINHA ESCOLA, MEU LUGAR: APROXIMANDO O ALUNO DO SEU LUGAR DE VIDA

Andressa Ramos Teixeira

Ana Lúcia Ferreira

EMEF Colônia Nova Esperança

Hulha Negra/RS

O ensino de geografia pode propiciar a aproximação do aluno com o seu lugar de vida, favorecendo a construção de outro olhar do aluno sobre a paisagem, as formas de produção, o modo de vida e as relações que estão estabelecidas nesse lugar. A partir dessa premissa, desenvolveu-se no 6º ano do ensino fundamental da EMEF Colônia Nova Esperança, Hulha Negra, Rio Grande do Sul, a atividade “Minha Escola, Meu Lugar”. Esta atividade buscou aproximar o aluno da escola, apresentando-a enquanto lugar de vivência, onde eles constroem relações, desenvolvem atividades, influenciam e se relacionam com a comunidade em que a escola está inserida. A atividade envolveu três disciplinas: Geografia, História e Português. A partir da Geografia exploraram-se os conceitos de Lugar, Espaço e Paisagem, pois a escola aparece como lugar de vida, onde os alunos estabelecem relações, sendo que, a escola enquanto lugar se relaciona com os espaços onde está inserida, a comunidade e o município. Já a ideia de paisagem foi explorada a partir do trabalho com fotografias do entorno da escola e da pesquisa de fotografias antigas, buscando explorar as mudanças temporais. Esse recorte temporal propiciou a aproximação com a disciplina de História, sendo que, além de explorar o conceito de tempo também foram utilizadas as diferentes fontes históricas que propiciaram a reconstrução da história do lugar. A partir da disciplina de Português foi realizada a elaboração dos textos. O método de trabalho envolveu a elaboração de perguntas para a realização de entrevistas; a pesquisa de fontes históricas; a saída a campo, no entorno da escola para a observação da paisagem e execução de registros fotográficos. Por fim, a partir dos dados coletados com as entrevistas e a pesquisa a fontes históricas foram elaborados os textos que compõem os trabalhos. A realização desta atividade conduziu à construção de uma linha do tempo da história da escola, que foi reproduzida em cartaz e será apresentada na Festa do Colono de Hulha Negra, maior festividade do município. A aproximação dos alunos da história da escola favoreceu a valorização desse lugar, pois possibilitou aos alunos observarem que o lugar que eles usufruem hoje, foi resultado do trabalho de muitas pessoas dentro de um processo histórico, assim como possibilitou o trabalho interdisciplinar e o entendimento e fixação de vários conteúdos. Em função dos pontos positivos alcançados com essa atividade, projeta-se expandi-la para realizar uma atividade semelhante envolvendo as comunidades em que os alunos vivem, e têm seus lugares de vida. Para tanto precisarão ser desenvolvidos métodos e meios de viabilizar a atividade, que em função de uma maior abrangência espacial demanda maiores esforços.



MUSEU: UMA AVENTURA NO TEMPO

Giales Raí Blodorn Rutz
Camila Ehlert Lindemann
Patrícia Griep Kern
EMEF Carlos Soares da Silveira
Canguçu/RS

O presente trabalho relata o projeto História, Memória e Sustentabilidade Rural, que é desenvolvido desde 2007 na E.M.E.F. Carlos Soares da Silveira, localizada no 2º Distrito de Canguçu-RS, com o objetivo de resgatar a história da cultura local, tendo a memória como instrumento de pesquisa.

O projeto é desenvolvido com apoio do grupo CEPPAD (Centro de Educação Popular, Pesquisa, Assessoramento e Documentação) e do EDUCAMEMÓRIA da FURG (Universidade Federal de Rio Grande), onde nós, alunos, pesquisamos juntamente com os professores sobre nossos antepassados, utilizando diversas fontes como: entrevistas, relatos, fotografias, estudo de objetos antigos, documentos. O trabalho se torna rico e significativo à medida que vamos avançando nas pesquisas que são desenvolvidas através da disciplina específica da parte diversificada do currículo, integrada às demais disciplinas. Em sala de aula são lançados os temas, levando em conta nossos interesses e, a partir daí realizamos nossas investigações, entrevistando moradores da localidade e arredores.

A escola nos proporciona visitas a museus, propriedades rurais, incluindo taperas e, através das visitas a estas taperas, muitos objetos abandonados foram encontrados e, com o consentimento dos proprietários, trazidos para a escola. Além destes objetos antigos muitos outros começaram a ser doados por pessoas da comunidade, surgindo assim a ideia de montar um museu na escola. Assim, neste ano, através do trabalho em parceria com a FURG conhecemos a museóloga Vanessa Teixeira, que ministrou uma palestra para os alunos tendo como foco principal a missão de um museu. A partir dessa palestra iniciamos um trabalho prático no turno inverso, manuseando os objetos doados pela comunidade. Este trabalho consiste em catalogar dados referentes à história de cada artefato adquirido. Além da catalogação aprendemos a fazer a limpeza de cada objeto (vidro, madeira, papel, tecido, metal) e a forma correta de armazenamento. Por não termos um espaço físico adequado na escola, faz-se necessário esta limpeza e armazenamento dos objetos de forma adequada, pois serão utilizados somente em exposições durante a Festa Pomerana que acontece a cada dois anos na escola.

O desejo da comunidade escolar é que futuramente seja construído um museu no qual fiquem expostos os materiais adquiridos, além de outros que possam vir a ser doados.

Através deste trabalho aprendemos a valorizar nossa cultura e as pessoas mais velhas, integrando as diferentes gerações. Aprendemos a conhecer a história do lugar em que vivemos e as mudanças que aconteceram através dos tempos, compreendendo também a história e o valor de cada objeto antigo. Sabemos que por meio deste nosso trabalho estamos colaborando para que a história não se perca.



MÚSICA, LETRA E VÍDEO EM DEBATE NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Adelita Costa Wachholz
Éderlan Martins Moreira
EMEF Santo Ângelo
Canguçu/RS

O presente texto é resultado de uma experiência desenvolvida com o auxílio de mídias na disciplina de Língua Portuguesa. Através do estudo com músicas e vídeos pretendeu-se possibilitar aos alunos a percepção de que as atividades de produção escrita, interpretação textual e imagética são indispensáveis para o crescimento cultural e social do indivíduo, ao mesmo tempo em que se objetivou auxiliá-los a sentirem-se mais seguros nas suas produções, utilizando uma linguagem mais eficiente, criativa e crítica, observando que as palavras e as imagens tem poder e que, de certa forma, contribuem na construção de valores sociais. O trabalho foi realizado com uma turma do 9º ano, por meio de atividades voltadas à compreensão, à análise lexical e à interpretação das letras das músicas mais ouvidas pela população jovem da localidade, assim como para a análise dos vídeos de cada uma destas músicas. Juntos, os alunos chegaram à conclusão de que a maioria dos adolescentes prefere ouvir “funk” ou “sertanejo universitário”; alguns preferem “rock internacional”, alguns poucos “sertanejo romântico” e, outros, “música típica alemã – bandinha”, fato que se justifica por estarem inseridos em uma comunidade habitada por descendentes de alemães e pomeranos. Na segunda etapa do trabalho, cada aluno elegeu sua música preferida e trouxe uma cópia (em áudio, vídeo e escrita) para a professora. Após terem sido classificadas em categorias, gradativamente, cada música foi cantada, estudada e analisada lexicalmente, juntamente com a análise dos vídeos. Nas análises das músicas os alunos, em grupos ou individualmente, compararam e observaram possíveis semelhanças e diferenças, bem como as características peculiares e distinções de cada estilo musical em relação aos demais. Nas análises dos vídeos, os alunos observaram as características das personagens, o cenário, as cores, o figurino utilizado, os locais elegidos para gravação bem como a relação existente entre a letra e a imagem apresentada, destacando os aspectos mais significativos em cada vídeo. O trabalho revelou resultados surpreendentes e positivos, tanto no que se refere às questões gramaticais quanto aos aspectos culturais e sociais. Dentre os mais relevantes, destacam-se a percepção dos alunos sobre as figuras de linguagem e os vocábulos apelativos presentes nas letras das músicas. Durante o trabalho, começaram a demonstrar mais interesse pelo conteúdo e não só pelas melodias, como é comum ao público jovem. Observaram de modo mais crítico as imagens que constituíram cada vídeo assistido. Perceberam que a imagem feminina é, normalmente, o centro do conteúdo exibido e que seu corpo vem sendo desvalorizado e vinculado de forma exagerada ao sexo, sobretudo. Em suma, todas as atividades realizadas foram bastante relevantes para a turma, ajudaram na expressão oral, no desempenho da escrita como forma de liberdade de expressão e de produção, além de ter estimulado a criticidade em relação aos seus gostos musicais.



MUSICALIZAÇÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO – UMA POSSIBILIDADE PARA REFLETIR FRONTEIRAS E CONTRIBUIR NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Maria Raquel Vieira
Felipe da Silva Martins**
EMEF Núcleo Habitacional Dunas
Pelotas/RS

Nosso embasamento vem de Heidegger apud Bhabha (1998, p. 19) que afirma: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconheceram a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. Temos como objetivo tornar a vivência/experiência musical uma forma de fronteira para os estudantes participantes do PME. Pensar fronteiras é pensar além da geografia, pensar o “centro” e as periferias é pensar como as culturas permeiam essas fronteiras, que sabemos também são fictícias e móveis. A “periferia” ainda é concebida como desprovida de cultura ou como uma cultura inferior. O trabalho com Educação Musical no PME permite um espaço para repensar estas fronteiras e o agir diante delas, bem como a construção identitária de estudantes, professores/as eicineiro (acadêmico de Licenciatura em Música – UFPel). Buscamos por meio do canto coletivo a inserção da educação musical no contexto escolar, sendo que ainda não consta a disciplina de música no currículo. As oficinas são de duas horas, nesse tempo, guiados pela cultura afro-brasileira, utilizamos uma metodologia calcada na oralidade, onde o repertório selecionado é de canções tradicionais africanas, buscando uma relação de pertencimento dos/as estudantes com o repertório executado. Este espaço é singularizado com o conteúdo musical, mas também é potencializador das qualidades dos sujeitos envolvidos, e contribui para a sua formação integral. As apresentações das oficinas em espaços como a Feira do Livro, a inauguração da Biblioteca Negra da UFPel e também nas festividades da escola, levam os estudantes a se perceberem como autores da obra musical, da re-criação que permeia a execução musical, o que oferece uma possibilidade emancipadora de mostrar em outros contextos a produção de sua comunidade, a possibilidade de se encontrar em sua cultura e de recriá-la, além de construir junto aos envolvidos uma relação dialética onde o que se aprende está ligado diretamente ao que se vive. As oficinas de musicalização no PME não têm em seus objetivos resultados imediatos, sua ação é pensada em complementar os objetivos maiores da educação integral. A ação proativa do sujeito faz parte do processo de educação musical, alcançamos neste grupo a consciência do fazer musical, impulsionamos novas possibilidades não só no campo musical, mas também em todas as outras relações sociais a que pertencem. Programas como o Mais Educação e oficinas de musicalização são práticas pedagógicas inovadoras quando se entende que a escola é um espaço de construção do conhecimento e de formação integral de sujeitos.



NO DESABROCHAR DA ALFABETIZAÇÃO: CUIDAR DO MEIO AMBIENTE É, TAMBÉM, NOSSA MISSÃO!

Tatiane Furtado da Fontoura
EMEF Guido Timm Venzke
Canguçu/RS

Desde que a criança é inserida no mundo do letramento e da alfabetização, inúmeras são as oportunidades de seu envolvimento na reconstrução deste Planeta. Ela envolve-se neste mundo em plena vontade de desvendá-lo, querendo ver o que tem por trás de cada pedra, bicho, e até mesmo “lixo” que ali está colocado. Em suas hipóteses sobre os objetos deste conhecimento constrói suas próprias categorias de pensamento e sem dar-se conta, organiza, de forma simples, este mundo “doente”.

Portanto, no “letrar o mundo”, brinca com o visível e o invisível, e das sementes da alfabetização, brotam práticas sociais de visão dinâmica: relação verdadeira da linguagem com a realidade. Assim, “lendo” o mundo de maneira responsável, com sensibilidade ambiental, integramos o mundo da alfabetização ao nosso “papel” de cidadão. Cidadão que deverá ter em sua teia de descobertas, o senso crítico ao mundo que tínhamos, ao que temos e ao que queremos, com ações firmadas nos valores éticos e morais do ser humano.

Para concretizar esta caminhada, tive como público alvo, os alunos do 1º ano (19 alunos, 6 a 7 anos), da E.M.E.F. GUIDO TIMM VENZKE (1º Distrito de Canguçu/RS), integrando a algumas ações os alunos das outras turmas (Ed. Infantil ao 4º ano).

Buscando alfabetizar e preservando o Meio Ambiente é que inseri na prática pedagógica, diversas estratégias, ou seja, para que o “discurso ambiental” ganhasse vida, somamos a este: Teatro, Danças, Cantos, Gincana Ecológica, Passeios, Palestras, Panfletagem... Tudo para que, o educando, no aglutinar das sílabas, enxergasse além das linhas do seu caderno, possibilidades de ajudar o Meio Ambiente que o envolve.

Os alunos foram instigados a pensar, bem como a criar diversas coisas. Coisas que tiveram de vir de pesquisas na escola (biblioteca, internet) e em casa (relatos). Nas receitas da mamãe, maneiras de nos alimentarmos de forma saudável, sem o uso do agrotóxico (Horta da escola). Nas cantigas de roda, a súplica por um Planeta melhor (Paródias). Num simples desenho, atitudes de cuidado com o Meio Ambiente (Cartazes). Na pintura e recorte de uma caixa, técnicas de reaproveitamento de materiais (Reciclagem). Num simples passeio, a observação do que já mudou ali. No teatro e na dança, atitudes ambientais (Mostra Ecológica). E, para contemplar a “construção alfabético/ecológica”, nosso Teatro: Criança e Meio Ambiente (frutos da caminhada), é selecionado a participar de uma Mostra na cidade. Nosso pedido foi de preservar! Preservar um mundo que nos foi dado com muito carinho (Panfletagem), semeando amor, no decorrer dos dias letivos (Maio a Dezembro de 2013).

Neste “refletir agindo”, os educandos adquiriram conhecimentos de Saúde, Higiene e Segurança, fazendo da alfabetização a porta de entrada para a Preservação!



NÓS PRODUZIMOS EM FAMÍLIA

Janaina Peters Valente
Mariléia Henke Thiel
EMEF Dr. Jaime de Faria
Canguçu/RS

O meio rural hoje não provoca o interesse dos que nele nascem devido à falta de incentivo e às dificuldades encontradas: má qualidade de vida, trabalho demorado, jornadas cansativas, condições meteorológicas adversas que causam destruição da plantação. Assim, muitas famílias migram do meio rural para a cidade em busca de oportunidades e melhor qualidade de vida.

Este projeto social consiste em estimular os alunos e suas famílias para a importância dos estudos e os benefícios da agricultura familiar.

A constatação de que muitas crianças não valorizam a agricultura familiar e buscam alternativas de trabalho na cidade, abandonando o meio rural, provocou a necessidade de desenvolver um projeto com os alunos da Escola Dr. Jaime, localizada no 1º distrito de Canguçu, para buscar a continuidade da vida no campo dirigida à produção de verduras, legumes, inicialmente para consumo, e, na continuidade e aperfeiçoamento buscar a qualidade de vida das famílias participantes incentivando o cultivo em suas terras para o uso próprio e ainda comercializar o que foi produzido em feiras contribuindo para a renda familiar, e que seja incentivo para outras famílias.

Para conhecer melhor as famílias e saber da probabilidade de continuidade da proposta, realizamos visitas domiciliares, buscando informações sobre: quais são produtores e, se não são, por quê. A maioria não planta verduras e legumes, por ser mais fácil comprar.

Para incentivar os alunos e suas famílias a dar continuidade à vida no campo - na agricultura, produzindo legumes e verduras - incentivamos a criação de uma pequena horta. Conversamos sobre a importância da alimentação saudável com a produção livre de agrotóxicos e divulgamos o método de reaproveitamento de folhas e talos de legumes na alimentação, com um curso de culinária para o aproveitamento de tudo que é tirado da terra.

Para melhor demonstrar o uso de partes alimentares desperdiçadas utilizamos, na merenda, receitas caseiras como a do bolinho da folha da beterraba, fonte de vitamina simples de preparar. As crianças participaram contribuindo e observando a produção das receitas, e levando para suas famílias todo o aprendizado. A Escola realiza um acompanhamento das famílias através de visitas domiciliares mensais, verificando o que está sendo realizado.

São parceiros: a Prefeitura Municipal de Canguçu, Secretaria Municipal de Educação e Esporte, Secretaria de Agricultura e agricultores do 1º distrito.

Concluiu-se que os alunos se sentiram motivados na execução das receitas, conhecendo pratos ainda não experimentados e aprendendo sobre o reaproveitamento alimentar utilizando talos e folhas. Sentiram-se incentivados para a agricultura em suas casas, levaram informações para as famílias e conseguiram ver neste novo olhar para vida no meio rural novas



oportunidades.

Com o monitoramento mensal e os alunos participando semanalmente das atividades, num prazo de 12 meses, será feita uma pesquisa com as famílias e os alunos de modo a avaliar os resultados obtidos.

O APOIO ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Adriana da Luz
Silvia Barreto Soares
EEEM Bibiano de Almeida
Pelotas/RS

Atualmente, a realidade testemunhada nas escolas públicas mostra que as práticas pedagógicas que são desenvolvidas representam uma necessidade gradativamente maior no sentido das mudanças ocorridas nos espaços familiares. O apoio, que deveria ocorrer na família, não se dá devido a inúmeros fatores: ausência paterna, mãe que trabalha fora, filhos que ficam sobre o cuidado de terceiros, famílias numerosas, entre outros. O resultado dessa falta de estrutura é: alunos despreparados, que não sabem realizar as tarefas solicitadas, descompromissados com as atividades escolares, sem limites no comportamento e com problemas de relacionamento. Juntamente a essa desestruturação, tem-se professores de 1º a 5º ano despreparados para essa demanda de alunos imaturos e dependentes.

Em razão dessa situação, Governos e Escolas procuram meios de oferecer uma melhor estrutura para auxiliar este público. Algumas escolas já oferecem, por exemplo, o Apoio Escolar, atendimento prestado juntamente ao turno de estudo e que procura otimizar o aprendizado do discente indicado para essa atividade.

Quando comecei como Orientadora Educacional em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, recebi solicitações de diversos professores dos anos iniciais que me relataram as variadas dificuldades enfrentadas na sala de aula. Porém, a demanda de um Orientador Educacional em uma escola que funciona os três turnos é muito superior em relação à estimada. Em função disso, não pude satisfazer a vontade daqueles docentes naquele momento.

No ano seguinte, chegou à Escola o projeto de Apoiador na Escola. A professora que ocupa este cargo até a presente data, realiza um trabalho bem próximo ao aluno, buscando identificar e sanar as suas dificuldades e dialogar com a família sobre as possíveis tomadas de decisões em relação ao discente. Segundo ela, não há uma homogeneidade nos atendimentos, pois cada caso tem as suas peculiaridades. Há aqueles alunos que conseguem uma progressão satisfatória e há aqueles que aparentam não ter nenhuma evolução.

Apesar de não haver um visível crescimento em alguns momentos, a professora considera que o atendimento do apoio é válido para a maioria dos alunos. Muitos, sem esse recurso, não teriam como buscar outra forma de auxílio.



O ENSINO DE ARTE EM TRÊS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE CERRITO

Cintia Regina de Lima dos Santos

EMEF Ulisses Guastucci

EMEF Dr. Jacques da Rosa Machado

EMEF São Miguel

Cerrito/RS

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências pedagógicas desenvolvidas em três escolas municipais de Cerrito, bem como apresentar o desenvolvimento estético e artístico dos alunos do 5º e 6º anos destas escolas. No ano de 2012, fui nomeada neste município para atender três escolas, pois as aulas de Arte com professor habilitado na área são ministradas somente em dois anos do ensino fundamental. Assim, me deparei com a realidade de três escolas diferentes, duas em zona urbana e uma na zona rural do município. As dificuldades iniciais foram bastante grandes, mas de muito aprendizado para minha formação docente. Depois de quase três anos desenvolvendo o trabalho em arte nessas três escolas, muitos pontos positivos surgiram, tanto em relação ao aprendizado em arte e experiência artística e estética por parte dos alunos, quanto da importância do ensino da Arte na formação de seres humanos como área do conhecimento e também como crescimento cultural e interpretativo da realidade, do mundo em que vivem.

Assim sendo, destaco neste espaço como exemplo, uma experiência desenvolvida no ano de 2012 na Escola Municipal Ulisses Guastucci, localizada na zona rural do município com uma turma de 6ª série. O trabalho foi proposto para uma mostra pedagógica do município relacionada aos Festejos Farroupilhas. Era necessário mostrar as “Nossas Riquezas” e, como somos de uma escola rural, tínhamos que abordar a agricultura. Então, parti do conceito de natureza-morta e da apresentação de imagens para que os alunos conhecessem o gênero artístico e também compreendessem a proposta de trabalho. Após esse momento, conversamos sobre os produtos agrícolas produzidos para a comercialização, como também aqueles produzidos para consumo das famílias residentes na região. Nas aulas seguintes, os alunos desenharam sobre cartolina as naturezas-mortas representando os frutos de nossa terra, e, em seguida, foi feita a pintura com tinta de tecido. O resultado final ficou excelente e os alunos sentiram-se motivados com a realização do trabalho.

Daí em diante, muitas outras experiências positivas foram acontecendo. Também considero de grande valia o crescimento dos alunos em relação às aulas de arte, como posso citar: o uso correto dos materiais artísticos, a organização do material, o cuidado ao manusear os trabalhos e o compromisso com a disciplina. Estes itens foram etapas do ensino-aprendizagem que mostram resultados satisfatórios ao longo do tempo. Dessa forma, como professora de arte pude verificar que com dedicação, planejamento e sempre buscando inovar nas propostas desenvolvidas, a experiência estética acontece na escola e os alunos atendem a isso com interesse e prazer.



O IMPACTO DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNICÍPIO DE CANGUÇU

Denise Zanolet Porto

Eliana Köhler Kröning

Secretaria Municipal de Educação e Esporte

EEEM Dr. Carlos Meskó

Canguçu/RS

O presente trabalho tem por objetivo compartilhar a experiência que vem acontecendo há algum tempo na Educação Física escolar do município de Canguçu com relação às formações continuadas oferecidas aos professores das redes estadual e municipal de nossa cidade. Cumprindo uma determinação da LDB (lei 9.394/96), mas, acima de tudo, acreditando na influência positiva que a troca de experiências, a atualização permanente e o contato rotineiro com a academia podem trazer à prática pedagógica dos professores nela envolvidos.

O trabalho com o esporte, que tem uma relação histórica com a disciplina, é, sem dúvida, uma característica dominante na Educação Física do nosso município. Deste modo, os educadores e gestores do município têm se empenhado a cada ano pela sua democratização e vêm se mobilizando para que possam ver nele a oportunidade de, não só ensiná-lo às crianças e aos jovens para que incorporem suas experiências motoras, mas também servir-se dele como instrumento de educação para a cidadania.

Nesta perspectiva, atualmente o município de Canguçu participa e oferece aos profissionais da área de Educação Física de suas redes, formações e projetos, para que possam aperfeiçoar sua prática e ampliar suas possibilidades na área, que são:

Formação Continuada no Município: Oferecida pela Secretaria Municipal de Educação e Esporte trimestralmente com o objetivo de atualizar os professores com relação às regras dos desportos em geral e trazer sugestões práticas para as aulas.

Projeto Educação Física+: Praticando Saúde na Escola: Desenvolvido pela Escola Superior de Educação Física da UFPEL, que entende o espaço escolar, especialmente a aula de Educação Física, como oportuno para a difusão do conhecimento acerca da promoção da saúde e da atividade física para a população em geral. Resume-se numa proposta curricular simplificada para a disciplina, a ser acrescentada e adaptada ao planejamento das escolas envolvidas, a partir da sistematização de conteúdos relacionados à prática de atividade física e saúde em geral.

Rede de Parceiros e Multiplicadores do Esporte Educacional: Deste projeto participam 18 professores e, nele, 1250 alunos estão cadastrados. Tem como objetivo disseminar o esporte educacional, transferindo a parceiros multiplicadores, gestores e professores metodologias capazes de cumprir seu propósito maior, que é a formação de cidadãos. A formação faz parte do Programa Petrobrás Esporte & Cidadania, baseada nos cinco princípios do esporte educacional que são: inclusão de todos, busca da autonomia, construção coletiva, educação integral, respeito à diversidade.

Os resultados deste trabalho se tornam evidentes no cotidiano da prática pedagógica



dos professores que normalmente são acompanhados, auxiliados e apoiados pela gestão da Educação Física do município e na participação permanente, de forma voluntária, da grande maioria deles. Deste modo, com tudo o acima descrito, dividimos e registramos aqui o que de concreto vem acontecendo na Educação Física escolar de Canguçu e reafirmamos o entendimento de que a nossa prática docente exige, constantemente, a nossa renovação e atualização para que possamos desenvolver sempre melhores práticas e experiências para os nossos alunos e, acima de tudo, compartilhamos o quanto acreditamos no poder que a reflexão crítica exerce sobre o nosso fazer pedagógico.

O IMPACTO DO DIÁLOGO SOCRÁTICO NAS AULAS DE FILOSOFIA DO IFSUL CAMPUS PELOTAS À CONSCIÊNCIA DOS ESTUDANTES DO SEU PAPEL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Gabriela Medina Alvares
IFSul
Pelotas/RS

Durante o período de abril de 2013 a abril de 2014, foi implementado pela professora de filosofia do IFSul, campus Pelotas, o uso do diálogo socrático na prática dos debates filosóficos sobre conceitos abstratos durante as aulas de filosofia.

A professora e também narradora deste texto traz sua experiência como educadora de forma a acrescentar e demonstrar a importância do método socrático para as discussões filosóficas e existenciais, e para a possibilidade de uma educação realmente inclusiva e construtivista, onde o aluno se veja como agente ativo do processo de construção do conhecimento, assim como autônomo e crítico.

A didática construída foi feita através da dialética entre o método socrático (maiêutica) e as próprias experiências empíricas (dóxa) dos estudantes. Num primeiro momento, este trabalho foi realizado como forma de demonstrar como se evolui do campo da opinião (dóxa), ou seja, do mundo sensível, para o mundo do conhecimento verdadeiro e universal, mundo das idéias para o filósofo do período socrático: Platão.

Depois do primeiro debate, construído através do método, foi possível notar uma evolução no raciocínio abstrato, e na própria construção dos conceitos abstratos que os estudantes foram formulando ao longo das aulas. As construções formais dos conceitos, não mais eram trazidas de maneira “clichê”, ou como reprodução de termos dos livros e seus autores. Os próprios alunos começaram a construir os seus significados para os conceitos que iam surgindo ao longo das aulas de filosofia.

Quando conceitos abstratos como justiça, beleza, bondade, educação, vida, liberdade, independência, foram questionados, não mais traziam uma definição delimitada e um significado denotativo. Estes termos eram símbolos linguísticos necessários para a comunicação humana, mas



incapazes de – pela infinidade de possibilidade de significados – serem delimitados por letras.

A noção de que o próprio significado transcende a palavra foi importante para os estudantes se aperceberem como construtores dos conceitos, e por isso da própria construção do conhecimento, agentes não só da descoberta da verdade, como da sua própria confecção. Isto, num primeiro momento, pode parecer insignificante, porém, a consciência de fazer parte do processo de conhecer assim como da própria construção deste saber torna o aluno um filósofo em potencial, possibilita que ele veja a si mesmo como responsável por sua formação. Destaca-se a importância da autonomia do seu pensamento e a necessidade de sua crítica para a evolução não só individual, mas da sociedade como um todo, encontrando na escola este lugar onde a construção coletiva do conhecimento é possível.

O JOVEM E O FUNCIONAMENTO HARMONIOSO DO SEU CORPO – UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR ABORDANDO O TEMA DA SAÚDE

Maranlaini Patricia Azevedo Schemmfelnnig
Aurélia Valesca Soares de Azevedo
Raquel Terezinha Fagonde Moraes
ETE Profa. Sylvia Mello
Pelotas/RS

Neste trabalho, apresentamos um relato da experiência vivenciada durante o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar elaborado por quatro professoras das Áreas de Ciências da Natureza e Matemática da Escola Técnica Estadual Professora Sylvania Mello e aplicado em quatro turmas de 1º ano de Ensino Médio, articulando-se ao eixo temático Escola e Conhecimento. O projeto abordou o tema da saúde com foco nas decisões que o jovem toma em relação aos hábitos alimentares, às drogas e à sexualidade. O tema foi discutido a partir de três unidades didáticas, aplicadas uma em cada trimestre letivo de 2012. A primeira unidade, abordou a relação entre o funcionamento do corpo e os hábitos alimentares do jovem e os objetivos a serem alcançados foram: compreender que uma alimentação inadequada pode provocar doenças; pesquisar diferentes tipos de dietas e comparar com a pirâmide alimentar; adotar hábitos alimentares saudáveis. Já na segunda unidade, na qual se abordou a relação entre o funcionamento do corpo e o uso de drogas, os objetivos a serem alcançados foram: pesquisar diferentes tipos de drogas; compreender como agem no organismo; conhecer as determinações legais e adotar medidas preventivas. Por sua vez, na terceira unidade, que tratou da relação entre o funcionamento do corpo e a sexualidade do jovem, os objetivos foram: compreender como ocorre a reprodução e o desenvolvimento embrionário humano; como os hormônios agem no organismo; pesquisar sobre doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos; adotar medidas preventivas. Para o desenvolvimento do trabalho propusemos a realização de pesquisas, elaboração de relatórios, apresentação de seminários, produção de vídeos, debates, criação de



blogs, histórias em quadrinhos e confecção de banner. Através do desenvolvimento dessas atividades os alunos tiveram a oportunidade de usar seu conhecimento, criatividade e demonstraram o quanto podem surpreender quando têm a oportunidade de exercer o protagonismo. Dentre os trabalhos apresentados, destacamos dois filmes produzidos e encenados pelos alunos, um sobre drogas e outro sobre gravidez na adolescência, e um vídeo que contemplou a visita a um posto de saúde e uma entrevista com um profissional da área. Os alunos destacaram que, ao tratarmos de assuntos que estão relacionados ao seu cotidiano e a problemas que enfrentam na adolescência, sentiram-se mobilizados a participar ativamente do processo educativo, proporcionando-lhes novas experiências. Segundo eles, aprenderam a trabalhar em grupo, cooperaram na aprendizagem uns dos outros e fortaleceram laços de amizade. Com este trabalho, auxiliamos os alunos a compreenderem como funciona o seu corpo, adquirirem hábitos saudáveis e tomarem decisões responsáveis. Sua abordagem possibilitou o desenvolvimento de conteúdos de forma interdisciplinar e contextualizada, facilitando sua compreensão e contribuindo na aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.

O LIXO NÃO FALA... MAS O MEIO AMBIENTE RESPONDE!

Letícia Schneider Ferrari
EMEF Caldas Júnior
Turuçu/RS

O presente trabalho foi desenvolvido com uma turma de 15 alunos, do 3º ano, em uma escola da cidade de Turuçu/RS, no ano de 2013. A escola está situada na área rural, e na localidade não contamos com a coleta seletiva do lixo, assim, ao trabalhar sobre o lixo em sala de aula surgiu a ideia de reaproveitar alguns materiais que seriam jogados fora. O objetivo foi perceber a importância de preservar o meio ambiente para que todos tenham uma vida com mais qualidade hoje e para as futuras gerações. O projeto teve início com a leitura do livro “Se o lixo falasse...” e, após a história, muitos questionamentos surgiram sobre o lixo: a forma como é descartado, os recursos naturais que são gastos para produzir, o que consumimos e como poderíamos contribuir para o bem de todos. Passamos a estudar os 3R’s do lixo (Reciclar, Reduzir e Reutilizar). Durante esse estudo muitas outras histórias também foram utilizadas. Para reaproveitar o lixo passamos a produzir brinquedos, jogos e objetos para a escola utilizando materiais que os alunos descartariam em suas casas. Para que isso fosse possível começamos uma campanha pedindo ajuda dos colegas da escola, solicitando doações de materiais que seriam colocados fora e não seriam mais utilizados em suas casas. Quando o material já estava na escola realizamos uma separação para saber o que seria possível fazer com o que recebemos. Feito isso começamos a nossa produção. A construção dos materiais estava concluída, mas, paralelamente muitos outros trabalhos foram desenvolvidos como pesquisa na internet, elaboração e confecção de panfleto explicativo, construção de duas maquetes, escrita coletiva de uma carta ao Prefeito da cidade e plantamos flores nos vasos que



construímos com material reciclado. Para encerramento do projeto, convidamos os alunos das séries iniciais juntamente com suas professoras para mostrar tudo que foi confeccionado. Os alunos cantaram a música *Depende de Nós*, após mostraram tudo que foi feito, como as lixeiras, mesa, vasos de flores, pufes e os brinquedos. Depois, entregaram para as professoras, diretoras e funcionárias, como presente, as pulseiras confeccionadas por eles e, para cada turma, um conjunto de jogos para as salas de aula. Por fim, entregaram os panfletos que confeccionaram com o objetivo que todos tenham mais informações sobre o lixo. Como resultado, percebeu-se que os alunos aprofundaram seus conhecimentos sobre muitos assuntos referentes ao meio ambiente e à cidadania. Refletiram sobre o papel que cada um desempenha na comunidade e que para chegarmos ao bem estar comum dependemos das ações de todos, e no nosso exemplo que o lixo não tem coleta seletiva e não temos a opção de reciclar, podemos tentar reduzir e reaproveitar para diminuir o impacto no planeta, assim, preservando-o para as futuras gerações.

O PARAÍSO MATEMÁTICO

Edina Azevedo Soares dos Santos
EEEF Ruy Ramos
Piratini/RS

Tomando por base Paulo Freire quando diz que construímos nosso eu “saindo de si, existindo com o outro”, buscamos uma forma de mostrar ao educando que podemos construir nosso saber, auxiliando na construção do saber de nosso colega, tanto dentro da matemática como no decorrer da vida.

Esse projeto tem como objetivos desenvolver no aluno o interesse pelo conteúdo através do aprendizado de seu colega; valorização do colega, buscando colocá-lo em evidência; capacitar alguém, colhendo os frutos de seu trabalho.

Consiste numa reflexão em conversa informal sobre o significado da palavra “Paraíso” e sobre como seria um “Paraíso Matemático”, seguindo os seguintes questionamentos: Como poderíamos alcançar este paraíso matemático? O que poderíamos fazer para construir este paraíso para um colega viver? Dentro de um paraíso, qual a responsabilidade de cada um? Para isso usaremos a sensibilização: Dinâmica do Amor, que tem como objetivo desejar ao outro o que queremos para nós mesmos. Começaremos contando a história do “Coração mais Bonito”

A Função do anjo, a partir daqui, é auxiliar usando conhecimento e criatividade dentro do conteúdo que deseja que seu protegido realize sua aprendizagem.

Fazemos, em turno inverso, anjos e professora uma reunião objetivando criar estratégias para que seu protegido aprenda os conteúdos, buscaremos nos livros didáticos jogos ou dinâmicas que envolvam o conteúdo. Os anjos virão á escola em turno inverso para construírem as estratégias, acompanhados de sua professora, e durante um mês, anjo e protegido conservar-se-ão em dupla, trabalhando juntos os conteúdos que deverão ser desenvolvidos; no



segundo mês, usaremos a mesma dinâmica para a troca dos anjos.

Para avaliação temos, ao final de cada um dos meses do bimestre, um teste de conhecimentos que será aplicado somente aos protegidos, sendo que a nota será repetida ao anjo, tornando-o assim mais responsável ainda pelo conhecimento de seu tutelado.

Este Projeto deverá ter a duração do terceiro bimestre, ficando flexível para o último, dependendo de sua avaliação.

No decorrer do Projeto sentimos que a realização dos alunos era grande em ensinar, em auxiliar no aprendizado de alguém, ver o crescimento do outro. Sentimos também que os alunos se sentiram tão responsáveis, tão anjos, que se tornaram mais amigos, mais próximos, e conseqüentemente mais dóceis uns com os outros.

O PROBLEMA DO DESCARTE INAPROPRIADO DO LIXO NO BAIRRO NAVEGANTES EM PELOTAS/RS REGISTRADO POR ALUNOS ATRAVÉS DAS CÂMERAS DE SEUS CELULARES: UM EXERCÍCIO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Ires de Oliveira Furtado
EEEF Nossa Senhora dos Navegantes
Pelotas/RS

Atualmente, os celulares, principalmente os *smartphones*, são equipamentos de uso comum, principalmente entre os adolescentes. Esse fato foi possível constatar em uma turma de 26 alunos de sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede estadual de ensino da cidade de Pelotas/RS, participantes desta experiência.

Essa constatação, de que a grande maioria dos alunos dessa turma possuía celular com câmera integrada, permitiu propor a realização de uma atividade em que os alunos, através de seus celulares, retratariam e levariam para as aulas de Geografia partes de seu cotidiano. Mais precisamente sobre o descarte inapropriado do lixo pelas ruas do bairro onde se localiza a escola, onde a grande maioria dos alunos reside.

O objetivo principal desta atividade foi chamar a atenção dos alunos sobre a poluição causada pelo lixo, comum pelas ruas do bairro, buscando a reflexão crítica sobre quais são os principais problemas causados pelo lixo depositado em via pública e quais são as melhores soluções para este problema.

Os alunos fotografaram locais do bairro onde se encontravam acúmulos de lixo e levaram essas fotografias para a sala de aula, com a finalidade de compartilhar com os colegas, e juntos discutirem sobre o lugar retratado. As fotografias foram visualizadas por todos através de um projetor conectado a um notebook.

Após as discussões sobre os problemas ocasionados pelo lixo e suas possíveis soluções, os alunos escreveram individualmente as suas opiniões a respeito do que aprenderam e sobre esse tipo de atividade. A maioria demonstrou grande interesse e destacou a importância da



conscientização ambiental.

Ao longo do percurso, buscou-se sempre alertar os alunos de que estes são produtores de saberes e de conhecimento, e observou-se o grande envolvimento dos estudantes no processo de reflexão crítica sobre as consequências do descarte inapropriado do lixo e quais seriam as possíveis soluções para esse problema, destacando o papel desses alunos como sujeitos ativos na sociedade.

O SEGREDO DAS COISAS – COMO SÃO PRODUZIDOS OS PRINCIPAIS ALIMENTOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO DA CULTURA PELOTENSE

Josiel Nörnberg Glenzel

Lenon Garcez Rocha

Melissa Tavares Sodré

Eunice Souza Couto

Colégio Estadual Dom João Braga

Pelotas/RS

Vivemos momentos de profundas transformações sociais, principalmente relacionadas à evolução científica e tecnológica, bem como à defasagem relacionada aos avanços socioculturais. A instituição escolar cada vez mais é impelida a superar tais desafios, apesar de suas limitações.

Na perspectiva de tornar o processo de compreensão do mundo mais eficaz, flexível, aberto e participativo. A possibilidade de integrar saberes e experiências, em uma abordagem interdisciplinar, vem com o intuito de acelerar o desenvolvimento da sociedade do conhecimento, aliando os conteúdos teóricos às práticas que nos cercam.

Diante disso, este trabalho tem a intenção de evidenciar as aprendizagens de estudantes do Ensino Médio Politécnico (EMP), do Colégio Estadual Dom João Braga (DJB) dentro do projeto “O segredo das coisas” que tinha como função levá-los ao conhecimento sobre o processo evolutivo sofrido na produção dos principais alimentos da cultura pelotense: doces, pães/massas, leite e carne – desde o período artesanal até a industrialização – e a forma como tal fato interfere na vida social, econômica e ambiental do município. Foi também objetivo desta pesquisa, instigar-nos a pesquisar as diversas categorias profissionais envolvidas nos atuais processos de produção de alimentos, das necessidades das empresas, estimulando-nos a buscar a formação adequada para trabalhar na própria cidade e região.

Ao envolvermos os diversos conhecimentos numa mesma produção escolar, o trabalho tornou-se significativo e o aprendizado ganhou importância real. Assim, partiu-se do conhecimento prévio dos estudantes sobre como Pelotas se fez um dos grandes centros culturais e econômicos do séc. XIX, até a atualidade.

Através desta pesquisa, a compreensão dos fatos históricos e suas consequências no



desenvolvimento do município, tornaram-se evidentes, assim como o interesse em perpetuar as origens, para que as mesmas não se percam ao longo do tempo.

Observou-se a evolução, o progresso tecnológico e as suas influências no dia a dia da humanidade. Aos poucos, percebeu-se que existem cuidados com a higiene alimentar que não ocorriam há alguns anos. Da mesma maneira, notou-se que os alimentos possuem uma validade maior, após passarem pelo processo industrial, se comparados àqueles *in natura*. É perceptível, ainda, que poucos são os alimentos consumidos, na atualidade, sem aditivos químicos sem, contudo, o devido conhecimento sobre os efeitos destes no organismo humano. A todo instante há notícias que discorrem sobre a contaminação em diferentes tipos em alimentos.

Ficam questionamentos sobre como isso ocorre, cuidados que faltaram durante o processo de produção e/ou embalagem, a necessidade de um controle de qualidade mais rígido. Abre-se, portanto, um leque de dúvidas e possibilidades de questionamentos acerca do mundo do trabalho, no qual logo estaremos inseridos e necessitaremos nos posicionar criticamente.

O TRABALHO DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO DE SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO NO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE: POR UMA INCLUSÃO DE QUALIDADE DOS ALUNOS SURDOS

Daiana San Martins Goulart
Nádia dos Santos Gonçalves Porto
Rubia Denise Islabão Aires
Colégio Municipal Pelotense / UFPel
Pelotas/RS

A prática a que se refere esta experiência teve por objetivo propiciar um espaço de discussão visando esclarecimentos sobre o trabalho do Tradutor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - TILS.

O Trabalho foi direcionado aos alunos matriculados no CMP (Colégio Municipal Pelotense) no primeiro ano do ensino médio, que, a partir do início das aulas tem três profissionais na sala de aula (o professor e dois TILS), antes, no ensino fundamental, havia apenas um professor – sinalizante. Realizamos uma conversa e introduzimos a dinâmica que utilizou vídeos do cotidiano dos TILS – encenados – e imagens, para fomentar discussões e questionamentos aos alunos sobre o trabalho do TILS.

Ao resgatar a história TILS através de fotos levantou-se a questão sobre o trabalho em dupla, pois, em uma das fotos estavam as duas primeiras TILS do CMP. Os alunos relataram que não tinham maiores esclarecimentos sobre o porquê de dois TILS dividirem o mesmo espaço em sala de aula, mas percebem que quando dois TILS trabalham juntos há eficiência e eficácia no trabalho realizado.

Apresentaram dúvidas sobre a formação mínima para este profissional (decreto



5626/05), percebendo a importância/necessidade de uma formação adequada em que o TILS tenha conhecimento das técnicas apropriadas para uma boa tradução, assim como, da conduta ética (Código de Ética) na atuação profissional.

A avaliação desta atividade foi registrada em vídeo em que os alunos ficaram livres para expressar o que acharam do trabalho realizado, se as questões trabalhadas lhes proporcionaram novos esclarecimentos e se acreditam que foi pertinente o tema da presente atividade. De acordo com a análise dos vídeos avaliativos, esta prática foi esclarecedora e importante por propiciar uma troca direta entre TILS e os alunos surdos na mesma língua, uma troca entre pessoas que convivem diariamente dentro de um contexto escolar, mas que pouco se conhecem, acarretando na falta de esclarecimento sobre as reais atribuições de um TILS e seus limites de atuação.

O USO DE SIMULAÇÕES COMPUTACIONAIS NA APRENDIZAGEM DA LEI DE FARADAY-LENZ

Fernando Colomby Pieper
IFSul
Camaquã/RS

Este trabalho tem como objetivo discutir como o uso de softwares de simulação no ensino de Física, mais especificamente no ensino da lei de Faraday e da lei de Lenz, podem auxiliar no aprendizado conceitual desta área da Física. Para tanto, foi utilizado um aporte teórico o qual considera que o aprendizado ocorre predominantemente pela mediação de estruturas externas, consideradas pelo cérebro como “ferramentas de processamento extra cerebral”. Quando o cérebro utiliza estas ferramentas, os *drivers* ou máquinas virtuais são geradas e armazenadas na memória do estudante e estes *drivers* são utilizados pelo cérebro, mesmo na ausência do mecanismo externo de mediação, e resultam em um crescimento na descrição do conceito pelo indivíduo. Para esta pesquisa foram aplicados dois roteiros de atividades utilizando dois programas computacionais diferentes e simulando situações que abordam a lei de Faraday-Lenz. As atividades foram aplicadas a uma amostra formada por seis estudantes do segundo ano do curso técnico em Automação Industrial do IFSul, campus Camaquã/RS.

Percebeu-se, no segundo ano do curso, que os estudantes apresentavam dificuldades no entendimento das interações e comportamento das variáveis eletromagnéticas no espaço, mesmo já tendo um contato com o assunto da lei de Faraday-Lenz, resolvendo questões de livros didáticos no primeiro ano do curso. Através do contato com o mecanismo de processamento externo (software) parte de seu conteúdo foi internalizado e as informações confrontadas com os *drivers* existentes na estrutura cognitiva do estudante, através dos roteiros que utilizaram o método de conflito cognitivo determinado de P.O.E., o que possivelmente causou a criação de novos *drivers* em alguns estudantes. Percebemos que as atividades de simulação contribuem para



o processo de ensino/aprendizagem, mas não devem ser utilizadas isoladas, pois certos conteúdos, como a lei de Lenz do segundo Roteiro, não são fáceis de compreender mesmo com simuladores computacionais. As simulações funcionaram como mediadoras, criando novos *drivers* nos alunos, mas não foram autossuficientes. A nosso ver a complementação do processamento de informações através deste mecanismo externo, que são os computadores, e o surgimento de novos mecanismos internos, *drivers* de assimilação, é uma das grandes perspectivas oferecidas pela hipercultura no aprendizado de conceitos científicos. Além desta condição, alguns fatores podem contribuir também para o processo: a existência de uma didática centrada na resolução de problemas e a escolha de situações adequadas que possam desencadear o processo de conflito cognitivo capaz de mobilizar os estudantes ao aprendizado.

O USO DO ESPAÇO PELOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PELOTAS

Carmen Isabel Pieper
EMEI Antônio Caringi
Pelotas/RS

O trabalho foi realizado a partir de estudos e observações nas práticas pedagógicas realizadas com a turma do berçário na EMEI Antônio Caringi. O texto aborda o espaço específico da escola de educação infantil, se é apropriado ou não por aqueles a quem se destina.

Tais considerações têm o objetivo de mostrar o valor e a extensão do conceito espaço e sua importância como gerador de valores, e comportamentos, de vivências e como um elemento integrante da cultura para as crianças. O espaço está presente nas atividades e cotidiano das escolas de educação infantil, na maneira como a criança concebe seu espaço, faz uso e como elas interagem.

Para desenvolver este trabalho foram realizados estudos e observações das práticas pedagógicas. O trabalho começou a partir de observações sobre o uso livre dos espaços na sala de aula e na pracinha pelos alunos, sem a influência de professores controlando. Analisando os lugares que a maioria da turma escolhe para brincar.

Como resultado concluiu-se que o espaço para as crianças é provocador e desafiador de interações e não aliado ao controle dos corpos e dos movimentos com uma imobilidade artificial. Pode propiciar ações autônomas das crianças e favorece que tenham iniciativas que garantam a sua autonomia, que possam se movimentar com total liberdade. Desse modo, as crianças diante dessa realidade puderam relacionar a brincadeira, o tempo, as culturas com suas experiências. Quanto às suas escolhas, a maioria dos alunos escolhia brincar sozinho ou acompanhado embaixo das mesas, dentro de caixas, nos cantos da sala, atrás da porta, já na pracinha a maior escolha sempre foi dentro de canos de concreto e atrás das árvores.

A avaliação da experiência foi positiva, pois o lúdico tornou-se elemento que auxilia na



construção de noção de espaço. Várias brincadeiras estimulam essa construção, nelas é preciso organizar o movimento do corpo e também a dos deslocamentos de objetos, há juntamente uma coordenação espacial. O brincar exercita a capacidade de produção e compreensão do conhecimento.

A sala de aula e o pátio devem ser um convite para brincar, observando a brincadeira livre das crianças podem-se notar diferenças individuais na maneira de dispor seus brinquedos no espaço. Para melhor conhecer é preciso saber ouvir e saber falar com as crianças, observá-las enquanto brincam. O brilho dos seus olhos, a mudança de expressão dos rostos e a movimentação dos corpos.

O VÍDEO EDUCATIVO-INTERATIVO: UMA FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM

Marion Rodrigues Dariz
EMEF Dr. Joaquim Assumpção
Pelotas/RS

Este trabalho é o relato da dissertação de Mestrado que constituiu uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica (DAMIANI, 2012), cujo objetivo foi planejar um vídeo educativo-interativo, implementá-lo e avaliar os impactos de sua utilização para a aprendizagem de um conteúdo de Língua Portuguesa (ambiguidade lexical), em uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Pelotas. O vídeo – aplicação multimídia – foi elaborado à luz da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. O uso dessa Teoria na produção do objeto digital apresentado justifica-se pela ideia de que todo processo de aprendizagem do ser humano ocorre de maneira mediada. A mediação pode ocorrer por meio de instrumentos ou artefatos culturais (físicos ou psicológicos) e pelas outras pessoas (DANIELS, 2003). Para tanto, partiu-se de exemplos concretos, do cotidiano dos educandos, de seus conceitos espontâneos, para a elaboração do vídeo. Isso foi feito com o intuito de contextualizar os conceitos teóricos que serão ensinados (conceitos científicos), conferindo-lhes sentido e fazendo com que não fiquem apenas no nível de abstração que, geralmente, os caracteriza. O trabalho desenvolveu-se em pequenos grupos e mostrou ser vantajoso porque, como afirma Damiani (2008), baseada nos pressupostos da perspectiva vygotskyana, as atividades colaborativas trazem inúmeros benefícios para as pessoas que nelas estão envolvidas, principalmente na área da Educação. No caso desta pesquisa, a hipótese era de que, por meio da mediação do vídeo, os estudantes teriam maximizados e melhor qualificados seus processos de aprendizagem do conteúdo por ele veiculado. A avaliação da intervenção foi realizada por meio de um procedimento qualitativo (BAUER & GASKELL, 2002). Os dados para essa avaliação foram coletados por meio de observação, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas e analisados por meio dos procedimentos da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003): um misto de análise de conteúdo e análise de discurso. Do corpus



analisado emergiram categorias provenientes dos próprios dados (emergentes) ou da Teoria Histórico-Cultural (analíticas) quais sejam: reação geral à intervenção; aprendizagem do conteúdo; efeitos da forma como foi organizada a intervenção. Os achados da intervenção pedagógica sugerem que a ferramenta foi um instrumento mediador capaz de propiciar a internalização do conteúdo, o conceito científico de ambiguidade lexical, já que os aprendentes foram capazes de utilizar esse conceito em exercícios e em ocasiões do dia a dia. Antes da intervenção o que sabiam sobre o tema parecia bastante limitado, não conscientizado e, portanto, sem grandes possibilidades de ser aplicado com o devido controle. Assim, considera-se que uma das maiores contribuições da intervenção parece ter sido levá-los a realizar uma tomada de consciência acerca do conceito trabalhado, favorecendo, assim, o processo de aprendizagem.

OBJETO VIRTUAL DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE QUÍMICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BALANCEAMENTO DE EQUAÇÕES QUÍMICAS E PRINCÍPIO DE CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA

Liliane Dailei Almeida Gruber
IFSul
Charqueadas/RS

Este trabalho visou abordar os conceitos de balanceamento de equações químicas (BEQ) e princípio de conservação da matéria (PCM) utilizando grupos de estudo em redes sociais e objeto virtual de aprendizagem (OVA) como recursos tecnológicos diferenciados.

A prática pedagógica foi realizada com estudantes matriculados no segundo ano dos cursos de informática e mecatrônica integrados ao ensino médio, totalizando 111 alunos. No laboratório de informática, equipado com 20 microcomputadores conectados à internet, os estudantes foram orientados a trabalharem em duplas, e assim, denominadas de E1 a E111. O procedimento foi realizado durante 4 aulas de 45 min., no Campus Charqueadas - IFSul. Constituiu-se na sequência de episódios descrita a seguir:

Episódio 1: Uma exposição dialogada do conteúdo, com os estudantes em sala de aula, foi previamente realizada para explicações de métodos de BEQ.

Episódio 2: A prática com o OVA iniciou-se no laboratório de informática. Foi elaborado um roteiro experimental (com questões a serem respondidas) para guiar as atividades. O roteiro foi fornecido na forma digital e publicado no grupo de química (Facebook) administrado pela professora. Os estudantes foram orientados a acessar o grupo, onde deveriam realizar download do arquivo e começarem suas tarefas.

Episódio 3: Assim que terminavam suas atividades, os alunos eram orientados a publicarem seus arquivos no grupo de química.

O OVA utilizado, denominado “Balanceamento de Equações Químicas”, foi desenvolvido pelo grupo Phet da University of Colorado-Boulder. O grupo fornece gratuitamente,



para download ou acesso online, no portal Phet (<http://phet.colorado.edu>) simulações de fenômenos de forma interativa e baseadas em pesquisa.

As percepções dos estudantes sobre o conteúdo foram verificadas com as questões contidas no roteiro da prática. Na questão que solicitava uma descrição do PCM, os estudantes demonstraram entendimento, conforme evidenciado nas respostas das duplas E1 e E5: *“Sim, pois tudo que contém de um lado, do lado esquerdo, tem que conter do lado direito, e nestes balanceamentos eles mantiveram a matéria que tinha de um lado no outro.”* Outra dupla (E28 e E35) também expressou a ideia de conservação de maneira correta: *“Eu vi que em nenhuma situação existe caso de massa perdida, nenhum elemento, mesmo sendo do lado oposto, então pode-se dizer que nunca se altera”*.

A prática proporcionou uma abordagem dinâmica e interativa dos conteúdos, com os alunos participando de forma ativa e motivada. Afirma-se que o roteiro elaborado foi eficiente, já que os objetivos de aprendizagem foram alcançados, pois uma parcela significativa de estudantes elaborou corretamente a questão que versava sobre o PCM.

OFICINA FILODANÇA: MOVIMENTOS DE ESCRILEITURAS NA ESCOLA

Josimara Wikboldt Schwantz

EEEF Dona Gabriela Gastal

UFPeI

Pelotas/RS

O presente trabalho trata de apresentar a experiência desenvolvida na E.M.E.F. Alm. José Saldanha da Gama em Pelotas/RS, do projeto *Escreleituras* (CORAZZA, 2011) no ano de 2013. A Oficina foi realizada em uma turma de terceiro ano, atendendo 25 alunos. Objetivou fazer ler e escrever a partir da experimentação e reunião de variados materiais artísticos, filosóficos e literários, acreditando serem importantes para a invenção de textos pelas crianças. Sua metodologia baseou-se na apresentação de aspectos da vida dos filósofos Spinoza (2007) e Nietzsche (2006), demonstrando seus conceitos sobre corpo e alma. Exposição de fragmentos da biografia de Clarice Lispector, trabalhando com a obra *A vida íntima de Laura*. Diante dessa composição as crianças foram sendo indagadas: já que, para Nietzsche, tudo é corpo, a escrita pode ser um corpo? Nós escrevemos com o corpo? Em relação à literatura lida, questionou-se: quais foram os pensamentos da galinha Laura? Também se ofereceu como suporte para pensar a ideia de dança e potência de vida, o fragmento do filme *Billy Elliot*. Ao final da Oficina, intensificaram-se momentos de escrita a partir do que foi lido. Para isso, um cenário foi arquitetado, imagens projetadas e sons instrumentais. Por fim, a leitura do livro *Girafa não serve pra nada* de José Carlos Aragão (2000) foi realizada, como maneira de incentivar os atos de escrita que estavam por vir. Como produção final, os estudantes criaram um dicionário. Os professores sinalizaram palavras (corpo, alma, escrever) e eles tinham por tarefa inventar sentidos diferentes



daqueles que reconhecem habitualmente, diminuindo efeitos de representatividade entre a palavra (dizível) e objeto (visível). Avaliando as atividades, investiu-se na leitura da produção escritural de algumas crianças, operacionalizando uma tentativa de ler e escrever em meio à dança, à literatura e à filosofia proposta na Oficina. Ao saber que tinham por tarefa atuar com a escrita em textos, algumas se dispuseram a participar, outras se sentiram amedrontadas pelo fato de ainda não estarem totalmente alfabetizadas. Percebeu-se que os materiais, o ambiente e a própria rotina escolar emergem intensidades o tempo todo, o que favorece um aumento ou diminuição das potências do escrever vindas dos corpos dispostos e imersos naquele espaço. Os encontros possibilitaram os alunos constituírem-se em meio às linguagens, enquanto seres pensantes e ativos. Desta forma, indaga-se: quais vazamentos são possíveis para a construção de uma aprendizagem da invenção que instigue os alunos a produzir escrituras para além das normas impostas pela linguística? Seguimos experimentando.

OFICINAS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA

Janaína Buchweitz e Silva
Colégio Municipal Pelotense
Pelotas/RS

As oficinas sobre diversidade de gênero na escola têm por objetivo trazer para a sala de aula a temática da diversidade, dando uma maior ênfase à diversidade sexual e de gênero. Esse interesse surgiu a partir de sugestões de experiências pedagógicas propostas no curso de Especialização em Educação para a Diversidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entendendo a escola como um espaço reprodutor das relações de poder e de desigualdade, faz-se necessário que o professor proponha modificações nesse espaço, buscando combater o preconceito e a discriminação, na maioria das vezes já naturalizado pelos agentes que compõem o ambiente educacional e social. A escola, importante lugar de socialização entre pessoas das mais diferentes realidades, é um espaço intercultural que deve ser aproveitado pelo educador com o intuito de torná-lo mais democrático, propiciando trocas de experiências e uma maior valorização da diversidade.

Este projeto pedagógico começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2013, no horário regular de aula, com alunos do ensino médio regular noturno do Colégio Municipal Pelotense. Num primeiro momento, buscou-se conhecer quais eram as experiências dos alunos sobre a temática da diversidade, da orientação sexual, da homofobia etc. A partir do levantamento do conhecimento sobre o tema e das necessidades dos alunos foi efetuado um projeto de atividades, que vem sendo desenvolvido na forma de oficinas, que vão desde pesquisas sobre gênero, homofobia e heteronormatividade (LOURO, 2004) na mídia impressa local e internet, até a proposta de elaboração de um material informativo que se pretende disponibilizar na escola, abordando a temática da diversidade sexual e de gênero, o combate ao preconceito e à



homofobia. Essa experiência pedagógica, articulada ao eixo “Escola e Inclusão” do 12º Poder Escolar, pretende apresentar ainda um relato sobre o retorno que os estudantes estão dando a partir do trabalho proposto, que continua sendo realizado no ano letivo de 2014. Percebe-se uma significativa melhora na criticidade dos estudantes que se tornaram mais articulados, questionadores e receptivos ao estudo da temática da diversidade.

OS DIFERENTES SABERES SOBRE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE PRODUZIDOS NO ENSINO MÉDIO

Eliana Köhler Kröning
EEEM Dr. Carlos Meskó
Canguçu/RS

O presente trabalho foi desenvolvido durante as aulas de Educação Física das turmas de terceiro ano do ensino médio da E. E. E. M. Dr. Carlos Meskó de Canguçu/RS, baseado em uma das propostas do projeto “Educação Física +: Praticando Saúde na Escola” do Grupo de Estudos em Epidemiologia da Atividade Física da ESEF/UFPEL. Foi intitulado e norteado pelo seguinte tema: “Barreiras e Facilitadores para a Prática da Atividade Física: Pesquisa e Intervenção”.

Na atualidade, é cada vez maior o conhecimento de que um estilo de vida sedentário é a causa de inúmeros prejuízos à saúde da população em geral, entretanto, este mesmo conhecimento parece não adquirir significado para a população que, por inúmeros fatores, continua a não se envolver com a prática da atividade física no seu cotidiano.

Neste contexto, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento da realidade dos espaços públicos e privados para a prática do esporte e do lazer, nas comunidades onde residem os alunos. E, com isto, provocar uma análise e reflexão sobre as barreiras e os facilitadores para a prática da atividade física nesta realidade rural, assim como, sensibilizar sobre a importância da existência de locais e alternativas para a prática de atividades físicas.

Sua metodologia baseou-se em um levantamento, através de fotografias e vídeos, dos espaços públicos e privados para a prática do esporte e do lazer nas comunidades onde residem os alunos. A partir desse primeiro momento, discutiu-se o que ainda poderia ser feito para oportunizar a prática da atividade física na sua comunidade identificando ações já existentes nela, assim como atividades na escola organizadas pelos terceiros anos. Porém, apenas as turmas a partir dos anos finais do ensino fundamental estavam envolvidas.

Assim, localizamos quem, na nossa comunidade escolar, ainda não estava contemplado nesta proposta. Coube a cada turma organizar uma atividade e oferecê-la aos anos iniciais do ensino fundamental para que, desta forma, toda a escola estivesse contemplada nestas ações. Estas atividades foram ofertadas em uma semana de atividades recreativas como culminância deste trabalho.

Neste processo, foram contempladas cinco turmas de anos iniciais, com o número



aproximado de 75 alunos participando das atividades de esporte e lazer e 39 alunos do ensino médio pesquisando, planejando, organizando e proporcionando mais uma possibilidade de prática da atividade física para a comunidade onde estão inseridos. Contribuíram, desta forma, para mobilizar crianças e adolescentes para a prática saudável da atividade física utilizando o conhecimento adquirido a respeito de todos os aspectos que envolvem a prática da mesma com características do seu cotidiano, tornando mais significativa a sua aprendizagem.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NAS CIDADES PEQUENAS

Andressa de Lima Fal
Everton Filipe Pires Rommel
ETE Canguçu
Canguçu/RS

Esta pesquisa tem como objetivo principal mostrar como os pequenos municípios evoluíram através da influência dos meios de comunicação. Os referidos meios ajudam a vida das pessoas, porque com a ascensão da tecnologia qualquer indivíduo acompanha o que está acontecendo em qualquer lugar do mundo em tempo real, terminando com aquele preconceituoso pensamento que quem mora em cidade pequena ou em zona rural é um “homem das cavernas”. Podemos nos comunicar com pessoas que estão muito distantes de nós, através das redes sociais, por exemplo. Além disso, esses meios informativo-comunicáveis nos auxiliam em muitas das nossas ações do dia a dia, trazendo enormes benefícios, como na educação, que é essencial para todos.

Nosso trabalho é uma continuação do ano letivo anterior, e nas pesquisas encontramos esta frase que resume nosso tema: “O homem sempre teve necessidade de comunicar-se”. Quando começamos a pesquisar em 2012 percebemos que nosso município e alguns municípios vizinhos encontram dificuldades de acesso aos meios de comunicação e sua alta tecnologia, um exemplo é a internet que não é de qualidade e muitas localidades não possuem sinal, nem para telefonia móvel. Nós conhecemos bem como são difíceis essas conexões no meio rural, pois nosso município possui a maior parte de seu território em zona rural.

A comunicação é considerada fundamental na vida de um ser humano, por isso pesquisamos, apresentamos informações para a sala de aula e discutimos esse fato para compartilhar tudo o que aprendemos, fazendo uma reflexão para a busca de nossos direitos. Além disso, também estivemos em outros municípios entrevistando moradores, a fim de fazermos comparações consistentes.

O homem desenvolveu tecnologias, usando principalmente os meios informativo-comunicáveis, com isso desenvolveu-se uma influência sobre as pessoas, pois como todos sabem, no decorrer da evolução, quanto mais o indivíduo aprende mais precisa aprender.

Observamos que a palavra interação é destacada como “palavra-chave” das novas



formas de comunicação, que não servem somente para a diversão, mas para a ampliação do conhecimento. Ressaltamos também que com isso houve uma modificação no modo de pensar e agir das pessoas.

Com essa pesquisa buscamos saber sobre as comunicações também nos nossos vizinhos como Morro Redondo, Pedro Osório, Cristal, Piratini; municípios rurais, mas que já possuem internet, que é o principal fator de ampliação das comunicações no campo, e também sinal de telefonia móvel, que possibilita a comunicação em lugares mais distantes, mesmo não sendo de boa qualidade.

No meio rural tudo é mais complicado, até mesmo por causa do relevo e também por ser, em alguns lugares, mais distantes das cidades, um exemplo é a transferência de internet e celular, que não é muito rápida. Então devemos lembrar que há projetos para oferecer mais qualidade, mas que isso também gera custos e que às vezes é difícil de um município pequeno cobrir.

Hoje, Canguçu tenta cada vez mais se modernizar, pois se trata de um município basicamente rural; estão se movimentando para sair do papel alguns projetos, como instalação de antenas para melhoria de sinal, implantação da internet 3G, e esses projetos foram focalizados principalmente no ano de 2012. Entendemos que esses projetos precisam ser defendidos pela população, para que então se realizem.

PATRULHA AMBIENTAL - CAMINHO VERDE

Morgana Bubolz Holz
Patrícia Holz Krug
Márcia Beatriz Kohler Kern
EMEF Carlos Soares da Silveira
Canguçu/RS

O presente trabalho relata o projeto que é desenvolvido desde o ano de 2009, por um grupo de alunos da E.M.E.F. Carlos Soares da Silveira, localizada no 2º Distrito de Canguçu/RS, intitulado como Patrulha Ambiental Caminho Verde. O objetivo do projeto é desenvolver ações socioambientais, promovendo a integração entre escola e comunidade num processo contínuo de reconhecimento da importância do papel de cada um no contexto em que vive. O trabalho é desenvolvido durante o ano letivo, sendo realizadas reuniões quinzenais do grupo com o professor coordenador, no turno inverso. Nessas reuniões são planejadas e articuladas ações que serão desenvolvidas durante o ano, compreendendo as necessidades da escola e da comunidade. Dentre as atividades realizadas pelo grupo estão: Participação em eventos na escola e na comunidade destacando temas como: meio ambiente, valores, cidadania, saúde, utilizando o teatro e dança como principal meio de disseminação destas temáticas; realização de campanhas de conscientização sobre o lixo na comunidade escolar; atividades práticas de reciclagem utilizando



garrafas pet e pneus na ornamentação do pátio escolar; manejo da horta escolar, incluindo composteiras para adubação dos canteiros e passeios ecológicos.

No ano de 2013, com a participação no projeto Jovens Lideranças promovido pela SMEE, a Patrulha Ambiental organizou um Luau na escola, do qual participaram alunos do 6º ao 9º ano. O evento foi um sucesso, pois possibilitou maior integração entre alunos, professores e funcionários, além de proporcionar o consumo de alimentos saudáveis. O evento aconteceu na escola no mês de outubro, tendo início ao entardecer. Foi montado um cenário aconchegante, onde tochas foram acesas ao cair da noite. Durante o evento a Patrulha ambiental prestou homenagem aos professores pela passagem do seu dia, foram realizadas brincadeiras integrando todos os participantes e a diversão se estendeu pela noite ao som de violão e a apresentação da bandinha da escola. A noite foi regada com petiscos e bebidas naturais, elaborados a partir de cascas e talos de frutas e hortaliças, colhidos na horta escolar e, nos pomares da comunidade local. O evento transcorreu num clima tranquilo e alegre, com grande repercussão na comunidade escolar, tanto que os pais pediram para serem convidados para o próximo luau. Todas as ações desenvolvidas pela Patrulha ambiental são de natureza voluntária, requerem esforço, dedicação, mas são recompensadas através do reconhecimento da comunidade escolar, colaborando para o sucesso das ações empreendidas. Enquanto jovens compreendemos que aprendemos quando atuamos, interagimos e refletimos sobre o nosso papel na sociedade e, a nossa responsabilidade de hoje é com o futuro que se encontra mais próximo do que imaginamos.

PEDRO OSÓRIO NOS TRILHOS DA HISTÓRIA

Adriani Mello Felix

Colégio Estadual Getúlio Vargas

Pedro Osório/RS

Este projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Getúlio Vargas, em Pedro Osório, como projeto de pesquisa do Seminário Integrado do Ensino Médio, sob minha orientação, no ano de 2013. O tema gerador, escolhido na escola para os projetos, foi Pedro Osório Cultura e Identidade. Com esse propósito, cinco alunas do primeiro ano do Ensino Médio Politécnico decidiram estudar o patrimônio arquitetônico ferroviário, um legado que conta a história de fundação da cidade.

O escopo do projeto era falar sobre o patrimônio arquitetônico da antiga rede ferroviária de Pedro Osório. Reconstituir a história, mas não somente a memória daquela "estrada de ferro", como também o seu lado nostálgico já que, muitas pessoas não viam, ou vêem, o trem como apenas um meio de transporte, mas como um objeto sentimental. Assim, comparar passado e presente através da arquitetura e urbanismo no entorno da antiga rede ferroviária, foi uma forma de reassumir o reconhecimento de uma cidade que perdeu sua identidade.

O projeto foi dividido em três etapas, no primeiro trimestre: delimitou-se o tema e



estudou-se o que é patrimônio histórico e arquitetônico, para definir o que explorar sobre o legado da rede ferroviária. Por fim, concluiu-se o projeto, com essa pesquisa etnográfica.

Na segunda etapa foram realizadas as entrevistas com moradores da cidade que contém um acervo considerável sobre a ferrovia, pesquisas sobre as construções da rede ferroviária e realizado levantamento fotográfico, tanto no acervo dos entrevistados como *in loco*, mostrando as transformações e muitas vezes o processo de descaso com o patrimônio.

Na terceira etapa foram apresentados os resultados do levantamento fotográfico confrontando passado e presente, com a criação de um banner, que foi itinerante em algumas apresentações na escola. Por fim, as alunas escreveram o relatório final, que servirá como material de pesquisa na biblioteca da escola, tendo em vista a qualidade e autenticidade da escrita e diagramação do texto, bem como a fidelidade à história da cidade.

A justificativa das alunas, para o projeto de pesquisa foi que hoje poucas pessoas na cidade conheceram ou andaram em algum trem de passageiros. Na realidade, o que se sabia eram somente histórias; histórias da avó que vinha de trem para ver um namorado; da vizinha de mais idade que se lembrava das viagens que o pai dela, que era maquinista, contava; da bisavó que vinha passear e acabou morando aqui, etc. O projeto foi convite a muitas pessoas, que como as alunas, não conhecem esse legado arquitetônico para assim, embarcarmos nessa viagem, entre o passado e o presente.

PESQUISA POMERANA: UMA VIAGEM AO TEMPO PARA CONHECER ALGUMAS TRADIÇÕES DA CULTURA POMERANA EM LOCALIDADES DO INTERIOR

Tanise Stumpf Böhm
EMEF Carlos Moreira
Canguçu/RS

Viver a tradição é cultivar a alegria e o charme de sua gente. Vivemos imersos em inúmeras e diferentes culturas e através delas podemos perceber quão ricas elas são e o quanto temos a usufruir e conviver com cada uma delas.

Nosso município é formado em sua maioria por essas inúmeras culturas, dentre elas a “cultura pomerana” que predomina nas localidades de Canguçu Velho, Favila e Espigão onde se concentram os alunos que compõem o corpo discente da escola.

A cultura é um contingente produzido e por isso, possível de ser reconstruída. Ser “humano” significa viver sob condições culturais, por isso a necessidade de acolher e valorizar a cultura existente na comunidade.

O objetivo desse estudo era investigar e descrever a cultura alemã/pomerana, existente na localidade, pois através dela teríamos a oportunidade de buscar com nossos familiares como realmente eram e viviam no cotidiano esse “povo vencedor” que possui uma cultura tão rica e diversificada.



Começamos essa pesquisa com a seguinte indagação: Quem somos nós pomeranos?

Para responder a essa indagação realizamos algumas leituras em sala de aula sobre a história desse povo, sua chegada ao Brasil, os desafios que encontraram e a luta para sobreviverem e viverem nesse novo país.

Após as leituras, concluímos que somos parte de um povo que tem raízes, que tem sua cultura, sua língua, e que, mesmo havendo pouco material escrito é uma língua viva e atuante, que nos permite a comunicação e a valorização do idioma.

Esse trabalho gostaria de relatar um pouco da “cultura pomerana”, isto é, dos pomeranos que vivem nas localidades da Favila, Espigão e Canguçu Velho do município de Canguçu/RS.

Ao desenvolvermos esse estudo, foram feitas várias entrevistas com nossos pais, avós, bisavós, tios, primos, amigos e familiares, enfim pessoas que pudessem nos dar informações referentes aos nossos antepassados, pessoas que nos possibilitassem realizar uma viagem de volta ao passado. Entrevistamos o senhor Helmut Strelow e a senhora Paula Strelow, Nelson e Flávia Holz e Ervino e Anilda Lübke.

Os entrevistados nos informaram, isto é, nos contaram como viviam e das tradições que cultivavam e ainda cultivam.

Para desenvolver a pesquisa foram selecionados alguns tópicos para a entrevista, entre eles: Família, Escola, Educação, Trabalho, Festas/lazer (jogos, bailes, casamentos, confirmação, batizado, páscoa, natal, cultos, religiões). Todos esses tópicos foram pesquisados com os familiares ressaltando a importância de cada um deles.

Concluímos que a “Cultura Pomerana” é muito rica, diversificada e valorizada pelos descendentes que aqui residem. Percebeu-se também que ao relatarem sobre os tópicos mencionados sentiram-se orgulhosos em dizer como vivem e do orgulho que têm de serem pomeranos e do quanto influenciam as pessoas que não pertencem à cultura, mas acabam interagindo e vivendo essa diversidade.

Acreditamos que cabe a cada um de nós dar continuidade a essa cultura ainda tão viva e presente entre nós, através da presença de nossos costumes e tradições para que não seja perdida com o decorrer dos anos.

PIBID/E. A.: UMA EXPERIÊNCIA SINGULAR NA EMEF VIRIATO CORRÊA

Lilian Brasil Pereira
Iara Beatriz Vaughan Pereira
EMEF Viriato Corrêa
Rio Grande/RS

O trabalho apresenta a trajetória do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência)/E. A. (Educação Ambiental) na escola E.M.E.F Viriato Corrêa, localizada em



Rio Grande/RS. As atividades do Pibid/E. A. foram realizadas no período de agosto/2012 a dezembro/2013.

As atividades deste PIBID objetivaram problematizar a questão da EA. no âmbito da educação básica, para tal contou com uma professora supervisora do projeto (membro do corpo docente da escola) e cinco bolsistas de cursos de licenciatura da FURG (Universidade Federal do Rio Grande). As experiências aqui relatadas buscavam contribuir para a formação docente tanto dos professores da escola citada, como dos bolsistas que estavam em processo de formação acadêmico.

O trabalho na escola iniciou com algumas reuniões realizadas entre a professora supervisora e os pibidianos. Inicialmente a preocupação era que o grupo se familiarizasse com a comunidade escolar e seu entorno. Para isso, foi estudado o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola o que orientou o grupo de pibidianos acerca da necessidade de trabalhar a questão ambiental nessa instituição. A partir daí, foi realizado também um questionário semiestruturado elaborado pelo próprio grupo com questões referentes à E. A., sendo distribuído aos discentes e docentes da escola. Os dados levantados a partir do questionário evidenciaram possíveis caminhos para trabalhar essa temática na instituição. Assim, utilizamos como embasamento teórico as ideias de Vygotsky (2001) e Loureiro (2012), que contribuíram para que trabalhássemos numa perspectiva social e ecológica.

Mencionamos que participaram as turmas do Pré ao 9º ano e ainda uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos), o que envolveu cerca de 177 discentes da escola. As atividades preconizavam o trabalho da temática da E. A. de uma forma lúdica, como por exemplo, através da elaboração e contação de histórias, confecção de maquetes e desenhos com colagens. Ressaltamos que uma das atividades bem significativas do PIBID, ocorreu no bairro em que a escola está situada, quando realizamos uma caminhada em defesa da E. A., no dia 05/06 (Dia Mundial do Meio Ambiente) partindo de discussões acerca dos impactos do Polo Naval nesse bairro. O registro das atividades foi feito em portfólios individuais por turmas (sendo este um material de sugestões para trabalhar E. A.), além da confecção de um portfólio do grupo de pibidianos o que era instrumento de avaliação desse projeto na Universidade.

A avaliação deste período foi positiva, uma vez que a E. A. passou a ser melhor compreendida por todos envolvidos. Além disso, o movimento produzido na escola desenvolveu na comunidade do entorno escolar um olhar mais crítico acerca dos conflitos ambientais.



POR ENTRE CORES, LETRAS, SABORES E NÚMEROS: CONSTRUINDO UMA PRÁXIS EDUCATIVA EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL

Patrícia Tarouco Manetti Becker
EMEF Pinto Bandeira
Piratini/RS

A presente experiência apresenta um conjunto de atividades pedagógicas que buscaram, por meio do processo de alfabetização, valorizar os educandos e suas famílias, os quais residem nos Assentamentos Conquista da Liberdade e Conquista da Luta, ambos localizados no 2º Distrito de Piratini/RS/Brasil. Ainda objetivando trabalhar o sentimento de pertencimento em relação à localidade e à EMEF Pinto Bandeira, as atividades planejadas sempre pretenderam relacionar todos os temas desenvolvidos com o cotidiano de ser/estar nos Assentamentos Conquista da Liberdade e com as pessoas que ali vivem (as famílias de nossos educandos). As atividades realizadas no ano de 2013, com a turma de 1º Ano (é importante salientar que, em determinados momentos, também convidamos para participar e colaborar com o nosso trabalho as turmas do 2º Ano e do 3º Ano), transitaram por diversos assuntos próprios do processo de alfabetização, mas que tinham como elemento propulsor a realidade dos educandos. O cotidiano dos educandos era o nosso ponto de partida e de reflexão. Entretanto, esta relação (aprendizagem significativa x conteúdos programáticos) não pode ocorrer de forma tradicional, mas sim de uma maneira que valorize o cotidiano das crianças que, neste caso, é um assentamento que preza o cultivo de plantas através da adubação orgânica; que produz leite e faz sua industrialização (como a pasteurização deste laticínio, que é distribuída nos supermercados, e a produção de queijos); fabricação de sucos, de melado, de cachaça, de hortifrutigranjeiros (os quais são vendidos em feiras livres, uma vez por mês, na cidade de Piratini/RS). Quanto aos objetivos propostos por esta práxis, cito: desenvolver um processo de alfabetização qualitativo que oportunize a construção de novos conhecimentos a partir da realidade vivenciada; Reconhecer o espaço em que o educando está inserido, valorizando-o através da edificação de aprendizagens substantivas; identificar que é capaz de melhorar o seu espaço; realizar atividades lúdicas que dialoguem com o processo de alfabetização e com os conteúdos programáticos; desenvolver experiências pedagógicas que envolvam o olhar, o ouvir, o cheirar, o tocar e o degustar para que, usando esses sentidos, o conhecimento possa ser construído de forma significativa. De forma concisa, posso destacar como resultados positivos da experiência realizada: a construção de um processo de alfabetização prazeroso; a valorização dos educandos, de suas famílias e de suas origens; a constituição de um olhar de respeito e de reconhecimento para com os Assentamentos Conquista da Luta e Conquista da Liberdade; a elaboração de uma práxis significativa não somente para as crianças, mas também para mim, enquanto educadora e ser humano; o sentimento de pertencimento à escola.



POSSIBILIDADES DE LER E ESCREVER: TRANSCRIÇÃO NO ATELIÊ RABISCOS DE SENSAÇÕES NA PRODUÇÃO DE UM CORPO CRIANCEIRO

Taís Chaves Prestes
UFPeI
Pelotas/RS

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo acerca do tema Transcrição (CAMPOS, 2006). Propomos discorrer sobre a importância de tal conceito para análise de atividades desenvolvidas no Núcleo Escrita UFPeI buscando demonstrar a relevância de uma maneira de ler e escrever por meio do processo criativo. Para tanto, adotamos como etapa do procedimento metodológico a revisão bibliográfica, aproximando-a da Educação e da Filosofia, ao percebermos que as atividades realizadas no Núcleo consideram referenciais como Deleuze e Guattari (1996). A Transcrição, termo cunhado por Campos, consiste na tradução poética (ou tradução criativa) de textos, verbais ou não-verbais, transformando-os em uma nova obra. Focalizamos neste contexto, portanto, o Ateliê Rabiscos de sensações na produção de um corpo criancioso, trabalho realizado pelo Núcleo UFPeI, com crianças do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Pelotas-RS, no ano de 2013. O Ateliê teve como atividades a vivência de três circuitos compostos por jogos e brincadeiras do universo infantil, dispostos na própria sala de aula. Propomos, no primeiro circuito, uma atividade dinâmica de soltura corporal. O segundo e terceiro circuitos, além das brincadeiras como túnel, bambolê, bola e jogos como Escravos de Jó, foram contemplados com apresentações audiovisuais das obras Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo (2014) do literato Manoel de Barros, Discurso do Urso (2009) de Julio Cortázar e Abecedário (DELEUZE; PARNET, 1997) de Gilles Deleuze a fim de motivá-los a transcriber. Com tais encaminhamentos literários e filosóficos os alunos foram, incitados a produzir escrituras em uma folha de cartolina ao final de cada uma das etapas, confeccionadas a partir da reunião de materiais oferecidos pelos professores para o desenvolvimento do produto final: o livro. Ao proporcionar uma quantidade de dispositivos que permitiram a experiência corporal de um devir criança, a produção intitulada “Rabiscos na Escola” foi orientada desde as leituras e escrituras transformadas. Ao brincar com as palavras por meio da tradução das sensações vivenciadas, uma nova forma ler e escrever surgiu, descobrindo a cada circuito as potencialidades da turma, latente em cada corpo criancioso. A criação poética foi possível com a diversificação das atividades propostas, possibilitando a produção de outros textos que, agora, têm características particulares, realizando transcrição, graças aos detalhes intrínsecos contidos no livro; portanto mostram-se potentes tais Ateliês ao passo que realizam percepções de um devir outro que desacomoda seus participantes. Percebemos a interferência do contexto escolar no processo de produção destas escritas e analisar as entrelinhas deste Ateliê como material produtivo servirá como um forte suporte de revisão, aprofundamento e análise das atividades de transcrição promovidas pelo Projeto Escrita.



PRÁTICA DE PESQUISA NO ENSINO DE HISTÓRIA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL II

Jordana Alves Pieper
Valéria C. Rodrigues
Cássia Cilene D. Xavier
Escola Adventista de Pelotas
Pelotas/RS

Este trabalho se propõe a apresentar uma experiência vivenciada na disciplina de história nos anos de 2012 e 2013 com alunos do ensino fundamental II da Escola Adventista de Pelotas, no qual os alunos deixaram a sala de aula para adentrar o campo da pesquisa científica da história. O objetivo central do projeto Casa Grande: Um patrimônio a ser preservado, era justamente aproximar os alunos da história de seu município, almejando não só oferecimento de um espaço de aprendizagem significativo, mas como promover a formação desse estudante como cidadão responsável pela salvaguarda dos patrimônios, sejam esses materiais ou imateriais, de sua cidade. Criada no século XIX, a Casa Grande era uma estância que alimentava as charqueadas de gado. O contexto social do ano de 2012 é relevante para entender os motivos que levaram a construção e a necessidade de desenvolver uma ação educativa sobre a história local. Em 2012 a cidade estava festejando seus 200 anos de história, no entanto essa comemoração parecia não fazer sentido para os alunos. Foi diante desse entrave que o projeto ganhou corpo. Como método, passou-se a utilizar a metodologia da Aprendizagem por Descoberta. O método propõe, segundo Mota; Pereira (2013), uma aprendizagem através de estímulos dados pelo professor em forma de perguntas que fomentem estudos de pesquisa. Assim, o conteúdo não está pronto, mas sim precisa ser construído pelo aluno auxiliado pelo professor. O projeto compreendeu 4 etapas: A primeira capacitou os alunos tanto para a pesquisa quanto para a análise de fontes históricas, através de um curso de uma semana dado aos alunos sobre a história de Pelotas e o uso de fontes históricas. No curso os alunos receberam a visita da dona da Casa Grande que abriu as portas de seu patrimônio para a pesquisa. Apresentado o projeto e deu-se início com a divisão dos alunos por série em grupos com no máximo 4 integrantes. Esses grupos escolhiam dentre os temas de pesquisa elaborados pela professora, o que mais agradava. Recebiam junto ao tema uma pergunta motivadora e também dicas de fontes e bibliografias para auxiliar na investigação. Os temas foram fruto de investigação prévia realizada pela professora, através disso elaboraram-se questões seguindo o nível de escolaridade e conhecimentos acumulados pelos discentes. Na segunda etapa os alunos foram à Casa Grande lá entraram em contato com as fontes. No final da visita todos fizeram perguntas à proprietária da Casa, Leny Silveira Netto, que é descendente dos edificadores do patrimônio. Na terceira parte, os alunos construíram sua própria narrativa histórica. A quarta etapa foi a organização do livro, que foi lançado na Feira do Livro em Pelotas em 2013, ali os alunos fizeram uma sessão de autógrafos. Com esse projeto os discentes, por compreender, passaram a valorizar mais a história de sua cidade. Houve um aumento do interesse dos discentes pela disciplina de história, pois entenderam na prática a construção e a importância social do



saber histórico.

PRÁTICA SOCIOCULTURAL: MÉTODO ALTERNATIVO PARA TRABALHAR A CULTURA NEGRA NA SALA DE AULA

Martha Adamy
Eugênia Basso
EEEM Adolfo Fetter
Pelotas/RS

Em meados do século XVIII, Pelotas sofreu profunda transformação, tornando-se potência econômica da região. Com uma intensa produção de charque, a cidade foi prosperando, recebendo moradores nobres que construíram charqueadas no local. Assim, Pelotas foi palco de intensa mão de obra negra, pois eram os escravos que executavam as tarefas pesadas em cada charqueada. Tais tarefas eram divididas, homens realizavam o serviço braçal mais árduo, as crianças e as mulheres ficavam com os serviços domésticos.

Em meio a esse contexto histórico, faziam-se presentes as negras lavadeiras de roupas, que normalmente desciam para o Arroio Santa Bárbara, na chamada Rua das Lavadeiras da época (atual rua Prof. Araújo) para lavar as roupas dos patrões.

O presente projeto teve como objetivo reacender este capítulo da história de Pelotas, trabalhando, com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Adolfo Fetter, a história das lavadeiras negras pelotenses, através de música e teatro, optando por um método alternativo de ensino, buscando fugir dos parâmetros convencionais de ensino-aprendizagem dentro de uma sala de aula.

A metodologia surgiu a partir de uma proposta de recuperação da avaliação com os alunos, na qual eles deveriam encenar a música “Ensaboa”, de Cartola (na voz de Marisa Monte), que retrata a tristeza de uma mulata lavadeira de roupas. Junto à encenação, houve a declamação de alguns trechos de poemas relacionados à escravidão e pesquisas nesta área, tudo realizado pelos alunos e apoio do professor e seu auxiliar.

Foram realizados seis ensaios, especialmente nas terças-feiras entre outubro e novembro, com tempo disponível de dois períodos pela noite, com alunos da totalidade 9, turma 92, da EJA. A turma foi dividida em grupos de trabalho: cenário, figurino, sonoplastia, divulgação e atuação. Na atuação, os alunos vestiram-se com roupas de escravos e cantaram trechos da música, enquanto encenavam a vida das lavadeiras. A apresentação do projeto foi no dia 11 de dezembro de 2013.

Com este projeto, foi possível reconhecer a importância do negro na construção da cidade de Pelotas e, junto a isso, aprender mais sobre a cultura da região em que se vive e propagá-la para a comunidade. Além disso, é necessário conscientizar as pessoas que ainda hoje as mulheres negras sofrem preconceito, não conseguindo ocupar na sociedade trabalho de



destaque, com remuneração digna, principalmente no início do século XX em que disputavam colocações com as imigrantes europeias. Para os estudantes, foi uma experiência muito inovadora, pois a atividade envolveu várias áreas de conhecimento, integração com a comunidade e exposição dos alunos, o que os deixou muito confiantes em seu potencial.

PRATICANDO SAÚDE NA ESCOLA: PROJETO REALIZADO EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE CANGUÇU/RS

Igor Retzlaff Doring
Adriel Ramson Ramm
EMEF Dr. Jaime de Faria
Canguçu/RS

Em nossa sociedade, uma parcela significativa de indivíduos adultos contribui para o aumento das estatísticas associadas às doenças crônicas não transmissíveis como consequência da vida sedentária. Por essa razão, a Educação Física escolar vem sendo repensada e a preocupação com a educação para a saúde aparece como um dos conteúdos a serem tratados. Portanto, além da prática de atividades físicas, o conhecimento sobre tais práticas e os seus benefícios para a saúde devem ser incorporados ao cotidiano escolar para que os alunos tenham conhecimento da importância das atividades físicas. Com o intuito de inserir estes e outros conteúdos nos programas de Educação Física escolar, está sendo desenvolvido um projeto chamado “Praticando Saúde na Escola”, pois a escola e principalmente a aula de Educação Física, tem o espaço mais apropriado para a transmissão do conhecimento acerca da promoção da saúde. De acordo com a proposta do projeto, na 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) os alunos devem aprender e refletir sobre aquecimento e alongamentos, o impacto dos avanços tecnológicos, a frequência cardíaca durante a atividade física, alimentação saudável, importância da atividade física, intensidade e volume das atividades físicas, capacidades físicas e aptidão física, postura, sedentarismo, exercícios aeróbios e anaeróbios e a importância do balanço energético.

O objetivo principal deste projeto é incentivar a diversificação e a qualificação das aulas de educação física na escola, direcionando-se a uma perspectiva de problematização das práticas corporais e sua relação com a saúde no seu aspecto individual e coletivo, auxiliando na expansão destes conhecimentos tão importantes e significativos na vida dos alunos e da comunidade.

Os conteúdos são abordados através de aulas práticas, aulas expositivas, jogos e brincadeiras, debates, vídeos, trabalhos de pesquisa, confecção de materiais (cartazes, folders, etc.), seminários, dramatizações, músicas (elaboração de paródias, por exemplo), entrevistas, produção textual, saídas de campo, etc.

O projeto vem sendo desenvolvido na escola desde o ano de 2013 e até agora já obteve excelentes resultados. Nos primeiros meses de implementação (curto prazo), o projeto



auxiliou no aumento do conhecimento dos alunos sobre atividade física, saúde e alimentação. A médio prazo contribuiu para o aumento da importância atribuída a disciplina de Educação Física, bem como, para o aumento do nível de atividade física dos alunos e a melhoria quanto aos padrões alimentares.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE INCLUSÃO E FILOSOFIA

Mara Sirlei Lemos Peres

Agemir Bavaresco

IFSul - campus Pelotas

Pelotas/RS

PUCRS

Porto Alegre/RS

A reflexão acerca a sociedade atual a evidencia eivada de transformações na busca de justiça nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, dentre outros. Uma sociedade justa, segundo Rawls deveria ser “marcada pela pluralidade, no sentido de que nela convivem a unidade de interesses e o conflito,” (BAVARESCO et al., 2012, p. 55). O conflito tem origem nas desigualdades e estas, segundo Rawls (2008, p. 32), devem estar ligadas “a funções e posições abertas a todos em condições de justa igualdade de oportunidades (princípio da oportunidade justa);” e “servirem para o maior benefício dos menos favorecidos (princípio da diferença).”

Estudos, observações e reflexões sobre a temática encaminharam para a necessidade de desenvolvimento de um projeto com estudantes dos cursos médio técnico, elegendo 2 turmas (Eletrônica e Eletrotécnica), totalizando 25 estudantes, para coletar dados em 2 quilombos (em Pelotas e Arroio do Padre). A metodologia foi o estudo de caso e o conteúdo foi de Direitos Humanos e inseriu-se dessa forma a temática das antropologias filosófica e cultural. O projeto foi iniciado em 2012 objetivando reconhecer a questão das desigualdades. Observou-se que no quilombo o modo de ser do homem evidencia carência de toda a sorte.

Alguns dos problemas apresentados revelam a necessidade de habitação, saneamento básico, infra-estrutura, falta de emprego, de água potável, escola de ensino médio. Portanto, historicamente o homem elege novos valores e padrões de comportamento e articula dialeticamente o conflito e a diferença evidenciando ao longo do tempo a manutenção da base cultural. Por conseguinte as categorias da relação não perdem a identidade, pois tem uma base que a fundamenta, mesmo apresentando-se como uma nova cultura. Bavaresco (2003, p. 91) escreve sobre a identidade do gaúcho e salienta que: “A identidade do gaúcho não se diluiu por completo, mas ele vive uma nova situação: (...). Considerou-se positiva a experiência devido à articulação do tema com a prática vivenciada pelos participantes. Sem dúvida, os estudantes trouxeram resultados de diferentes perspectivas observadas da situação de desigualdade que o negro enfrenta. Por conseguinte o conteúdo de Direitos Humanos embasou discussões em sala e



apresentações enriquecidas com a oportunidade vivida.

PROJETO ALFABETO DIVERTIDO

Lubiana Starck Hirdes
Maristel Carrilho da Rocha
Colégio Sinodal Alfredo Simon
Pelotas/RS

O projeto Alfabeto Divertido visa a oportunizar uma forma interativa de aprender o alfabeto, reconhecer as letras e seus sons visando ao reconhecimento da importância do alfabeto e à identificação de sua utilidade. Além disso, o projeto pretende desenvolver a oralidade e o gosto pela leitura, a curiosidade sobre o novo, o pensamento sobre as palavras e como elas são formadas.

No início do ano, na primeira reunião com os pais, o projeto é apresentado e é quando também fazemos o sorteio das letras por aluno. Desde então, cada aluno sabe que deverá procurar objetos com a letra sorteada. No decorrer do ano, semanalmente e previamente agendado com os pais, os alunos irão apresentar uma letra do alfabeto aos colegas. As professoras adquiriram uma mala de rodinhas que foi personalizada com o logo do projeto e esta mala vai para a casa do aluno uma semana antes do dia de sua apresentação para que nela ele deposite os objetos que encontrou. Em sala de aula a criança apresenta a sua letra expondo seus objetos, às vezes fazem cartazes, atividades que se relacionem com a letra apresentada de acordo com a criatividade de cada um. Os demais alunos registram essa apresentação em um caderno específico através de desenhos e quando desejam escrevem o nome dos objetos.

O apresentador da letra também traz uma lembrancinha que inicie com a letra estudada para cada colega. Por exemplo, apresenta a letra A e traz um anel para cada colega, letra B uma bolinha, etc.

Os alunos ficam muito empolgados com estas atividades, ficam na expectativa de apresentarem, de serem os professores neste dia. Isso é muito positivo e gera um gosto significativo pela aprendizagem. Eles aprendem para compartilhar com os colegas e a troca entre alunos dá um espírito colaborativo bem interessante. Nas atividades posteriores as crianças fazem referência às letras dos colegas, que tal colega apresentou e isso facilita a apropriação do conhecimento.



PROJETO CONTOS DO SUL

Aline Vohlbrecht Souza
EEEM Cruzeiro do Sul
São Lourenço do Sul/RS

O projeto “Contos do Sul” foi realizado na escola Cruzeiro do Sul, com uma turma de 3º ano do Ensino Médio, em São Lourenço do Sul, no ano de 2010. Ele teve por objetivo, oportunizar aos alunos contato com uma produção literária regionalista, observando os elementos de construção desta linguagem – reflexão linguística -, bem como o resgate da ideologia que envolve a valorização de uma cultura e a busca por uma identidade, eternizada na escrita de um texto literário.

Selecionamos para este projeto, o livro “Contos gauchescos” de João Simões Lopes Neto. Organizamos rodas de leitura. Cada aluno ficou responsável pela apresentação de um conto. Nas apresentações foram feitas inúmeras discussões acerca da leitura, do vocabulário, do autor, da escrita, enfim... todos os aspectos que envolvem a produção e contextualização de uma obra regionalista.

Logo, sentimos a necessidade de explorar mais este universo. Durante a leitura, o vocabulário causou bastante “estranheza” aos alunos, fomos então à biblioteca da escola consultar um dicionário regionalista, porém esta não dispunha de um. Foi proposto então, que pesquisassem e elaborassem um dicionário com todos os termos encontrados na leitura e outros. Num segundo momento, discutimos acerca da riqueza da tradição oral, de uma cultura passada de relato em relato pelos mais velhos. Sugerí que fossem buscar histórias no interior do município. Estes relatos serviriam de base para a escrita de seus próprios contos.

Passada esta etapa, faltava conhecer um pouco mais de história. Organizamos um passeio à cidade de Pelotas pelos principais pontos turísticos: charqueadas, museus, teatros e a casa onde viveu João Simões Lopes Neto. Agora, totalmente imersos na cultura do pampa, os alunos decidiram criar um CD, só com músicas tradicionais do Rio Grande do Sul e fomos além, fizemos um pequeno curta metragem do conto “Jogo do Osso”.

O dicionário foi doado à biblioteca da escola para ajudar futuros leitores. Nasceu então o livro “Contos do Sul”, que narra histórias de amor, morte, mistérios, assombrações e humor, relatos que povoam o imaginário popular do sul do Rio Grande do Sul. Ele foi lançado na Feira do Livro da escola, naquele mesmo ano. E o curta metragem “Jogo do Osso” foi exibido na cerimônia de abertura da Feira.

“Contos do Sul” surgiu num encontro muito especial entre alunos ávidos por leitura e um escritor. Desse encontro surgiram momentos inesquecíveis de leitura, concentração, discussão, pesquisa, poesia, arte, alegria e escrita...

A experiência não poderia ter sido mais positiva, pois apesar da resistência inicial de alguns alunos, pude perceber ao longo do projeto a mudança de concepção, de visão, o resgate cultural e como o protagonismo motiva o aluno.



PROJETO CULTURARTE

Eva Sílvia F. Barreto/Secretaria

Ana Paula C. Ferreira

Gláucia Pellegrinotti Blank

Secretaria Municipal de Educação e Esportes

Canguçu/RS

Levando em conta a necessidade de divulgar e promover a valorização da Cultura e da Arte, buscamos por meio deste projeto disseminar aspectos relevantes da cultura local, regional e nacional. A escola no contexto atual é um veículo para conhecer outras culturas, meios, locais e possibilidades, tendo em vista que muitos jovens passam boa parte do tempo conectados na internet ou em frente à TV, e muitas vezes com informações vazias que não irão acrescentar nada a sua vida social. A Arte é uma das opções para que a juventude assuma sua posição perante a sociedade, fazendo o seu papel de cidadão, recebendo conhecimento e em troca valorizando o que tem de melhor na cultura brasileira. Sabemos que uma juventude organizada e informada é garantia de um futuro melhor. O projeto é promovido pela SMEE buscando oficinas patrocinadas pelo Banrisul. As oficinas oferecidas são de Fotografia, Teatro, Tatuagem, Nutrição, Leitura de Imagens, Pintura, Grafite, Escultura, Light Paint, Cinema e História em Quadrinhos.

O projeto busca fomentar e promover discussões sobre Arte e Cultura, mobilizar a equipe escolar para junto reativar as atividades culturais e artísticas do nosso município, conscientizar os jovens para um conhecimento mais profundo de Cultura e Arte e desenvolverem uma imagem positiva de si mesmo, com confiança em suas capacidades e atitudes. Descobrir e conhecer potencialidades e talentos no processo educacional, utilizar diferentes linguagens como: corporal, musical, plástica, oral e escrita, criar situações expressivas de forma a compreender e ser compreendido, dinamizar o processo educativo, promover uma educação mais prazerosa, lúdica e diferenciada. As primeiras oficinas foram um sucesso, os alunos interagiram, aprenderam e trocaram ideias com os oficinairos, também se motivaram para a criação de personagem, construção de HQ. Expressaram na avaliação que a oficina foi muito positiva, ressaltando a importância de ter aulas diferentes, com assuntos variados e que venham ao encontro do dia a dia e do interesse dos alunos. Foram distribuídos adesivos, folders e sorteamos uma camiseta entre os alunos participantes. Os folders trazem ações de sustentabilidade para em cada oficina ter um momento de reflexão sobre o assunto. Ao final do projeto será feita uma distribuição de mudas de árvores e de folders no centro da cidade.



PROJETO INTERDISCIPLINAR DO CAMPO

Cristina Macke dos Santos
EMEF Colônia Nova Esperança
Hulha Negra/RS

Nossa escola fica no campo, mas nunca teve seus conteúdos e saberes do campo valorizados. Eu, como supervisora da escola, promovi o debate e instiguei os professores a pensarem numa forma de mudar: aproveitar o conhecimento prévio dos alunos e do entorno da escola e trazer isso tudo para as aulas e disciplinas oferecidas.

O resultado foi impressionante. Alunos que não gostavam de escrever, quando o tema foi: “Como fazer silagem?” os alunos escreveram sem parar. A professora chamou a atenção deles para a correção, que seriam avaliados os quesitos como parágrafo, pontuação, acentuação, etc. conforme o conteúdo programático. Um dos textos foi usado nas avaliações para interpretação de textos e também em outras disciplinas.

Em outro momento a professora de Ciências foi ao campo e procurou com os alunos uma planta chamada Capim Anoni, uma praga trazida do exterior que hoje infesta os campos causando prejuízos. Em seguida, a professora de História com os alunos no laboratório de informática, pesquisou a origem desta planta, o país e o continente. A professora de Língua Portuguesa aproveitou e fez um texto coletivo com todas as descobertas.

Entre outros trabalhos, desenvolveu-se o projeto “Brincadeiras da Comunidade”, que envolveu toda a escola com pesquisas, confecção de material, registros, etc. e que, no final, originou outro projeto, “usando e reciclando”, quando foram confeccionados vários brinquedos, objetos a partir do “lixo”. Este projeto originou a 1ª Mostra de trabalhos dos alunos da escola, pois envolveu várias disciplinas incluindo até educação física, momento de integração com todos os alunos e também de outras escolas do município.

O importante foi o envolvimento de todos nas atividades, os alunos se sentirem valorizados em seus saberes, a alegria ao realizarem as atividades enfim, realizamos algo que não tínhamos um modelo a seguir, nós criamos o modelo e deu certo.



PROJETO LER FAZ BEM, CRIAR TAMBÉM

Mauro Ramis Ramos

Nathalia Mascarenhas Gotuzzo

Roberta Arbes Pereira

Escola La Salle de Ensino Fundamental Hipólito Leite
Pelotas/RS

O objetivo deste projeto é capacitar o aluno para uma leitura proveitosa e prazerosa, para que se torne capaz de interpretar e opinar sobre aquilo que leu, tornando-se um leitor autônomo e competente. Para isto era preciso: sanar dificuldades na leitura e na escrita, incentivar o aluno através de uma leitura dinâmica e reflexiva e integrar a família no processo.

Para atingir os objetivos foram realizadas três atividades a criação de uma Bibliocaixa, o lançamento de um livro da turma e um Simpósio de Literatura infantil.

A bibliocaixa é uma caixa com alguns objetos de leitura, tais como: 5 livros, 5 objetos (um objeto para cada livro) e um livro de registro. Este material era sorteado diariamente até que todos da turma participassem, sendo um dia para cada aluno levar para casa, executar a atividade junto com seus familiares e no dia seguinte apresentar para a turma.

Na sequência, cada aluno confeccionou o seu livro a partir das histórias estudadas na bibliocaixa, o trabalho aconteceu da seguinte forma: 1- depois de estudar as histórias cada turma escolheu uma delas e a escreveu de uma forma diferente, com um olhar próprio, sem mudar o seu contexto. 2- Após a escrita, os professores corrigiam e entregavam para que os alunos pudessem arrumar aquilo que não estava certo, após este momento montou-se o livro com os textos, cada página pertencia a um autor (aluno). 3 - No final do processo de confecção dos livros foi feito o lançamento dos mesmos com uma sessão de autógrafos.

O simpósio de Literatura infantil consistiu em duas tardes de atividades voltadas a Literatura, tais como: credenciamento, peças teatrais, oficinas e momentos culturais. A atividade foi realizada na escola com as três turmas de 3º ano e contou com a participação de pessoas de dentro e de fora da escola. No último dia os alunos receberam certificados de participação.

Desenvolver o hábito da leitura é um processo constante e que deve ser estimulado desde cedo nas crianças. Durante a realização do projeto a família e a escola foram mediadores de suma importância, pois através do exemplo e do estímulo despertaram o gosto e o prazer da leitura nos pequenos leitores.

Com a experiência a escola foi capaz de mostrar que o ato de ler é importante para a formação de qualquer pessoa, pois através da leitura é possível desenvolver várias áreas do conhecimento, bem como a imaginação, sentimentos, emoções e aprendizagens repletas de saberes significativo.

Sabendo disso o projeto “Ler faz bem, criar também”, alcançou seus objetivos e foi capaz de sanar uma das dificuldades das turmas, que era a escrita, além disso, propiciou aos alunos momentos de reflexão, compreensão e produção de atividades escritas e artísticas.



PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E GESTÃO DEMOCRÁTICA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DO CAMPO

Magda Gisela Cruz dos Santos
Juliana Sousa Almeida
Angélica Cristina Douglas Laner
EMEF Dr. Jaime Faria
Canguçu/RS

O presente texto tem por objetivo apresentar uma experiência de re-elaboração do projeto político pedagógico de uma escola do campo, a EMEF. Dr. Jaime Faria, no município de Cerrito.

Essa experiência é parte da investigação-ação realizada pelo Projeto Observatório da Educação do Campo/CAPES-INEP, junto a seis escolas do campo do Rio Grande do Sul, que tem como um de seus objetivos, o de realizar um diagnóstico sobre a realidade das escolas do campo na região sul do Brasil.

No contexto dessa escola, observou-se a necessidade de rediscutir o projeto político-pedagógico que até o momento representava apenas um documento formal. Constatou-se, ainda, a necessidade de um conhecimento mais aprofundado, pelos sujeitos daquele contexto, das principais problemáticas da realidade local. Neste sentido, iniciou-se o processo de re-elaboração do projeto político pedagógico da escola convidando toda a comunidade escolar para participar da etapa inicial, que se constituiu em momentos de estudos e reflexões e a realização de um diagnóstico sobre as principais problemáticas da realidade local.

Para a realização do diagnóstico, o grupo dividiu-se por segmentos e durante dois encontros discutiu as principais problemáticas da realidade local, as suas origens e implicações para a escola do campo, tendo como ponto de partida das discussões os eixos “trabalho, educação, moradia, saneamento, saúde e lazer”. No segundo momento, o diagnóstico foi sistematizado e apresentado em um seminário com a participação da comunidade e de lideranças do município.

Neste encontro, a comunidade expôs as problemáticas evidenciadas pelo diagnóstico realizado e coletivamente discutiu as possibilidades de avanço. Como uma das possibilidades apontadas pelo grupo, realizou-se a composição do conselho escolar, destacado como ferramenta de uma gestão democrática e de organização da comunidade em torno de suas demandas.

A partir desta experiência, que ainda está em fase de conclusão, é possível observar que o processo de re-elaboração do projeto político-pedagógico pode constituir-se em mais do que um espaço de discussão, estudo e reflexão sobre as problemáticas do campo e da escola, potencializando a organização das comunidades locais em torno de suas demandas. Observa-se que mesmo ainda em fase inicial este processo já apresenta resultados como o maior envolvimento entre comunidade e escola, a denúncia das problemáticas vivenciadas no cotidiano da escola e da comunidade e a maior atenção por parte das lideranças locais em relação a estas problemáticas, o que dentro dos limites da escola pode-se considerar um avanço significativo.



PROJETO SEMANA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS: ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA ALUNOS E PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Carla Vargas Bozzato
Macon Renato Ferreira Sampaio
ETE Profa. Sylvia Mello
Pelotas/RS

A escola, no contexto atual, sente necessidade de mudanças para romper com a fragmentação e enxergar as inúmeras relações estabelecidas entre as diferentes áreas do conhecimento, de propiciar um ensino contextualizado e relacionado com a realidade dos alunos. Esta situação suscitou a utilização da Pedagogia de Projetos, que está cada vez mais presente na área educacional, principalmente pelo seu caráter instrutivo, pelo enriquecimento da bagagem cognitiva, pela possibilidade de novas experiências e aquisição de habilidades. A Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello tem apostado neste tipo de metodologia desde 2004. O presente trabalho descreve a experiência do Projeto “Semana de Produção de Conhecimentos”, que ocorre desde 2008, com o objetivo de buscar a formação contínua de alunos e professores, qualificação do Ensino Médio, vivenciar práticas acadêmicas e aproximação com as Universidades locais. O evento oferece palestras, oficinas, apresentações culturais e visitação a museus e a unidades de ensino das Universidades locais. Os participantes também vivenciam práticas acadêmicas. A análise deste projeto faz parte de uma pesquisa de abordagem qualitativa fundamentada no pensamento ecossistêmico proposto por Maria Cândida Moraes (2008) e apoiada nos pressupostos de Maturana (2001). A análise Discursiva textual seguiu as orientações de Moraes & Galiuzzi (2011). Os resultados apontam que todos que participaram da Semana de Produção de Conhecimentos são receptivos ao evento e expressaram em sua escrita o quanto é instigante e prazeroso evidenciando ser um espaço de interação dialógica, de produção de conhecimentos, de troca de saberes, de vivências de práticas acadêmicas e a integração entre os segmentos da comunidade escolar. A partir dos resultados verificou-se que a cada ano aumenta o número de egressos do Ensino Médio que ingressam no ensino superior e nas instituições de ensino técnico para dar continuidade à sua formação levando a pensar que este projeto pode ser um dos fatores que evidencia este acontecimento.



PROJETO SOMOS IGUAIS MESMO SENDO DIFERENTES

Karen Garcia
Colégio Sinodal Alfredo Simon
Pelotas/RS

O projeto visa a estimular a percepção da criança em relação à diversidade, reconhecendo que algumas pessoas têm necessidades especiais, temporária ou permanente e que precisam do auxílio de outras; reconhecer que as pessoas são diferentes, independente das características físicas, do que pensam, de como se comportam e de onde vêm; compreender que o fato de uma pessoa ser de cultura, raça, religião e classe social diferente, não dá a ninguém o direito de tratá-las com indiferença e discriminação; propiciar a cooperação entre alunos, despertar a autoestima; identificar quais são os direitos dos cidadãos com necessidades especiais para que eles sejam respeitados; proporcionar aos alunos a convivência com as pessoas, orientando-os a respeitá-las como são, pois diferença não significa desigualdade.

Através do diálogo com a turma sobre quais são os temas ou situações que normalmente caracterizam preconceito livros foram disponibilizados e revistas variadas para uma pesquisa dirigida, solicitando que pesquisem nas fotos/imagens os temas discutidos (racismo, religião, necessidade especial) e, a seguir, fizeram desenhos apresentando as dificuldades encontradas, como: a falta de rampas, balcões altos, etc. Elaboramos um painel para representar a discussão, com textos, frases e imagens. Após a representação e do painel fixado na parede, nos preocupamos em propiciar a reflexão dos alunos sobre o que cada um faria para acabar com essa violência e preconceito. Em grupos, os alunos desenvolveram produções literárias e brincadeiras que levam ao exercício da cooperação, da solidariedade e do respeito; assistiram vídeos e escreveram uma carta ao prefeito reivindicando os direitos para as pessoas com necessidades especiais. Trabalhamos a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Os trabalhos foram compartilhados com outras turmas. Além de tudo isso, fizemos uma interação muito importante com instituições que trabalham com portadores de necessidades especiais. Foram feitas visitas na APAE e Louis Braille e eles também foram ao nosso Colégio nos visitar. Essa interação marcou positivamente todas as instituições envolvidas, pois estas fazem trabalhos artísticos e muitas vezes não têm muitos espaços para compartilhar com a comunidade e para o Colégio foi interessante acolher com igualdade pessoas diferentes.

A partir destas experiências os alunos tiveram uma maior visão das condições e das necessidades das pessoas que não são iguais a eles, mas que tem os mesmos direitos. Foi muito gratificante perceber que após vivenciar uma relação com os diferentes, os alunos ficaram mais solidários e tiveram ideias para ajudar nos enfrentamentos do cotidiano como na questão da acessibilidade. Muitos materiais foram produzidos a partir deste trabalho que evidenciam o sucesso do mesmo.



PROJETO: MAIS EDUCAÇÃO EXPLORANDO MÍDIAS E RECURSOS NO CAMINHO CERTO

Tabata Vieira Dias
IEE Ponche Verde
Piratini/RS

Inserir os alunos no processo de período integral na escola, proporcionando melhor desempenho nas tarefas, explorando ao máximo as mídias e os recursos da escola, aumentando o gosto pelo ato de aprender e para vivenciar novas experiências são os objetivos deste projeto.

Em setembro de 2012, iniciaram-se os procedimentos para a inclusão do projeto do Ministério da Educação “Mais Educação” na escola. Como atividade, nas oficinas de fotografia e matemática foi criado o projeto: “Mais Educação – Explorando mídias e recursos no caminho certo”, onde foi frisada a necessidade de usar o material do projeto e explorar todos os recursos da escola, mas cuidando com responsabilidade para que nada fosse danificado, nem desperdiçado.

Muitos alunos queriam usar as câmeras fotográficas do projeto sem os devidos cuidados; por isto, foi necessário colocar a regra: “sem cuidado, sem câmera”; foi explorada, também a variedade de utilidades do giz de quadro negro, como a criação de pistas de jogos no pátio, com desenhos feitos no chão, jogos cujas “peças” eram os alunos. As janelas próximas à quadra eram chamadas de “TV Escolar”, pois as turmas assistiam aos jogos das outras turmas, fazendo vídeos e torcidas animadas.

Foi feito um acordo com a turma que tinha notas baixas, que quem melhorasse as médias poderia escolher as atividades da próxima aula, para isso todo o conteúdo era estudado em detalhes com pesquisas feitas no laboratório de informática.

Inicialmente, a hora do almoço era tumultuada e havia desperdício de alimentos, fazendo-se necessário mostrar para as turmas a realidade de quem não tem nada para comer, nem um lugar digno para isso, fazendo com que eles pudessem ver a fatura que tinham. Igualmente, foi analisado o caso dos alunos que não queriam comer, então realizamos a pesquisa “Sou assim?”, quando consideramos a importância de cada vitamina e o que acontece se ela não for ingerida.

O projeto “Mais Educação” em conjunto com o complemento “Explorando mídias e recursos no caminho certo” continua em andamento, e os resultados são gratificantes, pois é fácil ver o contentamento das turmas ao falarem das atividades e até mesmo das regras. O cuidado com os materiais virou algo natural; as peças dos joguinhos não somem como antes. E toda escola se beneficia com essa nova realidade.

Aos poucos, as turmas se adaptaram às regras e melhoraram o rendimento nas disciplinas curriculares e também mudaram radicalmente o comportamento no café da manhã e no almoço; até mesmo alguns pais comentaram sobre a positiva mudança dos filhos, incentivando a continuidade do trabalho.



PROJETO: QUANTO MAIS ALEGRIA MELHOR COM CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO

Tabata Vieira Dias
Rita Hax
IEE Ponche Verde
Piratini/RS

Descobrir a capacidade de encontrar alegria na alegria dos outros, entendendo que essa alegria está dentro de cada um de nós e que sempre temos o poder de oferecê-la, já que para isso só basta imaginação, criatividade e boa vontade. Assim como entrar no mundo do imaginário para aprender novas maneiras de lidar com a vida e com os problemas que surgirem é o objetivo deste projeto.

Para atingir este objetivo era preciso: tornar a alegria presente no dia a dia da escola, trabalhar em equipe, imaginar mais e melhor e valorizar o trabalho dos professores.

O projeto foi realizado no período de abril a outubro de 2012, com uma turma de 26 alunos do 3º ano do fundamental. As atividades começaram com o trabalho de estímulo à imaginação usando a personagem “Yuka” que era a junção de imaginação, criatividade e bondade. Todos os dias as professoras falavam sobre a personagem e distribuíam textos, atividades, músicas e cartazes em nome dela, para que os alunos refletissem em temas como preconceito, *bullying*, gratidão e ajuda humanitária. Depois de pensarem sobre como era a personagem e de terem se afeiçoado a ela, tiveram a alegria de conhecer a Yuka que durante a visita e a sessão de fotos, lançou a campanha “Alegria em doar” quando a turma foi incentivada a arrecadar roupas, brinquedos, alimentos e livros que foram entregues à APAE. Antes de ir embora a Yuka analisou o mural “Comportamento Legal” para saber como estava o comportamento da turma.

Os alunos participaram do “Origami + imaginário”, onde cada um montou com dobraduras um raio de sol e escreveu algo que gostaria de fazer para ajudar alguém, após, em grupo encaixaram todos os raios formando o sol da união e confeccionaram o “Mural da alegria” onde, ao longo do tempo, prendiam coisas que transmitiam alegria.

Montaram com o vídeo “Todo bom começo tem um bom professor” e o texto “A história da grande torre”, um teatrinho que foi apresentado no auditório da escola no “Dia do professor”, estimulando o trabalho em equipe e a valorização dos professores.

Os resultados foram animadores: a turma se interessou por tudo que envolvia a Yuka; ficou mais unida e a cada nova atividade mostrava-se mais apta e alegre, isso comprova que quem “opta pela mudança, não teme a liberdade” (FREIRE, 1981, p. 34), e estimula as professoras a inovar sempre.

Principalmente, o projeto levou mais alegria para a turma, tornando-se um fator estimulante da imaginação, junto a um ambiente agradável ao aprendizado, que por sua vez priorizou o bem estar e o pleno uso da mente; esse conjunto de fatores trouxe satisfação às professoras e aos alunos enquanto estes descobriam que podiam ampliar seus “horizontes” por explorar a própria imaginação. A turma também teve alegria ao ajudar as pessoas que precisam não só de bens materiais, como também de carinho e atenção.



QUADRO POSICIONAL E OPERACIONAL INTERATIVO

Lucas Gonçalves Soares

Simone Nunes Schulz

Santa Irena L. Pereira

Secretaria Municipal de Educação e Esportes

Canguçu/RS

Estudos no âmbito da Educação Matemática têm mostrado que a maioria das pessoas que encontram dificuldades nesta disciplina ao longo da sua vida escolar, apresenta uma base curricular mal trabalhada nos anos iniciais. Surge então o desinteresse por não compreender os conteúdos que são abordados.

Em contrapartida, é notável o interesse dos educadores nos encontros de formação, cursos e oficinas, em busca de alternativas que possibilitem uma melhora ou mesmo possíveis contribuições nos processos.

Nossa Secretaria vem oportunizando, através de encontros de formação continuada, momentos em que discutimos os desafios e juntos apontamos e criamos alternativas para melhorar o trabalho em sala de aula. Nesta perspectiva, criamos um recurso didático que tem a finalidade de auxiliar a prática docente no ensino da Matemática para o Ensino Fundamental, principalmente para os Anos Iniciais, podendo ser estendido ao 6º ano/5ª série.

No trabalho Sistema de Numeração Decimal Posicional, todo o processo dá-se com o auxílio do Material Dourado Montessori. Após a compreensão das trocas de casas decimais com este recurso, passamos para a abstração, utilizando o quadro posicional geralmente copiado no caderno, o que não é atrativo para o aluno. Para tornar mais interessante essa troca, repentina e necessária, criamos um Quadro posicional e operacional interativo, confeccionado com EVA.

O recurso tem uma aceitação muito boa dos alunos e ajudou no trabalho dos professores. Vários conteúdos do Ensino Fundamental (1º ao 6º ano/ 1ª a 5ª série) podem ser trabalhados a partir deste material. Entre eles: Sistema de Numeração Decimal Posicional: Classes e Ordens (número e nome); Composição e decomposição de números; Valor absoluto e valor relativo; Leitura de número. Assim como: Operações fundamentais: Adição (com transporte de unidades para ordem superior); Subtração (com uso de recurso da ordem superior); Multiplicação.

Com a execução desta experiência, verificamos que os resultados foram positivos no que se refere ao aprendizado dos alunos, pois no início da experiência trabalhavam com os conteúdos de forma mecânica, sem mesmo entender os conceitos envolvidos, por meio dos recursos didáticos pudemos proporcionar um ambiente de discussão no qual eles puderam entender os conceitos envolvidos. Todo subsídio que auxilie no processo de ensino/aprendizagem em sala de aula é bem visto por nós professores, ainda mais sendo prático, interativo, dinâmico e de fácil confecção.



RECICLA! VAMOS APRENDER

Crislaine de Freitas Aires

EEEF Mal. Luiz Alves de Lima e Silva
Pelotas/RS

O presente trabalho vem mostrar um viés do ensino de educação ambiental trabalhado em 2013 no 4º ano do ensino fundamental da EEEF Mal. Luiz Alves de Lima e Silva - a Reciclagem. Teve como objetivo despertar nos alunos a conscientização para o problema do consumo de produtos que geram um desordenado crescimento do lixo no mundo, o que isso tem causado e o que acarretará para as futuras gerações. A intenção também deste projeto era que os alunos participassem como multiplicadores, levando para a comunidade os conhecimentos adquiridos, visando a modificar atitudes e práticas pessoais.

Todos os seres vivos se relacionam entre si e com o meio ambiente, porém apenas o homem atua conscientemente sobre ele. Assim, o homem tem sido responsável pelas grandes transformações devidas aos crescentes avanços tecnológicos após a Revolução Industrial, a qual permitiu a produção de bens de consumo em quantidade.

O artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabelece que: "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações".

É a partir deste artigo que o projeto "RECICLA: vamos aprender" procurou despertar nos alunos, a consciência para a redução do consumo e a reutilização de materiais, de forma lúdica e consciente. Contribuindo para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na preservação do meio ambiente. Assim, foram desenvolvidas diversas ações durante as aulas: questionamentos, pesquisas na internet, produções textuais, desenhos, confecção das lixeiras para a coleta seletiva e produção de uma paródia com o tema "reciclagem" desenvolvida coletivamente em sala de aula. Na culminância do projeto os alunos apresentaram seus trabalhos e ao decorrer do ano percebeu-se a interação dos alunos com atitudes conscientes com relação ao assunto. Viu-se que a interação dos alunos com o tema abordado alcançou os objetivos propostos no início. Sendo assim, o projeto tem sua continuidade neste ano de 2014, também com o 4º ano, com o mesmo propósito e renovando seu título "RECICLA! É na minha escola que eu vou ter essa lição".



RECICLANDO COM ARTE

Carmen Carvalho

EMEF Almirante Raphael Brusque
Pelotas/RS

Reciclar significa conservar o bem mais precioso que temos: a natureza. Através desse pensamento, refletimos, como educadores, sobre a importância de proporcionarmos aos nossos alunos, atividades que preparem para a vida, além do que é possível aprender no ambiente da sala de aula. Especificamente para os alunos que estão finalizando a última série/ano do ensino fundamental, o espaço do Telecentro, na E.M.E.F. Almirante Raphael Brusque, oportuniza a reciclagem de computadores através da arte. É um momento onde inicialmente, são identificadas peças básicas e importantes para o funcionamento de um computador, ao mesmo tempo em que a criatividade e a imaginação são despertadas, surgindo objetos como: porta-escova de dentes e creme dental, com o aproveitamento do mouse; instrumento musical, a partir do uso do teclado; porta lápis, confeccionado com disquetes e teclas; lixeira com a utilização do próprio monitor, todos com peças que podem ser reutilizadas. Reciclando com arte, os alunos passam a compreender melhor o verdadeiro significado do ensino de Ciências, valorizando e preservando o meio ambiente, pois reconhecem a importância do exercício da cidadania com responsabilidade. Além de integrar o ensino de Ciências e também da Arte, os alunos têm a oportunidade de vivenciar situações de aprendizagem em relação ao ensino de Inglês, pois a cada peça do computador que lhes é apresentada no momento da reciclagem, ou ao receberem informações sobre o seu funcionamento, surge também a curiosidade em conhecer o significado de expressões e/ou palavras como: *mouse, caps lock, back space, shift, delete, enter, firefox, windows, software*, entre outras. Enfim, a escola torna-se um espaço onde pequenas ações do cotidiano são valorizadas, contribuindo dessa forma, para a construção de uma aprendizagem significativa através da inclusão digital juntamente com a realização de atividades interdisciplinares.

RECONHECENDO OS MAIORES AUTORES DA LITERATURA INFANTIL

Rita de Cássia Dutra Morales Wickhboldt

EMEF Caldas Júnior
Turuçu/RS

O projeto interdisciplinar foi desenvolvido na E.M.E.F. Caldas Júnior, no município de Turuçu, nos meses de agosto e setembro de 2013. Entre os objetivos do projeto podemos elencar: desenvolver habilidades de leitura, interpretação e dramatização; reconhecer a importância dos



autores e de suas obras para a literatura infanto-juvenil brasileira; fomentar a criatividade e a ludicidade; propiciar espaços de discussão e de socialização dos resultados, envolvendo ações de cooperação, atitude e trabalho em grupo.

O trabalho com a literatura infanto-juvenil na sala de aula faz com que o educando e o educador entrem numa magia e viagem pelas histórias infanto-juvenis onde o mundo do faz-de-conta interfere por alguns momentos na realidade e vice-versa, tornando assim mais prazerosa e instigante a leitura de cada obra.

O projeto tem como ponto de partida o conhecimento dos autores e de suas obras e reconhece que a literatura infantil desperta a criatividade e o interesse dos alunos, desenvolvendo neles a imaginação, a criatividade, a expressão de ideias e o prazer pela leitura e a escrita. Também oportuniza situações, nas quais os alunos podem interagir no seu processo de construção do conhecimento.

Foram apresentados vários autores aos alunos. Cinco autores foram selecionados: Mauricio de Sousa, Pedro Bandeira, Cecília Meireles, Ziraldo e Monteiro Lobato. A partir desse momento, os alunos realizaram pesquisas sobre esses autores e suas obras. A seguir realizaram leitura das principais obras desses autores. Os alunos foram organizados em grupos para selecionar o material e escolher algumas obras para apresentação. Por último, confeccionaram material visual (coletânea de textos, teatro, máscaras, entre outros).

Como culminância do projeto foi realizada uma apresentação com dramatização das obras escolhidas. A montagem do cenário bem como o figurino foram realizados pelos alunos.

Os objetivos foram alcançados de forma satisfatória. Foi possível perceber o encantamento dos alunos com as obras publicadas pelos autores anteriormente citados. Através da arte, eles puderam expressar sua criatividade e dar vida a esses magníficos personagens.

O projeto articula-se com o eixo temático Escola e Conhecimento. A prática envolveu, principalmente, as disciplinas de língua portuguesa e artes, bem como aproximou os jovens educandos com os clássicos da literatura infanto-juvenil brasileira.

REGISTRANDO O TRABALHO RURAL ATRAVÉS DA ARTE

Sílvia Vargas Vasconcelos de Escobar Leitzke
EMEF Martinho Lutero
São Lourenço do Sul/RS

O relato, aqui apresentado, refere-se a uma experiência de prática pedagógica do ensino de Arte a partir da atuação docente na EMEF Martinho Lutero, situada na zona rural do município de São Lourenço do Sul/RS.

No interior do município a herança da colonização alemã é bastante preservada. Mais de 90% dos alunos são de origem pomerana, as famílias exercem atividade agrícola, e são formadas na sua maioria por pequenos agricultores que vivem principalmente da produção de



fumo.

A escola desenvolve uma pedagogia potencializada no incentivo e valorização da cultura popular e local, a partir de projetos que objetivam conservar a memória e a história da região. Anualmente, a escola se empenha na realização de festividades que envolvem o resgate da cultura local e dão visibilidade para toda a comunidade escolar dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos na escola.

A disciplina de Arte tem um papel importante no resgate dessa cultura local, devido às manifestações decorrentes de seu campo específico de conhecimento, e por proporcionar a experiência do fazer artístico contextualizado.

A partir da temática da festa escolar “Mão que trabalham, vidas que brotam”, foram desenvolvidas aulas de Arte com objetivos de valorizar o trabalho rural e vivenciar a expressão artística aliada ao desenvolvimento da imaginação criadora, da sensibilidade e da reflexão ao realizar e deixar fruir produções artísticas.

A metodologia utilizada nas aulas de arte da pré-escola ao 9º ano, primeiramente partiu da apreciação de imagens das obras de artistas de diferentes épocas, e que abordaram a temática do “trabalho rural” em suas obras.

A visualização destas imagens proporcionou uma aproximação e identificação de múltiplos sentidos que trouxeram significações para o fazer artístico dos alunos.

A partir da contextualização, observação, análise das articulações visuais, foi pedido aos alunos que registrassem a “lida rural” resgatando o sentimento de valorização do trabalho dos seus pais, através da expressão artística, privilegiando técnicas de desenho com lápis de cor na pré-escola e nos 1º e 2º anos, técnica de gravura no 3º, 4º e 5º ano, técnica de pintura no 6º ano e desenhos com lápis grafite nos 7º, 8º e 9º anos.

Através da exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos, os pais, bem como a comunidade escolar, tiveram a visibilidade do que vem sendo feito na escola para o resgate e valorização da cultura local.

Os resultados e a repercussão da exposição dos trabalhos apontaram que o ensino de Arte serviu como instrumento para a fomentação da consciência da importância do trabalho realizado pelos pais, como também um aumento e qualificação da sensibilidade, das experiências e vivências, além de possibilitar aos alunos o aumento do respeito ao exercício criador das próprias produções artísticas e dos colegas.



REINVENTANDO OS JOGOS ESCOLARES - JOGOS DE REBATER

Daniela da Silva Motta Bubolz

Janice Lubke

EMEF Presidente Getúlio Vargas

EMEF Francisco José Barbosa

Canguçu/RS

O Projeto tem o objetivo de integrar os alunos nas ações desenvolvidas na disciplina de educação física, buscando a sua participação ativa e autônoma, desde o planejamento, prática e avaliação das mesmas, construindo coletivamente, incluindo todos no processo e respeitando a diversidade.

Na busca pela melhor forma de desenvolver o esporte educacional em nossas escolas construiu-se este projeto no intuito de fomentar uma maior participação dos alunos nas atividades de aula e no desenvolvimento de valores necessários para a construção da cidadania, no sentido de contribuir para que os mesmos pudessem aprender a trabalhar em grupo, respeitando as diferenças individuais e as necessidades coletivas. Após apresentada, em sala de aula, a proposta de trabalho embasada na metodologia do IEE - Instituto Esporte Educação/Petrobrás, procedeu-se à organização dos alunos para seleção de jogos e adaptação das regras, sob orientação das professoras, seguida da prática desportiva na própria escola e culminando num evento integrando as duas escolas municipais a fim de trocarem experiências. Cada uma delas desenvolveu três modalidades distintas, finalizando o projeto com uma avaliação do mesmo por todos os envolvidos.

Através das constantes observações, aula a aula, podemos afirmar que os alunos mostraram-se mais ativos, críticos, responsáveis e autônomos na medida em que se tornaram autores de suas próprias práticas. Capazes de resolver problemas e conflitos nas aulas de forma coletiva, respeitando e cooperando com os colegas.

A experiência foi avaliada como bastante positiva porque possibilitou a participação efetiva dos alunos, identificando modalidades esportivas antes desconhecidas, adaptando e reconstruindo suas regras e materiais necessários à prática, aproximando o interesse do aluno da construção do conhecimento almejado. Eles passaram a desempenhar suas ações de forma coletiva e cooperada com os colegas e como sujeitos do processo, realizando desde o planejamento, a experimentação e a avaliação das ações, possibilitando que eles tomassem consciência da responsabilidade em que toda ação implica e ao mesmo tempo valorizando a Educação Física escolar como um espaço democrático e de exercício da cidadania.



RELEITURA DA OBRA *QUARTO EM*: PROCESSOS INVESTIGATIVOS NAS AULAS DE ARTES VISUAIS

Ângela Balzano Neves
EMEF Santa Teresinha
Pelotas/RS

No ano de 2010, trabalhei, na disciplina de Artes Visuais, com a imagem da obra *Quarto em Arles*, de Vincent Van Gogh, com alunos da 5ª série da EMEF Santa Teresinha. O trabalho de releitura desenvolveu-se em diversas aulas. Trabalhei a princípio com a atividade Desenho Ditado, exercício proposto pela arte-educadora Miriam Celeste Martins no livro *Temas e Técnicas em Artes Plásticas* (1987). Nesta atividade, o professor dita um desenho aos estudantes podendo ser figurativo ou não. Neste caso, ditei a imagem do *Quarto em Arles* especificando cada elemento e sua posição no espaço. A princípio disse aos alunos que iria ditar a imagem do quadro de um artista, sem comunicar o seu nome e o do quadro. Percebi que esse fato aguçou a curiosidade nos estudantes. Ao final da atividade, mostrei a imagem a eles e todos a olharam com afeição e de forma minuciosa, pois queriam verificar se o seu desenho ficou parecido com a obra do artista. A partir deste momento falei sobre Van Gogh, sua vida e obra e percebi o interesse no conteúdo apresentado. A seguir, propus aos estudantes que construíssem individualmente um cubo de forma tridimensional e desenhassem nas suas faces internas, um dos interiores de uma casa. Cada aluno escolheu um ambiente de sua preferência, como: banheiro, quarto, sala ou cozinha. Dando continuidade, sugeri que formassem grupos e construíssem interiores utilizando objetos tridimensionais. Expliquei aos estudantes que deveriam produzir os objetos com sucata, por exemplo, para produzirem um sofá poderiam utilizar caixas coladas entre si e forradas com tecido. Inicialmente, fizeram um projeto com a definição do interior escolhido pelo grupo e a lista do material que cada participante traria para a aula seguinte para a construção do ambiente escolhido. Os estudantes trouxeram, para a aula seguinte, diversos materiais, o que mostrou a motivação dos grupos e a continuidade do trabalho fora da escola, o que foi constatado pela pesquisa dos materiais usados na ação educativa. Criou-se um ambiente de descontração e ludicidade, mantendo a concentração necessária para a realização da tarefa sugerida. Os educandos expressaram sua criatividade ao redefinir as formas dos objetos trazidos de casa, criando diferentes possibilidades para os materiais pesquisados. Houve troca de ideias entre os grupos e a extrapolação do trabalho ao fazerem objetos móveis. Um grupo fez uma antena parabólica e outro um ventilador, ambos movidos a pilha. Esses grupos trouxeram para a escola o motor de seus brinquedos, para que dessem movimento aos objetos. Dessa forma, os alunos ultrapassaram as minhas expectativas diante da criatividade apresentada por eles ao solucionar problemas surgidos durante a realização do trabalho. Por meio dessa experiência estética os estudantes vivenciaram momentos do processo e produção educativos, tendo a oportunidade de compreender a arte e constituírem-se em sujeitos estéticos.



RELIGIÃO – ATO SEXUAL E HOMOSSEXUALIDADE

Marlily Dos Santos Duarte
Patrícia Bohmer Radatz
Thaine Brede Mota
ETE Canguçu
Canguçu/RS

Este projeto de pesquisa aborda o tema “Religião contra sexualidade”. Através dele, procuramos identificar os principais problemas, críticas e diferentes opiniões a favor e contra esse assunto, no município de Canguçu, onde moramos, em comparação com outros locais. Ao longo da pesquisa analisamos o material colhido em fontes bibliográficas, entrevistas e enquetes feitas pela internet, realizados ao decorrer da prática do projeto. Assim objetivamos desenvolver o conhecimento sobre a rivalidade entre a crença religiosa e os seres sexuados, refletindo sobre os preconceitos em diferentes tempos da história humana e os sentimentos dos indivíduos divididos entre esse embate.

Através desta pesquisa observamos que muitas crenças religiosas interferem na vida sexual das pessoas. Tais crenças participam da vida humana, tendo como dogmas não permitir relações sexuais antes do enlace matrimonial e sendo contra o uso de métodos contraceptivos.

Outro ponto observado é quanto à opção sexual, pois a maioria das religiões só aceita determinada escolha, o heterossexualismo, e submetem todos indivíduos a isso. No entanto, nem todas as religiões reprovam explicitamente a homossexualidade; algumas meramente omitem considerações a respeito. Justificam-se manifestando que a mitologia grega é rica em fonte de histórias de amor e relação entre figuras do mesmo sexo, demonstrando que, ao longo da história, o amor e o sexo entre homossexuais, especialmente homens, eram tolerados e também instituídos em rituais religiosos. A sexualidade faz parte da vida humana assim como a religião. Esses são dois elementos essenciais à existência.

Percebemos no decorrer do trabalho que, muitas vezes, ocorre a rivalidade entre religião e seres sexuados, pois existem inúmeras e distintas opiniões. Na questão do ato sexual, a igreja é contra a banalização, pois acredita que é um ato sublime e sagrado que não deve ser realizado em busca de prazer. Conforme pesquisas que realizamos, notamos que as pessoas sentem-se perturbadas quando as demonstrações de carinho ocorrem em locais públicos, inclusive acham que seria “má” influência para crianças. Através de uma entrevista com homossexual constatamos o quanto sofrem com o preconceito e revisamos muitas convicções pessoais.

A experiência de poder pesquisar, entrevistar e aprender com a dor, a alegria e o modo como as pessoas levam a vida, mesmo diante de tantos embates, é uma retribuição para o nosso cansaço diante de uma longa e árdua pesquisa. Acreditamos que a aplicação da pesquisa no ensino médio trouxe grandes desafios, bem como muitas oportunidades; reconhecemos que para o nosso presente e futuro esse posicionamento de pesquisador é importante para o que buscaremos realizar em nossas vidas.



RESGATANDO OS VALORES DO RINCÃO DOS MAIA

Paola Pety Barreto
Robert Ferreira Braga
EMEF Vinte de Setembro
Canguçu/RS

Este trabalho teve como objetivo conhecer e valorizar a cultura local, socializar os resultados dos estudos realizados e proporcionar uma troca de saberes na comunidade na qual a escola esta inserida – o Rincão dos Maia, no 1º Distrito de Canguçu/RS.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa através de questionário respondido pela comunidade, buscando conhecer a realidade de cada uma das famílias dos alunos. Compreendendo que o indivíduo, na construção de sua identidade, necessita conhecer suas raízes e o processo de formação dos valores culturais, econômicos e sociais do lugar onde vive e que a educação deve ser um veículo de promoção de cultura.

Concluiu-se que a maioria das famílias são compostas por três ou quatro membros e tem origem portuguesa, as atividades econômicas que geram o sustento dessas famílias são plantio de feijão e milho. O arroz e o feijão são as comidas típicas da região. Constatou-se também que uma minoria das famílias entrevistadas não recebe algum tipo de benefício do governo. A maioria possui Ensino Fundamental Incompleto, a religião predominante na comunidade é a Católica e a atividade de lazer que mais frequentam são os Eventos Religiosos.

O trabalho despertou na comunidade escolar interesse em saber mais sobre suas origens, resgatando valores que até o momento haviam sido esquecidos. Através deste resgate percebemos que a população passou a ter orgulho da sua história, dos costumes de seus antepassados, demonstrando interesse em continuar buscando novas informações, através de outras pesquisas.

RESSIGNIFICANDO A GEOMETRIA COM O USO DO GEOGEBRA

Luciano Bender
Rosiane Thurow Bender
EMEF Sady Hammes
São Lourenço do Sul/RS

Este trabalho relata uma experiência realizada durante o Estágio Curricular, do Curso de Licenciatura em Matemática à Distância, da UFPEL, na EMEF Sady Hammes, com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, em 2013, no município de São Lourenço do Sul.



Consistiu na utilização do *software* Geogebra para introduzir os conceitos geométricos de feixe de retas paralelas e concorrentes e objetivou analisar como os alunos vêem o uso de computador com *software* de geometria dinâmica.

Lorenzato (1995) diz que a geometria possibilita uma forma completa de interpretar o mundo que nos cerca e de compreender a matemática de uma maneira mais equilibrada. No entanto, poucos alunos gostam de geometria do que decorre o fracasso no aprendizado. Ao utilizar este *software* de geometria dinâmica, demonstro que não são necessárias construções complexas, que acabam por inibir um provável professor iniciante em seu uso. Desenhos simples, associados ao movimento dos entes geométrico, que é o diferencial neste tipo de *software*, e questionamentos oportunos, produzem um resultado muito eficiente. "Neles o estudante, através dos recursos de animação, pode construir, mover e observar de vários ângulos as figuras geométricas e os invariantes que aí aparecem correspondem às propriedades geométricas" (ALBUQUERQUE, 2008, p. 13).

Após a realização da experiência, os 18 alunos presentes em aula responderam a um questionário sobre o uso do Geogebra na aula de geometria, tendo-se verificado que 100% dos alunos aprovaram a aula com este recurso, sendo que 72% relacionaram a justificativa com a melhor compreensão, 11% à atratividade e 17% a ambas. Concluiu-se que o uso de *software* de geometria dinâmica contribui significativamente para tornar as aulas de geometria mais atrativas e auxiliou na compreensão dos conceitos.

RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Irena L. Pereira

Vera Griep

Lucas G. Soares

Secretaria M. de Educação e Esportes

Canguçu/RS

Não podemos mais pensar em qualidade na Educação sem mencionar a formação continuada de professores, acreditamos que juntamente com a formação inicial esta é determinante para o sucesso do fazer pedagógico nas escolas. É fundamental que os governos priorizem políticas públicas para a formação inicial e continuada de seus profissionais.

A escola está desempenhando vários e novos papéis na sociedade atual, este vem sendo um campo de constantes mudanças, e o profissional da educação tem um papel central: é ele o responsável pela mudança de atitude e pensamento dos alunos. Vemos o professor/educador que trabalha com alunos nessa fase do desenvolvimento como determinante no processo de gosto pela Educação formal, ele é o primeiro contato do aluno com a instituição escola. Sendo a representação da mesma, deve colocar-se como mediador no processo de construção do conhecimento, no processo educativo dos alunos.



A formação continuada é o caminho para que tenhamos um profissional sempre atualizado, motivado com seu fazer e que repensa suas ações pedagógicas em sala de aula. Tendo isso como base e princípio, propomos encontros de formação continuada para os professores da Rede Municipal de Ensino de nosso município, buscando cada vez mais qualidade no processo educativo da rede e também uma proximidade entre os profissionais das escolas, equipe da Secretaria Municipal de Educação e Esportes - SMEE e demais envolvidos no mundo da Educação Infantil.

Nos encontros, propomos uma reflexão sobre o trabalho que o profissional realiza, sempre com o objetivo de ressignificar sua prática, agregando conhecimento e embasamento. O processo dá-se através da troca de experiências e do diálogo sobre vários assuntos, que são escolhidos a partir da demanda levantada por eles.

As formações estão organizadas de maneira a fazer consultas aos educadores, visando colocarem as suas angústias, aflições e dúvidas. A partir destas demandas foram escolhidos assuntos que sulearam as formações. Entre eles: Cuidar, Educar e Brincar; Musicalização; Atividades experimentais no Ensino das Ciências; Etapas de desenvolvimento; Práticas pedagógicas com crianças; Literatura Infantil; Estudo de documentos; Oficinas de práticas pedagógicas e jogos didáticos; e Avaliação.

Os profissionais avaliaram positivamente, relataram que a troca de experiências é muito importante, pois se reconhecem na fala dos colegas e nela buscam ideias e soluções, ao mesmo tempo podem, através da sua prática, apontar soluções e dar ideias para os colegas. Sentem que os assuntos debatidos nas formações vêm ao encontro do que eles buscam, pois as formações são pensadas a partir das demandas trazidas por eles.

SALA DE RECURSOS - ATENDIMENTO AOS ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Elizeuma Kerstner Otero Avila
EMEF Dr. Jacques da Rosa Machado
Cerrito/RS

A Sala de Recursos tem como objetivo proporcionar um atendimento especializado aos alunos que apresentam necessidades próprias e diferentes dos demais no domínio da aprendizagem, no que corresponde à sua idade e, por isso, requerem recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicos. Neste sentido, desde 2002, vem-se desenvolvendo ações significativas em escolas do município de Cerrito. Observa-se que os alunos encaminhados pelos professores e que frequentam regularmente a Sala de Recursos, em turno inverso ao das aulas regulares, têm reduzidos os problemas vivenciados diariamente no âmbito da aprendizagem escolar, fazendo com que todos tenham oportunidade de atingir o seu potencial máximo.

No ano de 2013, conscientizando e fazendo respeitar a História de Vida em jogo, no



nosso agir como escola, família, comunidade e outros profissionais, juntos aprendendo a perceber e saber conviver com as diferenças, todos os alunos que chegaram ao 3º ano do Ensino Fundamental sem o domínio da leitura conseguiram a sua aprovação para a série seguinte.

Falar de Necessidades Educacionais Especiais implica enfatizar aquilo que a escola pode fazer para compensar as dificuldades dos nossos alunos. Entende-se que para aprender deve haver um caráter interativo que não depende apenas das limitações dos alunos, mas também das condições educacionais que lhes são oferecidas, tornando a escola inclusiva na construção do conhecimento. Acredita-se que o aluno deve primeiro conhecer a sua História de Vida para depois conhecer o mundo da escrita, leitura e interpretação, sendo este o trabalho desenvolvido e que vem dando certo na nossa Escola.

SAÚDE: CONSCIENTIZAÇÃO + ATITUDE = QUALIDADE DE VIDA DO HOMEM DO CAMPO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Cléia Beatriz Aires Gomes
Roberta Fick Gonçalves da Silva
EMEF Dr. Jaime de Faria
Canguçu/RS

O trabalho desenvolvido tem o intuito de valorizar a família, o ser humano, a vida e o meio ambiente promovendo um olhar crítico sobre a maneira com que estamos agindo diante das situações que experienciamos. Assim como, visa a demonstrar o valor do trabalho para o homem do campo, a importância que tem o lazer e a busca pela qualidade de vida, bem como a conscientização de que não somos nada sozinhos, difundindo a cidadania por meio de ações diárias e contínuas.

Nossa prática teve como objetivo proporcionar atividades na disciplina de Língua Portuguesa a partir do projeto gerador da escola - Saúde: Conscientização + Atitude = Qualidade de vida do homem do campo. Com o propósito de incluir todos os alunos nas tarefas propostas, valorizamos as características individuais, oportunizamos, através desse trabalho inclusivo, meios para que ampliem a criticidade e a exposição de ideias, a valorização dos diferentes saberes e a cultura da comunidade permitindo a construção do conhecimento a partir de atividades prazerosas.

Em Língua Portuguesa, realizamos acrósticos, placas com verbos no modo imperativo, uma página no facebook, questionários para a família, poesias, paródias, cartazes, slogans, leituras, estudo do vocabulário e a produção de um folder para divulgação do projeto. Fomos sempre amparados com a sala de recursos e pela profissional que atua nela, aprimorando e contribuindo nas atividades desenvolvidas, possibilitando que os trabalhos realizados tivessem abrangência na comunidade, contribuindo para o aprimoramento da leitura em família e o conhecimento do que são capazes de fazer em sala de aula, com o objetivo de valorizar o trabalho



do campo, mas também as oportunidades de lazer e tempo familiar.

Desse trabalho, podemos concluir que dos quarenta e quatro alunos do turno da manhã, dos quais seis apresentam laudo de algum tipo de deficiência ou necessidade educacional especializada, todos foram engajados em nossa prática docente, com isso houve o desenvolvimento da escrita, da produção oral e da pesquisa. Percebemos que atuaram de forma positiva e autônoma das atividades desenvolvidas sendo capazes de atuar na sociedade como cidadãos conscientes de seus atos e capazes de tomar decisões e se posicionarem frente a situações adversas vividas tanto no contexto educacional quanto social e afetivo. Ao analisarmos a vida que levam no meio rural, percebemos que precisam aproveitar mais a vida e as oportunidades oferecidas, confirmando que trabalhar é muito importante e indispensável para a manutenção da vida deles no campo. Porém desenvolver ações que promovam o diálogo entre a família e também o senso crítico são momentos ricos e surtem efeitos em sala de aula que não serão esquecidos no futuro.

SIGNIFICANDO AS AULAS DE HISTÓRIA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Lúcia Helena Mendes da Rosa

EEEF Laura Alves Caldeira

Capão do Leão/RS

O presente trabalho apresenta a prática pedagógica de um projeto que integra alunos de duas turmas do Ensino Fundamental na Escola Estadual Laura Alves Caldeira situada no município do Carão do Leão/RS. As turmas envolvidas são o 3º ano das séries iniciais e a 6ª série das séries finais do Ensino Fundamental. O projeto teve como objetivo trabalhar os diferentes aspectos da cultura afro-brasileira e identificar as contribuições que estes povos deram para a formação da cultura brasileira. Inicialmente, as turmas realizaram atividades em grupo que tinham como foco uma pesquisa dos diferentes aspectos da cultura afro-brasileira e suas contribuições para a cultura brasileira. As descobertas das pesquisas foram sistematizadas de forma que ocorresse uma socialização entre os grupos e gerou um rico debate e reflexões sobre o assunto tratado. Após a reflexão, os alunos realizaram uma pesquisa de campo quando participaram de uma aula passeio para visitar e conhecer o Quilombo Alto do Caixão, em Pelotas, momento em que eles tiveram a oportunidade de conhecer e conversar com os integrantes daquela Comunidade. No retorno desta atividade extraclasse, foi feita a socialização da experiência e a relação com o conteúdo estudado em sala de aula e a apresentação das conclusões de seus trabalhos. As turmas fizeram também, na escola, uma oficina sobre as brincadeiras e jogos de origem africana. O trabalho culminou com a produção individual de um texto sobre o que aprenderam e experimentaram no decorrer do projeto, estes textos foram socializados com os colegas e a professora em sala de aula.

Na conclusão do trabalho foi possível observar que os alunos conseguiram estabelecer



uma relação do conteúdo estudado e trabalhado em sala de aula com o que viram e ouviram na visita ao Quilombo. O projeto teve como fundamentação Tiradentes e Silva (2009) e Lopes (2008).

SIGNIFICANDO AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E ARTES NUMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR: QUANDO O ALUNO VIRA AUTOR

Ana Cláudia Xavier Weinerth

Gisele Ramos Lima

Silvana Carret Zanetti

EEEF Laura Alves Caldeira

Capão do Leão/RS

O presente trabalho apresenta a prática pedagógica de um projeto interdisciplinar entre Arte e Língua Portuguesa que está sendo desenvolvido nas turmas das séries finais do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Laura Alves Caldeira, situada no município do Capão do Leão/RS. O trabalho tem o objetivo de provocar nos alunos o gosto pela escrita e pela ilustração de textos a fim de despertar-lhes o interesse, iniciativa e autonomia na produção escrita e, desta forma, significar o estudo e o aprofundamento dos conteúdos escolares. Ainda pretende-se que os alunos percebam as diversas formas de uso da linguagem expressa nos gêneros textuais trabalhados e a sua potencialidade como instrumento de comunicação e de uso no cotidiano, no sentido de compreensão e transmissão de ideias, fatos e sentimentos, sob forma oral e escrita. O domínio destas habilidades facilitará ao aluno o aprendizado nas outras áreas do estudo. No decorrer do trabalho com as turmas a professora de artes vem refletindo com os alunos sobre a importância da ilustração nos diversos gêneros textuais, considerando que hoje mais do que nunca vivemos em um mundo permeado por imagens cheias de significados. Nas aulas de Língua Portuguesa a professora trabalha o incentivo à leitura e à produção de gêneros textuais diversos no intuito de que os alunos se autorizem a escrever e assumam o lugar de autoria de seus textos. Os gêneros trabalhados são história em quadrinhos, jornal, literatura infanto-juvenil, entre outros. Na medida em que a professora apresenta e explora determinado gênero textual, chama a atenção para a adequação da linguagem, a coerência e a coesão, a acentuação, a pontuação, a ortografia, o vocabulário e a intencionalidade na produção dos textos. Este exercício sempre tem presente que eles serão autores de textos lidos por outras pessoas e por esta razão necessitam de atenção com a correção da escrita. Com este trabalho os alunos significam a leitura e a escrita e percebem o real significado desta tarefa, ou seja, escrevemos para que alguém, além da professora, leia, já que os textos no final do projeto serão impressos e publicados na escola para circularem entre os outros colegas. Como resultado parcial, as professoras percebem uma melhora na escrita de seus alunos e um maior interesse na realização das atividades escolares. Para desenvolver este projeto usaram-se como fundamentação teórica os seguintes autores: Geraldini (2003, 2004), Freinet (2000), Possenti (2004), Lerner (2002), Morais (2003) entre outros.



SITE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESPAÇO DE BUSCA DE INFORMAÇÕES

Lisiane Jaques Rodrigues Scherwenske
Maria de Fátima Duarte Martins

IFSul
UFPEl
Pelotas/RS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino repleta de especificidades que vem se firmando no cenário da educação brasileira ao longo dos anos. Para alguns autores, como Freire (2011, p. 21), a EJA “viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que tínhamos há poucos anos atrás”. Contudo, apesar do crescimento das discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos, há uma lacuna no que tange à formação dos professores que atuam nesta modalidade. As deficiências deixadas na formação inicial dos docentes remetem à realidade vigente, ou seja, muitos profissionais que atuam na formação de estudantes do ensino regular de nível Fundamental e Médio são os mesmos que trabalham com os jovens e adultos da EJA, mudando apenas o turno das aulas (BEDOYA & TEIXEIRA, 2008). Este quadro não se modifica, quando, de maneira mais específica, a análise passa a ser acerca do professor de Matemática que foi chamado/convidado/convocado para fazer parte do corpo docente na EJA. A constatação torna-se preocupante, uma vez que um fator forte que gera a necessidade de voltar ou começar a estudar seria justamente o anseio por dominar conceitos e procedimentos da Matemática (FONSECA, 2007). Atentando para estes fatores a presente pesquisa preocupou-se em ouvir, através de um grupo focal, professoras de Matemática que atuam na EJA na rede municipal de Pelotas. Durante o encontro, as docentes discutiram sobre aspectos relacionados à Educação de Jovens e Adultos no contexto geral, e, principalmente, refletiram sobre a prática na disciplina de Matemática apontando aspectos que gostariam de conhecer e situações metodológicas em que precisam de sugestões para desenvolver nas suas aulas com jovens e adultos. Com base nas informações, criou-se o *site*: Educação de Jovens e Adultos, disponível no endereço: <http://lischerwenske.wix.com/educajovenseadultos>, visando a proporcionar aos professores da EJA, com maior intencionalidade os de Matemática, um ambiente no qual possam encontrar informações acerca da EJA, bem como sugestões de atividades didáticas. O *site* é composto pelas seguintes páginas: resgate da história da EJA, Matemática na EJA, legislação e atividades *online* para o ensino de Matemática. Destaca-se que este trabalho originou-se das necessidades relatadas pelas professoras participantes da pesquisa, proporcionando um conhecimento sobre aspectos que ficaram pendentes na formação inicial que não abrangeu esta modalidade de ensino. Além de apresentar metodologias que podem ser desenvolvidas em conteúdos que as docentes destacaram dificuldades para trabalhar com alunos jovens e adultos.



SR. MATEMÁTICO: PROFESSORES SENDO DESAFIADOS A ENFRENTAR PROBLEMAS

Aline Vieira da Cunha
Carla Adriane dos Santos Alves
EMEF Machado de Assis
Pelotas/RS

Buscar compreender com maior densidade a não aprendizagem dos alunos é um exercício constante realizado pelos professores da Escola Machado de Assis, do município de Pelotas/RS. Assim, num movimento de avaliação e pesquisa eles se engajaram na busca do entendimento sobre as dificuldades dos alunos em resolver problemas matemáticos.

Foi constatado pelos professores que 80% dos alunos da escola não conseguiam resolver problemas de forma autônoma, e, mesmo que as respostas encontradas fossem corretas, o entendimento e a apropriação dos procedimentos utilizados resumiam-se a técnicas ou suposições baseadas apenas nas operações. Como consequência, envolveram-se no planejamento de um projeto que visou à superação de tal dificuldade.

Um primeiro movimento epistemológico dos professores foi compreender, na radicalidade, que ações seriam necessárias, por parte dos alunos, para resolverem com êxito os problemas propostos. Um segundo movimento pedagógico foi o de buscar estratégias diferenciadas, como forma de potencializar a mediação e a proposição do professor, no sentido de trabalhar diretamente com as dificuldades vislumbradas.

A pesquisa nos alertou para o fato de que a dificuldade dos alunos em resolver os problemas estava mais localizada na sua interpretação, do ponto de vista da comunicação, e a partir disso na elucidação da ação matemática envolvida para então relacionar com as notações matemáticas e os algoritmos.

As estratégias metodológicas constam de: a) entrega, pelo Senhor Matemático, de desafios matemáticos às turmas; b) buscas para resolver os desafios através de desenhos; c) apresentação das soluções encontradas para todos os colegas e professores do turno.

Para além das propostas, temos nos mantido em constante avaliação, localizando na dimensão docente os limites das formas de mediação que precisam ser problematizadas no sentido de levar o aluno a: a) compreender de forma autêntica a questão que busca resolver; b) estabelecer um plano de ação, a partir de estratégias diferenciadas; c) a busca dos dados necessários para colocar o plano em ação; d) a realização do plano; e) a verificação da efetividade do plano e da veracidade das respostas obtidas.

Temos evidenciado que precisamos qualificar a forma de mediação pedagógica no sentido de mediar o processo do aluno na construção do seu conhecimento e que, para tanto, necessitamos nos distanciar de velhas práticas que constata a não proficiência do aluno ou explicitam os passos para chegar à resposta. Precisamos redefinir a forma de mediação a partir do questionamento que leve o aluno a construir conhecimento, o que nos faz enfrentar a situação de não mensuração do conhecimento do aluno de forma imediata.

A formação, pesquisa, reflexão e socialização da prática constante nos apontam



caminhos possíveis e este é mais um dos nossos desafios.

SUPERVISÃO DO PIBID: UM PROCESSO COLABORATIVO E DE FORMAÇÃO DOCENTE NO IEEAB

Elenice Botelho Antunes

IEE Assis Brasil

Pelotas/RS

Este trabalho tem a intenção de apresentar o trabalho colaborativo, realizado em turmas de 3º ano de Ensino Médio, do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil em 2013, entre as bolsistas da área de Letras e a supervisora da escola, participantes do PIBID/CAPES/UFPel. O processo de elaboração do trabalho foi dirigido e operacionalizado em três fases: planejamento, execução e avaliação. A atividade produziu resultados positivos para as estudantes que se preparam para atuar como titulares em sala de aula e para os alunos que participaram de aulas dinâmicas e apresentadas em grupo.

O universo escolar exige do professor um perfil de profissional capaz de se adaptar às constantes transformações pelas quais passam a sociedade, sejam essas de ordem econômica, educacionais, política ou tecnológicas. Ignorar essas transformações é fadar o trabalho em sala de aula a um momento sem conexão com a realidade, portanto, pouco interessante para os envolvidos no processo de aprendizagem.

A realidade concreta de uma escola ainda é um assunto distante para muitos estudantes das licenciaturas já que, na sua maioria, só passam a conhecer de fato esse universo quando chegam às escolas para cumprir seus estágios. O estágio é um momento de grande ansiedade, que acaba por gerar muitos conflitos entre o que os estudantes aprendem na Universidade, entendem por prática em sala de aula e o que de fato é essa prática.

A partir dessa perspectiva, o trabalho a ser analisado, apresenta a construção de um processo colaborativo e de formação entre a professora supervisora do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e de quatro bolsistas do curso de Letras dessa instituição, atuantes no projeto de área, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB), entre os anos de 2012 e 2013.

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar uma possível forma de construção do aprendizado de forma colaborativa entre os pares e a importância do papel do professor supervisor do PIBID como um elemento importante para a formação do bolsista bem como para a reflexão das práticas de ambos.

O constante acompanhamento da supervisora ao trabalho das bolsistas para a realização das oficinas de Letras com uma turma do 3º ano do Ensino Médio foi uma tentativa de proporcionar para as futuras professoras a possibilidade de construir um trabalho mais



consistente, reflexivo e seguro. Assim como, de reconhecer e avaliar o papel de mediador do professor no espaço da sala de aula, proporcionar aulas de redação mais interessantes para os alunos concluintes no Ensino Médio e, assim, estabelecer uma relação mais pertinente dos conteúdos trabalhados com a realidade concreta dos alunos.

TEATRO-IMAGEM E TEATRO-FÓRUM NA ESCOLA PÚBLICA: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁXIS EM PIRATINI/RS

Dirlei de Azambuja Pereira

Darlene Rosa da Silva

Fabiane Tejada da Silveira

FaE/UFPeI

IFSul/CAVG

Centro de Artes/Teatro/UFPeI

Pelotas/RS

O modelo social-capitalista produz, cotidianamente, a opressão, a violência (seja ela explícita ou simbólica), as desigualdades de classe e de gênero, entre tantas outras mazelas que têm como objetivo a preservação de sua organização. Compreender criticamente essa ordem instaurada não é tarefa fácil, pois requer, daqueles que se empenham nessa caminhada, a necessidade de refletir de maneira rigorosa, global e radical sobre como o capital se articula e como explora homens e mulheres. Com o escopo de constituirmos um espaço de problematização acerca do anunciado, no ano de 2013, foram desenvolvidos dez encontros (em turno inverso ao das aulas) com oito educandos do 5º Ano da E. E. E. F. Ruy Ramos, localizada em Piratini/RS/Brasil. Assim, com base no aporte teórico-metodológico do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, e a partir de suas técnicas do Teatro-Imagem e do Teatro-Fórum, buscamos dialogar com esses estudantes a respeito da opressão e de sua manifestação em diferentes contextos. Nos primeiros encontros, refletimos sobre a proposta teatral de Boal e as situações desumanizadoras que os educandos já tinham presenciado ou visualizado. Foi um momento de proeminentes análises e que oportunizaram, por conseguinte, o avanço qualitativo na direção de compreender a opressão nas relações estabelecidas entre os homens e o modelo social vigente. Construído esse movimento, os educandos fizeram pesquisas de imagens que simbolizassem pessoas sendo oprimidas. De posse dessas fotografias, e após uma significativa discussão sobre elas, os estudantes as materializaram com seus corpos. Na fase seguinte do projeto, ocorreu a montagem de esquetes, que tratavam da mesma temática (a opressão). Novamente, tivemos a oportunidade de debater sobre essa problemática e refletir acerca das possibilidades concretas de superação das situações observadas. A título de exemplificação, no caso do Teatro-Imagem, as duas imagens representadas foram de uma briga entre estudantes na escola e em uma família, que vivia na periferia de uma grande cidade e que tinha vergonha da sua condição de pobreza. Já no caso do



Teatro-Fórum, tivemos uma cena sobre *bullying* na escola e outra que retratava uma senhora de classe alta que oprimia a sua empregada doméstica. Cabe destacar que os educandos criaram as cenas e os diálogos nelas contidos. Salientamos ainda que tanto as cenas do Teatro-Imagem como as dramatizações do Teatro-Fórum foram apresentadas à turma do 5º Ano, com o objetivo de problematizarmos com todos os educandos algumas das situações desumanizantes que estão presentes em nossa realidade. Ao dialogarmos com toda a classe, foi possível ampliarmos a análise acerca da proposta e refletirmos sobre como o espaço escolar pode ser um importante lugar para fazer emergir a consciência crítica em torno da opressão. Em continuidade ao projeto (e a pedido dos educandos), no ano de 2014, os encontros estão sendo realizados e propiciando outras luzes sobre o tema da opressão.

TEU OLHAR, NOSSO OLHAR APONTANDO CAMINHOS PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS

Mari Regina Rocha Janke

IEE Ponche Verde

Piratini/RS

Pensar o ensino das Ciências como uma disciplina importante no currículo dos anos iniciais é perceber a natureza como um todo dinâmico e a sociedade humana como agente de interação e de transformação com e do mundo em que vive. Partindo dessa premissa, venho compartilhar parte de minha experiência como educadora no Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, de Piratini/RS, com uma turma do 3º ano do Curso Normal. O trabalho que procurei desenvolver tinha como intuito possibilitar o conhecimento e a interação das alunas com o cotidiano da sala de aula, viabilizando a pesquisa e a construção de atividades lúdicas a partir das observações do que era ensinado-aprendido pelos alunos dos anos iniciais nas aulas de ciências. Da mesma forma provocar a reflexão das alunas do curso Normal sobre as práticas pedagógicas ministradas nessa disciplina. O trabalho constituiu-se de duas observações em cada turma (o critério de participação foi por adesão ao projeto) e entrevistas com as professoras titulares. Nas aulas de Didática das Ciências Naturais foi realizada a análise das observações e das entrevistas, tendo como suporte um referencial que aborda as ciências como colaboradoras nos avanços científicos e tecnológicos da conjuntura atual e, de maneira peculiar, no processo formativo do cidadão. Após os estudos e a análise das observações e entrevistas, o passo seguinte foi contribuir com “nosso olhar” para o cotidiano das aulas de ciências a partir de pesquisa e construção de atividades lúdicas e recreativas para a aprendizagem significativa dos alunos. Numa sociedade tecnológica, não poderíamos deixar de levar em consideração os jogos digitais, então, fizemos um apanhado de jogos interativos que trabalhassem os conteúdos de ciências. Todas as atividades pesquisadas incluindo os jogos interativos foram sugeridas às professoras titulares, como ferramenta para subsidiar a elaboração dos planos de aulas. O diário de bordo foi componente essencial no projeto; através dele as alunas puderam se debruçar sobre suas ações e inferir em



suas futuras práticas como educadoras. No término do projeto, as alunas responderam a todos os objetivos propostos e com isso, o trabalho desvelou com notoriedade a ideia de que o ensino-aprendizagem das ciências, anos iniciais do ensino fundamental torna-se prazerosa quando associadas a atividades lúdicas e a práticas pedagógicas inovadoras.

THE WORLD IN OUR HANDS – O MUNDO EM NOSSAS MÃOS

Gabriel Barcellos Nunes

EEEF Profa. Inácia Machado da Silveira
Piratini/RS

Construir um conhecimento de mundo, ampliando a visão global, através do estudo da cultura, política, geografia, entre outros, de alguns países foram os objetivos principais do trabalho “*The World in our Hands*”, título na língua em estudo, o Inglês, que pode ser traduzido como “O mundo em nossas mãos”.

Apostando no acréscimo de atividades transversais e na oportunidade de oferecer acesso á cultura, a atividade foi proposta aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da EEEF Professora Inácia Machado da Silveira, localizada na Vila Nova, na cidade de Piratini/RS. Inicialmente o titular da disciplina de Inglês, professor Gabriel Barcellos Nunes escolheu alguns países de diferentes continentes e fez o sorteio entre todos os alunos. Divididos em grupos de cerca de quatro estudantes, pesquisaram aspectos gerais, tais como, nome oficial, regime de governo, religião, culinária, geografia, manifestações artísticas e com atenção especial a língua oficial, quando se debateu a história e o porquê de o país falar determinado código, com ênfase ao Português, ao Inglês e ao Espanhol.

Após pesquisarem em livros, revistas, jornais e na Internet, quando utilizaram o laboratório da escola, os alunos elaboraram painéis ou cartazes do seu país, trazendo também ou uma vestimenta típica ou uma comida que o caracterize. O trabalho foi apresentado no saguão da escola em outubro de 2013, em que cada turma teve um horário à disposição para apresentar às outras turmas, com visitas orientadas pelos professores. Foi possível ver na escola “*sombreros*” mexicanos, macarrão (Itália), hambúrguer e exemplos de *fast food* (EUA), comidas à base de milho (países da África), doce de figos (Portugal), cuca (Alemanha), entre tantos outros.

Como resultado principal, a atividade oportunizou união e proximidade entre educandos de diferentes turmas, além de propiciar a ampliação da visão global de cada um, dentro de suas limitações e conhecimentos prévios. Foram três dias de apresentações que desacomodaram a escola e seus espaços, com alunos estimulados a fazer o seu melhor e mostrando, em suas apresentações, capacidade de pesquisa e produção.



TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DOS PROJETOS DIDÁTICOS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CANGUÇU

Fernando Hax
Jail Darlan Ramos Nei
ETE Canguçu
Canguçu/RS

A ETEC encontra-se em uma região essencialmente voltada para a agricultura, por esta razão, a produção de base ecológica é uma necessidade para a viabilização da agricultura familiar local. Nos dias atuais, as três esferas (Federal, Estadual e Municipal) veem um grande potencial na produção orientada a partir da Agroecologia. O Governo Federal criou diversas políticas públicas que reforçam a importância da produção de base ecológica para o desenvolvimento rural sustentável do nosso país.

Em sua história mais recente, a ETEC busca, de forma cada vez mais clara, promover a Agroecologia de seu status de mera disciplina para um eixo norteador de seu Plano Político-Pedagógico. Através da reestruturação da Rede Estadual de Educação Profissional do Estado do Rio Grande do Sul, a Secretaria Estadual de Educação busca, desde 2011, promover a Transição Agroecológica em suas Escolas Técnicas Agrícolas. Deste modo, o que era apenas intencionalidade torna-se um comprometimento. E entendendo que neste processo, torna-se necessário ouvir a comunidade envolvida neste tema, foram organizados momentos de socialização do Plano de Transição Agroecológica.

Entre as ações desenvolvidas no sentido de promover a Transição Agroecológica, destacam-se cinco projetos: 1 - Projeto Didático-Experimental de Insumos: Focado na Produção de Biofertilizantes, Compostos Orgânicos, Caldas Fito protetoras e Húmus Líquido para disponibilizar estes insumos para a aquisição por parte de alunos interessados no processo de transição agroecológica; 2 - Projeto Didático-Experimental de Ovinos Crioulos: Promove a interdisciplinaridade unindo a Agroecologia e a Ovinocultura, em conjunto com a disciplina de História trabalhando com ovinos crioulos; 3 - Projeto Didático-Experimental de Avicultura Colonial: fruto de parceria com a Embrapa Clima Temperado, demonstra a viabilidade técnica e econômica da criação de aves no sistema colonial; 4 - Projeto Didático-Experimental de Suinocultura em Sistema de Criação ao Ar Livre (SISCAL): Trabalha o bem-estar animal da criação de suínos em sistema semi-intensivo, a criação animal de maior expressão em Canguçu/RS; 5 - Projeto de Produção de Ração de Base Ecológica: A ideia é produzir a ração animal livre de transgênico capaz de atender as necessidades nutricionais das aves e suínos permitindo a transição dos projetos de criação animal.

A implantação do Plano desenvolve além do tema da Transição Agroecológica dos Projetos Didático-Experimentais, o trabalho de re-estruturação da escola, de forma a criar ambientes propício ao estudo e a investigação da Agroecologia na prática, em situações que não se limitem a simular a realidades, mas que se constituam como tal. Esse Programa auxilia, ainda que de forma tímida, às iniciativas Estaduais e Federais de fomento á produção de base ecológica.



TRASH IN MY SCHOOL – O LIXO NA MINHA ESCOLA

Gabriel Barcellos Nunes

EMEF Agropecuário Alaôr Tarouco

EMEF Armando Fajardo

EMEF Dr. José Maria da Silveira

EMEF Dr. Vieira da Cunha

EMEI e EF Vera Maria de Azevedo Moreira

Piratini/RS

Refletir sobre a produção e a destinação do lixo na escola e na comunidade, produzindo material em Língua Portuguesa e Língua Inglesa com as turmas de 8ª série (2013) e 9º ano (2014), levaram o professor de Inglês Gabriel Barcellos Nunes, titular da disciplina nas seguintes escolas: EMEF Agropecuário Alaôr Tarouco, EMEF Armando Fajardo, EMEF Dr. José Maria da Silveira, EMEF Dr. Vieira da Cunha e Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vera Maria de Azevedo Moreira a propor o projeto “Trash in my school” ou “O Lixo na minha escola”. Com anotações no caderno de Inglês, os alunos inicialmente identificaram o lixo produzido por eles e pela escola (cozinha, setores, etc.) e depois foram convidados a pesquisar com a direção, outros professores e funcionários sobre como a escola destina o lixo, se feita a separação e se a coleta do município respeita a seleção de lixo (quando existe coleta seletiva). Em seguida foram estimulados a pesquisar em casa e entre vizinhos sobre a destinação do lixo no bairro ou na localidade em que vivem. Todo o trabalho constava de uma orientação com, pelo menos, seis atividades. Numa próxima etapa do trabalho, discutiu-se a relação entre o consumo e a produção do lixo, com uma análise dos rótulos que viraram lixo (papel de bala, pacote de salgadinho, latinhas de refrigerante, embrulhos de doces e chocolates, etc.), abordando as informações gerais e focando nas palavras e orientações em Língua Inglesa, muito comum neles. Por fim, foram elaborados cartazes e painéis com informações em português e em inglês conscientizando sobre o lixo, informando locais de lixeiras, coleta seletiva, apresentação de rótulos entre outras. Acredita-se que o grande mérito do projeto foi fazer com que toda a escola: direção, professores (especialmente de Ciências), funcionários pensassem o que o educandário faz com o lixo que produz, como a escola dá o exemplo e o que cada um pode fazer. A ação dos alunos durante as entrevistas propiciou a interação, especialmente nas propostas de intervenção, com outros atores da escola. O resultado de projetos que lidam com a consciência talvez não tenha uma prática momentaneamente, mas produz a reflexão, o pensar sobre.



UM NOVO OLHAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE CANGUÇU

Patrícia Silveira Zaneti
Ledeci Lessa Coutinho
Rosângela Gonçalves Tessmann
Secretaria Municipal de Educação e Esportes
Canguçu/RS

O Município de Canguçu está localizado na zona sul do Rio Grande do Sul, contando com uma economia essencialmente agrícola, apresenta diferentes características étnicas que produzem peculiaridades locais. A Secretaria Municipal de Educação e Esportes de Canguçu por meio do Núcleo Pedagógico prioriza este olhar holístico buscando a realização de ações que contemplem esta diversidade, valorizando os diferentes saberes pautados numa Política de Gestão Democrática do Processo Educacional.

No início do ano letivo de 2013 confeccionamos o Calendário de Formação Continuada para todos os trabalhadores em educação: Professores, Suporte Pedagógico, Atendentes de Biblioteca, Secretários de Escola, Motoristas, Alunos líderes e Serviços Gerais. O calendário de formação foi estruturado de maneira que o total das 80h fosse distribuído em 60h presenciais e 20h com Projetos Pedagógicos desenvolvidos nas escolas. Os encontros são distribuídos no calendário letivo respeitando os 200 dias e as 800 horas previstas, reservando-se o período de hora-atividade dos Profissionais à sua formação.

No calendário elaborado em 2013 tínhamos como tema a frase de Freire: “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. A fim de fomentar a curiosidade nas formações e que os profissionais buscassem nestes espaços exercer a reflexão pela práxis, percebendo-se enquanto ser inacabado e sujeito capaz de intervir na história da educação de seus alunos. Em 2014 usamos a frase: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” buscando trabalhar a ideia do caminho que temos na educação, o sonho que temos e que caminho estamos caminhando.

Para que se possam realizar as formações, usamos parceria com instituições públicas e particulares, profissionais com experiências pedagógicas e a troca de experiências entre os próprios professores em formação. Cada participante dos encontros presenciais preenche uma ficha avaliativa que depois é analisada pela equipe e fundamenta o preparo da próxima formação.

Nosso compromisso educacional sustenta-se na crença de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar para os alunos as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, e se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda, parafraseando Paulo Freire. A formação tem promovido uma escola, em marcha, que corre risco, feliz, que cria e recria, que buscado usar o poder que tem para promover educação de qualidade.



UMA ABORDAGEM MATEMÁTICA À RESPEITO DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS DE PELOTAS/RS

Bruna de Farias Xavier
Márcia Fonseca
UFPel
Pelotas/RS

Este relato é proveniente de uma prática realizada no Programa Mais Educação, em uma escola da rede municipal de Pelotas/RS, que teve por objetivo articular a história da cidade, que é contada pelos seus prédios arquitetônicos, com alguns dos conteúdos estudados em matemática.

Para isso, os alunos foram encaminhados ao laboratório de informática da escola, onde pesquisaram, por meio da internet, o maior número de imagens referentes às construções e prédios históricos da cidade que mais lhes chamavam a atenção. O trabalho seguiu com a socialização e a análise das fotos selecionadas, com o intuito de descobrir o que atrai a atenção dos alunos, quando o tema é a arquitetura da cidade e suas edificações e verificar se existe uma ligação ou interesse destes estudantes em relação à história da cidade.

Em seguida, a turma foi dividida em 2 grupos e cada um ficou responsável pela escolha de um prédio para realizar a pesquisa histórica mais aprofundada e trazer fotos da construção, dos mais diversos ângulos, bem como suas medidas para a representação, em forma de desenho ou maquete. Nelas foram trabalhados conceitos referentes à escala, unidades de medida e proporção.

A escola em que a atividade foi realizada localiza-se num bairro que é caracterizado pela forte marca histórica das principais Charqueadas que deram início à cidade e movimentaram sua economia por muitos anos.

Foi possível notar que as imagens previamente selecionadas pelos alunos, foram em grande maioria as que retratavam as três principais Charqueadas e os Museus situados no bairro. Chamaram a atenção também os motivos relatados pelos estudantes para a explicação sobre a escolha das imagens e o significado que estes prédios têm em suas vidas, por se tratarem de locais onde os alunos guardam memória decorrente de passeios e momentos de descontração em família ou entre amigos, realizados nestes locais.

Ao longo das atividades foi possível notar o quanto alguns conceitos vinculados à geometria não são trabalhados de forma eficaz e/ou muitas vezes passam despercebidos nas aulas regulares. Quando o escalímetro foi apresentado aos alunos gerou muita curiosidade, pois nunca tinham manuseado, visto ou ouvido falar neste material. Por este motivo então, além de apresentar o escalímetro, foi realizada uma revisão a respeito dos conhecimentos que seriam necessários para a elaboração das maquetes.

Com tal prática foi possível notar a importância de o professor sair do convencional e mostrar aos alunos que a matemática vai muito além da sala de aula. Assim, consegue-se relacionar a Educação Matemática ao conhecimento de mundo do aluno, afirmando a importância de sua cultura local.



UMA PRÁXIS COM TEATRO-JORNAL E TEATRO-FÓRUM EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PIRATINI/RS

Daiana Corrêa Vieira
Fabiane Tejada da Silveira
Darlene Rosa da Silva
IEE Ponche Verde
UFPeI
IFSul
Piratini/RS

As reflexões que originam este trabalho tiveram como finalidade discutir com um grupo de estudantes do ensino médio, pertencentes a uma instituição pública estadual localizada em Piratini/Rio Grande do Sul, as situações de opressão que viviam, presenciavam e/ou assistiam/liam nas mais variadas mídias (TV, jornal, rede sociais, rádio...). O trabalho também se justifica pelo fato de contribuir com o debate em torno das problemáticas sociais que permeiam não só o espaço escolar, mas também as que circulam nos distintos meios de comunicação, além de criar possibilidades de transformação do sujeito enquanto ator de sua própria história. Para este projeto de intervenção foram escolhidas as modalidades do *Teatro-Jornal* e do *Teatro-Fórum*, as quais estão ancoradas no enfoque teórico-metodológico do *Teatro do Oprimido* criado pelo teatrólogo Augusto Boal no início da década de 1970. A proposta de trabalharmos com a metodologia do *Teatro do Oprimido* com estes jovens partiu das discussões promovidas durante as aulas de Literatura, quando emergiram debates sobre notícias e reportagens das manifestações que vinham ocorrendo no Brasil, no mês de junho do ano de 2013. Muitos dos fatos relatados pelos estudantes apresentavam, em sua essência, um desconcertante olhar alienado sobre as questões sociais e políticas noticiadas pela grande mídia que, em muitos momentos, apresenta uma imagem distorcida da realidade. Ao longo da intervenção foi possível constatar o processo pedagógico envolvido na elaboração das cenas, na caracterização psicológica de cada personagem, nos diálogos e nos cenários. Enfim, a busca por uma análise crítica da realidade social que tinha como pressuposto revelar o olhar, a visão dos estudantes sobre as relações sócio-históricas e político-culturais nas quais estão inseridos e, diante deste contexto, despertar o desejo de mudança, de transformação, de libertação de opressores e oprimidos. As conclusões deste estudo sugerem que o *Teatro do Oprimido*, nas suas modalidades de *Teatro-Jornal* e *Teatro-Fórum*, desenvolvidas nos espaços escolares, pode contribuir para a promoção de uma consciência crítica, responsável e humana, em que a ética permeie as relações interpessoais com vistas à transformação social. Assim, a metodologia do *Teatro do Oprimido* pode implicar em uma estratégia para potencializar as discussões necessárias contra a hegemonia que o sistema capitalista impõe e a favor de todas às lutas sociais que buscam a edificação de uma sociedade igualitária, sem diferenças de classes e pela defesa dos direitos humanos, tanto nos processos de apropriação do conhecimento quanto no de transformação social radical.



UMA REFLEXÃO SOBRE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: RELACIONANDO TEORIA E PRÁTICA NAS AULAS DE ORGANIZAÇÃO DE COMPUTADORES E SISTEMAS MICROPROCESSADOS

Roberta de Carvalho Nobre Palau
Marco Antônio Simões de Souza
Ulisses Andrade Cava
IFSul/Campus Pelotas
Pelotas/RS

Este texto tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica realizada na disciplina de Organização de Computadores e Sistemas Microprocessados que fazem parte do currículo do Curso Técnico de Eletrônica do Instituto Federal Sul-Rio-grandense-Campus Pelotas. As disciplinas Organização de Computadores e Sistemas Microprocessados tratam de assuntos referentes à fundamentação básica de *hardware* de computadores, partindo do que é o computador, seu funcionamento e estudo das partes tais como CPU, memória, HD, chip sets, entre outros componentes.

Estas duas disciplinas, até o primeiro semestre do ano de 2008, eram basicamente teóricas. Como professora dessas disciplinas, senti a necessidade de inserir aulas práticas de montagem e diagnóstico de *hardware* de computadores, já que se tratava de uma disciplina de um curso técnico, onde os alunos demonstravam bastante curiosidade sobre o assunto. Além disso, tínhamos os materiais necessários para realizar as práticas no próprio laboratório em que a disciplina era ministrada.

O objetivo, ao inserir as aulas práticas, foi de envolver os alunos e levá-los a estabelecer conexões entre os conceitos teóricos que estavam aprendendo sobre os computadores e o processo de avaliação e diagnóstico de um computador com problema. A partir destes conhecimentos é possível a realização da manutenção de um computador dando significado e importância à teoria que eles estavam estudando. Para desenvolver estas habilidades se faz necessário inserir conhecimentos mais práticos, desde as ferramentas que podem ser utilizadas, montagem de computadores, testes, reconhecimento físico do hardware de computadores, além de toda teoria sobre os periféricos e seu funcionamento.

Os resultados atingidos com as mudanças foram percebidos de forma rápida, em função do interesse e da motivação dispensada pelos alunos no cotidiano das aulas. O resultado mais recente, e em longo prazo, foi percebido através da análise dos relatórios de estágio, que estão sendo realizados neste ano de 2014. As disciplinas ganham destaque principalmente nos relatórios daqueles alunos que fizeram o estágio na área de informática. Estes ressaltam o quanto a disciplina foi importante para eles quando se depararam com os problemas técnicos no cotidiano do mundo do trabalho em que se inseriram.

Dessa forma, verifica-se o quanto a prática é importante para o aluno da Educação Profissional, ao proporcionar um tipo de experiência relacionada ao saber prático, que muitas vezes é difícil de ser formalizado em sala de aula. Por meio desta experiência, pudemos perceber



que o contato com determinados equipamentos, o envolvimento dos alunos com atividades práticas desenvolve o trabalho em equipe, estimula a troca de experiências e vivências em sala de aula.

VERDE PERTO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

Stefany Hepp Wieth
Carla Gonçalves Rodrigues
Colégio Estadual Getúlio Vargas
Pedro Osório/RS

Este resumo procede de uma experiência educativa para alunos do segundo ano do Ensino Médio Politécnico, do Colégio Estadual Getúlio Vargas, em Pedro Osório-RS, durante o terceiro trimestre do ano letivo de 2013. Tal experiência contempla a interdisciplinaridade expressa na prática pedagógica dos professores com um grupo formado por 28 alunos de faixa etária entre 15 e 18 anos, em aulas no turno da manhã. Relata-se o uso das mídias e tecnologias como recursos em ações interativas de aprendizagem no desenvolvimento do estudo da Botânica e da Matemática, especificando a fotografia e as ferramentas de Internet (sites de busca, e-mail, página wiki). Ao descrever a articulação entre as áreas do conhecimento nas atividades realizadas, procura-se avançar no debate sobre a teoria interdisciplinar (FAZENDA, 1998; GADOTTI, 1999; THIESEN, 2008), incluindo produção de novos saberes da experiência relacionados ao caráter polissêmico, que o próprio termo revela no contexto educacional. Aqui, a prática metodológica constituiu-se na saída de campo em ecossistemas urbanos compostos por ruas, praças e avenidas centrais da referida cidade. Os alunos foram instigados a identificar e fotografar as espécies arbóreas de diversos grupos taxonômicos, observando aspectos anatômicos e morfológicos. Dessa forma, esses conteúdos de Botânica puderam ser trabalhados de forma coletiva, em ambiente colaborativo (página wiki <http://eambientalgvestadual.pbworks.com/>); favorecendo a criação de conexões nos domínios da Matemática, conforme prevêem os PCNEM, como o tratamento da informação, as grandezas e medidas, o espaço e a forma, úteis para a organização e sistematização da coleta dos dados botânicos levantados (BRASIL, 2001). A saída de campo proporcionou a vivência de muitos conceitos botânicos trabalhados na sala de aula. Quando é articulada com diferentes ferramentas de aprendizagem proporcionadas pelas mídias e tecnologias, estimula a autoria e a criação de produção textual/visual pelos alunos. No que tange ao trabalho pedagógico, evidenciou-se que aliado ao uso de tecnologias pode proporcionar formas interativas de aprendizagem aos alunos. Como estratégia metodológica, possibilita que eles sejam sujeitos do processo de construção do conhecimento, trazendo assim, significado ao conteúdo escolar. A inserção tecnológica no estudo da Biologia e da Matemática oportunizou uma abordagem de conceitos botânicos de maneira interdisciplinar, interligando saberes, buscando a



superação da concepção de um currículo fragmentado e descontextualizado, muitas vezes presenciada na escola, para uma produção do conhecimento com autonomia e espírito investigativo, preconizada no Ensino Médio Politécnico.

VIDEASTAS ESCOLARES

Márcia Knabah Neumann
Caroline Garcez Ávila
EMEF Afonso Vizeu
Pelotas/RS

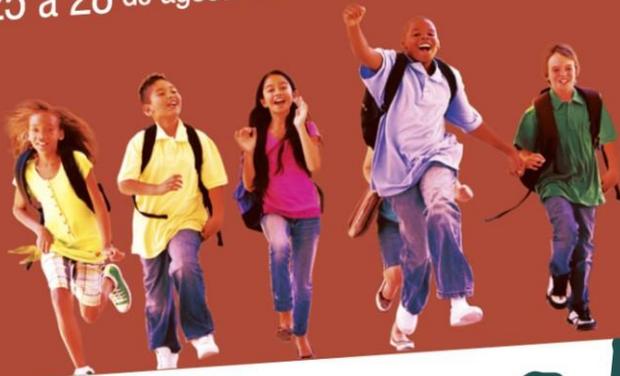
Longe de ser apenas uma apresentação da experiência pedagógica realizada a partir da ideia do “Festival de Vídeo Estudantil do Município de Pelotas” no ano de 2012 e 2013. Mais do que apresentar sucessos e insucessos do trabalho realizado, temos a intenção de compartilhar a experiência emocional que a natureza estética da linguagem do vídeo proporcionou a meninos e meninas da EMEF Afonso Vizeu. A participação e o trabalho em parceria no processo educativo seduziram os sujeitos a ler e reler o mundo a partir de outras e novas linguagens, possibilitando ampliar a ideia de acesso à educação prazerosa, significativa, favorecendo reflexões e construções de novos saberes.

As ações de parceria entre estudantes, Escola e Universidade, durante encontros, discussões, filmagens, edições dos vídeos nos permitiu acompanhar a transformação dos envolvidos e visualizar in loco as palavras de Paulo Freire, que dizia: “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Observar meninos e meninas sentados ao redor da mesa discutindo, ponderando, elaborando, reelaborando e defendendo suas ideias, era fantástico. As possibilidades do diálogo construído entre a educação e a comunicação, envolvendo os vídeos agitavam sentimentos e emoções, dando ‘voz’ a meninas e meninos criativos, comprometidos, que muitas vezes ficavam e ficam escondidos nas salas de aulas regulares.

O trabalho sobre a produção de vídeo na Escola nos permitiu entender que as novas propostas de aprendizagens que acompanham formas de conhecimento da atualidade, com a presença das tecnologias podem ser um caminho para alcançar o interesse e o desejo de apropriação do conhecimento na vida dos estudantes, mostrando-nos que o investimento através da exploração de novas linguagens no contexto escolar

25 a 28 de agosto de 2014 | PELOTAS / RS



12º

Encontro sobre o Poder Escolar

"Na Escola nem tudo pode ser feito, mas o que pode ser feito, o faremos;
temos um PODER que precisa ser exercido" Mario Sérgio Cortella

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/poderescolar2011>

PROMOÇÃO



APOIO

